OS PENSADORES

II

PLATÃO

DEFESA DE SÓCRATES

XENOFONTE

DITOS E FEITOS MEMORÁVEIS DE SÓCRATES

*

APOLOGIA DE SÓCRATES

ARISTÓFANES

AS NUVENS

EDITOR: VICTOR CIVITA

Títulos originais:

Ἀπολογία τοῦ Σωκράτους (Defesa de Sócrates)
Ἀπομνημονεύματα (Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates)
Ἀπολογία τοῦ Σωκράτους (Apologia de Sócrates)
Νεφέλαι (As Nuvens)

1.ª edição — Dezembro 1972

© - Copyright desta edição, 1972,
Abril S.A. Cultural e Industrial, São Paulo.
Traduções publicadas sob licença de:
Editora Cultrix Ltda., São Paulo (Defesa de Sócrates)
Cia. Brasil Editora, Rio de Janeiro (Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates e Apologia de Sócrates)
Difusão Européia do Livro, São Paulo (As Nuvens)

Sumário

Defesa de Sócrates 9
Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates 35
Apologia de Sócrates 167
As Nuvens 175

Nota do Editor

Sócrates não deixou nenhum escrito. Tudo o que sabemos sobre ele — sobre sua vida e sobre seu pensamento — provém de depoimentos de discípulos ou de adversários. Os historiadores da filosofia são unânimes em considerar que os principais testemunhos sobre Sócrates são fornecidos por Platão e Xenofonte, que o exaltam, e por Aristófanes, que o combate e satiriza. Do confronto desses diferentes retratos é que se pode tentar extrair a verdadeira fisionomia de Sócrates.

Como outros textos de escritores antigos, os de Platão, Xenofonte e Aristófanes são tradicionalmente divididos em passagens identificadas, em todas as edições, através de números e/ou letras colocadas nas margens laterais.

PLATÃO

DEFESA DE SÓCRATES

Tradução de JAIME BRUNA

I

Exórdio

17a Não sei, Atenienses, que influência exerceram meus acusadores em vosso espírito; a mim próprio, quase me fizeram esquecer quem sou, tal a força de persuasão de sua eloqüência. Verdade, porém, a bem dizer, não proferiram nenhuma. Uma, sobretudo, me assombrou das muitas aleivosias que assacaram: a recomendação de cautela para não vos deixardes embair pelo orador
b formidável que sou. Com efeito, não corarem de me haver eu de desmentir prontamente com os fatos, aos mostrar-me um orador nada formidável, eis o que me pareceu o maior de seus descaramentos, salvo se essa gente chama formidável a quem diz a verdade; se é o que entendem, eu cá admitiria que, em contraste com eles, sou um orador. Seja como for, repito-o, verdade eles não proferiram nenhuma ou quase nenhuma; de mim, porém, vós ides ouvir a verdade inteira. Mas não, por Zeus, Atenienses, não ouvireis discursos como os deles, aprimorados em *nomes e verbos*, em estilo florido;
c serão expressões espontâneas, nos termos que me ocorrerem, porque deposito confiança na justiça do que digo; nem espere outra coisa quem quer de vós. Deveras, senhores, não ficaria bem, a um velho como eu, vir diante de vós plasmar seus discursos como um rapazola. Faço-vos, no entanto, um pedido, Atenienses, uma súplica premente; se ouvirdes, na minha defesa, a mesma linguagem que habitualmente emprego na praça, junto das bancas, onde tantos dentre vós me tendes escutado, e noutros lugares, não a estranheis nem vos amotineis por isso. Acontece que venho ao tribunal pela d
primeira vez aos setenta anos de idade; sinto-me, assim, completamente estrangeiro à linguagem do local. Se eu fosse de fato um estrangeiro, sem dúvida me desculparíeis o sotaque e o linguajar de minha criação; peço-vos 18a
nesta ocasião a mesma tolerância, que é de justiça a meu ver, para minha linguagem — que poderia ser talvez pior, talvez melhor — e que examineis com atenção se o que digo é justo ou não. Nisso reside o mérito de um juiz; o de um orador, em dizer a verdade.

Duas Classes de Acusadores

Cumpre, Atenienses, me defenda, em primeiro lugar, das primeiras aleivosias contra mim e dos primeiros acusadores; depois, das recentes e dos recentes. Com efeito, muitos acusado- b
res tenho junto de vós, há muitos anos,

que nada dizem de verdadeiro. A esses tenho mais medo que aos da roda de Ânito[1], posto que estes também são temíveis. Mais temíveis, porém, senhores, são aqueles, que, encarregando-se da educação da maioria de vós desde meninos, fizeram-vos crer, com acusações inteiramente falsas, que existe certo Sócrates, homem instruído, que estuda os fenômenos celestes, que investigou tudo o que há debaixo da terra e que faz prevalecer a razão mais
c fraca. Por terem espalhado esse boato, Atenienses, são esses os meus acusadores temíveis, porque os seus ouvintes acham que os investigadores daquelas matérias não crêem tampouco nos deuses. Depois, esses acusadores são numerosos e vêm acusando há muito tempo; mais ainda, falavam convosco na idade em que mais crédulos podíeis ser, quando alguns de vós éreis crianças ou rapazes, e a acusação era feita a inteira revelia, sem defensor algum. De
d tudo, o que tem menos sentido é não se poderem dizer nem saber os seus nomes, salvo quando se trata, porventura, de um autor de comédias. Os que, por inveja, ou malquerença, vos procuravam convencer, mais os que, convencidos, por sua vez convenciam a outros, todos esses são os mais embaraçosos; nem sequer é possível citar aqui em juízo nenhum deles e refutá-lo; o defensor é inevitavelmente obrigado a combater como que sombras, a replicar sem tréplica. Em conclusão, concordai comigo em que meus acusadores são de duas classes: os que acabam de acusar-me e os de antanho, a quem aludi; admiti, também, que destes me e deva defender em primeiro lugar, pois que a suas acusações destes ouvido primeiro e muito mais que às dos últimos.

Bem, Atenienses, é mister que apresente minha defesa, que empreenda delir em vós os efeitos dessa calúnia, a 19a que destes guarida por tantos anos, e isso em prazo tão curto. Eu quisera que assim acontecesse, para o meu e para o vosso bem, e que lograsse êxito a minha defesa; considero, porém, a empresa difícil e não tenho a mínima ilusão a esse respeito. Seja como for, que tomem as coisas o rumo que aprouver ao deus, mas cumpre obedecer à lei e apresentar defesa.

[1] Ânito, rico industrial e político, fracassou como general no ano 409 a.C. e, processado por isso, salvou-se corrompendo os juízes. Passando ao partido popular, cooperou na derrubada da tirania dos Trinta e tornou-se muito influente. Figura, com Meleto e Licão, entre os acusadores de Sócrates no processo. (N. do T.)

Acusações Antigas

Recapitulemos, portanto, desde o começo, qual foi a acusação donde
b procede a calúnia contra mim, dando crédito à qual, me moveu Meleto[2] o presente processo. Vejamos: que é mesmo o que afirmam os caluniadores em sua difamação? Como se faz com o texto das acusações, leiamos o das suas: "Sócrates é réu de pesquisar indiscretamente o que há sob a terra e nos céus, de fazer que prevaleça a razão mais fraca e de ensinar aos outros o mesmo comportamento." É mais c ou menos isso, pois é o que vós pró-

[2] Meleto, ou Melito, poeta de segunda ordem, cuja obra não chegou até nós. (N. do T.)

prios víeis na comédia de Aristófanes[3] — um Sócrates transportado pela cena, apregoando que caminhava pelo ar e proferindo muitas outras sandices sobre assuntos de que não entende nada. Dizendo isso, não desejo menoscabar tais conhecimentos, se é que os possui alguém — não será desse crime que me há de processar Meleto — mas a verdade é que não tenho deles, d Atenienses, a mais vaga noção. Invoco o testemunho da maioria de vós mesmos, pedindo que vos informeis mutuamente e digam aqueles que alguma vez ouviram minhas conversas — há muitos deles entre vós. Dizei-o, pois, mutuamente, a ver se algum de vós me ouviu alguma vez discorrer, por pouco que fosse, sobre tais assuntos. Assim ficareis sabendo que é do mesmo estofo tudo o mais que por aí se fala de mim.

Na realidade, não têm fundamento nenhum essas balelas; tampouco falará verdade quem vos disser que ganho e dinheiro lecionando. Sem embargo, acho bonito ser capaz de ensinar, como Górgias de Leontino[4], Pródico de Ceos e Hípias de Élis. Cada um deles, senhores, é capaz de ir de cidade em cidade, persuadindo os moços — que podem freqüentar um de seus concidadãos a sua escolha e de graça — a deixarem essa companhia e virem 20a para a sua, pagando e ficando-lhes, ainda, agradecidos. Por sinal, encontra-se entre nós outro sábio, um de Paros; veio para uma temporada segundo soube. Fui, por acaso, visitar um homem, que tem pago a sofistas mais dinheiro que todos os outros reunidos; trata-se de Cálias, filho de Hiponico. Eu lhe perguntava (ele tem dois filhos): "Cálias, dizia eu, se teus filhos fossem potros ou garrotes, saberíamos a quem ajustar como treinador para lhes aprimorar as qualidades ade- b quadas; seria um adestrador de cavalos ou um lavrador; como, porém, eles são homens, quem pensas tomar como seu treinador? Quem é mestre nas qualidades de homem e de cidadão? Suponho que pensaste nisso, por teres filhos. Existe algum, — dizia eu — ou não existe? — Existe, sim, — disse ele. — Quem é? — tornei eu; de onde é? quanto cobra? — É Eveno, ó Sócrates, — respondeu ele — de Paros, por cinco minas." Fiquei, então, com inveja desse Eveno, se é que é senhor dessa arte e leciona a tão bom preço. Por c mim, bem que me orgulharia e ensoberbeceria de ter a mesma ciência! Pena é que não a tenho, Atenienses.

[3] Aristófanes, célebre e grande comediógrafo; punha em cena personagens e temas da época, polemizando a respeito de política, costumes e idéias. Na comédia das *Nuvens,* ridiculariza e calunia a Sócrates, apresentando-o como um charlatão. (N. do T.)

[4] Górgias, Pródico e Hípias eram sofistas, isto é, *professores;* propunham-se a tornar seus discípulos *sophói,* ou seja, *hábeis, preparados.* O primeiro ensinou filosofia e retórica; o segundo, moral e gramática; o terceiro, de tudo. (N. do T.)

Ciência e Missão de Sócrates

Um de vós poderia intervir: "Afinal, Sócrates, qual é a tua ocupação? Donde procedem as calúnias a teu respeito? Naturalmente, se não tivesses uma ocupação muito fora do comum, não haveria esse falatório, a menos que praticasses alguma extravagância. Dize-nos, pois, qual é ela, para que não façamos nós um juízo precipitado."
d Teria razão quem assim falasse; tentarei explicar-vos a procedência dessa reputação caluniosa. Ouvi, pois. Alguns de vós achareis, talvez, que estou gracejando, mas não tenhais dúvida: eu vos contarei toda a verdade. Pois eu, Atenienses, devo essa reputação exclusivamente a uma ciência. Qual vem a ser a ciência? A que é, talvez, a ciência humana. É provável que eu a
e possua realmente, os mestres mencionados há pouco possuem, quiçá, uma sobre-humana, ou não sei que diga, porque essa eu não aprendi, e quem disser o contrário me estará caluniando. Por favor, Atenienses, não vos amotineis, mesmo que eu vos pareça dizer uma enormidade; a alegação que vou apresentar nem é minha; citarei o autor, que considerais idôneo. Para testemunhar a minha ciência, se é uma ciência, e qual é ela, vos trarei o deus de Delfos[5]. Conhecestes Querefonte, decerto. Era meu amigo de infância e
21a também amigo do partido do povo e seu companheiro naquele exílio de que voltou conosco. Sabeis o temperamento de Querefonte, quão tenaz nos seus empreendimentos. Ora, certa vez, indo a Delfos, arriscou esta consulta ao oráculo — repito, senhores; não vos amotineis — ele perguntou se havia alguém mais sábio que eu; respondeu à Pítia[6] que não havia ninguém mais sábio. Para testemunhar isso, tendes aí o irmão dele, porque ele já morreu.

Examinai por que vos conto eu esse b
fato; é para explicar a procedência da calúnia. Quando soube daquele oráculo, pus-me a refletir assim: "Que quererá dizer o deus? Que sentido oculto pôs na resposta? Eu cá não tenho consciência de ser nem muito sábio nem pouco; que quererá ele, então, significar declarando-me o mais sábio? Naturalmente, não está mentindo, porque isso lhe é impossível." Por longo tempo fiquei nessa incerteza sobre o sentido; por fim, muito contra meu gosto, decidi-me por uma investigação, que passo a expor. Fui ter com um dos c
que passam por sábios, porquanto, se havia lugar, era ali que, para rebater o oráculo, mostraria ao deus: "Eis aqui um mais sábio que eu, quando tu disseste que eu o era!" Submeti a exame essa pessoa — é escusado dizer o seu nome; era um dos políticos. Eis, Atenienses, a impressão que me ficou do exame e da conversa que tive com ele; achei que ele passava por sábio aos olhos de muita gente, principal-

[5] Em Delfos havia um templo, onde Apolo dava oráculos, predizendo o futuro. A alusão é ao exílio sofrido pelos partidários da democracia, no ano 404 a.C., quando se instalou em Atenas a tirania dos Trinta. (N. do T.)

[6] Assim se chamava a sacerdotisa do templo de Delfos, que formulava os oráculos. (N. do T.)

mente aos seus próprios, mas não o era. Meti-me, então, a explicar-lhe que supunha ser sábio, mas não o era. A conseqüência foi tornar-me odiado
d dele e de muitos dos circunstantes.

Ao retirar-me, ia concluindo de mim para comigo: "Mais sábio do que esse homem eu sou; é bem provável que nenhum de nós saiba nada de bom, mas ele supõe saber alguma coisa e não sabe, enquanto eu, se não sei, tampouco suponho saber. Parece que sou um nadinha mais sábio que ele exatamente em não supor que saiba o que não sei." Daí fui ter com outro, um dos que passam por ainda mais sábios e
e tive a mesmíssima impressão; também ali me tornei odiado dele e de muitos outros.

Depois disso, não parei, embora sentisse, com mágoa e apreensões, que me ia tornando odiado; não obstante, parecia-me imperioso dar a máxima importância ao serviço do deus. Cumpria-me, portanto, para averiguar o sentido do oráculo, ir ter com todos os que passavam por senhores de algum
22a saber. Pelo Cão, Atenienses! Já que vos devo a verdade, juro que se deu comigo mais ou menos isto: investigando de acordo com o deus, achei que aos mais reputados pouco faltava para serem os mais desprovidos, enquanto outros, tidos como inferiores, eram os que mais visos tinham de ser homens de senso. Devo narrar-vos os meus vaivéns nessa faina de averiguar o oráculo.

Depois dos políticos, fui ter com os poetas, tanto os autores de tragédias
b como os de ditirambos e outros, na esperança de aí me apanhar em flagrante inferioridade cultural. Levando em mãos as obras em que pareciam ter posto o máximo de sua capacidade, interrogava-os minuciosamente sobre o que diziam, para ir, ao mesmo tempo, aprendendo deles alguma coisa. Pois bem, senhores, coro de vos dizer a verdade, mas é preciso. A bem dizer, quase todos os circunstantes poderiam falar melhor que eles próprios sobre as obras que eles compuseram. Assim, logo acabei compreendendo que tampouco os poetas compunham suas obras por sabedoria, mas por dom c
natural, em estado de inspiração, como os adivinhos e profetas. Estes também dizem muitas belezas, sem nada saber do que dizem; o mesmo, apurei, se dá com os poetas; ao mesmo tempo, notei que, por causa da poesia, eles supõem ser os mais sábios dos homens em outros campos, em que não o são. Saí, pois, acreditando superá-los na mesma particularidade que aos políticos.

Por fim, fui ter com os artífices; tinha consciência de não saber, a bem d
dizer, nada, e certeza de neles descobrir muitos belos conhecimentos. Nisso não me enganava; eles tinham conhecimentos que me faltavam; eram, assim, mais sábios que eu. Contudo, Atenienses, achei que os bons artesãos têm o mesmo defeito dos poetas; por praticar bem a sua arte, cada qual imaginava ser sapientíssimo nos demais assuntos, os mais difíceis, e esse enga- e
no toldava-lhes aquela sabedoria. De sorte que perguntei a mim mesmo, em nome do oráculo, se preferia ser como sou, sem a sabedoria deles nem sua ignorância, ou possuir, como eles, uma e outra; e respondi, a mim mesmo e ao oráculo, que me convinha mais ser como sou.

Dessa investigação é que procedem, Atenienses, de um lado, tantas inimizades, tão acirradas e maléficas, que 23a
deram nascimento a tantas calúnias, e, de outro, essa reputação de sábio. É que, toda vez, os circunstantes supõem

que eu seja um sábio na matéria em que confundo a outrem. O provável, senhores, é que, na realidade, o sábio seja o deus e queira dizer, no seu oráculo, que pouco valor ou nenhum tem a sabedoria humana; evidentemente se terá servido deste nome de Sócrates para me dar como exemplo, como se b dissesse: "O mais sábio dentre vós, homens, é quem, como Sócrates, compreendeu que sua sabedoria é verdadeiramente desprovida do mínimo valor." Por isso não parei essa investigação até hoje, vagueando e interrogando, de acordo com o deus, a quem, seja cidadão, seja forasteiro, eu tiver na conta de sábio, e, quando julgar que não o é, coopero com o deus, provando-lhe que não é sábio. Essa ocupação não me permitiu lazeres para qualquer atividade digna de menção nos negócios públicos nem nos particulares; vivo c numa pobreza extrema, por estar ao serviço do deus.

Além disso, os moços que espontaneamente me acompanham — e são os que dispõem de mais tempo, os das famílias mais ricas — sentem prazer em ouvir o exame dos homens; eles próprios imitam-me muitas vezes; nessas ocasiões, metem-se a interrogar os outros; suponho que descobrem uma multidão de pessoas que supõem saber alguma coisa, mas pouco sabem, quiçá nada. Em conseqüência, os que eles examinam se exasperam contra mim e não contra si mesmos, e propalam que existe um tal Sócrates, um grande d miserável, que corrompe a mocidade. Quando se lhes pergunta por quais atos ou ensinamentos, não têm o que responder; não sabem, mas, para não mostrar seu embaraço, aduzem aquelas acusações contra todo filósofo, sempre à mão: "os fenômenos celestes — o que há sob a terra — a descrença dos deuses — o prevalecimento da razão mais fraca". Porque, suponho, não estariam dispostos a confessar a verdade: terem dado prova de que fingem saber, mas nada sabem. Como e são ciosos de honrarias, tenazes, e numerosos, persuasivos no que dizem de mim por se confirmarem uns aos outros, não é de hoje que eles têm enchido vossos ouvidos de calúnias assanhadas. Daí a razão de me atacarem Meleto, Ânito e Licão — tomando Meleto as dores dos poetas; Ânito, as 24a dos artesãos e políticos; e Licão, as dos oradores. Dessarte, como dizia ao começar, eu ficaria surpreso se lograsse, em tão curto prazo, delir em vós os efeitos dessa calúnia assim avolumada. Aí tendes, Atenienses, a verdade; em meu discurso não vos oculto nada que tenha alguma importância, nada vos dissimulo. Sem embargo, sei que me estou tornando odioso por mais ou menos os mesmos motivos, o que comprova a verdade do que digo, que é mesmo essa a calúnia contra mim e são mesmo essas as suas causas. É o b que haveis de descobrir, se investigardes agora ou mais tarde.

A Denúncia de Meleto

Nada mais preciso dizer para defender-me, diante de vós, das mentiras de meus primeiros acusadores. Tentarei, em seguida, defender-me de Meleto, esse honrado e prestante cidadão, como se proclama, e dos acusadores recentes. Novamente, já que se trata de outros acusadores, tomemos também o texto de sua acusação. Reza ele mais ou menos assim: "Sócrates é réu de corromper a mocidade e de não crer nos deuses em que o povo crê e sim em
c outras divindades novas." Essa a natureza da queixa; examinemo-la parte por parte.

Diz que sou réu de corromper a mocidade. Mas eu, Atenienses, afirmo que Meleto é réu de brincar com assuntos sérios; por leviandade, ele traz a gente à presença dos juízes, fingindo-se profundamente interessado por questões de que jamais fez o mínimo caso. Vou também procurar demonstrar-vos que assim é.

— Dize-me cá, Meleto: Dás muita
d importância a que os jovens sejam quanto melhores?

— Dou, sim.

— Faze, então, o favor de dizer a estes senhores quem é que os torna melhores; evidentemente o sabes, pois que te importa. Descoberto o corruptor, segundo afirmas, tu me conduzes à presença destes senhores e me acusas; portanto, faze o favor de dizer quem os torna melhores; conta-lhes quem é. Estás vendo, Meleto, que te calas e não sabes o que dizer? Com efeito, não achas que isso é feio e prova que não fazes o mínimo caso, como eu disse? Vamos, bom rapaz, fala; quem é que e
os torna melhores?

— São as leis.

— Não é isso o que estou perguntando, excelente rapaz; pergunto que homem é, o qual, para começar, sabe exatamente isso, as leis.

— As pessoas presentes, Sócrates; os juízes.

— Que dizes, Meleto? Os presentes são capazes de educar os moços e os tornam melhores?

— Sem dúvida.

— Todos? Ou uns sim e outros não?

— Todos.

— Boa notícia nos dás, por Hera! Sobejam os benfeitores! Que mais? E 25a
esses da assistência os tornam melhores ou não?

— Eles também.

— Que dizer dos conselheiros?

— Também os conselheiros.

— Mas, então, Meleto, acaso os homens da assembléia, os eclesiastas corrompem a mocidade? Ou eles todos também a tornam melhor?

— Também eles.

— Logo, não é assim? todos os atenienses a tornam gente de bem, menos eu; eu sou o único a corrompê-la! É isso o que dizes?

— Exatamente isso é o que digo.

— Que imensa desdita apontas em mim! Responde também a esta pergunta: no teu entender, com os cavalos sucede o mesmo? Toda gente os b
melhora e um só os vicia? Ou se dá

inteiramente o contrário: quem os sabe melhorar é um só, ou muito poucos, os adestradores; a maioria, quando trata de cavalos e os monta, vicia-os? Não é assim, Meleto, com os cavalos e com todos os outros animais? Sem dúvida, quer o negueis tu e Ânito, quer o afir-
c. meis. Que bom para os moços, se há um só a corrompê-los e os outros todos a fazer-lhes bem! Ora, Meleto, estás dando provas acabadas de que nunca te preocupaste com a mocidade e revelando claramente a tua indiferença para com o crime de que me acusas! Por Zeus, Meleto, dize-nos mais uma coisa; é melhor habitar entre cidadãos prestimosos ou entre daninhos? Meu caro, responde; minha pergunta é facílima! Não é verdade que sempre os daninhos acabam fazendo mal a quem está perto, e os prestimosos algum bem?

— Decerto.

d — Haverá, então, quem queira receber de seus companheiros antes danos que benefícios? Responde, bom homem; a lei manda que respondas. Há quem prefira o dano?

— Não, é claro.

— Adiante. Trouxeste-me aqui como alguém que corrompe e perverte a mocidade por querer ou sem querer?

— Por querer, ora essa!

— Como assim, Meleto? Tu na tua idade me superas tanto a mim na minha, que tu sabes que os maus sem-
e pre acabam fazendo algum mal a seus mais próximos e os bons algum bem, e eu sou tão ignorante que nem mesmo sei que, se tornar malfazejo alguém do meu convívio, me arrisco a receber dele algum dano? E, segundo dizes, tamanho mal eu o faço por querer? A mim não me convences disso, Meleto; nem creio que convenças outra pessoa.
26a. Não; ou não corrompo, ou, se corrompo, é sem querer; numa suposição como na outra, estás mentindo. Se, porém, corrompo sem querer, a lei não manda trazer-me aqui por semelhante erro involuntário, mas tomar-me de parte, ensinar-me, ralhar comigo; evidentemente, depois de aprender, deixarei de fazer o que sem querer ando fazendo. Tu, porém, evitaste, não estavas disposto a ajudar-me com teus ensinamentos e me trouxeste aqui, para onde a lei manda trazer quem precisa de castigo e não de lições. Ora, Atenienses, está demonstrado o que eu dizia: Meleto jamais fez o mínimo caso b
dessa questão. Sem embargo, dize-nos, Meleto: por que processo corrompo eu a mocidade, segundo afirmas? Ou é claro que, segundo a tua denúncia, ensinando-os a não crer nos deuses em que o povo crê e sim em outras divindades novas? Não afirmas que os corrompo ensinando isso?

— É exatamente isso que proclamo em alto e bom som.

— Então, Meleto, por esses mesmos deuses de que agora se trata, fala c
com mais clareza ainda, a mim e a estes senhores; não consigo entender se afirmas que ensino a crer na existência de certos deuses — nesse caso admito a existência de deuses, absolutamente não sou ateu, nem é esse o meu crime, se bem que não sejam os deuses do povo, mas outros, e por serem outros é que me processas — ou se afirmas que não creio mesmo em deus *nenhum* e ensino isso aos outros.

— Isso é o que afirmo, que não crês d
mesmo em deus nenhum.

— Meleto, tu és um assombro! Com que intuito dizes isso? Então eu não creio, como toda gente, que o sol e a lua são deuses?

— Por Zeus, senhores juízes, ele

não crê, pois afirma que o sol é pedra e a lua é terra.

— Tu supões estar acusando o Anaxágoras [7], meu caro Meleto! Dessa forma, subestimas os presentes, julgando-os tão iletrados que ignorem que os livros de Anaxágoras de Clazômenas é que andam cheios dessas teorias. Logo de mim é que os moços aprendem ligações que eles podem, vez por outra, e comprar na orquestra, quando muito por três dracmas e depois rir de Sócrates se as quiser impingir como suas, tanto mais umas tão originais! Enfim, por Zeus, é isso o que pensas de mim? que não creio em deus algum?

— Não crê, por Zeus; ele não crê em deus algum!

— Tu não mereces fé, Meleto, nem mesmo a tua própria, ao que parece. Este homem, Atenienses, acho que é por demais temerário e estouvado e me fez esta denúncia apenas por temeridade e estouvamento de juventude; ele dá a impressão de estar propondo uma 27a adivinha para me experimentar: "Será que o sábio Sócrates vai perceber que estou brincando e me contradizendo, ou será que o vou lograr com os demais ouvintes?" Penso que ele se contradiz na denúncia, como se dissesse: "Sócrates é réu de crer nos deuses em vez de crer nos deuses." Isso é de quem está brincando.

Examinai comigo, senhores, por que penso que ele diz isso; tu, Meleto, responde-nos. Vós, de vossa parte, lembrai-vos do que vos pedi no começo e não vos amotineis se eu arranjar a b discussão à minha maneira habitual.

Existe, Meleto, uma pessoa que acredite na existência de coisas humanas e não na dos homens? Que ele responda, senhores, e não levante protestos sobre protestos! Há alguém que não acredite em cavalos e sim na equitação? não creia em flautistas, e sim na arte de tocar flauta? Não há, excelente homem; se não queres tu responder, eu o direi a ti e aos demais presentes. Responde, porém, à pergunta que vem após aquelas: há quem acredite em poderes demoníacos, mas não que exis- c tam demônios?

— Não há.

— Obrigado por teres respondido, embora contrariado, sob a coação do tribunal. Por conseguinte, afirmas que eu acredito e ensino que há poderes demoníacos; sejam novos, sejam antigos, segundo dizes, acredito em poderes demoníacos; foi o que juraste na denúncia. Ora, se acredito em seus poderes, força é concluir que acredito em demônios. Não é assim? Sem dúvida; faço de conta que concordas, já d que não respondes. Os demônios, não é verdade que os consideramos deuses ou filhos de deuses? Sim ou não?

— Por certo.

— Logo, se acredito em demônios, estes ou são uma sorte de deuses — e eu teria razão afirmando que estás propondo uma adivinha por brincadeira, dizendo que eu creio em deuses em vez de crer em deuses, pois que acredito em demônios — ou são filhos de deuses, uma sorte de bastardos, nascidos de ninfas ou de outras mulheres a quem os atribui a tradição — e que e homem pode acreditar em filhos de deuses e não em deuses? Seria a mesma aberração de quem acreditasse serem os machos filhos de éguas e jumentos, sem crer em éguas e jumentos. Não, Meleto, não é admissível que tenhas apresentado essa denúncia sem o propósito de nos pôr à prova, salvo se foi à falta de um crime real por que

[7] Anaxágoras, filósofo da escola jônica, mestre e conselheiro de Péricles, célebre por ter concebido a existência duma Mente, *Nous,* ordenadora do Universo. Por dar explicações naturalistas dos fenômenos celestes, foi condenado por impiedade a exilar-se de Atenas em 432 a.C. Suas obras, como as de outros autores, podiam ser compradas no local do teatro destinado ao coro, denominado *orquestra.* (N. do T.)

me processes; de convenceres alguém, por estúpido que seja, de que uma mesma pessoa possa acreditar em poderes demoníacos e divinos, mas sem acreditar em demônios, deuses e
28a heróis, não existe a mínima possibilidade. Por conseguinte, Atenienses, a ausência da culpa a mim imputada na denúncia de Meleto não parece demandar longa defesa; basta o que foi dito.

Ficai, porém, certos de que é verdade o que eu dizia há pouco, que muita gente me ficou querendo muito mal. O que me vai condenar, se eu for condenado, não é Meleto, nem Ânito, mas a calúnia e o rancor de tanta gente; é o que perdeu muitos outros homens de bem e ainda os há de perder, pois não é b
de esperar que pare em mim.

Justificação de Sócrates

Alguém, talvez, pergunte: "Não te pejas, ó Socrates, de te haveres dedicado a uma ocupação que te põe agora em risco de morrer?" Eu lhe daria esta resposta justa: "Estás enganado, homem, se pensas que um varão de algum préstimo deve pesar as possibilidades de vida e morte em vez de considerar apenas este aspecto de seus atos: se o que faz é justo ou injusto, de homem de brio ou de covarde. No teu entender, não teriam méritos os semideuses que pereceram em Tróia; entre
c eles o filho de Tétis[8], que desdenhava tanto o perigo em confronto com o passar por uma vergonha. Querendo ele matar a Heitor, sua mãe, uma deusa, lhe disse parece que mais ou menos estas palavras: "Filho, se matares a Heitor para vingar a morte de teu amigo Pátroclo, tu próprio morrerás; pois, dizia ela, o teu destino te espera logo depois de Heitor." Ele, apesar de ouvir a advertência, fez pouco caso do
d perigo de morte e, porque temia muito mais viver com desonra, respondeu: "Morra eu assim que castigue o culpado, mas não fique por aqui, alvo de risos junto das curvas naus, como um fardo da terra." Cuidas que ele se preocupou com o perigo de morte?" A verdade, Atenienses, é esta: quando a gente toma uma posição, seja por a considerar a melhor, seja porque tal foi a ordem do comandante, aí, na minha opinião, deve permanecer diante dos perigos, sem pesar o risco de morte ou qualquer outro, salvo o da desonra.

Grave falta, Atenienses, teria cometido eu, que, em Potidéia, em Anfípolis e Délio, permaneci, como qualquer e
outro, no posto designado pelos chefes por vós eleitos para me comandar e ali enfrentei a morte, se, quando um deus, como eu acreditava e admitia, me mandava levar vida de filósofo, submetendo a provas a mim mesmo e aos outros, desertasse o meu posto por temor da morte ou de outro mal qualquer. Seria grave e então deveras com 29a
justiça me haveriam trazido ao tribunal pelo crime de não crer nos deuses, pois teria desobedecido ao oráculo por temor da morte e supondo ser sábio sem que o fosse.

[8] Tétis, nereida, divindade marinha, foi mãe de Aquiles, herói da *Ilíada;* aqui, alude-se a uma cena do canto XVIII, desse poema. (N. do T.)

Com efeito, senhores, temer a morte é o mesmo que supor-se sábio quem não o é, porque é supor que sabe o que não sabe. Ninguém sabe o que é a morte, nem se, porventura, será para o homem o maior dos bens; todos a temem, como se soubessem ser ela o
b maior dos males. A ignorância mais condenável não é essa de supor saber o que não sabe? É talvez nesse ponto, senhores, que difiro do comum dos homens; se nalguma coisa me posso dizer mais sábio que alguém, é nisto de, não sabendo o bastante sobre o Hades[9], não pensar que o saiba. Sei, porém, que é mau e vergonhoso praticar o mal, desobedecer a um melhor do que eu, seja deus, seja homem; por isso, na alternativa com males que conheço como tais, jamais fugirei de medo do que não sei se será um bem.

c Portanto, mesmo que agora me dispensásseis, desatendendo ao parecer de Ânito, segundo o qual, antes do mais, ou eu não devia ter vindo aqui, ou, já que vim, é impossível deixar de condenar-me à morte, asseverando ele que, se eu lograr absolvição, logo todos os vossos filhos, pondo em prática os ensinamentos de Sócrates, estarão inteiramente corrompidos; mesmo que, apesar disso, me dissésseis: "Sócrates, por ora não atenderemos a Ânito e te deixamos ir, mas com a condição de abandonares essa investigação e a filosofia; se fores apanhado de
d *novo* nessa prática, morrerás"; mesmo, repito, que me dispensásseis com essa condição, eu vos responderia: "Atenienses, eu vos sou reconhecido e vos quero bem, mas obedecerei antes ao deus que a vós; enquanto tiver alento e puder fazê-lo, jamais deixarei de filosofar, de vos dirigir exortações, de ministrar ensinamentos em toda ocasião àquele de vós que eu deparar, dizendo-lhe o que costumo: 'Meu caro, tu, um ateniense, da cidade mais importante e mais reputada por sua cultura e poderio, não te pejas de cuidares de adquirir o máximo de riquezas, fama e honrarias, e de não te importares nem cogitares da razão, da verdade e de melhorar quanto mais a e
tua alma?' " E se algum de vós redargüir que se importa, não me irei embora deixando-o, mas o hei de interrogar, examinar e confundir e, se me parecer que afirma ter adquirido a virtude e não a adquiriu, hei de repreendê-lo por estimar menos o que vale mais e mais o que vale menos. É o que hei de fazer 30a
a quem eu encontrar, moço ou velho, forasteiro ou cidadão, principalmente aos cidadãos, porque me estais mais próximos no sangue. Tais são as ordens que o deus me deu, ficai certos. E eu acredito que jamais aconteceu à cidade maior bem que minha obediência ao deus.

Outra coisa não faço senão andar por aí persuadindo-vos, moços e velhos, a não cuidar tão aferradamente do corpo e das riquezas, como de melhorar o mais possível a alma, dizendo-vos que dos haveres não vem b
a virtude para os homens, mas da virtude vêm os haveres e todos os outros bens particulares e públicos. Se com esses discursos corrompo a mocidade, seriam nocivos esses preceitos; se alguém afirmar que digo outras coisas e não essas, mente. Por tudo isso, Atenienses, diria eu, quer atendais a Ânito, quer não, quer me dispenseis, c
quer não, não hei de fazer outra coisa, ainda que tenha de morrer muitas vezes.

[9] Segundo criam os gregos, após a morte, iam as almas para o Hades, espécie de limbo, lugar escuro e frio, situado no âmago da terra, onde continuavam a *viver*, como sombras. (N. do T.)

Quem Perderia Mais com a Condenação

Não vos amotineis, Atenienses; mantende o favor que vos pedi, não vos amotinando com o que digo, mas ouvindo-me; acredito que ouvir-me vos será realmente proveitoso. Estou, é verdade, para dizer outras coisas que talvez vos façam gritar, mas não façais isso de modo algum. Ficai certos de uma coisa: se me condenardes por ser eu como digo, causareis a vós próprios maior dano que a mim. A mim dano algum podem causar Meleto e Ânito; eles não têm forças para tanto; não
d creio que os céus permitam que um homem melhor sofra danos de um pior. Eles podem, sim, mandar-me matar, exilar-me, privar-me dos direitos; talvez eles e outros pensem que essas são grandes desgraças; eu não; eu penso que muito pior é fazer o que ele está fazendo, tentando a execução injusta de um homem. Neste momento, Atenienses, longe de atuar na minha defesa, como poderiam crer, atuo na vossa, evitando que, com a minha condena-
e ção, cometais uma falta para com a dádiva que recebestes do deus. Se me matardes, não vos será fácil achar outro igual, outro que — embora seja engraçado dizê-lo — por ordem divina se aferre inteiramente à cidade, como a um cavalo grande e de raça, mas um tanto lerdo por causa do tamanho e precisado de um tavão que o espevite; parece-me que o deus me impôs à cidade com essa incumbência de me assentar perto, em toda parte, para não cessar de vos despertar, persuadir e 31a
repreender um por um. Outro igual não tereis facilmente, senhores, mas, se me crerdes, vós me poupareis. Bem pode ser que, aborrecidos como quem dormia e foi despertado, deis ouvidos a Ânito e, repelindo-me, me condeneis levianamente à morte; depois, passareis o resto da vida a dormir, salvo se o deus, cuidadoso de vós, vos enviar algum outro. Podeis reconhecer que sou bem um homem dado pelo deus à cidade por esta reflexão: não é con- b
forme à natureza do homem que eu tenha negligenciado todos os meus interesses, sofrendo, há tantos anos, as conseqüências desse abandono do que é meu, para me ocupar do que diz respeito a vós, dirigindo-me sem cessar a cada um em particular, como um pai ou um irmão mais velho, para o persuadir a cuidar da virtude. Se auferisse proveito, se meus conselhos fossem pagos, meu procedimento teria outra explicação; mas vós mesmos o estais vendo: meus acusadores, tão descarados em todas as outras acusações, não foram capazes da extrema impudência de exibir testemunha de que alguma vez tenha recebido ou pedido remune- c
ração. Porque da verdade de *minhas* alegações exibo, suponho, uma prova cabal: minha pobreza.

Abstenção da Política

Pode parecer esquisito que eu me azafame por todo canto a dar conselhos em particular e não me abalance a subir diante da multidão para dar conselhos públicos à cidade. A razão disso
d em muitos lugares e ocasiões ouvistes em minhas conversas: uma inspiração que me vem de um deus ou de um gênio, da qual Meleto fez caçoada na denúncia. Isso começou na minha infância; é uma voz que se produz e, quando se produz, sempre me desvia do que vou fazer, nunca me incita. Ela é que me barra a atividade política. E barra-me, penso, com toda razão; ficai certos, Atenienses: se há muito eu me
e tivesse votado à política, há muito estaria morto e não teria sido nada útil a vós nem a mim mesmo. Por favor, não vos doam as verdades que digo; ninguém se pode salvar quando se opõe bravamente a vós ou a outra multidão qualquer para evitar que aconteçam na cidade tantas injustiças e ilega-
32a lidades; quem se bate deveras pela justiça deve necessariamente, para estar a salvo embora por pouco tempo, atuar em particular e não em público.

Disto vos posso dar provas valiosas; não argumentos, mas fatos, que é o que acatais. Ouvi o que me sucedeu, para saberdes que não tenho, por medo da morte, transigência nenhuma com a injustiça e que, por não ceder, teria perecido. O que vou dizer é banal, é de leguleio, mas é verdade.

b Com efeito, Atenienses, jamais exerci um cargo público; apenas fiz parte do Conselho. Calhou que a pritania[10] coube à minha tribo, a Antióquida, quando do processo dos dez capitães que deixaram de recolher os mortos da batalha naval; vós os queríeis julgar em bloco, o que era ilegal, como todos reconhecestes depois. Naquela ocasião fui o único dos prítanes que me opus a qualquer ação ilegal vossa, votando contra; os oradores estavam prontos a processar-me, a mandar-me prender; vós os incitáveis a isso aos brados. Embora! Achei de meu dever correr c perigo ao lado da lei e da justiça, em vez de estar convosco numa decisão injusta, por medo da prisão ou da morte.

Isso foi ainda no regime democrático. Doutra feita, após a instauração da oligarquia, fui chamado com outros quatro à Rotunda pelos Trinta e estes nos ordenaram que fôssemos a Salamina buscar a Leão Salamínio para morrer; a muitas outras pessoas eles davam ordens semelhantes, no intuito de comprometer o maior número possível. Nessa ocasião, de novo, por atos, não por palavras, demonstrei que à morte — desculpai a rudeza da expres- d são — não ligo mais importância que a um figo podre, mas a não cometer nenhuma injustiça ou impiedade, a isso sim dou o máximo valor. A mim, aque-

[10] Os delegados das tribos, em que se dividia o povo ateniense, ao Conselho dos Quinhentos, espécie de câmara deliberativa, chamavam-se *prítanes*. Alude-se ao processo dos comandantes da batalha naval de Arginusas, em 406 a.C. (N. do T.)

le governo, poderoso como era, não conseguiu forçar-me a uma injustiça; ao deixarmos a Rotunda, os quatro seguiram para Salamina e trouxeram Leão, mas eu voltei para casa. Bem podia ter morrido por isso, se aquele
e governo tardasse a cair. Há muitas testemunhas desses fatos. Pensais, acaso, que eu teria vivido tantos anos, se houvesse tomado parte na política e, obrando como homem de bem, me houvesse batido pela justiça, dando a essa atitude a máxima importância que lhe é devida? Que esperança, Atenienses! Nem eu, nem outro homem nenhum! Pois bem, em toda minha 33a
vida, em minha pouca intervenção nos negócios públicos, deixei patente que sou assim, como também sou assim nos negócios particulares, jamais assentindo com quem quer que seja no que quer que seja fora dos limites da justiça, principalmente com qualquer daqueles que os caluniadores chamam discípulos meus.

A Escola de Sócrates

Eu nunca fui mestre de ninguém, conquanto nunca me opusesse a moço ou velho que me quisesse ouvir no
b desempenho de minha tarefa. Tampouco falo se me pagam, e se não pagam, não; estou igualmente à disposição do rico e do pobre, para que me interroguem ou, se preferirem ser interrogados, para que ouçam o que digo. Se algum deles vira honesto ou não, não é justo que eu responda pelo que jamais prometi nem ensinei a ninguém. Quem afirmar que de mim aprendeu ou ouviu em particular alguma coisa que não todos os demais, estai certos de que não diz a verdade.

Então, por que será que alguns gostam de se entreter comigo tanto
c tempo? Vós o ouvistes, Atenienses; eu vos disse toda a verdade; eles gostam de me ouvir examinar os que supõem ser sábios e não o são; e isso não deixa de ter o seu gosto. Mas, repito, faço-o por uma determinação divina, vinda não só através do oráculo, mas também de sonhos e de todas as vias pelas quais o homem recebe ordens dos deuses. É fácil de comprovar essa verdade; se há moços que estou corrompendo e outros que já corrompi, forçosamente, decerto, alguns deles já amadurecidos compreenderam que outrora, na sua mocidade, eu lhes dera maus conselhos e podem levantar-se para me acusar e punir; se não o quiserem eles fazer, alguém da família, o pai, os irmãos, outros parentes, se os seus familiares sofreram qualquer má influência minha, podem lembrá-la agora e punir-me. Há um bem grande número deles que estou vendo aqui, a começar por Críton, que é da minha idade e do meu bairro, pai de Critobulo aqui presente; em seguida, Lisânias de Esfetos, pai de Ésquines, que aí está; depois, Antifonte de Cefísia, pai de Epígenes; aí estão outros, cujos irmãos freqüentaram aqueles entretenimentos: Nicós-

trato, filho de Teozótides e irmão de Teódoto — Teódoto, por sinal, morreu e não poderia estorvá-lo com sua intercessão; há mais Páralo, filho de Demódoco, de quem era irmão Teages; esse outro é Adimanto, filho de Aristão, de quem é irmão Platão aqui presente;
34a esse é Ajantodoro, de quem é irmão Apolodoro, também presente. Posso citar muitas outras pessoas, uma das quais de preferência devia Meleto ter apresentado como testemunha da acusação; se então se esqueceu, faça-o agora, com minha licença, e diga se tem algum testemunho daquela natureza. Bem ao contrário, senhores, achareis todos prontos a acudir-me a mim, o corruptor, que faço mal a seus parentes no dizer de Meleto e Ânito. Talvez b
tivessem razões para me apoiar os corrompidos; mas os que não corrompi, já mais idosos, parentes daqueles, que motivo terão para apoiar-me, senão o reto e justo de reconhecerem que Meleto mente e eu digo a verdade?

O Estilo da Defesa

Basta, senhores; o que eu poderia alegar em minha defesa é, em suma, isso mesmo e quiçá argumentos do
c mesmo gênero. Algum de vós talvez se indigne com a recordação do seu caso, se ele próprio, às voltas com uma lide, embora menos grave que esta, teve de pedir, de suplicar aos juízes com lágrimas copiosas, de trazer, para melhor movê-los à piedade, os filhos, outros parentes, muitos amigos, ao passo que eu — não é? — não vou fazer nada disso, apesar de estar correndo, como posso imaginar, o extremo perigo. Pode ser que alguém, com esse sentimento, seja mais duro para comigo e, raivoso do contraste, dê um voto de
d raiva. Se algum de vós estiver nesse caso — o que não creio — mas se estiver, eu me acharia no direito de lhe dizer: "Eu também, meu caro, não deixo de ter parentes." Como lá diz Homero, *não nasci dum carvalho ou dum penedo,* mas de seres humanos; portanto, Atenienses, tenho parentes e filhos; estes são três, um já taludo e dois pequeninos. Não obstante, não trouxe nenhum deles para aqui com o fito de vos pedir absolvição. Por que razão não hei de fazê-lo? Não por presunção, Atenienses, nem por menosprezo vosso; minha e
calma ou perturbação em face da morte é questão à parte; mas em face da honra, minha, vossa e de toda a cidade, eu considero uma nódoa aquele procedimento na minha idade e com a reputação adquirida; certa ou errada, sempre é opinião corrente que Sócrates 35a
nalguma coisa se distingue do comum dos homens. Se, quem passa por distinguir-se entre vós pela sabedoria, pela coragem ou qualquer outro mérito, é uma pessoa daquelas atitudes, que vergonha! Como vi tantas vezes pessoas, embora tidas como homens de valor,

fazer em juízo cenas de causar espanto, persuadidos de que seria um horror terem de morrer, como se houvessem de ser imortais se vós não os condenásseis à morte; eles são, a meu ver, uma vergonha para a cidade, dando ao forasteiro a impressão de que os homens distinguidos entre os atenienses pelos seus merecimentos e escolhidos por eles para o governo e cargos honoríficos em nada diferem das mulheres. Nós que passamos, não importa como, por ter algum valor, não devemos, Atenienses, adotar aquele procedimento, nem deveis vós consentir nele, caso o adotemos, e sim mostrar-vos mais decididos a condenar quem, encenando desses dramas lamurientos, lança o ridículo sobre a cidade, do que um de comportamento decente.

À parte a questão da honra, senhores, não me parece justo pedir e obter dos juízes a absolvição, em vez de informá-los e convencê-los. O juiz não toma assento para dispensar o favor da justiça, mas para julgar; ele não jurou favorecer a quem bem lhe pareça, mas julgar segundo as leis. Nós não vos devemos habituar ao perjúrio, nem vós deveis contrair esse vício; seria impiedade nossa e vossa. Portanto, Atenienses, não pretendais que eu pratique diante de vós o que não considero belo, nem justo, nem pio, sobretudo, por Zeus, quando aí está Meleto acusando-me de impiedade! Evidentemente, se, com a força de persuasão de minhas súplicas, vos levasse ao perjúrio, eu vos estaria ensinando a não crer na existência dos deuses e, com tal defesa, simplesmente me estaria acusando de não crer em deuses. Muito ao contrário, Atenienses, eu acredito como nenhum de meus acusadores e espero de vós e da divindade que vossa sentença a meu respeito seja a melhor para mim e para vós.

II

Análise da Votação

e Para que eu me conforme com o resultado, a minha condenação, con-
36a correm muitas razões; entre elas, a de não se tratar de fato inesperado. Muito mais me espanta o número de votos contados de cada parte. Eu imaginava que a decisão seria essa, não por pequena, mas por grande margem; no entanto, parece, com uma transposição de apenas trinta votos, estaria absolvido. No tocante a Meleto, acho que fui absolvido; mais do que isso, quem quer pode ver que, não fosse subirem Ânito e Licão para acusar-me, ele seria multado em mil dracmas, por não ter b
colhido um quinto dos sufrágios.

Discussão das Penas

Ora, o homem propõe a sentença de morte. Bem; e eu que pena vos hei de propor em troca, Atenienses? A que mereço, não é claro? Qual será? Que sentença corporal ou pecuniária mereço eu que entendi de não levar uma vida quieta? Eu que, negligenciando o de que cuida toda gente — riquezas, negócios, postos militares, tribunas e funções públicas, conchavos e lutas que ocorrem na política, coisas em que
c me considero de fato por demais pundonoroso para me imiscuir sem me perder — não me dediquei àquilo, a que se me dedicasse, haveria de ser completamente inútil para vós e para mim? Eu que me entreguei à procura de cada um de vós em particular, a fim de proporcionar-lhe o que declaro o maior dos benefícios, tentando persuadir cada um de vós a cuidar menos do que é seu que de si próprio para vir a ser quanto melhor e mais sensato, menos dos interesses do povo que do próprio povo, adotado o mesmo princípio nos demais cuidados? Que sen- d
tença mereço por ser assim? Algo de bom, Atenienses, se há de ser a sentença verdadeiramente proporcionada ao mérito; não só, mas algo de bom adequado a minha pessoa. O que é adequado a um benfeitor pobre, que

precisa de lazeres para vos viver exortando? Nada tão adequado a tal homem, Atenienses, como ser sustentado no Pritaneu; muito mais do que a um de vós que haja vencido, nas Olimpíadas, uma corrida de cavalos, de bigas ou de quadrigas. Esse vos dá a
e impressão da felicidade; eu, a felicidade; ele não carece de sustento, eu careço. Se, pois, cumpre que me sentenciem com justiça e em proporção ao
37a mérito, eu proponho o sustento no Pritaneu.

Dizendo isso pode parecer, como foi a respeito das lamúrias e súplicas, que falo presunçosamente. Não é assim, Atenienses; mas é que estou convencido de que não faço mal a ninguém por querer, mas não consigo convencer-vos disso. É que conversamos durante pouco tempo; se fosse norma entre vós, como em outros povos, não decidir um processo capital num dia
b só, mas em muitos, suponho que vos teria convencido; infelizmente, não é fácil em tempo exíguo escoimar-se de calúnias tão fortes. Convencido, portanto, de que não faço mal a ninguém, muito menos o farei a mim próprio; não direi eu próprio contra mim que mereça algum mal, nem proporei pena alguma. Que posso temer? Sofrer a pena proposta por Meleto, que declaro ignorar se é um bem, se é um mal? Hei de preferir e propor em troca uma
c daquelas que sei que são males? Porventura a prisão? Para que hei de viver na cadeia, escravizado ao comando sempre reformado dos Onze[11]? Ou uma multa, permanecendo preso até pagá-la toda? Daria na mesma, pois, como disse há pouco, não tenho bens com que pagar. Proporei, então, o desterro, a que possivelmente me sentenciaríeis? Muito amor à vida deveria eu ter para ficar tão estúpido que não compreendesse que, se vós, sendo meus concidadãos, não pudestes aturar minhas conversas e assuntos, tão impor- d
tunos e odiosos para vós, que neste momento vos estais procurando livrar deles, outros hão de aturá-los melhor? Que esperança, Atenienses!

Bela vida seria a minha se, homem da minha idade, partisse daqui para viver expulso de cidade em cidade! Estou certo de que, aonde quer que vá, os moços me virão ouvir, como aqui; se os repelir, eles mesmos darão ouvidos aos mais velhos para me expulsar; se não os repelir, hão de expulsar-me e
por causa deles seus pais e parentes.

Pode alguém perguntar: "Mas não serás capaz, ó Sócrates, de nos deixar e viver calado e quieto?" De nada eu convenceria alguns dentre vós mais dificilmente do que disso. Se vos disser que assim desobedeceria ao deus e, por isso, impossível é a vida quieta, não me dareis fé, pensando que é ironia; dou- 38a
tro lado, se vos disser que para o homem nenhum bem supera o discorrer cada dia sobre a virtude e outros temas de que me ouvistes praticar quando examinava a mim mesmo e a outros, e que vida sem exame não é vida digna de um ser humano, acreditareis ainda menos em minhas palavras. Digo a pura verdade, senhores, mas convencer-vos dela não me é fácil. Acresce que não estou habituado a julgar-me merecedor de mal nenhum.

[11] *Os Onze* eram autoridades policiais eletivas. (N. do T.)

Propõe Sócrates uma Multa

b Se tivesse dinheiro, estipularia uma multa dentro de minhas posses; não sofreria nada com isso. Infelizmente, não tenho mesmo, salvo se quiserdes estipular tanto quanto possa pagar. Talvez vos possa pagar uma mina de prata; é quanto estipulo, portanto. Mas aí está Platão, Atenienses, com Críton, Critobulo e Apolodoro, mandando que estipule trinta minas, sob sua fiança. Estipulo, pois, essa quantia; serão fiadores da soma essas pessoas idôneas.

III
Aos que o Condenaram

c Por não terdes esperado mais um pouco, Atenienses, aqueles que desejarem injuriar a cidade vos lançarão a fama e a acusação de haverdes matado Sócrates, um sábio. Sim, dir-me-ão sábio, embora não o seja, os que vos quiserem malsinar. Se aguardásseis mais algum tempo, a natureza mesma satisfaria a vossa vontade. Bem vedes a minha idade, já distante da vida e
d próxima da morte. Não dirijo essas palavras a todos vós, mas aos que votaram pela minha morte.

Para esses mesmos, acrescento o seguinte: talvez imagineis, senhores, que me perdi por falta de discursos com que vos poderia convencer, se na minha opinião se devesse tudo fazer e dizer para escapar à justiça. Engano! Perdi-me por falta, não de discursos, mas de atrevimento e descaro, por me recusar a proferir o que mais gostais de
e ouvir, lamentos e gemidos, fazendo e dizendo uma multidão de coisas que declaro indignas de mim, tais como costumais ouvir dos outros. Ora, se antes achei que o perigo não justificava nenhuma indignidade, tampouco me pesa agora da maneira por que me defendi; ao contrário, muito mais folgo em morrer após a defesa que fiz, do que folgaria em viver após fazê-la daquele outro modo. Quer no tribunal, quer na guerra, não devo eu, não deve ninguém lançar mão de todo e qualquer recurso para escapar à morte. Com efeito, é evidente que, nas batalhas, muitas vezes se pode escapar à 39a
morte arrojando as armas e suplicando piedade aos perseguidores; em cada perigo, tem muitos outros meios de escapar à morte quem ousar tudo fazer e dizer. Não se tenha por difícil escapar à morte, porque muito mais difícil é escapar à maldade; ela corre mais b
ligeira que a morte. Neste momento, fomos apanhados, eu, que sou um velho vagaroso, pela mais lenta das duas, e os meus acusadores, ágeis e velozes, pela mais ligeira, a malvadez. Agora, vamos partir; eu, condenado por vós à morte; eles, condenados pela verdade a seu pecado e a seu crime. Eu aceito a pena imposta; eles igualmente. Por certo, tinha de ser assim e penso que não houve excessos.

Sobre o futuro, porém, desejo fazer- c
vos um vaticínio, meus condenadores; com efeito, eis-me chegado àquele momento em que os homens vaticinam melhor, quando estão para morrer. Eu vos afianço, homens que me mandais matar, que o castigo vos alcançará logo após a minha morte e será, por Zeus, muito mais duro que a pena capital que me impusestes. Vós o fizes-

tes supondo que vos livraríeis de dar boas contas de vossa vida; mas o resul-
d tado será inteiramente oposto, eu vo-lo asseguro. Serão mais numerosos os que vos pedirão contas; até agora eu os continha e vós não o percebíeis; eles serão tanto mais importunos quanto são mais jovens, e vossa irritação será maior. Se imaginais que, matando homens, evitareis que alguém vos repreenda a má vida, estais enganados; essa não é uma forma de libertação, nem é inteiramente eficaz, nem honrosa; esta outra, sim, é a mais honrosa e mais fácil; em vez de tapar a boca dos outros, preparar-se para ser o melhor possível. Com este vaticínio, despeço-me de vós que me condenastes.

Aos que o Absolveram

e Com os que votaram pela absolvição, gostaria de conversar a respeito do que se acaba de passar, enquanto estão ocupados os magistrados e antes de seguir para onde devo morrer. Portanto, senhores, ficai comigo mais um pouco; nada impede que nos entretenhamos enquanto dispomos de tempo. Quero explicar-vos, como a amigos, o
40a sentido exato do que me sucedeu agora.

O que me aconteceu, senhores juízes — a vós é que chamo com acerto juízes — foi uma coisa prodigiosa. A inspiração costumada, a da divindade, sempre foi rigorosamente assídua em opor-se mesmo a ações mínimas, quando eu ia cometer um erro; agora, porém, acaba de suceder-me o que vós estais vendo, o que se poderia considerar, e há quem o faça, como o maior dos males; mas a advertência divina não se me opôs de manhã, ao sair de
b casa, nem enquanto subia aqui para o tribunal, nem quando ia dizer alguma coisa; no entanto, quantas vezes ela me conteve em meio de outros discursos! Mas hoje não se me opôs nenhuma vez no decorrer do julgamento, em nenhuma ação ou palavra. A que devo atribuir isso? Vou dizer-vos: é bem possível que seja um bem para mim o que aconteceu e não é forçoso que acertemos quantos pensamos que a morte é um mal. Disso tenho agora uma boa c prova, porque a costumada advertência não poderia deixar de opor-se, se não fosse uma ação boa o que eu estava para fazer.

Façamos mais esta reflexão: há grande esperança de que isto seja um bem. Morrer é uma destas duas coisas: ou o morto é igual a nada, e não sente nenhuma sensação de coisa nenhuma; ou, então, como se costuma dizer, trata-se duma mudança, uma emigração da alma, do lugar deste mundo para outro lugar. Se não há nenhuma sensação, se é como um sono em que o adormecido nada vê nem sonha, que d maravilhosa vantagem seria a morte!

Bem posso imaginar que, se a gente devesse identificar uma noite em que tivesse dormido tão profundamente que nem mesmo sonhasse e, contrapondo a essa as demais noites e dias de sua vida, pensar e dizer quantos dias e noites de sua existência viveu melhor e

mais agradavelmente do que naquela noite, bem posso imaginar que, já não digo um particular, mas o próprio rei
c da Pérsia acharia fáceis de enumerar essas noites entre as outras noites e dias. Logo, se a morte é isso, digo que é uma vantagem, porque, assim sendo, toda a duração do tempo se apresenta como nada mais que uma noite. Se, do outro lado, a morte é como a mudança daqui para outro lugar e está certa a tradição de que lá estão todos os mortos, que maior bem haveria que esse, senhores juízes?

41a Se, em chegando ao Hades, livre dessas pessoas que se intitulam juízes, a gente vai encontrar os verdadeiros juízes que, segundo consta, lá distribuem a justiça, Minos[12], Radamanto, Éaco, Triptólemo e outros semideuses que foram justiceiros em vida, não valeria a pena a viagem? Quanto não daria qualquer de vós para estar na companhia de Orfeu[13], Museu, Hesíodo e Homero? Por mim, estou pronto a morrer muitas vezes, se isso é ver-
b dade; eu de modo especial acharia lá um entretenimento maravilhoso, quando encontrasse Palamedes[14], Ájax de Telamão e outros dos antigos, que tenham morrido por uma sentença iníqua; não me seria desagradável comparar com os deles os meus sofrimentos e, o que é mais, passar o tempo examinando e interrogando os de lá como aos de cá, a ver quem deles é sábio e quem, não o sendo, cuida que é. Quanto não se daria, senhores juízes, para sujeitar a exame aquele que comandou a imensa expedição contra Tróia, ou Ulisses, ou Sísifo — c milhares de outros se poderiam nomear, homens e mulheres, com quem seria uma felicidade indizível estar junto, conversando com eles, sujeitando-os a exame! Os de lá absolutamente não matam por uma razão dessas! Os de lá são mais felizes que os de cá, entre outros motivos, por serem imortais pelo resto do tempo, se a tradição está certa.

Vós também, senhores juízes, deveis bem esperar da morte e considerar particularmente esta verdade: não há, para o homem bom, nenhum mal, quer d na vida, quer na morte, e os deuses não descuidam de seu destino. O meu não é efeito do acaso; vejo claramente que era melhor para mim morrer agora e ficar livre de fadigas. Por isso é que a advertência nada me impediu. Não me insurjo absolutamente contra os que votaram contra mim ou me acusaram. Verdade é que não me acusaram e condenaram com esse modo de pensar, mas na suposição de que me causavam dano: nisso merecem censura. Contu- e do, só tenho um pedido que lhes faça: quando meus filhos crescerem, castigai-os, atormentai-os com os mesmíssimos tormentos que eu vos infligi, se achardes que eles estejam cuidando mais da riqueza ou de outra coisa que da virtude; se estiverem supondo ter um valor que não tenham, repreendei-os, como vos fiz eu, por não cuidarem do que devem e por suporem méritos, sem ter nenhum. Se vós o fizerdes, eu terei recebido de vós justiça; eu, e 42a meus filhos também.

Bem, é chegada a hora de partirmos, eu para a morte, vós para a vida. Quem segue melhor rumo, se eu, se vós, é segredo para todos, menos para a divindade.

[12] Minos, rei de Creta, Radamanto, Éaco, Triptólemo, heróis mitológicos, foram, segundo a tradição conservada nos ritos secretos dos chamados Mistérios, designados juízes das almas no outro mundo. (N. do T.)

[13] Orfeu e Museu são autores lendários dos hinos e cânticos dos ritos dos Mistérios. (N. do T.)

[14] Palamedes e Ájax são figuras lendárias; o primeiro teria morrido apedrejado, vítima duma calúnia, no acampamento dos gregos em Tróia; o segundo, herói duma tragédia de Sófocles, além de o ser da *Ilíada*, suicidou-se por ter sido fraudado na herança das armas de Aquiles, que deviam caber ao mais valoroso dos guerreiros. (N. do T.)

XENOFONTE

DITOS E FEITOS MEMORÁVEIS DE SÓCRATES

Tradução de LÍBERO RANGEL DE ANDRADE através da versão francesa de Eugène Talbot

LIVRO I

CAPÍTULO I

1 Admirou-me muitas vezes por que argumentos, afinal, lograram os acusadores[1] de Sócrates persuadir os atenienses de que ele merecia a morte por crime contra o Estado. Com efeito, eis pouco mais ou menos os termos da acusação: Sócrates é culpado de não preitear os deuses que cultua o Estado e introduzir extravagâncias demoníacas. Culpado ainda de corromper os jovens.

2 A que testemunho, afinal, recorreram para provar que ele não honrava os deuses do Estado; se fazia sacrifícios freqüentes às abertas, ora em sua casa, ora nos altares públicos; se praceiramente recorria à arte divinatória? Corria a voz, ateada pelo próprio Sócrates, de que o inspirava um
3 demônio[2]: eis, sem dúvida, por que o criminaram de introduzir extravagâncias demoníacas. No entanto, não introduzia ele mais novidades do que todos aqueles que crêem na adivinhação e interrogam o vôo das aves, as vozes, os signos e as entranhas das vítimas: não supõem nas aves nem naqueles com que se encontram o conhecimento do que buscam, mas acreditam que por seu intermédio lho revelam os deuses; Sócrates também pensava o mesmo. Diz o vulgo que as 4 aves e os encontros nos advertem se devemos prosseguir ou retroceder no que temos de olho: Sócrates falava o que sentia, dizendo-se inspirado por um demônio. E de acordo com as revelações desse demônio aconselhava aos amigos o fazer certas coisas, o abster-se de outras. Só tinham a ganhar os 5 que o ouviam. Arrependiam-se os que nele não acreditavam. Claro que não havia de querer passar por imbecil nem por impostor aos olhos de seus discípulos. E imbecil e impostor ter-se-ia tornado, se predissesse coisas como reveladas por um deus e em seguida fosse desmentido. Evidente, portanto, é que se absteria de predizer caso não estivesse certo de falar verdade. Ora, o que lhe inspiraria esta certeza senão um deus? E se tinha fé nos deuses, como poderia negar-lhes a existência?

Por outro lado, eis como se portava 6 para com os amigos. Em se tratando de coisas de resultado certo, aconselhava-os a procederem da maneira que melhor lhe parecia. Quanto às coisas 7 de êxito duvidoso, mandava-os consultarem os oráculos. Há mister ajudar-se da adivinhação, dizia, para bem gerir as casas e os Estados. A arquitetura, a metalurgia, a agricultura, a política e a teoria das ciências que tais, o cálculo,

[1] O poeta Meleto, o curtidor Ânito e o orador Licão. (N. do E.)

[2] Demônio: gênio bom ou divindade, e não o sentido posterior de gênio do mal. (N. do E.)

a economia, e todos os conhecimentos congêneres estão, opinava, ao alcance da inteligência humana, porém, agregava, o que de mais eminente encerram estas ciências encofram-no os deuses para si, sequer entremostrando-o aos
8 olhos dos homens. Com efeito, ignora aquele que bem plantou um vergel quem lhe colherá os frutos. Quem a capricho construiu uma casa não sabe quem a habitará. Tampouco sabe o general se lhe será vantajoso comandar. Tampouco sabe o político se lhe aproveitará governar o Estado. Tampouco sabe aquele que, esperando ser feliz, esposa uma bela mulher, se ela não será seu tormento. Tampouco sabe aquele que se alia aos poderosos do Estado se dia virá em que por eles seja
9 banido. Insensatos chamava Sócrates aos que em tudo isso não vêem providência divina e tudo sujeitam à inteligência humana. Por igualmente insensatos, porém, havia os que consultam os oráculos sobre coisas que os deuses nos deram a faculdade de saber por nós próprios. Como se lhes perguntássemos a quem confiar nosso carro, a cocheiro hábil ou inapto. A quem entregar nosso navio, a bom ou mau piloto. Ou sobre coisas que podemos saber por meio do cálculo, da medida ou da balança. Reputava impiedade consultar os deuses sobre coisas tais: aprendamos o que nos conferiram os deuses a faculdade de aprender, dizia, e deles procuremos saber o que nos é velado. Porque eles o revelam aos que distinguem com seus favores.

10 No mais, Sócrates sempre viveu à luz pública. Pela manhã saía a passeio e aos ginásios, mostrava-se na ágora à hora em que regurgitava de gente e passava o resto do dia nos locais de maior concorrência, o mais das vezes falava, podendo ouvi-lo quem quisesse.
11 Viram-no ou ouviram-no alguma vez fazer ou dizer algo contrário à moral, ou à religião? Abstendo-se, ao revés da maioria dos outros filósofos, de dissertar sobre a natureza do universo, de indagar a origem espontânea do que os sofistas chamam "cosmos" e a que leis fatais obedecem os fenômenos celestes,
ia a ponto de demonstrar a loucura dos 12
que vacam a semelhantes especulações. Antes de tudo examinava se eles presumiam ter aprofundado suficientemente os conhecimentos humanos para se ocuparem de tais assuntos, ou se achavam razoável pôr de parte o que está ao alcance do homem para intrometer-se no que aos deuses pertence.
Admirava-se de que não vissem serem 13
tais segredos intangíveis ao homem, de vez que, longe de concordarem entre si, aqueles mesmos que se gabam de melhor falar sobre eles se têm mutuamente na conta de loucos. Efetiva- 14
mente, entre os loucos, uns não temem o que é temível, outros temem o que não é de temer. Uns acham poder-se sem pejo tudo dizer e tudo fazer em público, outros, dever-se fugir todo comércio com os homens. Uns não respeitam nem templos nem altares, nem nada do que é divino, outros reverenciam as pedras e as primeiras árvores e animais que lhes aparecem pela frente. Quanto aos que se preocupam com a natureza do universo, estes afirmam a unidade do ser, aqueles sua multiplicidade infinita. Uns crêem os corpos em perpétuo movimento, outros em inércia absoluta. Aqui se pretende que tudo nasce e tudo morre, ali que nada
se criou e nada deve ser destruído. Per- 15
guntava Sócrates ainda se, assim como estudando o que concerne ao homem se espera auferir desse estudo proveito para si e para outros, não imaginam os que estudam o que pertence aos deuses, uma vez instruídos nas leis fatais do mundo poder produzir a seu capricho os ventos, a chuva, as estações e tudo o de que venham a precisar no gê-

nero ou se, sem se abalançarem a tanto, contentar-se-ão de saber como se processa cada um desses fenômenos.
16 Eis o que dizia dos que se ingerem nesta sorte de indagações. Quanto a ele, discutia constantemente tudo o que ao homem diz respeito, examinando o que é o piedoso e o ímpio, o belo e o vergonhoso, o justo e o injusto, a sabedoria e a loucura, o valor e a pusilanimidade, o Estado e o homem de Estado, o governo e o governante e mais coisas deste jaez, cujo conhecimento lhe parecia essencial para ser virtuoso e sem o qual se merece o nome de escravo.

17 Não admira, pois, que seus juízes se hajam enganado quanto a seus pensamentos íntimos. Porém o que todos sabiam, não é de estranhar que o tenham sobreolhado? Membro do senado, proferira Sócrates o juramento que aos senadores se exige de desincumbir-se de suas funções de conformidade
18 com as leis. Eleito epistata do congresso popular e querendo o povo, contrariamente às leis, condenar à morte, coletivamente e por um único voto, nove generais, entre os quais Trasilo e Erasínides, recusou a votação, não obstante a cólera do povo e as ameaças de muitos poderosos. Preferiu manter-se fiel ao juramento a cometer uma injustiça para comprazer à multidão e pôr-se a coberto de ameaças. É 19
que, embora diversamente da maneira como crê a maior parte dos homens, acreditava que os deuses têm olhos fitos nas ações humanas. Crê a média dos homens que os deuses sabem certas coisas e ignoram outras. Achava Sócrates que de tudo estão ao corrente — palavras, ações, pensamentos secretos — que estão em toda parte e tudo nos revelam que seja de nossa alçada.

Admira-me, pois, hajam crido os 20
atenienses alimentasse Sócrates opiniões extravagantes sobre os deuses, ele que jamais coisa alguma disse nem praticou de ímpio, ele cujas palavras e ações sempre foram tais que quem falasse e se portasse do mesmo modo seria reputado o mais pio dos humanos.

CAPÍTULO II

1 O que igualmente me assombra é o haver-se embrechado em certos espíritos que Sócrates corrompia a juventude, Sócrates que, à parte o que foi dito, era o mais reportado dos mortais nos prazeres dos sentidos como da mesa, o mais endurecido contra o frio, o calor, as fadigas de toda espécie e tão sóbrio que lhe sobrebastava seu minguado
2 pecúlio. Com tais qualidades, como poderia ter desencaminhado os outros à impiedade, à libertinagem, à indolência? Pelo contrário, não divertiu muitos homens desses vícios, fazendo-os amantes da virtude e infundindo-lhes a esperança de, mediante a fiscalização de si mesmos, virem a ser um dia vir-
3 tuosos? Nunca se disse, contudo, mestre de sabedoria, posto com seu procedimento fizesse esperar aos que o freqüentaram o dele se aproximarem
4 imitando-o. Não descurava do corpo nem aprovava os que o fazem. Rejeitava o comer com excesso para ao depois fatigar-se outro tanto, recomendando um repasto regulado pelo apetite e seguido de exercício moderado. Este regime — dizia — conserva a saúde do espírito. Ao demais, não era
5 afetado nem refinado, fosse no vestir, fosse no calçar, fosse em toda a sua maneira de viver. Tampouco fazia de seus discípulos homens cúpidos, pois curando-os das outras paixões não pedia a menor paga aos que lhe procu-
6 ravam a companhia. Cria, com esta abstenção, melhor resguardar a própria liberdade, chamando escravizadores de si mesmos os que reclamam salário por suas palestras, visto se imporem a obrigação de conversar
7 com os que lhes pagam. Admirava-se de que um homem que fizesse profissão de ensinar a virtude exigisse remuneração e que em vez de ver na aquisição de um amigo virtuoso a maior das recompensas, temesse que um coração converso à virtude não pagasse o maior dos benefícios com o maior
8 reconhecimento. Aliás, Sócrates nunca prometeu nada de semelhante a ninguém. Porém abrigava a certeza de ganhar, naqueles que lhe seguiam os princípios, bons amigos que o amariam e se estimariam reciprocamente para o resto da vida. Como, pois, corromperia um homem desses a juventude? A menos que o incitamento à virtude seja meio de corrupção.

9 Mas, por Júpiter! — diz o acusador — instigava seus discípulos ao desprezo das leis estabelecidas, tachando de estupidez o escolher com uma fava os magistrados de uma república, quando ninguém tiraria à sorte um piloto, um arquiteto, um tocador de flauta, etc., cujos erros são, no entanto, muito menos prejudiciais que os da-

queles que governam os Estados. Tais falas — acresçenta — inspiram nos jovens o menosprezo da constituição em
10 vigor e os tornam violentos. De mim penso que os que praticam a sabedoria e se crêem capazes de dar conselhos úteis a seus concidadãos de modo nenhum são violentos, visto saberem que a violência atiça o ódio e acarreta perigo, enquanto a persuasão elimina os riscos e não prejudica a perfeição. De fato, o homem a quem constrangemos nos odeia como se o houvéssemos lesado. Aquele a quem persuadimos nos preza como se lhe tivéssemos feito um benefício. Não dos que praticam a
11 sabedoria, pois; é própria a violência, porém, dos que têm força mas não têm razão. Além do que, na violência hão mister numerosos auxiliares. Para persuadir não se precisa de ninguém: sozinho pode-se convencer. Demais, nunca tais homens mancharam as mãos de sangue. Quem preferiria matar seu semelhante a deixá-lo viver e lhe ser útil pela persuasão?

12 Todavia — prossegue o acusador — Crítias e Alcibíades, que foram discípulos de Sócrates, causaram o maior mal ao Estado. Crítias foi o mais cúpido, violento e sanguinário dos oligarcas. Alcibíades o mais intemperante e insolente dos democratas.
13 Longe de mim, se estes dois homens fizeram algum mal à pátria, o propósito de justificá-los. Quais foram suas relações com Sócrates, eis o que desejo
14 esclarecer. Eram eles, por natureza, os mais ambiciosos de todos os atenienses. Queriam tudo feito por eles, que seu nome não tivesse par. Sabiam Sócrates contente de pouco, senhor absoluto de todas as suas paixões e capaz de acaudilhar a seu talante o espírito
15 daqueles com que falava. Sabedores disso e com o caráter que já lhes perfilei, crerá alguém fosse pelo desejo de imitar a vida de Sócrates e sua tempe-
rança que lhe solicitavam a conversação, ou na esperança de, freqüentando-o, tornarem-se bons oradores e
16 hábeis políticos? A mim me quer parecer que se um deus lhes houvesse dado a escolher entre o viver a vida inteira como viam viver Sócrates ou morrer, teriam preferido a morte. Desembuçou-os seu procedimento. Assim se julgaram superiores aos companheiros, abandonaram Sócrates para abraçar a política, móvel de sua ligação com ele.

17 Objetar-me-ão, talvez, que Sócrates não deveria ter ensinado política aos que com ele privavam antes de ensinar-lhes a sabedoria. Não o nego. Vejo, porém, que todos aqueles que ensinam praticam o que ensinam a fim de edificar pelo exemplo os que aprendem, a passo igual que os estimulam pela palavra. Sei que Sócrates era para seus discípulos modelo vivo de virtuosidade e que lhes administrava as mais belas lições acerca da virtude e o mais
18 que ao homem concerne. Sei que Crítias e Alcibíades se portaram prudentemente enquanto conviveram com Sócrates. Não que temessem ser por ele castigados ou batidos, mas por crerem então ser a tudo preferível o hábito de virtude.

19 Quiçá sustentem muitos de nossos pretensos filósofos que o homem justo jamais se torna injusto nem o sábio insolente. Que uma vez de posse de uma ciência nunca mais se esquece o que se aprendeu. De minha parte, estou longe de pensar como eles. Vejo, em efeito, que se não se exercita o corpo a gente se torna inapto para os trabalhos corporais, e que, igualmente, se não se exercita o espírito se torna incapaz dos trabalhos espirituais, não se podendo fazer o que se deve nem se abster do
20 que se deve evitar. Eis por que os pais, seja qual for a sabedoria de seus filhos, os afastam dos homens perversos, convictos de que o comércio dos bons

alenta a virtude, e cresta-a o dos maus. Testemunham-no os versos do poeta:

Os homens de bem te ensinarão boas coisas.
Os maus te farão perder a própria razão.

E estoutro:

Às vezes o sábio é bom, às vezes mau.

21 A esses testemunhos ajunto o meu. Pois vejo que, se pela falta de exercício se esquecem os versos, não obstante o recurso da medida, da mesma forma se esquece a palavra do mestre, por causa da negligência. Ora, quando se esquecem estas exortações, se esquecem também as impressões que induzem a alma a desejar a sabedoria. E olvidadas tais impressões, não admira que se
22 olvide a própria sabedoria. Noto ainda que aqueles que se entregam ao vinho e capitulam aos prazeres dos sentidos são menos capazes de fazer o que devem e de resguardar-se do que cumpre evitar. Muitos há que antes de amar sabiam administrar seus bens. Amando, já não o sabem. E perdidos seus haveres, já não se esguardam de ganhos de que se mantinham castos
23 por considerá-los vergonhosos. Implicará contradição, pois, que o sábio de ontem já não o seja hoje, que o justo se tenha feito injusto? Por mim penso que todas as virtudes requerem a prática, notadamente a temperança. Inatas na alma com o corpo, as paixões incitam a pôr de lado a sabedoria e a satisfazer o mais presto os apetites sensuais.

24 Enquanto conviveram com Sócrates, tanto Crítias como Alcibíades puderam, graças ao seu auxílio, sopear as más paixões. Uma vez longe dele, Crítias, refugiado na Tessália, viveu em companhia de homens mais afeitos à ilegalidade que à justiça. Perseguido, por causa de sua beleza, por uma multidão de mulheres da mais alta categoria, corrompido por causa do crédito de que gozava assim na república como nas cidades aliadas, por um enxame de hábeis aduladores, honrado pelo povo, alcançando sem esforço o primado do poder, Alcibíades relaxou-se tal esses atletas que, triunfando facilmente em todas as lutas, descuidam de todo exer-
25 cício. Depois, orgulhosos de seu nascimento, soberbos de sua riqueza, ébrios do próprio poder, amolentados por uma turba de indulgentes, corrompidos de tantos lados ao mesmo tempo, admira que sua insolência haja transposto todos os limites? E a Sócrates é
26 que acha o acusador de imputar as faltas que cometeram?! Entretanto, quando eram jovens, numa idade em que mais que nunca deveriam ter sido desregrados e intemperantes, Sócrates conteve-os na moderação: o que o acusador não acha digno do menor louvor. Não é esta a praxe do julgador.
27 Onde o flautista, o citarista ou o mestre qualquer a quem se reproche o fato de seus discípulos, uma vez formados, se tornarem maus sob outros mestres? Onde o pai cujo filho, prudente enquanto manteve relações com um amigo, se haja pervertido na sociedade de outro, que se lembre de acusar o primeiro amigo? Pelo contrário, não o elogiará tanto mais quanto mais vicioso se tenha tornado seu filho com o segundo? Os próprios pais não são responsáveis, ainda que a seu pé, seus filhos enveredem pela senda do mal, uma vez que só lhes dêem bons exem-
28 plos. Eis como se devia julgar Sócrates. Cometeu ele próprio algum mal? Merece ser tratado como perverso. Porém, se jamais deixou de ser homem de bem, será justo acusá-lo de uma depravação que não lhe cabe? Se, em-
29 bora abstêmio do mal, houvesse assistido sem desaprová-los aos atos vergonhosos dos outros, estaria no direito de censurá-lo. Mas, tendo percebido que Crítias, enamorado de Euti-

demo, queria gozá-lo à maneira dos que abusam do próprio corpo para satisfazer seus desejos amorosos, forcejou por demovê-lo de semelhante intento, dizendo-lhe indigno de homem livre e indecente a amigo da virtude ir como mendicante solicitar algo do objeto amado, junto ao qual cumpre sobretudo fazer-se valer, e ainda mais
30 solicitar coisa oprobriosa. Crítias fazia ouvidos de mercador e não dava de si. Então se pretende haver Sócrates dito ante numerosa assistência e em presença de Eutidemo que Crítias lhe parecia ter tal ou qual semelhança com um porco, pois queria esfregar-se em Eutidemo como se esfregam os porcos
31 nas pedras. Desde então Crítias se tornou inimigo jurado de Sócrates. Nomeado um dos Trinta e monoteta com Cáricles, guardou-lhe rancor e proibiu por lei o ensino da oratória. Assim atacava Sócrates. Não tendo de que acusá-lo, carregava-o com a censura que de comum se insimula aos filósofos e caluniava-o junto à opinião pública. Porque de mim nunca ouvi Sócrates dizer o que quer que fosse que autorizasse semelhante acusação nem sei de
32 ninguém que diga tê-lo ouvido. Que a lei de Crítias era petardo endereçado contra Sócrates, de sobejo o provaram os acontecimentos. Haviam os Trinta feito morrer grande número de cidadãos dos mais ilustres e desgarrado outros tantos da trilha da justiça. Disse Sócrates, de uma feita, que muito estranharia que o guarda de um rebanho que fizesse seus bois diminuírem de número e emagrecerem, não se reconhecesse mau pastor. Mas que mais estranharia ainda se um homem colocado à testa de um Estado e cujos cidadãos tornasse menos numerosos e piores não se envergonhasse de seus atos e não conviesse ser mau magistrado.
33 Indo estas palavras ter aos ouvidos de Crítias e Cáricles, estes chamaram Sócrates a sua presença, mostraram-lhe a lei e proibiram-lhe toda palestra com os jovens. Perguntou-lhes Sócrates se 34
lhe era permitido interrogá-los sobre o que nessa proibição se lhe *afigurava* obscuro, e à sua resposta afirmativa:

— Estou pronto — disse — a obedecer às leis. Mas para que não me aconteça infringi-las por ignorância, eis o que claramente desejo saber de vós. Que entendeis, quando lhe proibis a prática, por arte da palavra? O mal ou o bem falar? Porque se vos referis à arte de bem falar, evidente é dever abster-se de bem falar. Mas se tendes em 35
vista a má oratória, claro é dever esforçar-se por bem falar.

— De vez que és tão bronco, ó Sócrates — repostou Cáricles colérico, — interdizemos-te expressamente, o que é mais claro, o conversar com os moços.

— Para evitar — volveu Sócrates — que por equívoco não observe o que me é defeso, dizei-me até que idade deve ter-se os homens por moços.

— Enquanto não tiverem acesso ao 36
senado — respondeu Cáricles, à míngua de razão suficiente. — Não fales, pois, com os jovens de menos de trinta anos.

— Então se quiser comprar alguma coisa de homem de menos de trinta anos não poderei perguntar-lhe: Quanto custa isso?

— Sim, isso se te permite — assentiu Cáricles. — Mas tens a mania, Sócrates, de viver fazendo perguntas sobre coisas que sabes, e isso é que te proibimos.

— Quer dizer que não poderei responder a um jovem que me perguntar: Onde mora Cáricles? Onde está Crí- 37
tias?

— Ainda isso se te permite — disse Cáricles.

— Sim, Sócrates — interferiu Crítias — é preciso deixar em paz os

sapateiros, carpinteiros e ferreiros. Eles estão fartos das tuas parolagens.

— Como! — exclamou Sócrates — devo, pois, renunciar às conclusões de justiça, piedade, etc., que deles tirava?

— Sim, por Júpiter! — respondeu Cáricles. — E renuncia também aos teus vaqueiros. De outra forma arriscas diminuir por tua vez o número dos bois.

38 Estas palavras denotam claramente que haviam sido inteirados do propósito sobre os bois e estavam abespinhados com Sócrates.

39 Vimos, pois, quais eram as relações entre Crítias e Sócrates e suas disposições mútuas. Eu não hesito em dizer impossível aprender com mestre que não nos agrade. Ora, Crítias e Alcibíades freqüentavam Sócrates, não porque este lhes agradasse, mas por abrigarem a esperança de governar o Estado. Enquanto se mantiveram a seu lado, procuraram aproximar-se sobretudo dos que se achavam ligados aos
40 negócios políticos. Assim, diz-se que Alcibíades, antes dos vinte anos de idade, teve com Péricles seu tutor e primeiro cidadão de Atenas, esta conversa em torno das leis:

41 — Diz-me, Péricles, podes ensinar-me o que é uma lei?

— Naturalmente — respondeu Péricles.

— Ensina-me então, em nome dos deuses — tornou Alcibíades. — Pois ouço elogiarem certos homens por seu respeito às leis e me parece que sem saber o que seja uma lei jamais se poderia merecer tal encômio.

42 — Se é isso o que desejas saber, fácil é satisfazer-te, Alcibíades — disse Péricles —: Chama-se lei toda deliberação em virtude da qual o povo reunido decreta o que se deve fazer ou não.

— E que ordena ele que se faça, o 43
bem ou o mal?

— O bem, rapaz, por Júpiter! e nunca o mal.

— E quando, em lugar do povo, é, como numa oligarquia, uma reunião de algumas pessoas que decreta o que se deva fazer, como se chama isso?

— Tudo o que após deliberação ordena o poder que dirige um Estado se chama lei.

— Mas se um tirano que governa um Estado ordena aos cidadãos fazer tal ou qual coisa, trata-se ainda de lei?

— Sim, tudo o que ordena um tirano que detém o poder se chama lei.

— Que é então, Péricles, a violên- 44
cia e a ilegalidade? Não é o ato pelo qual o mais forte, em vez de persuadir o mais fraco, constrange-o a fazer o que lhe apraz?

— Essa a minha opinião — conveio Péricles.

— Portanto, toda vez que, em lugar de usar da persuasão, um tirano força os cidadãos por um decreto, será ilegalidade?

— Assim o creio. Errei, pois, dizendo sejam leis as ordens de um tirano que não emprega a persuasão.

— E quando a minoria não usa da 45
persuasão junto à multidão, mas abusa de seu poder para forjar decretos, chamaremos a isso violência ou não?

— Tudo o que se exige de alguém sem empregar a persuasão, trate-se ou não de um decreto, parece-me antes violência que lei.

— E tudo o que, exercendo o poder, impuser a multidão aos ricos sem o emprego da persuasão será ainda antes violência que lei?

— Bravos! Alcibíades! — exclamou Péricles. — Nós também, na tua 46
idade, éramos hábeis em semelhantes matérias. Tomávamo-las por tema de declarações e argumentações, tal como presentemente fazes comigo.

— Lamento, Péricles, não ter podido palestrar contigo nessa época em que ganhavas a mão a ti mesmo! — rematou Alcibíades.

47 Apenas se julgaram mais hábeis que os administradores da cidade, Crítias e Alcibíades deixaram a companhia de Sócrates, com quem nunca simpatizaram e que os feria fazendo-lhes sentir as próprias faltas, e abraçaram a política, motivo de sua ligação com
48 ele. Já Críton, Querefonte, Querécrates, Hermócrates, Símias, Cebes, Fédon e tantos outros de seus discípulos dele se acercaram, não para se formarem na eloqüência da ágora ou do tribunal, mas para se tornarem homens virtuosos e conhecerem seus deveres para com sua família, seus parentes, servidores, amigos, pátria, concidadãos: e jamais nenhum deles, nem na juventude nem em idade mais avançada, praticou o mal nem disso foi acusado.

49 Mas Sócrates — diz seu acusador — destruía nas crianças o respeito filial, convencendo seus discípulos de que os tornava mais hábeis que seus pais, dizendo-lhes que a lei permite encarcerar o pai convicto de loucura, para provar o que dizia que ao homem instruído assiste o direito de encadear
50 o ignorante. Longe disso, achava Sócrates que o indivíduo que sob capa de ignorância acorrentasse outro, merecia ser acorrentado a seu turno pelo primeiro que soubesse mais que ele. Eis por que examinava de cotio em que difere a ignorância da loucura, parecendo-lhe não se proceder erradamente encarcerando os loucos — em seu próprio interesse e de seus amigos — ao passo que os ignorantes devem aprender o de que necessitam da boca dos que sabem.

51 Não só aos pais — prossegue o acusador — mas também aos outros parentes ensinava Sócrates seus discípulos a desrespeitarem, dizendo que quando se está doente ou empenhado num processo de nada valem os parentes e sim os médicos ou os advogados. Do mesmo modo, falando dos amigos, 52
dizia que de nada nos serve sua benevolência, se não nos aproveita. Que só merecem nossa estima os que sabem o que é preciso saber e no-lo podem ensinar. E como persuadia os jovens de que era muito sábio e muito hábil em tornar os outros sábios, convencia-os, em proveito próprio, a não agasalharem a menor estima a seus semelhantes. Não ignoro usasse 53
Sócrates dessa linguagem ao falar dos pais, parentes e amigos: aventava que após a deserção da alma devemos apressar-nos em fazer desaparecer o corpo do ente inda o mais querido, pois unicamente naquela reside a inteligência. Enquanto vivo — dizia — o 54
homem corta com as próprias mãos ou faz cortar por outrem o que em seu corpo, objeto de sua mais viva afeição, lhe parece inútil e supérfluo. Assim os homens cortam de vontade própria as unhas, os cabelos, as calosidades. Entregam-se aos médicos para que os cortem e queimem, com dores e sofrimentos indizíveis e ainda se crêem na obrigação de recompensá-los. Afinal cospem a saliva o mais longe possível da boca, porque de nada lhes serve o guardá-la, sendo até prejudicial. Assim 55
falando, não exortava a enterrar o pai vivo nem cortar-se a si mesmo em pedaços, mostrando que o que é inútil deve ser desprezado, instava seus discípulos a envidarem todos os esforços por tornar-se o mais *sóbrios e úteis* possível, a fim de que, se desejassem granjear a estima dos pais, irmãos ou não importa quem, não se fiassem apenas nos liames parentescos, mas procurassem ser úteis àqueles cuja estima ambicionassem.

Pretende o acusador que Sócrates 56
escolhesse os trechos mais perigosos dos grandes poetas e os utilizasse

como argumentos para formar seus discípulos no crime e na violência. Assim, quando citava este verso de Hesíodo: *Não a ação, mas a inação é que é vergonhosa,* seria para mostrar o poeta animando a não deixar passar nenhuma oportunidade, justa ou injus-
57 ta, e de tudo aproveitar-se. Longe disso a verdade. Reconhecendo ser a ação útil e honrosa ao homem e a inação prejudicial e vergonhosa, uma um bem e a outra um mal, dizia que aqueles que praticam o bem agem e agem como deve agir-se, enquanto chamava ociosos os que jogam dados ou se dedicam a outras ocupações condenáveis e funestas. Assim compreendido, nada mais verdadeiro que o verso: *Não a ação, mas a inação é que é vergonhosa.*
58 Acrescenta ainda o acusador que Sócrates citava freqüentemente estes versos de Homero, onde se diz de Ulisses que *Quando via um rei, um herói de escol, detinha-o com palavras de lisonja: "Filho dos deuses, não fujas como um covarde, senta-te e faze sentar tua grosseira falange". Mas se topava com um reles soldado a vociferar, batia-lhe com o cetro e rude e altivamente lhe dizia: "Senta-te! mísero, ouve a palavra de quem vale mais que tu, raça inútil e frívola, covarde no combate, zero no conselho!"* Tais versos explicá-los-ia Sócrates como se o poeta tivesse aprovado que se maltratasse aos ple-
59 beus e aos pobres. A verdade, porém, é que Sócrates nunca disse semelhante coisa, do contrário teria crido se devesse maltratá-lo a ele próprio: dizia que os homens que nada valem tanto no conselho como na ação, incapazes, quando necessário, de prestar seu concurso ao exército, ao Estado, à nação e, não obstante, prenhes de atrevimento, devem ser reprimidos por todos
60 os meios, inda que ricos. Muito pelo contrário, Sócrates mostrava-se abertamente amigo do povo e filantropo. De feito, cercado de numerosos discípulos, atenienses e estrangeiros, jamais auferiu proveito algum desse comércio, transmitindo a todos e sem reserva o que sabia. Alguns deles venderam caríssimo a outros o que dele haviam recebido gratuitamente e não foram como ele amigos do povo, atento haverem recusado suas lições aos que não lhas podiam pagar. Assim, muito mais exaltou Sócrates a nossa República 61
que Licas a dos lacedemônios. Licas tinha sua mesa aberta aos forasteiros que as gimnopédias atraíam à Lacedemônia. Sócrates, espargindo seu tesouro durante todo o curso de sua vida, prestou o maior dos serviços a todos os que dele quiseram quinhoar, devolvendo melhores os que o procuravam.

Senhor de tal caráter, minha convic- 62
ção é que Sócrates merecia de nossa cidade não a morte, porém, honras. Julgai o fato à luz das leis e haveis de concordar comigo. Passível da pena de morte, segundo as leis, é quem for surpreendido roubando, furtando roupas, cortando bolsas, arrombando paredes, vendendo seus semelhantes, pilhando templos: todos crimes de que mais que ninguém se absteve Sócrates. Excitou sedições ou ocasionou derro- 63
tas? Maculou-se em alguma traição ou outro crime qualquer? Esbulhou alguém de seus haveres? Lançou alguém na desgraça? Não, jamais foi acusado de nenhum destes crimes. Como, 64
então, poderia ser submetido a julgamento, ele que, longe de pretender a inexistência dos deuses, como o incrimina o auto de acusação, mais que ninguém foi respeitoso da divindade? Longe de corromper os jovens, como lhe censura a acusação, extirpava aos olhos de todos as paixões de seus discípulos e trabalhava por inspirar-lhes o amor à virtude, essa deidade tão bela e tão sublime que fez florescerem as cidades e os lares. Assim procedendo, como não mereceu as maiores honras de sua pátria?

Capítulo III

1 Como Sócrates me parecia ser útil a seus discípulos, já pelo procedimento, já pela palavra, eis o que passo a relatar, alinhavando o melhor que possa minhas recordações. No que se refere aos deuses, havia-se e falava de conformidade com as respostas que dá a Pítia aos que interrogam sobre como se deve proceder em relação aos sacrifícios, às honras que é vezo render aos antepassados, etc. Declara a Pítia, por um oráculo, que quem quer que sobre esse ponto proceda conformemente às leis da pátria procede piedosamente. Ora, assim procedia e instigava Sócrates os outros a que procedessem, tendo todos aqueles que se portassem diferentemente na conta de indivíduos excên-
2 tricos e insensatos. Pedia aos deuses simplesmente que lhe concedessem os bens, convicto de que melhor que nós sabe a divindade quais são eles: pedir-lhes ouro, dinheiro, poder e o mais que por aí segue, seria o mesmo, dizia, que indagar-lhes o resultado de um lanço de dados, de um combate ou coisas
3 incertas que tais. Modesto em suas oferendas, modestos como eram seus haveres, nem por isso julgava ficar abaixo dos ricos que, senhores de largas posses, ofertam vítimas de avantajado tamanho e em grande número. Indigno dos deuses, dizia, seria aceitarem as grandes benesses com maior prazer que as pequenas, pois assim mui freqüentemente as dádivas dos maus lhes seriam mais gratas que as dos bons. Por sua vez, o homem estimaria a vida bem pouca coisa, se os dons das pessoas virtuosas fossem menos agradáveis aos deuses que os dos maus. Ao contrário, achava ele serem as oferendas das pessoas mais piedosas as que melhor sabem à divindade. Por isso louvava este verso:

Ofertai aos deuses imortais segundo vossas posses. E pretendia ser este um excelente preceito que observar para com os amigos, os hóspedes e em todas as circunstâncias da vida: "...ofertai segundo vossas posses". Se lhe parecia 4
receber algum aviso dos deuses, seria mais fácil decidi-lo a tomar por guia um cego ignorante do caminho em vez de um homem clarividente e conhecedor do itinerário que fazê-lo proceder contrariamente a esse aviso. Loucos chamava aos que, para pôr-se ao abrigo da má opinião dos homens, vão de encontro aos avisos dos deuses, os quais tinha em muito maior conta que
tudo o que parte do homem. Afizera o 5
corpo a regime tal que, tirante o caso de intervenção do Alto, quem o seguisse viveria completamente isento de inquietudes e perigos, tendo sempre com que ocorrer a suas modestas necessidades. Era tão frugal que não

sei de pessoa que não pudesse trabalhar o bastante para ganhar o que contentava Sócrates. Não comia senão enquanto tivesse prazer, fazendo-o com disposição tal que o apetite lhe servia de condimento. Toda bebida lhe sabia agradavelmente, porque jamais
6 bebia sem ter sede. Se, convidado, ia a um banquete, facílimo lhe era observar o que à maior parte dos homens se antolha tão penoso, o não entregar-se a excessos. Aos que não eram capazes de fazer outro tanto, aconselhava não comer sem apetite nem beber sem sede. São tais demasias — aditava — que fazem mal ao estômago, cabeça e espí-
7 rito. E ajuntava, brincando, que Circe[3] empregava a abundância de iguarias para transformar os homens em porcos, e que aos conselhos de Mercúrio, à sua natural temperança e à abstinência dos excessos da mesa devera Ulisses o haver-se furtado à metamorfose. Assim casava o chistoso ao sério.

8 No tocante ao amor, aconselhava a fugir resolutamente a sociedade das pessoas belas. Não é fácil — dizia — manter-se prudente em seu comércio. Vindo a saber, certa vez, que Critobulo, filho de Críton, roubara um beijo ao filho de Alcibíades, mancebo de rara formosura, teve com Xenofonte, em presença de Critobulo, esta entrefala:

9 — Dize-me, Xenofonte, não tinhas Critobulo na conta de jovem sábio antes que de amoroso indiscreto, homem prudente antes que insensato e temerário?

— Certamente — conveio Xenofonte.

— Pois bem, considera-o, doravante como o mais impulsivo e arrojado dos homens, capaz de desafiar o ferro e afrontar o fogo.

10 — Que o viste fazer — indagou Xenofonte — para acusá-lo dessa maneira?

— Pois não teve a temeridade de furtar um beijo ao filho de Alcibíades, jovem de tamanha beleza e frescor?

— Ora, isso é ato de temerário! — retrucou Xenofonte. — Estou que eu 11
próprio bem poderia cometer semelhante temeridade.

— Desgraçado! — exclamou Sócrates. — Imaginas o que te sucederia se beijasses uma pessoa jovem e bela? Ignoras que de livre, num momento te tornarias escravo? Que pagarias caro prazeres perigosos? Que já não terias ânimo de perquirir o que é o belo e o bem? Que haverias de dar cabeçadas como um louco?

— Por Hércules! — retrucou Xe- 12
nofonte — que terrível poder emprestas a um beijo!

— Admira-te? — perguntou Sócrates. — Não sabes que as tarântulas, que não são maiores que u'a moeda de meio óbolo[4], com o só tocar os lábios causam ao homem dores tremendas e privam-no da razão?

— Por Júpiter! bem o sei: — replicou Xenofonte — mas é que ao picar a carne as tarântulas insinuaram-lhe um não sei quê.

— Insensato! — bradou Sócrates 13
— não desconfias haver no beijo de uma pessoa jovem e bela algo que teus olhos não vêem? Ignoras que esse monstro que se chama uma pessoa louçã e formosa é tanto mais temível que a tarântula, quanto esta fere tocando ao passo que a outra, sem tocar, mas, pelo só aspecto, lança à distância um não sei quê que põe em delírio? Talvez até seja porque os jovens belos firam de longe que se dá o nome de archeiros aos amores. Aconselho-te,

[3] Cf. a narração de Homero na *Odisséia*, canto X. (N. do E.)

[4] Moeda ateniense com o valor de 1/6 da dracma, pesando 72 centigramas. (N. do E.)

pois, Xenofonte, que quando vires uma pessoa bela, fujas, sem sequer te voltares. E a ti, Critobulo, receito-te viajar um ano inteiro: todo este tempo mal dará para curar tua picada.

14 Era pois de parecer, em amor, que aqueles que não pudessem reprimir seu ardor o mitigassem como a tudo a que o espírito só atende em caso de imperiosa necessidade do corpo, necessidade cuja satisfação não deve, todavia, impor à alma o menor constrangimento. Quanto a ele, estava tão bem armado contra tais delírios, que se afastava das pessoas jovens e bonitas com mais facilidade que outros das pessoas feias e disformes.

15 Eis como se portava em face do beber, do comer e dos prazeres dos sentidos. E além de expor-se muito menos aos sofrimentos, cria experimentar tanto prazer em satisfazer-se como os que compram o gozo ao preço de mil tormentos.

CAPÍTULO IV

1 Se, como por conjetura muitos escrevem e dizem, crê alguém possuísse Sócrates o maior talento para convidar os homens a ingressarem na senda da virtude, porém fosse incapaz de os fazer trilhá-la, que examine não só as questões por que confundia, à guisa de correção, os que pretendiam tudo saber, como também as práticas que diariamente entretinha com seus discípulos, e então, julgue se era ou não capaz de tornar melhores os que com
2 ele tratavam. Referirei, de começo, a conversa que lhe ouvi acerca da divindade com Aristodemo, por alcunha o Pequeno. Soubera ele que Aristodemo não oferecia aos deuses sacrifícios nem preces, que não se socorria da adivinhação e até chufeava dos que observam tais práticas.

— Dize-me, Aristodemo — interpelou-o — haverá homens que admires pelo talento?

3 — Por certo.

— Nomeia-os.

— Na poesia épica admiro sobretudo Homero, no ditirambo Melanípedes, na tragédia Sófocles, na estatuária Policleto, na pintura Zêuxis.

4 — Quais são, a teus olhos, mais dignos de admiração, os artistas que fazem imagens sem razão e sem movimento ou os artistas que criam seres inteligentes e animados?

— Por Júpiter! os que criam seres animados, desde que tais seres não sejam obra do acaso, mas uma inteligência.

— Das obras sem destinação manifesta e daquelas cuja utilidade é incontestável, quais consideras como produto do acaso ou de uma inteligência?

— Justo é perfilhar a uma inteligência as obras que tenham fim de utilidade.

— Não te parece então que aquele 5
que, desde que o mundo é mundo, criou os homens lhes haja dado, para que lhes fossem úteis, cada um dos órgãos por intermédio dos quais experimentam sensações, olhos para ver o que é visível e ouvidos para ouvir os sons? De que nos serviriam os olores se não tivéssemos narículas? Que idéia teríamos do doce, do amargo, de tudo o que agrada ao paladar, se não existisse a língua para os discernir? Ao 6
demais, não achas dever olhar-se como ato de previdência que sendo a vista um órgão frágil, seja munida de pálpebras, que se abrem quando preciso e se fecham durante o sono; que para proteger a vista contra o vento, estas pálpebras sejam providas de um crivo de cílios; que os supercílios formem uma goteira por cima dos olhos, de sorte que o suor que escorra da testa não lhes possa fazer mal; que o ouvido re-

ceba todos os sons sem jamais encher-se; que em todos os animais os dentes da frente sejam cortantes e os molares aptos a triturar os alimentos que daqueles recebem; que a boca, destinada a receber o que excita o apetite, esteja localizada perto dos olhos e das narículas, de passo que as dejeções, que nos repugnam, têm seus canais afastados o mais possível dos órgãos dos sentidos? Trepidas em atribuir a uma inteligência ou ao acaso todas essas obras de tão alta previdência?

7 — Não, por Júpiter! — respondeu Aristodemo — parece, sem dúvida, tratar-se da obra de algum artífice sábio e amigo dos seres que respiram.

— E o desejo inspirado às criaturas de se reproduzirem, e o desejo inspirado às mães de alimentarem o próprio fruto, e neste fruto o maior amor à vida e o mais profundo temor da morte?

— Evidentemente tudo isso são obras de um ente que decidira existissem animais.

8 — Crês-te um ser dotado de certa inteligência e negas existir algo inteligente fora de ti, quando sabes não teres em teu corpo senão uma parcela da vasta extensão da terra, uma gota da massa das águas, e que tão-somente uma parte ínfima da imensa quantidade dos elementos, entra na organização do teu corpo? Pensas haver açambarcado uma inteligência que conseguintemente inexistiria em qualquer outra parte, e que esses seres infinitos em relação a ti em número e grandeza sejam mantidos em ordem por força ininteligente?

9 — Sim, por Júpiter! pois não lhes vejo os autores como vejo os artífices das nossas obras.

— Tampouco vês tua alma, senhora de teu corpo: de sorte que poderias dizer nada fazeres com inteligência, mas tudo fazeres ao acaso.

10 Aristodemo: — Claro, Sócrates, que não desprezo a divindade. Mas creio-a muito grande para ter necessidade de meu culto.

— Contudo — retorquiu Sócrates — quanto maior for o ente que se digna de tomar-te sob sua tutela tanto mais lhe deves homenagens.

— Pois olha, se achasse que os deu- 11
ses se ocupam dos homens, não os negligenciaria.

— Como! Julgá-lo que não, se, antes de mais nada, só ao homem, dentre todos os animais, concederam a faculdade de se manter de pé, postura que lhe permite ver mais longe, contemplar os objetos que lhe ficam acima e melhor guardar-se dos perigos! Na cabeça colocaram-lhe os olhos, os ouvidos, a boca. E enquanto aos outros animais davam pés que só lhes permitem mudar de lugar, ao homem presentearam também com mãos, com o auxílio das quais realizamos a maior parte dos atos que nos tornam mais felizes que os brutos. Todos os animais 12
têm língua: a do homem é a única que, tocando as diversas partes da boca, articula sons e comunica aos outros tudo o que queremos exprimir. Deverei falar dos prazeres do amor, cuja faculdade, restrita para todos os outros animais a uma estação do ano, para nós se estende ininterruptamente até a velhice? Nem se satisfez a divindade 13
em ocupar-se do corpo do homem, mas, o que é o principal, deu-lhe a mais perfeita alma. Efetivamente, qual o outro animal cuja alma seja capaz de reconhecer a existência dos deuses, autores deste conjunto de corpos imensos e esplêndidos? Que outra espécie além da humana rende culto à divindade? Qual o animal capaz tanto quanto o homem de premunir-se contra a fome, a sede, o frio, o calor, curar as doenças, desenvolver as próprias forças pelo exercício, trabalhar por adquirir a ciência, recordar-se do que viu,

14 ouviu ou aprendeu? Não te parece evidente que os homens vivem como deuses entre os outros animais, superiores pela natureza do corpo como da alma? Com o corpo de um boi e a inteligência de um homem não se estaria em melhor condição que os seres apercebidos de mãos mas desprovidos de inteligência. Tu, que reúnes essas duas vantagens tão preciosas, não crês que os deuses se carpem de ti? Que será preciso então que façam para convencer-te?

15 — Que me enviem, como dizes que te enviam, avisos sobre que deva ou não fazer.

— Quando falam aos atenienses que os interrogam por meio da adivinhação, julgas que não falam a ti também? Da mesma forma, quando por prodígios manifestam sua vontade aos gregos, a todos os homens, serás tu o 16 único esquecido? Pensas que se não tivessem poder para tanto, os deuses teriam incutido nos homens a crença de poderem distribuir o bem e o mal, e que os homens, por eles enganados há tantos séculos ainda não o teriam percebido? Não vês que as instituições humanas mais antigas e mais sábias — estados e nações — são também as mais religiosas, que as épocas mais lúcidas são também as de maior pieda- 17 de? Saiba, meu caro, que tua alma aposentada em teu corpo, governa-o como lhe apraz. Mister é acreditar, portanto, tudo dispor a seu grado a inteligência que habita o universo. Quê! tua vista pode abranger um raio de vários estádios e os olhos da divindade não poderiam tudo abarcar ao mesmo tempo! Teu espírito pode ocupar-se simultaneamente do que se passa aqui, no Egito, na Sicília, e a inteligência da deidade não seria capaz de em tudo pensar a um só tempo! Certo, se obsequiando os homens, 18 aprendes a conhecer os que também são suscetíveis de obsequiar-te; se prestando-lhes serviços, vês os que por seu turno estão dispostos a retribuir-te; se deliberando com eles, distingues os que são dotados de prudência: assim também, rendendo homenagem aos deuses, verás até que ponto estão dispostos a esclarecer os homens sobre o que nos ocultaram, conhecerás a natureza e a grandeza dessa divindade que tudo pode ver e ouvir contemporaneamente, estar presente em toda parte e de tudo ocupar-se ao mesmo tempo.

Tenho para mim que, assim falando, 19 Sócrates ensinava seus discípulos a se absterem de toda a ação ímpia, injusta e reprovável, não somente em presença dos homens como também na soledade, visto convencê-los de que nada do que fizessem escaparia aos deuses.

CAPÍTULO V

1 Se a temperança é para o homem uma bela e útil aquisição, vejamos se a ela não exortava Sócrates quando dizia: "Cidadãos, se nos sobreviesse uma guerra e quiséssemos escolher um homem capaz antes de tudo de salvar-nos e subjugar o inimigo, escolheríamos alguém que soubéssemos escravo do próprio estômago, do vinho, dos prazeres do amor, da moleza e do sono? Como poderíamos esperar que semelhante homem nos salvasse e
2 triunfasse do inimigo? Se ao termo da existência desejássemos confiar a alguém a educação de nossos filhos, a honra de nossas filhas, a administração de nossos bens, veríamos o intemperante digno de tal confiança? Entregaríamos a um escravo intemperante a guarda de nossos rebanhos, de nossos celeiros, a gerência de nossos trabalhos? Aceita-lo-íamos ainda que gratuitamente como intendente e pro-
3 vedor? E se não quereríamos nem se*quer um escravo* intemperante, como não temermos parecer com ele? De fato não se pode dizer que, da mesma forma que esbulhando os outros de seus bens crê o avaro enriquecer, seja o intemperante prejudicial aos outros mas útil a si próprio: ao contrário, se faz mal aos outros mais ainda o faz a si mesmo, pois o que é mais pernicioso que arruinar, ao mesmo tempo que sua casa, o corpo e a alma? No comércio 4
da vida, quem gostaria de um homem que a seus amigos prefere o vinho e a boa mesa, a seus companheiros as mulheres prostituídas? Não é um dever, para todo aquele que saiba ser a temperança o cimento da virtude, o encastoá-la antes de tudo na própria alma? Sem ela, como discernir o bem e 5
praticá-lo dignamente? O escravo das próprias paixões não degrada vergonhosamente o corpo e o espírito? Parece-me, por Juno!, que todo homem livre deve pedir aos deuses não venha a ter um escravo tal, e todo escravo das próprias paixões encontre bons senhores; do contrário estará perdido". Eis o 6
que dizia, e suas ações mais que suas palavras testemunhavam sua temperança: sobranceiro não somente aos prazeres dos sentidos como também ao que busca a riqueza, achava que receber dinheiro do primeiro que aparece é comprar um senhor e sujeitar-se à mais ignominiosa servidão.

CAPÍTULO VI

1 Convém não calar a conversação que teve com o sofista Antifão. Certo dia Antifão, que queria tomar a Sócrates seus discípulos, interpelou-o e disse-lhe na presença deles:

2 — Eu pensava, Sócrates, que os que professam a filosofia, fossem mais felizes. Muito outro, porém, parece ser o fruto que colhes da filosofia. Vives de tal guisa que não há escravo que deseje viver sob tal senhor. Alimentas-te das viandas mais grosseiras, bebes as mais vis beberagens. Cobre-te um manto chamboado, que te serve no 3 verão como no inverno. Não tens calçado nem túnica. Sem embargo, não aceitas nenhum oferecimento de dinheiro, por agradável que seja recebê-lo e muito embora proporcione vida mais independente e aprazível. Se, 4 pois, como todos os mestres formas os teus discípulos à tua semelhança, podes considerar-te um professor de miséria.

Ao que Sócrates respondeu — Fazes, creio, Antifão, tão triste idéia de minha existência, que preferirias morrer a viver como eu. Ora bem, examinemos por que achas minha vida tão 5 penosa. Será porque, ao contrário dos que, exigindo salário, são obrigados a fazer o que lho rende, eu que nada recebo não sou forçado a falar com quem não queira? Achas minha vida miserável por que minha alimentação seja menos sã ou menos nutritiva que a tua? Porque meus alimentos sejam É difíceis de obter que os teus, os quais são mais raros e mais delicados? Porque os manjares que preparas te saibam melhor ao paladar que os meus a mim? Não sabes que quem come com apetite não tem necessidade de condimento, que a quem bebe com prazer, fácil é prescindir da bebida que não tem? Quanto às vestes, sabes que 6 quem as muda não o faz senão por causa do frio e do calor; que se se calçam sapatos, é para que os pés não sejam impedidos no andar pelo que os possa ferir. Viste-me alguma vez entocado em casa por causa do frio? disputar, no verão, a sombra a alguém, ou impossibilitado de ir aonde quisesse por ter os pés feridos? Ignoras que gra- 7 ças a certos exercícios pessoas fracas de corpo se tornam mais fortes e os suportam mais facilmente do que aquelas que, nascidas mais fortes, foram descuidadas? Não crês que eu, que avezei meu corpo a resistir a todas as influências, não sofra melhor que tu, que não te exercitaste? Se não sou 8 escravo do ventre, do sono, da volúpia, é porque conheço prazeres mais doces que não deleitam apenas no momento, mas fazem esperar vantagens contínuas. Sabes que sem a esperança do

sucesso nenhum prazer experimentamos, de passo que, se se pensa lograr bom êxito, seja na agricultura, seja na navegação, seja em outra profissão qualquer, a ela nos dedicamos com tanto júbilo como se já houvéssemos
9 triunfado. Pois bem, julgas que esta felicidade iguale a que nos dá a esperança de nos tornarmos melhores a nós próprios e aos nossos amigos? Tal é, contudo, a opinião em que persisto! Se for preciso servir aos amigos, ou à pátria, quem para tanto terá mais lazer, aquele que vive como eu ou aquele que esposa o gênero de vida de que te vanglorias? Quem fará a guerra mais a seu grado, aquele que não pode dispensar u'a mesa suntuosa ou aquele que se contenta com o que tenha à mão? Quem capitulará mais depressa, aquele que tem necessidade de iguarias difíceis de obter ou aquele que se contenta
10 com os alimentos mais triviais? Pareces, Antifão, colocar a felicidade nas delícias e na magnificência. De mim, penso que de nada necessita a divindade. Que quanto menos necessidades se tenha, mais nos aproximamos dela. E como a divindade é a própria perfeição, quem mais se avizinhar da divindade, mais próximo estará da perfeição.

De outra feita, disse Antifão a
11 Sócrates.

— Sócrates, creio-te justo, mas não de todo sábio. Aliás parece-me comungares comigo nesta opinião. Não aceitas dinheiro por tuas lições. Entretanto, a ninguém darias nem venderias por preço inferior ao que valem teu manto, tua casa nem nada do que possuis e que reputas de algum valor. Claro é que, se estimasses igualmente
12 tuas lições, far-te-ias pagar o que valem. És, portanto, honesto, de vez que não enganas por cupidez, porém não sábio, já que nada sabes que valha o que quer que seja.

Ao que Sócrates respondeu 13

— Antifão, não é coisa corrente entre nós poder fazer-se tanto da beleza quanto da sabedoria emprego honesto ou vergonhoso? Quem chatina com a beleza com quem lha queira pagar se chama um prostituído. Mas aquele que, conhecendo um homem amante da virtude, procura fazer-se seu amigo, consideram-no sensato. O mesmo sucede em relação à sabedoria: os que com ela traficam com quem lha queira pagar se chamam sofistas ou prostituídos. Aquele, porém, que reconhecendo em outrem um bom caráter lhe ensina tudo o que sabe de bem e se faz seu amigo, reputam-no fiel aos deveres do bom cidadão. Assim, Antifão, ao 14
passo que outros gostam de possuir um bom cavalo, um cão, um pássaro, gosto eu e muito mais, de ter bons amigos. Ensino-lhes tudo o que sei do bem, aditando tudo o que os possa ajudar a se fazerem virtuosos. Os tesouros que nos legaram os antigos sábios em seus livros, percorro-os de conversa com meus amigos. Se encontramos alguma coisa boa, recolhemo-la e regozijamo-nos de ser úteis uns aos outros.

Ouvindo estas palavras, eu via em Sócrates um homem feliz que virtuosos fazia os que o escutavam.

De outra vez, perguntando-lhe Anti- 15
fão por que razão, se se gloriava de tornar os outros hábeis na política, não se ocupava ele próprio desta ciência, que pretendia conhecer:

"Que será preferível, Antifão, respondeu Sócrates, consagrar tão-somente a minha pessoa à política ou dedicar meus cuidados a tornar grande número de indivíduos capazes de a ela vacarem?"

Capítulo VII

1 Vejamos ainda se, ao desviar seus discípulos da fatuidade, Sócrates os levava à prática da virtude. Pois costumava dizer que não há mais belo caminho para a glória que um homem de bem ser o que realmente deseja parecer. Assim provava a verdade de sua
2 asserção:

Imaginemos — dizia — um indivíduo que quisesse passar por bom tocador de flauta sem o ser de fato. Que faria? Não deveria macaquear os bons flautistas em tudo o que forma o exterior da sua arte? Primeiro, como os bons artistas possuem belos instrumentos, e cercam-se de numerosos acólitos, ele faria o mesmo. Depois, como numerosos encomiadores lhes celebram os talentos, procurar-se-ia grande número de encomiadores. Que nunca, porém, se metesse a tocar flauta, do contrário pronto se cobriria de ridículo e todos se capacitariam ser não somente mau artista como impostor. E se despendesse muito, nada ganhasse e de inhapa ainda perdesse a reputação, não viveria vida miserável,
3 inútil e ridícula? Da mesma forma, se um homem quisesse passar por hábil piloto e bom general sem o ser realmente, vejamos o que lhe aconteceria. Querendo passar por homem capaz de preencher tais funções e não conseguindo convencer ninguém, não seria infeliz? E convencendo, não o seria mais ainda? Com efeito, encarregado do comando de um navio ou posto à cabeça de um exército, perderia aqueles mesmos que quisera salvar e se retiraria coberto de vergonha e desprezo.

Demonstrava Sócrates igualmente 4
nada haver mais perigoso para um homem que dar-se por mais rico, mais forte, mais corajoso do que realmente é. Se lhe confiam encargos que desbordam de suas forças, não podendo executar o de que parecia ser capaz não fará jus à menor indulgência. Insigne 5
embusteiro chamava àquele que se apodera do dinheiro ou o que quer que lhe tenham confiado, mas embusteiro maior ainda o homem sem valor que empreende convencer os outros de ser capaz de dirigir o Estado. Excelente para afastar seus discípulos do charlatanismo se me afigurava a linguagem de Sócrates.

LIVRO II

CAPÍTULO I

1 Antolhava-se-me, ademais, que com semelhantes discursos Sócrates afazia seus discípulos à abstinência em face da boa carne, do vinho, da lubricidade, do sono, e à resistência ao frio, ao calor, à fadiga. Sabedor de que um deles se entregava a rédeas soltas a todos esses excessos.

— Dize-me, Aristipo — interpelou-o — se te cometessem a educação de dois jovens, um para se tornar apto a governar, outro para ser simples cidadão, como formarias um e outro? Queres que comecemos nosso exame pela alimentação, isto é, pelos primeiros elementos?

— Naturalmente — respondeu Aristipo — porquanto a alimentação me parece ser o princípio da educação; sem alimento, impossível viver.

2 — Provavelmente, então à hora das refeições ambos pediriam de comer?

— Não resta a menor dúvida.

— Qual habituaríamos, pois, a ocupar-se de um negócio urgente antes de satisfazer o apetite?

— Por Júpiter! o destinado a governar, a fim de que os negócios do Estado não se paralisassem durante sua gestão.

— E quando quisessem beber, não seria ainda a esse que acostumaríamos a resistir à sede?

— Seguramente.

— E se fosse preciso vencer o sono, 3
ser capaz de deitar tarde, levantar cedo e velar, a qual dos dois o ensinaríamos?

— Ainda ao mesmo.

— Pois bem, a quem ensinaríamos a abster-se dos prazeres do amor, para que não o impedissem de agir no momento necessário?

— Sempre ao mesmo.

— Qual afaríamos a não fugir ao trabalho, mas enfrentá-lo com gosto?

— O educado para governar, evidentemente.

— Ora, vejamos, se há uma ciência que ensine a triunfar dos adversários, a quem conviria ensiná-la?

— Por Júpiter! ao que se destinasse a mandar. Porque sem tal ciência de nada lhe valeriam as outras.

— Não te parece então que um 4
homem assim educado estaria muito menos exposto a se deixar prender pelos inimigos do que o estão os animais? Efetivamente, uns, engodados pela gulodice, atraídos, a despeito de sua desconfiança, pelo desejo e pelo cevo, lançam-se sobre a isca e são presos. Outros encontram armadilhas na água onde vão beber.

— De fato — conveio Aristipo.

— Outros, vítimas de seu calor amoroso, como as codornizes e as perdizes, aliciados à voz da fêmea pelo de-

sejo e a esperança do prazer, perdem e caem nos laços.

5 — Ainda é verdade.

— Não te parece uma vergonha rebaixar-se o homem à condição dos mais estúpidos animais? Por exemplo, os adúlteros, que penetram em aposentos fechados, muito embora saibam expor-se o delinqüente à ameaça da lei, a embarrancar-se em uma armadilha, a ver-se cobrir de infâmia. A despeito destes males e deste opróbrio reservado ao adultério, a despeito de todos os meios por que podem mitigar sem risco seus apetites amorosos, atiram-se, cabeça baixa, ao perigo. Não é proceder como verdadeiro doido?

6 — Assim penso.

— De vez que a maior parte das ocupações obrigatórias do homem se exercem ao ar livre, como a guerra, a agricultura e outras igualmente importantes, não achas desmarcada negligência o não se endurecerem muitos homens contra o frio e o calor.

7 — Certamente.

— Quer dizer que quem queira mandar deve afazer-se a suportar sem pena um e outro? Indubitavelmente. Então, se alinhamos entre os homens capazes para mandar os que sofrem com constância todas essas incomodidades, não devemos classificar as pessoas incapazes de fazê-lo entre as inaptas para o mando?

— De acordo.

— Pois bem, já que conheces o lugar que merece cada uma dessas duas classes de homens, já examinaste em qual delas te colocarias?

8 — Quanto a mim — disse Aristipo — estou longe de formar entre os que aspiram ao mando. Quando já é tão penoso provermos a nossas próprias necessidades, parece-me redonda insensatez o não nos contentarmos com isso e ainda nos impormos o fardo de prover às de nossos concidadãos. Recusar-se a si mesmo tantas coisas que se desejam e por-se à cabeça do Estado para depois ser chamado à barra do tribunal por não se fazer tudo o que quer a cidade, não é o cúmulo da loucura? Porque, ao cabo de tudo, pre- 9
tendem as cidades servir-se de seus governantes como eu de meus escravos. Quero que meus escravos me preparem com abundância tudo o que me é necessário, mas que em nada toquem. Acham as cidades deverem os governantes procurar-lhes toda sorte de bens, de que eles próprios se absterão. Aqueles, pois, que querem dar-se a um mundo de serviços e oferecê-los aos outros, formá-los-ei como dissemos e os alinharei entre as pessoas aptas a mandar. Quanto a mim, formo com aqueles cujo desejo é levar a vida mais doce e agradável.

Então Sócrates: 10

— Queres, pois, examinemos quem leva vida mais agradável, governantes ou governados?

— Com todo o gosto — respondeu Aristipo.

— Primeiramente, dentre os povos que conhecemos, na Ásia os persas mandam, os sírios, frígios e lídios obedecem. Na Europa mandam os citas, os meotos lhes estão sujeitos. Na Líbia governam os cartagineses, os líbios são governados. Desses povos, quais julgas vivam mais agradavelmente? E dentre os gregos, entre os quais te encontras, quais parecem levar vida mais agradável, os que mandam ou os que obedeçem?

— Mas — disse Aristipo — tam 11
pouco entendo reduzir-me à escravidão. Parece-me existir um caminho intermédio, que forcejo por trilhar, entre o poder e a servidão: a liberdade, que mais seguramente conduz à felicidade.

— Muito bem — disse Sócrates. — Se esse caminho que não passa entre o

poder e a servidão tampouco passasse através dos homens, talvez tivesse
12 algum valor o que dizes. Mas se, vivendo entre os homens, não quiseres nem mandar, nem obedecer, nem servir de bom grado os que mandam, penso não ignorares que os mais fortes sabem fazer gemerem os mais fracos, seja em massa, seja um a um, e escravizá-los.
13 Não vês os que colhem as searas que outros semearam, cortam as árvores que outros plantaram, infligem toda espécie de violência aos fracos e aos que recusam servir, até fazê-los preferir a escravidão à luta com mais fortes? E entre os particulares, não sabes que os corajosos e os fortes avassalam a seu proveito os poltrões e os impotentes?

— Para não passar por isso não me fixo em nenhuma cidade, mas em toda parte sou estrangeiro.

14 Então Sócrates:

— Propões-me, certo, um artifício maravilhoso. Porque desde que Sínis, Cirão e Procusto morreram, os forasteiros não são maltratados por ninguém. Mas hoje os governantes dão leis a sua pátria para se porem ao abrigo da injustiça. Criam, além do que se chamam os laços naturais, amigos que lhes servem de auxiliares. Cintam as cidades de muralhas, reúnem exércitos para repelir as agressões injustas e até cuidam de alianças no exterior: não obstante nem todas estas precauções os preservam do insulto. E tu que nada
15 disso tens, que passas quase todo o tempo nos longos caminhos onde se comete o maior número de assaltos, tu que em qualquer cidade a que chegues és mais pequeno que o último dos cidadãos, tu que enfim te encontras numa situação em que mais que em outra qualquer a gente está exposto à injustiça, imaginas a ela subtrair-te graças a tua qualidade de forasteiro? Será porque as cidades te assegurem publicamente o direito de entrar e sair que acalentas essa confiança? Ou crês que a nenhum senhor seria útil um escravo de tua espécie? Quem quereria, com efeito, ter em casa um homem que nada quer fazer e se compraz com a vida mais suntuosa? Vejamos, a propósito, como procedem os senhores em 16
relação a tais servidores. Não lhes corrigem a gulodice pela fome? Não os impedem de furtar pondo sob chave tudo o que poderiam surrupiar? De fugir, carregando-os de cadeias? A preguiça não a reduzem ao trabalho a chicotadas? Que fazes tu mesmo quando percebes ter um doméstico dessa laia?

— Inflijo-lhe todas as correções até constrangê-lo a servir-me. Mas Sócra- 17
tes, os que são educados para o ofício de rei, que pareces considerar a felicidade, em que diferem dos que padecem por necessidade, se voluntariamente se condenam a suportar a fome, a sede, o frio, as vigílias e outras fadigas? Por mim não vejo que diferença há entre ter eu a pele rasgada por um vergalho a bem ou a mal de meu grado, e que meu corpo, queira-o eu ou não, padeça toda espécie de violências. Não é ser além de louco fazer voluntariamente cabeça baixa a estes sofrimentos?

— Com que então, Aristipo —, volveu Sócrates — não vês esta diferença 18
entre os males voluntários e os que não o são, que aquele que consente em passar fome desde que o queira pode comer, que quem se condena à sede desde que o queira pode beber, e assim para o mais que segue, de passo que o homem que padece por necessidade, poderá ele, quando o quiser, cessar de sofrer? Demais, quem sofre voluntariamente se consola de seus males com uma doce esperança, como vemos os caçadores suportarem bizarramente as fadigas pela esperança de uma captura. Semelhante recompensa é bem pouca 19

coisa para suas penas. Mas os que trabalham para ter bons amigos ou para triunfar dos inimigos, para robustecer o corpo e a alma e assim bem gerir sua casa, fazer bem aos amigos, prestar serviços à pátria, como não crer que com tais alvos diante dos olhos suportem com prazer todas as fadigas e vivam felizes, contentes de si próprios, louvados e invejados dos outros homens? Mais: os hábitos de indolência e os prazeres fáceis não podem, no dizer dos ginastas, dar boa compleição ao corpo nem fazer penetrar no espírito nenhum conhecimento apreciável. Ao invés, os exercícios que querem constância nos conduzem à prática de belas e boas ações, como dizem os grandes homens. Disse algures Hesíodo[5]: *O vício é sedutor e fácil, seu caminho lhano e breve. Antes da virtude, porém, colocaram os deuses o suor, e a vereda que leva ao cimo é áspera, fragosa e árdua: ganhando-se o alto, todavia, aplaina-se o caminho.*

O mesmo testemunho presta Epicarmo neste verso: *A felicidade é um bem que nos vendem os deuses.* Diz ainda alhures: *Malvado, foge à indolência ou teme a dor.*

As mesmas idéias exprime o sábio Pródico sobre a virtude em sua obra sobre Hércules, de que fez diversas leituras públicas. Eis, ao que me lembra, pouco mais ou menos o que diz. Conta que Hércules, apenas dobrara a infância, nessa idade em que os jovens, já senhores de si, deixam ver se entrarão na vida pelo caminho da virtude ou do vício, retirou-se para a solidão e sentiu-se incerto quanto à via a escolher. Duas mulheres de avantajada estatura apresentaram-se-lhe ao olhar: uma decente e nobre, o corpo ornado de sua natural pureza, os olhos grávidos de pudor, o exterior modesto, as vestes brancas; a outra toda nediez e moleza, a pele caiada a fim de aparentar cores mais brancas e mais vermelhas, procurando, na postura, parecer mais esbelta do que naturalmente o era, os olhos escancelados; um adereço estudado para realçar seus encantos, mirando-se sem cessar, observando se a contemplavam e a todo momento voltando a cabeça para admirar a própria sombra. Aproximando-se de Hércules, enquanto a primeira conservava o mesmo andar, a segunda, querendo antecedê-la, correu para o jovem herói e disse-lhe:

"Vejo-te, Hércules, incerto do caminho a seguir na vida. Se me quiseres tomar por amiga, conduzir-te-ei pela estrada mais agradável e fácil, provarás todos os prazeres e viverás livre de pena. Primeiro não te ocuparás de guerras nem negócios, mas não cessarás de examinar que iguarias e que bebidas melhor te sabem ao paladar, os objetos que possam deleitar-te os olhos e os ouvidos, acariciar-te o olfato ou o tato, que afeição terá mais encantos para ti, como dormirás mais docemente, como poderás procurar todos estes prazeres com o menor esforço. Se receias venha a faltar-te o necessário para te dares tais doçuras, não temas que eu te obrigue a trabalhar e a penar de corpo e espírito para os adquirires; aproveitarás do trabalho alheio e não te absterás do que quer que possa proporcionar-te ganho: porque dou aos que me seguem a faculdade de em toda parte obter vantagens".

Hércules, após ouvir estas palavras, indagou-lhe:

"Mulher, qual é teu nome?"

"Meus amigos — respondeu ela — chamam-me a Felicidade, e meus

[5] Poeta dos meados do século VIII a. C.; com sua poesia didática de inspiração religiosa *(Teogonia)* e moral *(Trabalhos e Dias)* exerceu profunda influência no mundo grego dos séculos seguintes.

inimigos, para dar-me nome odioso, chamam-me a Perversidade".

27 Aí a outra mulher, adiantando-se, disse-lhe:

"Eu também venho a ti, Hércules; conheço os que te deram à luz e desde tua infância penetrei-te o caráter. Assim espero que se tomares o caminho que traz a mim, serás um dia autor ilustre de belos e gloriosos feitos e eu própria me verei mais honrada e considerada dos homens virtuosos. Não te iludirei com promessas de prazeres: expor-te-ei o que existe com verdade e
28 tal qual o dispuseram os deuses. Do que há realmente honesto e belo, nada concedem os deuses aos homens sem sacrifício e diligência. Queres que os deuses te sejam propícios? Preiteia-os. Ambicionas a estima de teus amigos? Beneficia-os. Desejas que uma nação te honre? Serve-a. Queres que a Grécia inteira admire teu valor? Procura ser-lhe útil. Desejas que a terra te prodigalize seus frutos? Cultiva-a. Preferes enriquecer com rebanhos? Apascenta-os. Aspiras a fazer-te grande pela guerra? queres tornar livres teus amigos e triunfar de teus inimigos? Aprende a arte da guerra com aqueles que a conhecem, exercita-te em pôr-lhes em prática as lições. Desejas adquirir força física? Habitua o corpo ao império da inteligência e tempera-o no trabalho e no suor".

29 Aí a Perversidade retomando, no dizer de Pródico:

"Compreendes, Hércules — disse-lhe — quão penoso e longo é o caminho da felicidade que te propõe essa mulher? Enquanto eu, é por estrada fácil e breve que te conduzirei à ventura".

30 Então a Virtude:

"Mísera! — exclamou — que bens possuis? Que prazeres podes conhecer, tu que nada queres fazer para comprá-los? Sequer deixas nascer o desejo: farta de tudo antes de ter desejado coisa alguma, comes antes da fome, bebes antes da sede. Para comer com prazer, vives à caça de cozinheiros. Para beber com prazer, procuras beber vinhos caríssimos e no verão corres a toda parte em busca de neve. Para dormir agradavelmente, procuras cobertas macias e leitos flexíveis. Porque não é o cansaço e sim a ociosidade que te faz desejar o sono. Em amor, provocas a necessidade antes de senti-la, usas de mil artifícios e te serves tanto de homens como de mulheres. Assim é, em verdade, que formas teus amigos. À noite os degradas e de dia os adormeces durante os instantes mais precio-
sos. Imortal, foste rechaçada pelos 31
deuses e os homens de bem te desprezam. Nunca te acariciou os ouvidos o mais adulador dos sons, o de um louvor, nem jamais contemplaste uma boa ação praticada por ti. Quem daria fé a tuas palavras? Quem te socorreria na precisão? Qual o homem de bom senso que ousaria misturar-se a teu bulhento cortejo? Os que te seguem, se jovens, são impotentes de corpo; velhos, têm a alma embrutecida. Nédios na juventude, por via da ociosidade, emagrecem ao peso de trabalhosa velhice. Envergonhados do que fizeram, atormentados do que têm de fazer, borboletearam na primavera da vida de prazer em prazer e diferiram as penas para o
outono da existência. Eu, ao contrário, 32
estou com os deuses, estou com os homens de bem: entre os deuses como entre os mortais nenhuma bela ação se faz sem mim. Mais que ninguém, recebo eu dos deuses e dos homens legítimas honras, companheira querida que sou do trabalho do artesão, guardiã fiel da casa do senhor, protetora benévola do servidor, gentil associada nos trabalhos da paz, aliada constante nas labutas da guerra, intermediária devotada
da amizade. Meus amigos saboreiam 33

com prazer e sem confeição alimentos e bebidas, porque esperam o desejo para comer e beber. O sono lhes é mais agradável que aos ociosos; interrompem-no sem pesar e não lhe sacrificam seus negócios. Jovens, sentem-se felizes dos elogios dos anciãos. Velhos, recebem ditosos os respeitos da juventude. Recordam com deleite as ações pretéritas e realizam prazerosos o que lhes resta fazer. Por virtude minha, são amados dos deuses, caros aos amigos, honrados da pátria. Ao soar a hora fatal, não dormem em olvido sem honra, mas sua memória esplende celebrada de evo em evo. Aí está, Hércules, filho de pais virtuosos, como, trabalhando, podes alcançar a suma felicidade".

Eis pouco mais ou menos como 34
narra Pródico a lição dada a Hércules pela Virtude, conquanto ornasse seus pensamentos de expressões mais nobres que as por mim usadas neste momento. Reflete, Aristipo, e trabalha por gizar a conduta que observarás para o resto da existência.

CAPÍTULO II

1 Tendo percebido que Lâmprocles, o mais velho de seus filhos, andava às testilhas com a mãe:

— Dize-me, filho — perguntou-lhe — sabes existirem certos homens a que se chama ingratos?

— Sei — respondeu o jovem.

— Sabes também por que recebem este nome?

— Sim. Chamam-se ingratos aqueles que receberam benefícios e que, podendo-o não testemunham reconhecimento.

— Não sabes que se classificam os ingratos entre os homens injustos?

— Sei-o.

2 — Por ventura te perguntaste a ti mesmo, se assim como é injusto escravizar os amigos e justo avassalar os inimigos, será injusto ser ingrato para com os amigos e justo sê-lo aos inimigos?

— Naturalmente. E' tenho por injusto quem não se esforça por dar prova de reconhecimento a um benfeitor, seja amigo ou inimigo.

— Pois bem! se assim é, então a ingratidão é pura injustiça.

Lâmprocles conveio.

3 — E não será um homem tanto mais injusto quanto mais ingrato se mostrar ao receber mais benefícios?

Ainda uma vez Lâmprocles concordou.

— Pois bem! quem mais cumulado de benefícios que os filhos o são dos pais? São os pais que os fazem transitar do nada ao ser, ao espetáculo de tantas maravilhas, à fruição de tantos bens com que nos presentearam os deuses: bens que se nos figuram tão preciosos que nosso maior temor é perdê-los. Por isso estatuíram as cidades a pena de morte contra os maiores crimes, como o castigo mais tremendo para suster a injustiça. Sem dúvida não 4
crerás ser unicamente pelos prazeres do amor que os homens procuram ter filhos, pois as ruas e as casas regurgitam de meios de se satisfazerem. Longe disso, vêem-nos considerar quais as mulheres que nos darão os mais belos filhos, e é a elas que nos unimos para realizar nossa esperança. Então o 5
esposo tem de sua mão aquela que o ajuda a tornar-se pai; acumula previamente para os futuros filhos tudo o que crê lhes seja útil na vida, fazendo a mais ampla provisão possível. A mulher recebe e carrega esse fardo que a faz pesada e lhe põe os dias em perigo; dá ao filho parte da própria substância; depois, ao cabo de gestação e de parto cheio de dores, cria-o e desvela-se, sem nenhuma tenção, sobre um filho que não sabe de quem lhe vêm tais cuidados que sequer pode dar a entender o de que necessita, de passo

que a mãe procura adivinhar o que lhe convém, o que pode agradá-lo, e que ela fomenta dia e noite, ao preço de mil fadigas e sem saber qual será a paga de
6 seus sofrimentos. E não é só o alimento: Logo que os julgam em idade de aprender alguma coisa, comunicam-lhes os pais todos os conhecimentos úteis que possam ou os confiam aos cuidados de alguém que creiam mais capazes de ensiná-los, não poupando despesas nem cuidados para que seus filhos se tornem os melhores possíveis.

7 Ao que retorquiu o jovem:

— Sim, certo ela fez tudo isso e até mil vezes mais. Porém não há quem lhe suporte o mau humor.

Volveu Sócrates:

— Não achas o humor selvagem de uma besta mais insuportável que o de u'a mãe?

— Não, pelo menos de mãe qual a minha.

— Terá te mordido ou dado alguma patada, como soem fazer as bestas?

8 — Mas, por Júpiter! diz coisas que nem ao preço da vida se quereriam ouvir.

— E tu — disse Sócrates —quantos dissabores insuportáveis não lhe causaste desde a infância, já com palavras, já com atos, ora de dia, ora de noite? Quantas aflições não lhe deram tuas doenças?

— Pelo menos nunca lhe disse nem fiz nada de que ela tivesse de corar.

9 — Quê! ser-te-á mais penoso ouvir o que ela diz do que aos comediantes ouvir as injúrias que mutuamente se prodigalizam nas tragédias?

— Mas, penso, como não julgam que aquele que os ofende o faça por mal, nem que aquele que os ameaça os ameace seriamente, facilmente suportam o que lhe dizem.

— E tu, que sabes muito bem que tua mãe, diga-te o que te disser, não o diz por mal, mas quereria ver-te feliz como ninguém, te irritas contra ela? Pensas então seja tua mãe para ti uma inimiga?

— Claro que não. 10

Aí Sócrates:

— Então, esta mãe que te ama, que quando enfermas te dispensa todos os cuidados para devolver-te à saúde, que se desvela para que nada te falte, que pede aos deuses te prodigalizem seus benefícios e cumpre os votos que por ti fez, queixas-te de seu mau humor? Quero crer que se não suportas semelhante mãe o próprio bem te é insuportável. Mas dize-me, achas que se deva 11
ter atenções para com todos ou não procurar comprazer a ninguém, a ninguém obedecer, nem a um estratego nem a não importa que magistrado?

— Por Júpiter! há obedecer.

— Pois bem — disse Sócrates — 12
sem dúvida quererás agradar teu vizinho para que, em caso de necessidade, te acenda o fogo, te faça bons ofícios, em caso de acidente, acuda de bom grado em teu socorro?

— Está visto.

— Será indiferente termos por amigos ou inimigos um companheiro de viagem, de navegação ou qualquer que seja? Ou achas que nos devamos dar ao trabalho de ganhar-lhe as graças?

— Claro que sim. 13

— Como! estás pronto a ter atenções para com todos esses estranhos e não crês devê-las à tua mãe, que te quer mais que a ninguém! Ignoras que o Estado faz vista grossa a todas as outras ingratidões, não as persegue e deixa impunes os obrigados mal agradecidos, porém castiga aquele que não respeita os pais, o degrada e exclui das magistraturas, persuadido de que semelhante indivíduo jamais seria capaz de oferecer com santidade os sacrifícios públicos nem praticar boa e honrada ação? E, por Júpiter! se um cida-

dão não honrou o túmulo dos pais mortos, pede-lhe contas o Estado nos inquéritos abertos sobre os futuros
14 magistrados. Se, pois, és prudente, filho meu, temeroso que as deidades te olhem como ingrato e te recusem seus favores, rogar-lhes-ás te perdoem as ofensas à tua mãe. Quanto aos homens, cuidarás em que, sabedores de tua falta de respeito para com teus pais, não te desprezem todos e te deixem sem amigos. Porque se suspeitassem foras ingrato para com teus pais, quem te creria capaz de reconhecer um benefício?

Capítulo III

1 Querefonte e Querécrates, dois irmãos, conhecidos seus, não iam lá muito um com o outro. Tendo-o notado e topando certo dia com Querécrates, interrogou-o:

— Dize-me, Querécrates, acaso não serias desses homens que reputam as riquezas mais estimáveis que os irmãos, muito embora às riquezas faleça razão, enquanto um irmão é ser razoável; elas precisam ser defendidas, ao passo que ele pode defender-nos; elas são em número infinito e ele único? Coisa não menos estranha é
2 crer-se alguém esbulhado por não possuir os bens dos irmãos, quando ninguém considera dano as riquezas dos concidadãos, por não possuí-las. Prefere-se viver cercado de amigos e gozar, sem temor, de recursos suficientes do que viver só e fruir na insegurança as posses de todos os concidadãos: a tanto, ao tratar-se de irmãos, desconhece-se esta verdade. De outra parte,
3 os que o podem compram escravos para ajudar-se de seus trabalhos, buscam amigos para ter apoio, porém negligenciam os irmãos, como se fosse possível encontrar amigos entre patrícios e não o fosse entre os irmãos. Sem
4 embargo, que melhor título para a amizade que haver nascido juntos, se até os animais têm uma espécie de ternura para os que se alimentaram do mesmo leite? Quando por mais não fosse, os homens respeitam mais e mais receiam ofender aqueles que têm irmãos do que os que não os têm.

Ripostou Querécrates:

— Certo, Sócrates, se a desinteli- 5
gência fosse pequena, seria justo suportar o irmão e dele não se afastar por motivos insignificantes: porque como dizes, grande bem é um irmão, quando tal qual deve ser; mas quando falta a todos os deveres, quando se mostra de todo em todo o contrário do que é de esperar, como tentar o impossível?

— Vejamos, Querécrates — tornou 6
Sócrates —, Querefonte desagrada a toda gente como a ti ou há pessoas a quem compraza?

— Precisamente por isso, Sócrates, tenho razão de odiá-lo: sabe agradar os outros ao passo que a mim em vez de me ser útil só sabe desgostar-me com atos e palavras.

— Não será — prosseguiu Sócra- 7
tes — que tal o corcel que derruba o cavaleiro inábil que tenta montá-lo, refuga um irmão ao irmão sem tato que dele intenta servir-se?

— Como — replicou Querécrates 8
— não saberia eu lidar com meu irmão, se a boas palavras sei responder com boas palavras, a bons ofícios com bons ofícios? Todavia, se alguém toma

a assinatura contra mim não sei dizer-lhe palavra de agrado nem prestar-lhe um benefício, e sequer o tento.

9 Ao que respondeu Sócrates:

— Estranho tuas palavras, Querécrates. Se tivesses um cão, guarda fiel de teus rebanhos, que festejasse teus pastores mas rosnasse à tua aproximação, em lugar de te pores colérico procurarias amansá-lo com bons tratos; e teu irmão, que reconheces grande bem desde que bem disposto para contigo, tu que campas de reto no falar e obrar não procuras concitar-lhe a afeição?

10 — Receio, Sócrates — disse Querécrates — não ser suficientemente hábil para bem animá-lo em relação a mim.

— Entretanto — volveu Sócrates — parece-me não haver necessidade de empregares artifícios numerosos e extraordinários. Os que conheces serão bastante para ganhar-lhe a estima.

11 — Possuirei eu, sem o saber, algum filtro para isso?

— Dize-me, que farias se quisesses que alguém de teu conhecimento, oferecendo um sacrifício, te convidasse para jantar?

— Evidentemente começaria eu próprio por convidá-lo, quando sacrificasse.

12 — E se quisesses levar um de teus amigos a gerir teus negócios quando viajasses, que farias?

— Quando se ausentasse, seria o primeiro a encarregar-me dos seus.

13 — E que farias, se quisesses dispor um estrangeiro a receber-te quando fosses a sua cidade?

— Obviamente seria o primeiro a dar-lhe acolhida quando viesse a Atenas; e se quisesse que me auxiliasse a despachar os negócios para que fora a sua terra, evidentemente seria o primeiro a fazer-lhe outro tanto.

14 — Como? conheces todos os filtros de que dispõem os homens e deles fazes mistério há tanto tempo! Será que crerias desonrar-te, prevenindo teu irmão com bons tratos? Entretanto, olha-se como homem digno de todos os elogios o que sabe ser o primeiro em estorvar os inimigos e servir os amigos. Julgasse eu Querefonte mais apto que tu a dar o exemplo destas boas disposições, e tê-lo-ia induzido a dar os primeiros passos para conquistar tua amizade; tenho-te, porém, por mais capaz de encetar esta obra.

Retorquiu Querécrates:

15 — Francamente, Sócrates, teus conselhos me admiram. Dizes coisas indignas de ti: queres que eu, o mais jovem, tome a iniciativa. No entanto, entre todos os povos o contrário é que voga. Em tudo tem o mais velho o primeiro passo, seja para a ação, seja para a palavra.

16 — Quê! — exclamou Sócrates — consoante o uso universalmente estabelecido não é o mais jovem que deve ceder o caminho ao mais velho, levantar-se se sentado, dar-lhe a honra de um leito mais macio e deixá-lo falar primeiro? Não tergiverses, meu caro. Trata de adoçar teu irmão, que pronto se renderá. Não vês como ele é nobre e generoso? As almas tacanhas compram-se com presentes. As almas generosas conquistam-se com mostras de amizade.

Querécrates:

17 — E se apesar disso ele não se tornar melhor para comigo?

— Que arriscas com isso? — retomou Sócrates — se não mostras que és um espírito nobre e bom irmão enquanto ele é vil e indigno de afeto? Mas não creio que nada disso aconteça. Apenas se sinta provocado a esta luta ele forcejará por vencer-te em generosidade. De feito, ora estás como 18 estariam as duas mãos, feitas pelos deuses para se ajudarem reciproca-

mente, se esquecessem esta destinação para se atrapalharem uma a outra, ou como estariam os dois pés, pela providência feitos para trabalhar de concerto, se ao revés deste fim procurassem
19 entravar-se mutuamente. Não seria o cúmulo da ignorância e demência mudar em detrimento nosso o que se fez para nossa utilidade? Parece-me que os deuses, em criando dois irmãos, tiveram em vista sua utilidade recíproca mais ainda que a das mãos, dos pés, dos olhos e do mais de que deram aos homens a parelha fraternal. As mãos não poderiam pegar ao mesmo tempo duas coisas distantes mais de uma toesa, uma da outra, nem os pés separar-se um do outro mais de uma toesa[6]. Os próprios olhos, que se nos afiguram de alcance muito mais extenso, não podem ver simultaneamente de frente e de trás os objetos mais próximos. Porém dois irmãos que se amem, seja qual for a distância que os separe, podem obrar de mão comum e servir-se mutuamente.

[6] Antiga medida de 6 pés, ou seja 1,98 m. (N. do E.)

Capítulo IV

1 De outra feita falando Sócrates da amizade, ouvi-lhe dizer coisas utilíssimas para aprender a adquirir amigos e com eles tratar. Dizia ouvir muita gente estribilhar ser um amigo seguro e virtuoso o mais precioso de todos os bens, mas de tudo se ocuparem menos
2 da aquisição de amigos. Via, dizia, toda gente empenhar-se em adquirir casas, campos, escravos, rebanhos, móveis e esforçar-se por conservar o que possui. Mas um amigo, que se diz o mais precioso de todos os bens, não via ninguém cuidar de adquiri-lo e, uma vez adquirido, de conservá-lo.
3 Adoecesse um escravo, via, dizia, mandarem buscar médicos e tudo fazerem para volvê-lo à saúde. Enfermasse um amigo, não moviam uma palha. Morresse um escravo, choravam-no e olhavam-lhe a morte como uma perda. *Morresse um amigo* e nada creriam ter perdido. Não descuram nenhum de seus bens, porém negligenciam os amigos que necessitam de seus cuidados.
4 Agregava a isto que a maior parte dos homens conhece muito bem, por extenso que seja, o rol de tudo o que possuem; quanto aos amigos, por poucos que sejam, não só lhes ignoram o número, mas quando se lhes pergunta quantos têm, embaraçam-se na enumeração, tanto se importam com os amigos! No entanto, qual o bem comparável a um amigo sincero? Qual o cavalo, qual a parelha tão útil como um bom amigo? Qual o escravo tão devotado, tão fiel? Qual o bem tão proveitoso? Um bom amigo está sempre pronto a substituir-se ao amigo em tudo o que preciso for, seja na gestão de seus negócios particulares, seja nos assuntos do Estado; queira este prestar um serviço a alguém, ele lhe vem em auxílio; possua-o algum temor, acode em seu socorro, contribuindo para suas despesas e com ele laborando, de concerto com ele empregando a persuasão ou a violência, deleitando-o no abatimento. Os serviços que a cada um de nós nos prestam as mãos, o que são os olhos para o ver, os ouvidos para o ouvir, os pés para o andar, não sobejam ao que faz um amigo delicado. E muita vez o que nós mesmos não fizemos, não vimos, não ouvimos, fá-lo um amigo por nós. Homens há, não obstante, que por causa do fruto se consagram de corpo e alma à cultura de árvores, sobreolhando, indolentes, o mais frutuoso dos bens — o amigo.

CAPÍTULO V

1 Outro dia, ouvi-o usar de linguagem capaz de fazer o ouvinte entrar em si mesmo e considerar qual o grau de estima que merecia de seus amigos. Sabedor de que um de seus discípulos abandonava um amigo na indigência, dirigiu-se a Antístenes em presença desse amigo indigno e de muitas outras pessoas:

2 — Dize-me, Antístenes, haverá preço para os amigos como o há para os escravos? Entre os escravos um vale duas minas[7], outro nem meia; esta vale cinco, aquele seis. Diz-se até que Nícias, filho de Nicerato pagou um talento[8] pelo intendente de suas minas de prata. Vejamos, pois, se assim como existe preço para os escravos, existe para os amigos.

3 — Claro que sim — disse Antístenes. — Há tal homem cuja amizade eu preferiria a duas minas, outro por quem não daria meia mina, outro por quem daria até dez minas, outro por quem daria todas as minhas riquezas e rendas.

4 — Assim sendo — respondeu Sócrates —, bem seria que cada um examinasse a que preço deve ser estimado pelos amigos e se esforçasse por valer o mais possível, a fim de correr menos o risco de ser abandonado. A todo instante ouço dizer a um que o amigo o traiu, a outro que por uma mina se viu desprezado pelo homem que julgava amigo. À vista de tudo isso, perguntome a mim mesmo se, da mesma forma que se vende um mau escravo pelo preço que se encontra, não se deve pôr à venda e vender um mau amigo desde que ofereçam mais do que vale. Vejo, porém, que nunca se vendem os bons escravos e jamais se abandonam os bons amigos.

[7] Mina: moeda de 100 dracmas; 10 minas de prata fazem 1 mina de ouro; 60 minas de prata, 1 talento. (N. do E.)

[8] Cf. nota 7. (N. do E.)

Capítulo VI

1 Plenos de bom senso me pareciam também os conselhos que dava acerca dos predicados que se devem procurar nos amigos, quando dizia:

— Dize-me, Critobulo, se precisássemos de um bom amigo, o que deveríamos considerar em primeiro lugar? Antes de tudo, não deveríamos procurar um homem que soubesse dominar o próprio ventre, o desejo da bebida, da lubricidade, do sono, da indolência? Porque aquele que obedece a todos estes pendores nada faz de útil nem a si mesmo nem a um amigo.

— Por Júpiter! seria incapaz.

— Não achas, pois, que se deva fugir de homem escravizado por tais paixões?

— Acho.

2 — O perdulário incapaz de bastar-se a si mesmo, sempre necessitado dos outros, que pede emprestado e não paga, que se ofende se não lhe emprestam, não te parece também amigo muito incômodo?

— Certamente.

3 — Deveríamos, pois, afastar-nos igualmente de tal homem?

— Deveríamos.

— E aquele que sabe aumentar seus haveres, mas desejoso de entesourar grande riqueza e por isso mesmo difícil de tratar nos negócios, mais amigo de receber que de devolver?

— Parece-me pior ainda que o anterior — disse Critobulo.

— E o aurissedento cuja única 4 preocupação é excogitar meios de ganho?

— Acho que também deve ser evitado, pois seria inútil a um amigo.

— E o rixoso pronto a criar para os amigos uma legião de inimigos?

— E homem de fugir, por Júpiter!

— E o homem que, sem ter nenhum desses defeitos, deixa que lhe façam o bem sem lembrar-se de retribuir?

— Também seria inútil. Mas então, Sócrates, quem devemos procurar para amigo?

— Aquele, penso, que tenha as qua- 5 lidades contrárias: senhor dos apetites sensuais, fiel a seus juramentos, condescendente nos negócios, que não fique atrás dos que o beneficiem, pronto a servir quem o sirva.

— Mas como, Sócrates, nele reco- 6 nhecer tais qualidades antes de pô-lo a prova?

— Para julgar os estatuários — disse — não vamos atrás de suas palavras: fiamo-nos em quem haja executado belas estátuas, certos de que outras fará igualmente belas.

— Queres dizer que se um homem 7 proceder bem com os amigos que já teve, de certo procederá da mesma forma com os que vier a ter?

— Sim. Um picador que eu visse montar bem alguns cavalos, crê-lo-ia capaz de com outros fazer outro tanto.

8 — Seja. Mas tendo um homem nos parecido digno de nossa amizade, como fazê-lo amigo?

— Antes de mais nada — disse Sócrates — há mister consultarmos os deuses e ver se nos aconselham a fazê-lo nosso amigo.

— Pois bem — prosseguiu Critobulo — uma vez confirmada nossa escolha pelo consentimento dos deuses, poderás dizer-me como caçaremos nosso amigo?

— Por Júpiter! não será nem cor-
9 rendo-lhe no encalço, como à lebre, nem com reclamo, como aos pássaros, nem de força, como aos inimigos: árdua tarefa seria conquistar um amigo contra sua vontade. Nem que o encadeássemos qual escravo, lograríamos retê-lo. Semelhante tratamento criar-nos-ia antes inimigos que amigos.

— Como, então, conseguir amigos?

10 — Dizem existir certas palavras mágicas, que, sabidas e pronunciadas, fazem amigos nossos quem quer que queiramos, filtros cujo conhecimento serve para fazer-se amar de quem se queira.

— Onde aprender essas receitas?

11 — Disse-te Homero as palavras mágicas que a Ulisses disseram as sereias. Principiam mais ou menos assim: *Aproxima-te, ilustre Ulisses, honra dos aqueus.*

— Mas, Sócrates, não é o canto com que as sereias retinham os outros homens e os impediam de fugir-lhes às seduções?

— Não. Este canto só o endereçavam aos amigos da virtude.

12 — Pareces-me dizer dever-se encantar os homens com palavras tais que não lhes pareça mofa os louvores que ouçam. De outra forma ganharíamos um inimigo e seríamos repelidos, se, para louvá-lo, fôssemos dizer a um homem que se saiba pequeno, feio e fraco, que é belo, grande e robusto. Mas não conheces outros amavios?

— Não. Ouvi dizer, porém, que Pé- 13
ricles conhecia muitos, que usava para fazer-se amado de seus concidadãos.

— E Temístocles, como fez para conquistar-lhes a amizade?

— Por Júpiter! não foi com feitiços mas cumulando-os de benefícios.

— Sem dúvida, Sócrates, queres 14
dizer que, se quisermos adquirir um bom amigo, devemos ser igualmente honestos de palavras e atos?

— Pensavas então — disse Sócrates — pudesse homem ímprobo procurar amigos virtuosos?

— É que vi — disse Critobulo — 15
maus retóricos amigos de oradores distintos, homens sem conhecimentos militares intimamente ligados aos mais hábeis generais.

— Mas, voltando ao nosso propó- 16
sito, conheces homens inúteis que tenham sido capazes de granjear amigos úteis?

— Não, à verdade. Todavia, se ao perverso é impossível travar amizade com pessoas honestas, gostaria de saber se será fácil, sendo a gente honesto, encontrar amigos entre os homens virtuosos.

— O que te embaraça, Critobulo, é 17
veres muitas vezes pessoas que praticam o bem e se abstêm do mal, longe de amigos, atacarem-se umas às outras e tratarem-se mais indignamente que os últimos dos homens.

— E não são os particulares — 18
disse Critobulo — que assim procedem. As cidades, até as que mais amam tudo o que é belo e mais abominam tudo o que é vergonhoso, freqüentemente estão em guerra umas com as
outras. Quando penso nisso, desespero 19
completamente de poder adquirir amigos. Vejo que os maus não podem

amar-se uns aos outros: efetivamente, como poderiam seres ingratos, negligentes, cúpidos, sem fé e sem freio tornar-se amigos? Os maus foram feitos antes para odiar-se mutuamente que 20 para amar-se. De mais a mais, como tu próprio o dizes, impossível formarem os maus concerto amistoso com os bons, pois qual a amizade possível entre os que fazem o mal e os que o detestam? E se até os homens que praticam a virtude se dividem para os primeiros postos das cidades, se a mútuo ódio os arrasta a inveja, onde encontrar amigos? em quem a benevolência e a fidelidade?

21 — Há em tudo isso, Critobulo — contestou Sócrates — diversas maneiras de encarar os fatos. Os homens têm naturalmente o sentimento da amizade. Necessitam uns dos outros, capitulam à piedade, socorrem-se mutuamente, compreendem-se e se mostram gratos. Mas têm também o sentimento da inimizade. Quando suas idéias sobre os bens e os prazeres são as mesmas, lutam por alcançá-los. Quando divididos pelas opiniões, combatem-se uns aos outros: a guerra nasce da disputa e da cólera; a malevolência, dos desejos 22 ambiciosos; o ódio, da inveja. Porém a amizade vence todos os obstáculos para unir os corações virtuosos: é que, graças à virtude, preferem os homens possuir em paz haveres moderados a tudo dominar pela guerra. Com fome ou sede, cordialmente dividem os alimentos e a bebida. Cobiçosos de um belo objeto, sabem resistir a si próprios para não afligir aqueles que devem res- 23 peitar. Não tomam das riquezas senão sua parte legítima, sem nenhuma idéia de cupidez, e demais auxiliam-se uns aos outros. Sabem resolver suas divergências não somente sem prejudicar-se, mas ainda com mútua vantagem, e impedir a cólera de ir até o rompimento. Enfim, repartindo suas riquezas com os amigos e olhando os bens dos outros como os seus próprios, dirimem 24 todo pretexto de inveja. Não é, pois, natural que, galgando os cargos do Estado, longe de se prejudicarem, se sirvam mutuamente os homens virtuosos? Os que desejam as honras e a autoridade em sua pátria, a fim de pilhar livremente os fundos públicos, violentar os cidadãos e viver na indolência, são corações injustos, perversos, incapazes de qualquer afeição. 25 Mas o homem que busca as dignidades para pôr-se ao abrigo de toda injustiça e prestar legítimo apoio aos amigos; que, feito magistrado, se esforça por ser útil à pátria, então este homem será incapaz de entender-se com outro cidadão virtuoso como ele? Cercado de homens virtuosos, ser-lhe-á menos fácil servir aos amigos? Apoiado pelos cidadãos honestos, será menos pode- 26 roso para fazer bem à pátria? Evidente é que, se nos combates gímnicos fosse permitido aos mais fortes reunir-se contra os mais fracos, sairiam vencedores em todas as lutas e obteriam todos os prêmios. Ora, isso não se permite. Mas se nas lutas políticas, em que os virtuosos levam a palma, não se impede um cidadão de unir seus esforços aos de outro para o bem da pátria, como não ser vantajoso, quando se tem parte no governo, cercar-se de excelentes amigos e em tudo tê-los antes por associados e colaboradores 27 que por antagonistas? Não menos evidente é que se há lutas há mister aliados, e tantos mais quanto se tenha de combater contra homens de mérito e virtude. Ora, necessário é fazer bem aos que queiram tornar-se nossos aliados, a fim de dar-lhes coragem; e antes beneficiar poucos homens virtuosos que um exército de maus, desde que os maus saem muito mais caros que as 28 pessoas de bem. Fica tranqüilo, Critobulo; procura fazer-te bom e, uma vez

bom, põe-te à caça dos corações virtuosos. Quem sabe possa eu auxiliar-te um pouco nessa perseguição, sendo como sou um coração aberto ao amor. Não imaginas, quando cobiço a amizade de alguém, como me empenho em inspirar-lhe a mesma afeição que por ele sinto, em fazê-lo comungar comigo em meu desejo, em fazê-lo amar aque-
29 les que amo. Sei que quando desejares travar alguma relação também terás necessidade dessa ciência; não me ocultes, pois, os que quiseras ter por amigos: a diligência com que procuro agradar quem me agrada, deu-me, creio, certa experiência da caça dos homens.

30 Então Critobulo:

— É, Sócrates, ciência que há muito tempo anseio por conhecer, sobretudo se me servir igualmente em relação às pessoas belas de alma e às belas de corpo.

31 — Mas Critobulo — retorquiu Sócrates — minha ciência não vai a ponto de bastar estender a mão para cativar a beleza. Estou persuadido que os homens fugiam Cila porque usava de força, ao passo que as sereias, jamais lançando mão de violência, encantavam toda gente, detinham, diz-se, e seduziam quem quer que as ouvisse.

32 — Pois bem! — disse Critobulo — não usarei de coação com ninguém; se, pois, tens algo a dizer-me sobre como conquistar amigos, fala.

— Jamais — disse Sócrates — porás boca contra boca.

— Tranqüiliza-te. Não mais comprimirei os lábios aos lábios de ninguém, a menos que belo.

— Eis-te logo de saída, Critobulo, fazendo o contrário do que se deve. Os que são belos não suportam de bom grado essas liberdades, conquanto os tolerem os feios, convencidos de que os acham belos de alma.

33 Então Critobulo:

— Pois bem, meus beijos, endereçando-se aos que são belos, só elegerão os que forem bons. Tranqüiliza-te, pois, e dize-me a arte de caçar amigos.

Então Sócrates:

— Quando quiseres ligar-te a alguém, permitirás que eu te denuncie a ele, que lhe diga que o admiras e desejarias ser seu amigo.

— Denuncia-me — disse Critobulo. — Sei que ninguém aborrece o louvor.

— E, se além disso acusar-te de, 34
atenta tua admiração, estares benevolamente disposto para com ele, não crerás que te calunie?

— De forma alguma, pois eu mesmo sinto inclinação para quem me pareça senti-la em relação a mim.

— Então poderei dizer tudo isso 35
àqueles cuja amizade ambicionares; e se me autorizares a dizer ainda seres zeloso de teus amigos, que tua maior felicidade é tê-los virtuosos, que te ufanas de suas boas ações como se fossem tuas, que te regozijas de sua prosperidade como da tua própria, que a nenhum sacrifício te poupas para assegurar-lhes o bem, que tens por máxima consistir a virtude em vencer os amigos em benefícios e os inimigos em ultrajes, — creio muito poder auxiliar-te na caça aos bons amigos.

— Por que, então — replicou Cri- 36
tobulo — falar-me assim, como se não pudesses dizer de mim tudo o que quisesses?

— Não, por Júpiter! não o posso, pois ouvi dizer um dia Aspásia que as boas casamenteiras, não falando senão verdade, são felizes no casar os homens, ao passo que de nada serviriam louvores descabidos, pois os esposos enganados se detestam mutuamente e maldizem quem os uniu. Ora, estou convencido que tinha razão e creio não poder, ao falar de ti, presentear-te com encômios imerecidos.

37 — Quer dizer, Sócrates, que se eu os merecer — continuou Critobulo — assaz me queres para ajudar-me a encontrar amigos, mas que do contrário nada imaginarias, nada dirias em meu interesse?

— Pensas então, Critobulo, que melhor te serviria fazendo-te elogios insinceros que instando-te a trabalhar
38 por ser homem de bem? Se isso não te é evidente, julga-o pelo que te vou dizer: suponhamos vá eu fazer de ti um falso elogio a um piloto de quem deseje ver-te amigo, lhe diga seres bom timoneiro, e que, confiante em mim, esse piloto entregue seus navios em tuas mãos, que jamais governaram um leme: terias alguma esperança de não perder-te ao mesmo tempo que o navio? Se da mesma forma, por força de mentiras persuadisse coletivamente toda a cidade a entregar-se a ti como a bom general, sábio jurisconsulto, hábil político, a que males, pensas, não te exporias a ti e ao Estado? Se, enfim, convencesse insuladamente alguns cidadãos a te confiarem a gestão de seus bens, após haver-lhes dito falsamente seres administrador econômico e zeloso, uma vez posto a prova não te patentearias a um tempo desastrado e ridículo? Pois bem! Critobulo, tudo 39
fazer por sê-lo — eis o caminho mais curto, mais seguro, mais digno, se queres ter fama de probo. Tudo o que os homens chamam virtude — convencer-te-á a reflexão — aumenta pelo estudo e exercício. De minha parte, Critobulo, penso ser por este lado que há mister dirigir nossa caçada. Se és de outra opinião, dize-mo.

Respondeu Critobulo:

— Corariã, Sócrates, de fazer-te qualquer objeção. Nada diria bem nem verdadeiro.

CAPÍTULO VII

1 Quando, por ignorância, seus amigos se encontravam em apuros, procurava desempeçá-los por meio de conselhos; quando, por pobreza, ensinava-os a auxiliarem-se mutuamente. Referirei também o que dele sei a tal propósito. Vendo um dia Aristarco imerso em tristeza:

— Pareces-me, Aristarco — disse-lhe — ter qualquer coisa que te pesa; é preciso repartir o fardo com os amigos; quem sabe possamos aliviar-te.

2 — Palavra de honra, Sócrates — respondeu Aristarco — estou em maus lençóis. Desde que a cidade se insurgiu e inúmeros cidadãos se retiraram para o Pireu, minhas irmãs, sobrinhas, primas, abandonadas, refugiaram-se em minha casa, de modo que somos catorze pessoas de condição livre. Nada retiramos da terra, em poder dos inimigos, nem de nossas casas, pois a cidade está quase deserta. Ninguém compra móveis, não há quem empreste dinheiro; será mais fácil achar dinheiro na rua que alguém que o forneça. É muito triste, Sócrates, ver em torno de si os parentes na miséria; impossível, em semelhantes circunstâncias, sustentar tanta gente.

3 Ao que Sócrates retorquiu:

— Como é que Ceramão, também com um mundo de gente para manter, não só encontra o bastante para si e os seus como ainda põe dinheiro de lado e enriquece, de passo que tu, tendo muitas pessoas que sustentar temes que morram todos à falta do necessário?

— Caramba! ele mantém escravos, eu pessoas livres.

— Quem reputas mais dignas de 4
estima, as pessoas livres que tens em casa ou os escravos de Ceramão?

— Claro, as pessoas livres que tenho em casa.

— Então é uma vergonha viver Ceramão na abundância com homens de cacaracá, enquanto tu, com pessoas muito mais dignas de estima, estejas na miséria?

— Não, por Júpiter! pois ele ali- 5
menta artesãos e eu pessoas de educação liberal.

— Artesãos não são os que aprenderam a fazer alguma coisa útil?

— Sem dúvida.

— A farinha não é coisa útil?

— Certamente.

— E o pão?

— Também.

— E as roupas de homens e mulheres, as túnicas, as clâmides, as exômides[9]?

[9] Túnica, lit. quitãozinho: túnica curta, sem mangas, de uso diário; clâmide: espécie de capa; exômide: espécie de túnica, com mangas, usada pelos escravos e povo simples. (N. do E.)

— Tudo isso é muito útil.

6 — E nada disso saberão fazer as pessoas que tens em casa?

— Pelo contrário, presumo.

— Então, não sabes que exercendo uma destas indústrias, fabricando farinha, Nausícides, não só se sustenta a si e as seus escravos como ainda dá de comer a grande cópia de porcos e bois, além de amealhar boas economias com que a miúdo provê às prestanças públicas? Fazendo pão sustenta Círebo toda a sua casa e vive à larga. Deméias de Cólito fazendo clâmides, Menão, clâmides, a maior parte dos megarinos, exômides, obtêm o com que viver.

— Convenho; mas todos eles compram escravos bárbaros que jungem ao trabalho a sua discrição, ao passo que eu trato com pessoas livres, minhas parentas.

7 — Como? Por serem livres e parentas tuas, achas que nada devam fazer senão comer e dormir? Julgas tenham melhor existência as outras pessoas livres que vivem em semelhante ociosidade? Senão mais felizes que as que se ocupam das coisas úteis que sabem? Pensas que a preguiça e a ociosidade ajudem os homens a aprenderem o que precisam saber, a recordar-se do que aprenderam, a dar ao corpo saúde e vigor, a adquirir e conservar tudo o que à vida é necessário, ao passo que de nada valham o trabalho e o exercí-
8 cio? Aprenderam tuas parentas o que dizes saberem como coisas inúteis à vida e de que não teriam o que fazer; ou, pelo contrário, para delas ocupar-se um dia e auferir proveitos? Quais os homens mais sábios, os que modorram na ociosidade ou os que se ocupam das coisas úteis? Quais os mais justos, os que trabalham ou os que sem nada fazerem, sonham com os meios de sub-
9 sistir? Neste momento, estou certo, não podes amar tuas parentas nem elas a ti: tu porque as olhas como peso; elas porque vêem que te pesam. É de recear que a frieza se converta em ódio e se entibie o reconhecimento do passado. Se porém, lhes impuseres uma tarefa, tu as amarás, vendo que te são úteis, elas te amarão por sua vez percebendo que te contentam. Mais agradável vos será a lembrança do passado, subirá de ponto vosso reconhecimento e assim vos tornareis melhores amigos
10 e melhores parentes. Se se tratasse de ação vergonhosa para elas, antes a morte. Mas ao que dizes, tuas parentas possuem talentos honrosíssimos, os que melhor convêm à mulher. Ora, o que se sabe faz-se com facilidade, prontidão e prazer. Não hesites, pois, em propor-lhes partido que te será tão vantajoso quanto a elas, e que sem dúvida aceitarão prazerosas.

11 — Em nome dos deuses, Sócrates — volveu Aristarco — teu conselho parece-me excelente. Não ousava pedir emprestado, sabendo que após gastar o que recebesse não teria com que restituir. Agora, para começar os trabalhos creio poder decidir-me a fazê-lo.

12 Dito e feito. Procuraram-se fundos, comprou-se lã. As mulheres jantavam trabalhando, ceavam após o trabalho e a alegria sucedera à tristeza: em vez de se olharem à esconsa, viam-se com prazer; elas amavam Aristarco como protetor. Aristarco queria-lhes por seus serviços. Por fim, este veio contar alegremente a aventura a Sócrates, dizendo-lhe que suas parentas o censuravam por ser o único da casa que comia sem fazer nada.

13 — Eh! — disse Sócrates — por que não lhes contas a fábula do cão? É fama que, no tempo em que os animais falavam, disse a ovelha para o dono:

"Estranho que a nós que te fornecemos lã, cordeiros, queijo, nada nos dês

que não sejamos obrigadas a arrancar à terra ao passo que com teu cão, que nada te dá, com ele repartes teu próprio alimento".

14 Retrucou-lhe o cão, que a ouvia:

"Por Júpiter! ele tem razão, pois sou eu que vos guardo e impeço de serdes roubadas dos homens ou arrebatadas dos lobos: não velasse eu por vós e o medo de morrer não vos deixaria pastar".

Acrescenta-se que aí consentiram as ovelhas lhes fosse o cão preferido. Vai, pois, dizer também a tuas parentas que as guardas e vigias qual o cão da fábula; que graças a ti de ninguém são insultadas e podem trabalhar jocundas e em segurança.

CAPÍTULO VIII

1 Um dia, após longa separação, topou com outro velho camarada.

— De onde vens, Eutério? — inquiriu-lhe.

— Ao fim da guerra, Sócrates, regressei de uma viagem e agora eis-me aqui. Perdi o que possuía ao de lá das fronteiras; nada me deixou meu pai na Ática e hoje, de volta, vejo-me forçado a trabalhar para viver. Antes isso que pedir a quem quer que seja, tanto mais que nada tenho para dar em penhor.

2 — E quanto tempo calculas poder trabalhar pelo pão de cada dia?

— Não muito, está se vendo.

— Entretanto, velho, é evidente que terás despesas, e ninguém quererá pagar-te por teus serviços manuais.

— Dizes verdade.

3 — Então não seria melhor te ocupares desde já de trabalhos que possam sustentar-te na velhice, dirigires-te a alguém que possua grandes propriedades e precise de quem as administre, feitore os trabalhos, o ajude a fazer entrar as colheitas, a conservar seu patrimônio, prestando-lhe serviço por serviço?

— Seria duro, Sócrates, suportar a 4
escravidão.

— Sem embargo, nem por isso os que governam as cidades e dirigem os negócios públicos são considerados mais escravos que os outros homens; pelo contrário, são tidos por mais livres.

— Afinal, Sócrates, de forma alguma quero expor-me a censuras. 5

— Certo Eutério, não é fácil encontrar trabalho que não exponha a reproches. O que quer que se empreenda, é difícil não incorrer em faltas, e ainda que não se cometam, raro é não encontrar juízes ineptos. E muito me admira que no que dizes hoje fazer fosse fácil pôr-se a forro de exprobrações. Importa-te, pois, evitar os indivíduos biliosos 6
e procurar os de espírito bem formado, encarregares-te de quanto puderes fazer, não te meteres no que não souberes e executares o melhor possível e de boa vontade tudo o que empreenderes: creio que assim procedendo, muito pouco te exporás a censuras, te aperceberás contra a miséria e deliciarás tranqüilo, folgado e galhardo o sol-pôr da existência.

CAPÍTULO IX

1 Certo dia, eu presente, ouvi Críton queixar-se ser a vida difícil em Atenas para quem quisesse ocupar-se tranqüilamente de seus negócios.

— Diariamente — dizia — intentam-me processos. Não que eu atente contra os direitos de ninguém, mas por imaginarem que prefira dar dinheiro a ver-me metido em querelas.

2 Replicou Sócrates:

— Dize-me, Críton, alimentas cães para que afastem os lobos de tuas ovelhas?

— Certamente, e acho-o prudente.

— Não consentirias, então, em manter também um homem que quisesse e pudesse conservar à distância os que procurarem prejudicar-te?

— De boa vontade, se não temesse que ele próprio se voltasse contra mim.

3 — Quê! não vês ser mais agradável e vantajoso servir um homem como tu que dele fazer-se inimigo? Sabes que aqui não faltam homens ambiciosos de tua amizade.

4 Em seguida a esta conversa encontraram Arquidemo, cidadão capaz mas pobre. Longe de ser um aproveitador, amava o bem e possuía a alma demasiadamente sobranceira para deixar-se corromper pelo dinheiro dos sicofantas. Desde logo, sempre que Críton recebia trigo, azeite, vinho, lã ou qualquer provisão das coisas necessárias que fornece o campo, dava parte a Arquidemo. Quando oferecia um sacrifício convidava-o e não o esquecia em nenhuma destas ocasiões. Arquidemo, que via na casa de Críton um refúgio seguro, a ele prendeu-se inteiramente. Bem depressa descobriu serem os sicofantas que perseguiam Críton indivíduos cobertos de crimes e terem numerosos inimigos. Citou um em juízo perante o povo para que fosse condenado a castigo corporal ou multa. Consciente das próprias malfeitorias, tudo fez o acusado para desembaraçar-se de Arquidemo, porém este não o largou enquanto o extorsor não deixou Críton em paz e não lhe deu algum dinheiro. Da mesma sorte procedeu Arquidemo em diversas circunstâncias semelhantes. Então, assim como tendo um pastor um bom cachorro se apressam os outros em pôr-lhe perto seus rebanhos, para que fiquem sob a mesma guarda, assim pediram os amigos de Críton os pusesse também sob a custódia de Arquidemo. Este de bom grado comprazia a Críton, e não só Críton como todos os seus amigos viviam em paz. E quando os inimigos de Arquidemo lhe exprobravam o ter-se feito, por interesse, adulador de Críton:

5 6 7 8

— Onde a vergonha — respondia

Arquidemo — em entreter com homens virtuosos comércio de serviços recíprocos, fazê-los amigos e opor-se aos maus, ou em tudo fazer por prejudicar as pessoas de bem e assim atrair-lhes a inimizade, mancomunar-se, ao revés, com os maus, procurar-lhes a amizade e preferir seu trato ao das pessoas honestas?

Desde então foi Arquidemo sempre estimado dos amigos de Críton, que de sua parte o incluiu em o número deles.

Capítulo X

1 Sei também que teve esta conversa com Diodoro, um de seus amigos:

— Dize-me, Diodoro, se um de teus escravos fugisse procurarias reavê-lo?

2 — Por Júpiter! e pôr-lhe-ia os outros na pegada, anunciando uma recompensa a quem o capturasse.

— Se um de teus escravos caísse doente não tratarias dele, não chamarias médicos para salvar-lhe a vida?

— Sem dúvida.

— E se um homem de teu conhecimento, muito mais útil que teus escravos corresse o risco de morrer à míngua, não achas seria de teu dever

3 socorrê-lo? Ora, sabes que Hermógenes não é ingrato, que coraria de receber serviços de ti sem por sua vez retribuir-te. E um homem que te serviria de bom grado, com devotamento e constância, sempre pronto não só a obedecer-te às ordens como a agir de iniciativa própria, a prevenir e prever — este homem, creio, valeria uma legião de escravos. Recomendam os 4 bons ecônomos que quando uma mercadoria preciosa está a baixo preço se aproveite a ocasião para comprá-la: ora, nos tempos que correm, por pouco custo podem adquirir-se bons amigos.

Respondeu Diodoro: 5

— Tens razão, Sócrates. Dize a Hermógenes que venha ver-me.

— Não, essa é boa! nada farei. Penso que em vez de chamá-lo, melhor farás indo procurá-lo, que com isto ele não ganhará mais que tu próprio.

Apressou-se Diodoro em ir ter com Hermógenes e sem grande custo houve um amigo que tinha por dever nada falar nem fazer que não para servi-lo e comprazer-lhe.

LIVRO III

CAPÍTULO I

1 Como os que aspiram às dignidades, encontraram em Sócrates guia valioso para o fim a que visavam, eis o que ora referirei. Tendo um dia ouvido dizer que certo Dionisodoro, recém-chegado a Atenas, se anunciava professor de estratégia, disse Sócrates a um de seus discípulos, que sabia anelar as honras de general da pátria:

2 — Vergonhoso para alguém que quisesse ser estratego em sua terra, ó jovem, não seria deixar fugir ocasião de aprender a arte militar? Não deveria ser punido ainda mais severamente que alguém que se metesse a fazer estátuas sem ter aprendido a estatuária? 3 Que nos perigos da guerra a cidade inteira confia no estratego; daí resultarem seus sucessos em grandes vantagens e em grandes males, seus revezes. Como, pois, não seria justo punir um homem que após sobreolhar o aprendizado da arte militar tudo fizesse por ser eleito?

Com estes conselhos Sócrates apressou o jovem a estudar com Dionisodoro. 4 Estudado, voltou o discípulo para junto do mestre, que exclamou jocoso:

— Cidadãos, não achais que assim como a Agamenão titulava Homero venerável, depois das lições de estratégia não parece este jovem ainda mais respeitável? Pois se, ainda que não toque, chama-se citarista a quem aprendeu a tocar cítara; se, ainda que não exerça, chama-se médico a quem aprendeu medicina, muito embora ninguém o eleja, não deixa este jovem de ser desde já estratego, e, em que pesasse aos votos de todos os homens, nem estratego nem médico seria quem nada soubesse. Mas, prosseguiu, a fim de 5 que, se algum dia um de nós vier a ser oficial sob tuas ordens, esteja melhor instruído nas coisas da guerra, dizenos por onde começou Dionisodoro a ensinar-te a estratégia.

Respondeu o jovem:

— Começou por onde terminou. 6 Ensinou-me a tática e nada mais.

— Entanto — observou Sócrates — isso é parte mínima da arte do general. Cumpre-lhe ainda prover a todo o material da guerra e de tudo fornecer o soldado. Ser fecundo de expedientes, empreendedor, cuidadoso, paciente, sagaz, indulgente e severo, franco e astuto, capaz de defender-se e de surpreender, liberal e rapace, generoso e cúpido, prudente e audaz. Enfim deve ter, para ser bom estratego, todas as demais qualidades que dão a natureza e a ciência. Glorioso é também conhe- 7 cer a arte de ordenar as tropas; vai grande diferença entre um exército bem alinhado e tropas juntas à gandaia. Pedras, tijolos, traves, telhas lan-

çadas a monte aqui e ali para nada servem; se, porém, nos fundamentos e nas sumidades se dispõem os materiais imputrecíveis e inalteráveis, como as pedras e as telhas, se de permeio se ajustam os tijolos e as traves, ao modo de edifício, então se tem algo precioso, uma casa.

8 — O que acabas de dizer, Sócrates — respondeu o jovem —, é exatamente o mesmo que se pratica na guerra: lá, com efeito, deve colocar-se nas primeiras e últimas filas os melhores soldados e no meio os piores, a fim de serem arrastados e impedidos pelos outros.

9 — Muito bem — obtemperou Sócrates —, se te ensinaram a discernir os bons dos maus soldados. Se não, de que te serviriam teus conhecimentos? Houvesse teu mestre te ensinado a dispor o dinheiro colocando por cima e por baixo as melhores peças e no meio as piores, de nada te valeria isso se não te tivesse ensinado a distinguir a moeda boa da má.

10 — Pois olha, não mo ensinou. A nós compete distinguir os bons dos maus soldados.

— Bem, mas o que nos impede de examinar como poderemos não nos enganar?

— De acordo — assentiu o jovem.

— Fosse, então, o caso de pilhar dinheiro, não faríamos bem colocando na frente os soldados mais cúpidos?

— Assim penso.

— E se se tratasse de correr perigos, não poríamos na primeira linha os que mais prezam a glória?

— Sem dúvida, pois, de olho na honra, só querem expor-se. Esses não são difíceis de descobrir: sempre em vista, em toda parte estão à mão.

— Ensinou-te ele apenas a dispor 11
um exército em ordem de batalha, ou também te ensinou onde e como importa usar as diversas maneiras de ordená-lo?

— Quê, ensinou o quê!

— Entretanto, há mil circunstâncias em que não se deve formar nem conduzir as tropas do mesmo modo.

— Por Júpiter! não me ensinou nada disso.

— Pois bem, volta e interroga-o: se souber seu mister e não for impudente, corará de haver recebido teu dinheiro e ter-te despedido sem instruir-te.

CAPÍTULO II

1 Topando de uma feita com um homem que acabara de ser e feito estratego, perguntou-lhe:

— Por que, a teu ver, chama Homero a Agamenão *pastor dos povos?* Não será porque, semelhante ao pastor que vela pela conservação das ovelhas e a tudo provê que lhes seja necessário, deve o general zelar por que seus soldados gozem boa saúde, tenham tudo o de que precisem e estejam em condiçoes de realizar seu escopo? Ora, o escopo dos soldados é triunfar do ini-
2 migo para viverem mais felizes. Aliás, quando Homero louva Agamenão, dizendo: *Era a um tempo bom príncipe e bom guerreiro,* não é porque era bom guerreiro batendo-se com valor contra os inimigos e comunicando sua bravura a todo o exército, e bom príncipe não procurando exclusivamente para si os bens da vida, senão assegurando a felicidade daqueles sobre que reinava? De feito, o rei é eleito para zelar não por seu exclusivo bem-estar pessoal, mas pela prosperidade dos que o elegem. Todos os que se fazem soldados querem viver felizes, e se escolhem generais é para terem quem os conduza a essa meta. Ao general, pois, cumpre 3
procurar o bem-estar dos que o elegeram. E que mais glorioso que o cumprir e que mais infamante que o olvidar este dever?

Assim é que, indagando qual deve ser o mérito do bom general, Sócrates de tudo o mais prescindia e outro fim não lhe deputava que felizes fazer seus comandados.

CAPÍTULO III

1 Não me esqueceu a conversa que com um cidadão recém-nomeado hiparco[10] teve Sócrates.

— Jovem — interpelou-o — poderias dizer-me por que ambicionaste ser hiparco? Sem dúvida não seria para marchar à testa dos ginetes: esta honra pertence aos arqueiros montados, que precedem aos próprios hiparcos.

— Tens razão.

— Tão pouco seria para te fazeres conhecer: os próprios louros são muito conhecidos.

2 — Também é verdade.

— Não seria porque esperas melhorar a cavalaria da República e, quando necessários os préstimos dos cavaleiros, à sua frente servir o Estado?

— De fato.

— Aí está, por Júpiter! — disse Sócrates — um alvo glorioso, se fores
3 capaz de atingi-lo. Enfim te elegeram para comandar cavalos e cavaleiros?

— Justamente.

— Ora bem, antes de tudo dize-nos o que pretendes fazer para melhorar os cavalos.

— Mas isso não é coisa que me incumba. Cada cavaleiro que trate de seu cavalo.

4 — Entanto, se uns te trouxerem cavalos fracos dos pés ou das pernas, senão completamente faltos de forças; outros, animais tão mal nutridos que nem possam andar; estes, cavalgaduras tão fogosas que não haja mantê-las quietas; aqueles, alimárias tão respingas que sequer possas dispô-las em fila, de que te servirá tua cavalaria? Como, à frente de semelhante corpo, poderás servir a República?

— Tens razão, olharei o mais que puder pelos cavalos.

— Quê! não te esforçarás também 5
para melhorar os cavaleiros?

— Está claro que sim.

— Não principiarás por habituá-los a montarem mais lestamente a cavalo?

— Naturalmente. Assim quando 6
algum cair terá mais ensanchas de salvar-se.

— Na hora do combate ordenarás aos inimigos que venham à planície onde estás acostumado a manobrar, ou procurarás exercitar teus cavaleiros em toda espécie de terreno onde se possa encontrar o inimigo?

— Em verdade será melhor exercitá-los em todos os terrenos.

— Não os afarás, outrossim, a lan- 7
çarem o dardo a cavalo?

— Também será conveniente.

— Já pensaste em estimular a coragem dos cavaleiros, incitá-los contra o inimigo, e assim aumentar-lhes a força?

[10] Hiparco: comandante de cavalaria. (N. do E.)

8 — Se ainda não o fiz, hei de fazê-lo.

— Sabes como te fazeres obedecer dos cavaleiros? Que, sem isso, cavalos e cavaleiros, excelentes e vigorosos nada te adiantarão.

— Dizes verdade. Mas qual, Sócrates, o melhor meio de submetê-los à obediência?

9 — Notaste, sem dúvida, que em todas as ocasiões os homens consentem em sujeitar-se aos que reputam superiores. Numa doença, de bom grado se submetem ao médico que julgam mais hábil, numa travessia, escutam os que navegam aquele que consideram melhor piloto. Em agricultura, o que se tiver por agricultor mais experimentado.

— É justo.

— Pois bem, da mesma forma, na cavalaria obedecem os cavaleiros a quem lhes pareça melhor saber o que é preciso.

10 — Então será suficiente, Sócrates, mostrar-me o melhor dentre eles para fazer-me obedecer?

— Sim, de vez que lhes ensines também que da obediência depende sua glória e conservação.

— Como ensinar-lho?

— Muito mais facilmente, por Júpiter! que se houvesse de ensinar-lhes ser o mal preferível ao bem.

11 — Decerto queres dizer que, além das outras qualidades essenciais, deve o comandante de cavalaria possuir o talento da palavra?

— Então pensavas comandar a cavalaria em silêncio? Não refletiste que os mais belos conhecimentos, os que nos prescrevem as leis, os que nos ditam os princípios que devem pautar-nos a vida e todas às outras ciências dignas de nota nos foram comunicados pela palavra? Que os melhores mestres são também os que melhor se servem da palavra, os que melhor conhecem as coisas mais úteis são os que delas melhor sabem falar? Não observaste 12 igualmente que quando em Atenas se reúne um coro, qual o enviado a Delos, nenhum outro se forma alhures que com o nosso se agermane, cidade alguma é capaz de juntar tão belos homens?

— É verdade.

— Contudo, os atenienses não so- 13 brelevam os outros povos tanto pela beleza da voz, corpatura e vigor quanto pelo amor da glória, que mais que tudo excita às coisas belas e honrosas.

— Também é verdade.

— Não achas, pois, que se se cui- 14 dasse igualmente de nossa cavalaria, muito sobrepujaria ela a todas as outras, assim pela disposição e boa ordem das armas e cavalos que pela intrepidez nos perigos, se louvores e glória assim esperasse reportar?

— É bem possível. 15

— Então o que esperas? Faze por incutir em teus homens hábitos que em teu próprio bem reverterão e, por ti, ao dos outros cidadãos.

— Por Júpiter! hei de tentá-lo!

Capítulo IV

1 Vendo um dia Nicomáquides, que voltava do congresso popular, inquiriu-lhe:

— Quais são, Nicomáquides, os estrategos eleitos?

— Ah, Sócrates — respondeu o interpelado — não achas que os atenienses foram injustos? Em lugar de eleger-me a mim, que encaneci no serviço da milícia, fui lócago[11] e taxiarca[12], recebi tantos ferimentos dos inimigos (e ao mesmo tempo descobria e mostrava as cicatrizes), escolheram um Antístenes que jamais serviu como hoplita, nunca se distinguiu na cavalaria e só sabe amontoar dinheiro.

2 — Mas — retorquiu Sócrates — não é qualidade excelente, se lhe serve para obter o necessário aos soldados?

— Os comerciantes — disse Nicomáquides — também são bons amealhadores, o que não quer dizer que possam comandar um exército.

Tornou Sócrates:

3 — Mas Antístenes é também apaixonado da glória, qualidade necessária ao general. Não viste que todas as vezes que foi corego a todos os demais levou a palma?

— Por Júpiter! Uma coisa é estar à testa de um coro e outra à frente de um exército.

4 — No entanto, muito embora não saiba cantar nem instruir coros, teve Antístenes o talento de escolher os melhores artistas.

— Encontrará também no exército quem por ele ponha as tropas em ordem de batalha e combata em seu lugar?

5 — Se souber — respondeu Sócrates — encontrar e escolher os melhores em questões bélicas como o fez com os coristas, bem poderá levar também a palma guerreira. E com certeza terá mais prazer em gastar para vencer na guerra com toda a República do que nos coros tão-somente com sua tribo.

6 — Então, Sócrates, dizes poder o mesmo homem ser a um tempo bom corego e bom estratego?

— Digo que o homem que, na direção seja do que for, souber fazer e faça o que seja de mister, será excelente diretor, ponham-no à cabeça de um coro, casa, cidade, ou exército.

7 — Por Júpiter! Sócrates — retorquiu Nicomáquides — nunca esperaria ouvir-te afirmar poder um bom ecônomo ser bom general.

— Pois bem, examinemos os deveres de um e outro e vejamos se são os mesmos ou diferentes.

— Vejamos.

[11] Lócago: entre os gregos, o comandante de companhia de cem homens. (N. do E.)

[12] Taxiarca: comandante de uma divisão de infantaria. (N. do E.)

8 — Cercar-se de subordinados, obedientes e dóceis não é o primeiro dever de um e outro?

— Certamente.

— Não devem ambos impor a cada um as funções que melhor lhe quadrem?

— Sem dúvida.

— Tenho comigo que um e outro devem castigar os relaxados e recompensar os diligentes.

9 — Decerto.

— Ambos não farão bem em congraçar-se com seus subordinados?

— Está claro.

— Não têm igualmente interesse em angariar aliados e auxiliares?

— Têm.

— Não devem os dois zelar pelos bens presentes?

— Nada de melhor aviso.

— Enfim, não devem ser igualmente laboriosos e diligentes em suas
10 diversas atribuições? Todos esses deveres são-lhes comuns. Não assim, porém, o combater; sem embargo, ambos não têm inimigos?

— Não resta a menor dúvida:

— Então não têm o mesmo interesse em vencê-los?

11 — Certamente. Mas o que não me dizes é a que lhes servirá, quando for preciso bater-se, a ciência econômica.

— Até aí lhes sera da maior utilidade. Sabendo o bom ecônomo nada haver mais útil, mais vantajoso que vencer o inimigo, nada mais prejudicial, mais ruinoso que ser vencido, será todo zelo em tudo procurar e poupar que possa contribuir para a vitória, todo atenção em desconfiar e preservar-se de tudo o que possa levar à derrota. todo energia em atacar se se souber possuidor de todos os truntos da vitória. todo prudência na defensiva se falto de recursos. Não desgabes, pois, 12
Nicomáquides, os bons ecônomos. Unicamente em número diferem os negócios particulares dos negócios públicos: em tudo o mais se equiparam. O essencial é que uns e outros, só homens podem tratá-los. Que não há tais homens encarregados dos negócios particulares e tais outros, dos negócios públicos. Que os que dirigem os negócios públicos não empregam certos indivíduos e o mesmo fazem os que administram os negócios privados. Ora, quando bem se sabe empregar os homens, gerem-se tão bem os negócios privados quanto os públicos. Quando não, nuns e noutros só se descamba em erros.

CAPÍTULO V

1 Teve um dia com Péricles, filho do grande Péricles, a palestra do teor que segue.

— De mim — disse Sócrates — choco a esperança, Péricles, que se fores estratego a cidade se fará mais gloriosa pelas armas e triunfará dos inimigos.

Respondeu Péricles:

— Quisera eu, Sócrates, fosse como dizes. Mas de que jeito consegui-lo, é com que não atino.

— Queres — volveu Sócrates — relanceemos os fatores que desde já possibilitam esse resultado?

2 — Com todo o gosto.

— Não ignoras que a população de Atenas não é menos numerosa que a da Beócia?

— Não.

— Onde julgas poder levantarem-se as melhores tropas, entre os atenienses ou entre os beócios?

— Não creio lhes fiquemos atrás a este respeito.

— Entre quem, em tua opinião, melhor reina a concórdia?

— Entre os atenienses. Porquanto bom número de beócios, oprimidos pelos tebanos, estão mal dispostos para com eles, e nada disso vejo em Atenas.

3 — Mas os beócios são os mais ambiciosos e peremptórios dos homens, qualidades que excitam vivamente fazer rosto aos perigos pela glória e pela pátria.

— Quanto a isso, os atenienses são irreprocháveis.

— E, certo, não há povo que com maiores e mais numerosas façanhas se apresente que os atenienses: sua lembrança enaltece o espírito, incita à virtude e alenta a coragem.

— Tudo o que dizes é verdade, Sócrates. Mas bem sabes que desde a derrota dos mil atenienses de Tolmidas nos pertos de Lebadia e de Hipócrates em Délio, a glória de Atenas se abateu ante os beócios e de tal forma subiu de ponto a audácia dos tebanos para com os atenienses, que, se outrora não ousavam medir-se conosco sem os lacedemônios e mais povos do Peloponeso, hoje ameaçam cair sem aliados sobre a Ática, de passo que os atenienses, que antigamente, quando os beócios estavam sós, assolavam a Beócia, ora temem que os beócios devastem a Ática. 4

— Bem sei — concordou Sócrates. — E por isso mesmo quero crer que hoje a República se mostrasse mais dócil para com um general digno. Porque a confiança gera a incúria, indolência e indisciplina. O temor torna os homens mais vigilantes, submissos, disciplinados. Prova está no que suce- 5 6

de a bordo dos navios. Enquanto nada há que temer, anda tudo à zanguizarra. Mas teme-se a tempestade ou o inimigo, e não só se obedece a todas as ordens como se atendem em silêncio às instruções do comandante, tal qual entre os coristas.

7 — Suposto — disse Péricles — que os atenienses obedeçam, remanesce saber como restituí-los à virtude, glória e prosperidade de antanho.

8 — Se quiséssemos que recuperassem riquezas passadas a outras mãos, não lhes provaríamos terem pertencido a seus pais e, pois, serem suas, exortando-os assim a reavê-las? Desejando que se esforcem por ser os primeiros em virtude, devemos mostrar-lhes que de tempos imemoriais lhes pertenceu este posto e que, fazendo por reconquistá-lo, se avantajarão a todos os povos.

9 — Como mostrar-lho?

— Recordando-lhes os grandes feitos de seus primeiros avós, cujas virtudes ouvem celebrar.

10 — Quererás falar daquela pendência dos deuses, em que por sua virtude serviram de árbitros os contemporâneos de Cecrops?

— Sim, e também do nascimento e educação de Erecteu, da guerra sob seu reinado declarada aos atenienses por todo o continente, da que ao tempo dos Heráclidas tiveram com as gentes do Peloponeso e de quantas sustentaram sob Teseu, nas quais se revelaram
11 superiores a todos os coevos. Se quiseres, lembra-lhes também os feitos da idade subseqüente, não muito distante da nossa: as guerras que sozinhos mantiveram contra os povos senhores da Ásia inteira e Europa até a Macedônia, herdeiros de vasto império e poderosos recursos e laureados das mais gloriosas façanhas. As vitórias que mais os filhos do Peloponeso alcançaram tanto em terra como no mar, feitos que lhes valeram a fama de superiores aos de seu tempo.

— De fato têm esse renome. 12

— Por outra, enquanto numerosas emigrações se faziam na Grécia, eles permaneceram em sua terra. Muitos povos litigantes submetiam-se-lhes ao arbítrio e outros, oprimidos de mais fortes, refugiavam-se junto deles.

— Admira-me, Sócrates, como a 13
cidade decaiu.

— Penso que, assim como certos atletas, vencendo longe os outros pela superioridade de suas forças, se largam à incúria e cedem a palma aos adversários, assim também os atenienses, sentindo-se padrasto dos outros povos, desleixaram-se e degeneraram.

— Que fazer agora para restituir-se 14
da antiga virtude?

— Muito simples: readquiram os costumes pretéritos e a eles se aferrem como se aferravam seus antepassados, e não lhes ficarão atrás. Senão, ao menos acaudalem os povos capitães de hoje, adotem-lhes as instituições e a elas se apeguem e deixarão de ser-lhes inferiores. Tenham mais emulação, e logo lhes tomarão a dianteira.

— Quer dizer que durante muito 15
tempo ainda a República viverá tresmalhada da virtude. Quando, a exemplo dos espartanos, saberão os atenienses respeitar a velhice, eles que começam por desprezar os próprios pais? Quando se exercitarão como os espartanos, eles que, não contentes de descurar as próprias forças, metem à bulha os que procuram desenvolvê-las? Quando, como os espartanos, acatarão os magistrados, eles que se gloriam de menoscabá-los? Quando se 16
penetrarão do mesmo espírito de concórdia, eles que, às avessas de trabalhar pelo interesse comum, só curam de prejudicar-se mutuamente e invejam mais aos próprios concidadãos que aos estrangeiros? Eles que, mais que nin-

guém, se dividem nas reuniões particulares como nos congressos públicos e se processam uns aos outros mais que em nenhuma outra parte, preferem ganhar uns em detrimento dos outros a ajudar-se reciprocamente, tratam os negócios do Estado como se lhes fossem estranhos e os tornam motivo de brigas, nas quais se empenham com o
17 maior ardor? Daí essa malignidade que eivam a República. Daí essas dissertações e esse ódio entre os cidadãos. Flagelos que me fazem temer não se embarranque um dia Atenas em males que lhe faleceriam forças para sobrelevar.

18 — Oh! não, Péricles — replicou Sócrates — não suponhas os atenienses possessos de perversidade incurável. Não vês a boa ordem reinante entre os marinheiros, a obediência dos mestres nos jogos gínicos e a mesma submissão da parte dos coristas para com os coregos?

19 — Verdadeiramente maravilhoso é ver pessoas desse jaez obedecerem aos que as dirigem, ao passo que os hoplitas e cavaleiros, que se diriam o escol dos bons cidadãos, são os mais indisciplinados de todos.

20 — Mas, Péricles, não se compõe o Areópago de homens escolhidos e de comprovado mérito?

— Sem dúvida.

— Conheces tribunal mais digno, íntegro, grave e equânime?

— Nada lhe acoimo.

— Então não é preciso desesperar dos atenienses como infensos à disciplina.

21 — Mas é precisamente na guerra, onde mais necessárias são a esperança, ordem e submissão, que não mostram nenhuma destas virtudes.

— Quem sabe — tornou Sócrates — sejam comandados por indivíduos incapazes. Não vês que sem o necessário talento ninguém se propõe dirigir os tocadores de cítara, cantores, dançarinos, lutadores e pancratiastas[13]? Todos os que os dirigem poderão dizer onde beberam os princípios de sua arte, enquanto a mor parte dos generais se fazem da noite para o dia. Longe de mim agermanar-te a eles. Ao 22
contrário, penso que tão bem poderás dizer quando te iniciaste na arte da guerra como quando aprendeste a luta. Demais estou convencido que conservaste os princípios de estratégia que te transmitiu teu pai e que, onde quer que os houvesse, colheste os conhecimentos que um dia pudessem servir-te à frente dos exércitos. Tampouco duvi- 23
do que para não ignorares nenhuma das práticas úteis à guerra as meditas fundamente e, se percebes faltar-te alguma coisa, buscas os que sabem e não poupas presentes nem favores para deles aprender o que desconheces e granjear bons auxiliares.

— Compreendo muito bem, Sócra- 24
tes, que se assim me falas não é na convicção de que eu não negligencie nenhum desses cuidados. Procuras, sim, ensinar-me que o homem que deseje comandar precisa atender a tudo isso: estou de pleno acordo contigo.

— Já reparaste, Péricles, que para 25
as bandas da Beócia altas montanhas se estendem ao comprido de nossas fronteiras, as quais não deixam entrar em nosso território senão por estreitos e escarpados desfiladeiros, e que rochas inacessíveis resguardam o coração do país?

— Certamente.

— Não ouviste dizer que os mísios 26
e pisídios ocupam na Pérsia regiões de todo ponto inacessíveis e que armados à ligeira não só conservam a própria liberdade como, em suas incursões,

[13] Pancratiasta: o que pratica os combates gínicos que compreendem a luta *(pale)* e o pugilato *(pygmé)*. (N. do E.)

causam enorme dano à nação do grande rei?

— Ouvi.

27 — Não achas então que se a destra juventude ateniense se armasse também à ligeira e se senhoreasse das montanhas limítrofes de sua terra poderia castigar nossos inimigos e assegurar poderoso baluarte a nossos concidadãos?

— Em verdade, Sócrates, seria 28
magnífico.

— Pois bem — rematou Sócrates — já que te agradam tais planos, meu caro, trabalha de levá-los a obra. O que conseguires será glorioso para ti e útil à pátria. Se falhares, não prejudicarás a República nem te envergonharás.

Capítulo VI

1 Olhos fitos no governo do Estado, Glauco, filho de Aristão, posto não contasse ainda vinte anos, queria ser orador popular. E embora arrancado da tribuna, vaiado embora, nem parentes nem amigos conseguiram dissuadi-lo de semelhante loucura. Sócrates, que em razão de sua amizade a Cármides, filho de Glauco, e a Platão, lhe queria bem, logrou só por só fazê-lo
2 renunciar a tais pretensões. Encontrando-o um dia e querendo fazer-se ouvir, reteve-o e com ele entabulou conversa da seguinte maneira:

— Glauco — disse-lhe — então pretendes governar a cidade?

— É verdade, Sócrates.

— Por Júpiter! é o mais belo projeto que se possa arquitetar. Se atingires teu escopo, estarás em condições de obter tudo o que desejares, servir teus amigos, exalçar a casa de teus pais, engrandecer tua pátria. Começarás por criar nome em tua terra, depois em toda a Grécia e quem sabe, como Temístocles, até entre os bárbaros. Enfim, aonde quer que fores, chamarás os olhares sobre tua pessoa.

3 Ouvindo estas palavras, Glauco entesava de orgulho e deixava-se ficar, todo gozoso. Prosseguiu Sócrates:

— Não é evidente que se queres honras deves servir a República?

— Claro.

— Em nome dos deuses, nada me escondas, dize-me qual o primeiro serviço que esperas prestar-lhe.

Glauco guardava silêncio, procu- 4
rando por onde começar.

— Não te esforçarás de enriquecer a cidade? — disse Sócrates — como se se tratasse de enriquecer a casa de um amigo?

— Sim.

— Excogitar maiores rendas não 5
será o meio de torná-la mais rica?

— Evidentemente.

— Diga-me, pois, de onde se retiram hoje as rendas do Estado e qual o seu montante. Certamente fizeste teus estudos, a fim de suprir com os produtos que escassearem e prover aos que vierem a faltar.

— Por Júpiter! — respondeu Glauco — nunca pensei nisso.

— De vez que não pensaste neste 6
ponto, dize-me, ao menos, quais são as despesas da cidade: porque não resta dúvida que tens intenção de abater as supérfluas.

— Palavra! tãopouco pensei nisso.

— Pois bem, deixemos para depois o projeto de enriquecer o Estado. Como, com efeito, pensar em tal antes de conhecer as despesas e as rendas?

— Mas Sócrates — disse Glauco 7
— também pode enriquecer-se a República com o despojo dos inimigos.

— Sim, sem duvida, se formos mais fortes que eles. Se formos mais fracos, nós é que seremos despojados. . .

8 — De fato.

— Quem desejar empreender uma guerra precisa, pois, conhecer a força de sua nação e a dos inimigos, a fim de, se sua pátria for mais forte, poder abrir as hostilidades, se mais fraca, manter-se na defensiva.

— Tens razão.

9 — Dize-me, primeiro, quais são as forças de nossa cidade em terra e mar, depois as dos inimigos.

— Ora, assim de improviso não posso responder-te!

— Se tens em casa algum escrito sobre o assunto, esperarei com o maior prazer.

— Não, nada tenho.

10 — Pois muito bem, espaçaremos igualmente nossa primeira deliberação acerca da guerra. A matéria é vasta, e como só agora te inicias na administração talvez inda não pudeste estudá-la. Mas sei que já te ocupaste da defesa do país. Sabes quais as guarnições necessárias e quais as desnecessárias, em que pontos os guardas são mais numerosos, onde são insuficientes. Aconselharás a que se reforcem as guarnições necessárias e se suprimam as supérfluas.

11 — Por Júpiter! — disse Glauco — sou de parecer que se suprimam logo todas, pois guardam o país tão bem que tudo roubam os inimigos.

— Mas não achas que suprimir as guarnições seria entregar a nação à mercê dos pilhantes? Demais, visitaste pessoalmente as guarnições? Como sabes que não cumprem seu dever?

— Suponho-o.

— Então, quando tivermos algo mais que suposições, aí deliberaremos sobre o assunto.

— Talvez seja melhor.

12 — Sei, Glauco — ajuntou Sócrates — que não estivestes nas minas de prata, de sorte que não podes dizer por que produzem menos que outrora.

— Efetivamente inda não estive lá.

— Diz-se que o ar lá é malsão: aí tens boa escusa para quando se vier a deliberar a respeito.

— Estás mofando de mim, Sócrates.

13 — Mas tenho certeza de que pelo menos examinaste cuidadosamente quanto tempo pode o trigo colhido no país alimentar a nação, quanto se consome mais cada ano, a fim de que jamais te surpreenda a escassez e possas, com tua previdência, preconizar as medidas necessárias ao suprimento e salvação da cidade.

— Falas-me — disse Glauco — de tarefa para lá de árdua, se for preciso ter olhos para tantas minudências.

14 — Sem embargo — retorquiu Sócrates — nem a própria casa será capaz de governar quem não lhe conhecer todas as necessidades nem souber satisfazê-las, visto contar a cidade mais de dez mil casas e não ser fácil ocupar-se de tantas famílias ao mesmo tempo, por que não ensaiaste engrandecer primeiro uma apenas, a de teu tio? Ela necessita-o. Se desses conta da tarefa, então meterias ombros a empresa de maior monta. Mas se não sabes ser prestadio a um indivíduo sequer, como poderias ser útil a todo um povo? Não é manifesto que, se alguém não tem forças para levantar um talento, nem deve tentar carregar mais de um?

15 — Ah! certo — exclamou Glauco — bons serviços prestara eu à casa de meu tio se quisesse dar-me ouvidos!

— Como! — replicou Sócrates — não foste capaz de persuadir teu tio e esperas fazer-te ouvir de todos os atenienses, teu tio entre eles? Veja lá, 16 Glauco, que não vás, de olho na glória, ver-te barba a barba, com coisa muito

diferente. Não vês como é perigoso dizer ou fazer o que não se saiba? Pensa em todos os homens de teu conhecimento que falam e procedem sem saber: aquistam louvores ou censuras? São admirados ou desprezados?
17 Olha, ao contrário, os homens que sabem o que dizem, o que fazem, e verás que em todas as circunstâncias os que reúnem os sufrágios e atraem a admiração são precisamente os que sabem, enquanto opróbrio e desdém é o quinhão dos ignorantes. Se amas a 18
glória e queres fazer-te admirar da pátria, procura bem saber o que desejas pôr por obra: que se te avantajares aos outros e houveres as rédeas do Estado, não me admira que muito facilmente alcances o que ambicionas.

Capítulo VII

1 Vendo que Cármides, filho de Glauco, homem de grande mérito e muito superior a todos os políticos do tempo, não ousava aparecer em público nem ocupar-se dos negócios do Estado:

— Dize-me, Cármides — indagou-lhe Sócrates —, que dirias de um homem que, posto capaz de obter as coroas nos jogos e assim adquirir terra na Grécia, recusasse combater?

2 — Claro que seria um efeminado e um covarde.

— E se um cidadão capaz, em se dando aos negócios públicos, de engrandecer a pátria e cobrir-se de glória, entretanto recusasse fazê-lo, não se estaria no direito de chamar-lhe covarde?

— Talvez. Mas por que mo perguntas?

— Porque me parece que, malgrado teu mérito, hesitas diante dos negócios, e isso quando, em tua qualidade de cidadão, deles tens obrigação de compartir.

3 — Quando, diabo, desencavaste em mim esse mérito?

— Em tuas palestras com nossos políticos. Se te comunicam um negócio, vejo que lhes dás bons conselhos. Se cometem erros, tu os repreendes justamente.

4 — Uma coisa, Sócrates, é conversar em particular, outra discutir em público.

— Todavia, os que sabem calcular calculam tão bem em público quanto sozinhos, os que a sós tocam a cítara com perfeição, em público demonstram a mesma habilidade.

— Pois não. Mas não vês serem a 5 vergonha e a timidez inatas em certos homens e se manifestarem muito mais nos congressos tumultuosos que nas reuniões privadas?

— Quero mostrar-te não serem os mais sábios que te envergonham nem os mais poderosos que te amedrontam, mas que coras de falar perante os menos esclarecidos e os mais fracos. De feito, não é ante pisoeiros, sapatei- 6 ros, pedreiros, caldeireiros, agricultores, negociantes, cambistas de praça pública, pessoas que procuram revender o que compraram a vil preço que te sentes tímido? Eis aí de que se compõe o congresso do povo. Em que, pois, 7 acreditas diferir teu procedimento do de um homem que, superior aos artistas, tivesse medo dos ignorantes? Não é verdade que, a despeito de tua facilidade em exprimir-te na presença dos cidadãos mais ilustres, alguns dos quais te desdenham, e tua superioridade manifesta aos que se metem a falar em público, hesitas em tomar a palavra ante uma multidão que jamais cuidou dos negócios e nenhum desdém te vota, de medo que te ridiculizem?

— Mas não vês, Sócrates, que bas- 8

tas vezes se escarnesse nos congressos dos que falam bem?

— O mesmo fazem teus cidadãos ilustres. E assombra-me que tu, que tão bem sabes levá-los de vencida quando tentam meter-te a ridículo, receies não
9 poder arrastar-te com a turba. Não te ignores a ti mesmo, meu caro. Não caias no erro em que cabeceia a maioria dos humanos: quase todos têm os olhos constantemente fitos no que fazem os outros, sem nunca volvê-los para o que fazem eles próprios. Defende-te de semelhante indolência. Concentra todos os teus esforços sobre ti mesmo e, se puderes ser-lhe útil, não esqueças o Estado. Com a prosperidade da coisa pública, imenso serviço terás prestado não somente aos cidadãos em geral como a teus amigos e a ti próprio.

CAPÍTULO VIII

1 Por Sócrates confundido, Aristipo esgorjava por confundi-lo. Mas Sócrates, desejando ser útil a seus ouvintes, não respondia à luz de quem traz o olho sobre o ombro e receia lhe refertem as palavras, porém, como homem convicto de que cumpre seus deveres.
2 Perguntou-lhe Aristipo se conhecia algo bom, a fim de que, se Sócrates dissesse o alimento, a bebida, a riqueza, a saúde, a força, a coragem, demonstrar-lhe que por vezes são males. Considerando que antes de tudo procuramos livrar-nos do que nos faz padecer, deu-lhe Sócrates a melhor resposta possível:
3 — Perguntas-me se conheço alguma coisa boa para febre?

— Não.

— Para a oftalmia?

— Tampouco.

— Para a fome?

— Muito menos.

— Se me perguntas se conheço algo bom que não seja bom para nada, não o conheço nem tenho necessidade de conhecer.

4 Outra vez, inquirindo-lhe Aristipo se conhecia alguma coisa bela:

— Sim, conheço muitas coisas belas — respondeu.

— Serão todas semelhantes?

— Tanto quanto possível, há as que diferem essencialmente.

— Como pode ser belo o que do belo difere?

— Por Júpiter! como de um bom lutador difere um bom corredor, como da beleza de um venábulo, feito para voar com força e velocidade, difere a beleza de um escudo, feito para a defensiva.

— Tua resposta é exatamente a 5
mesma que quando te perguntei se conhecias algo bom.

— Pensas que uma coisa é o bom, outra o belo? Não sabes que tudo o que por uma razão é belo, pela mesma razão é bom? A virtude não é boa em uma ocasião e bela em outra. Assim também se diz dos homens serem bons e belos pelos mesmos motivos: o que no corpo humano constitui a beleza aparente constitui também a bondade. Enfim, tudo o que aos homens for útil será belo e bom relativamente ao uso que disso puder fazer-se.

— Como! então é belo um cesto de 6
lixo?

— Sim, por Júpiter! e feio um escudo de ouro, já que um foi convenientemente feito para seu uso e o outro não.

— Dizes, pois, poderem os mesmos 7
objetos ser belos e feios!

— Como não! E podem também ser bons e maus: muitas vezes o que é bom para a fome para a febre é mau, o que para a febre é bom é mau para a

fome; o que é belo para a corrida não o é para a luta, o que para a luta é belo não o é para a corrida. Em suma, as coisas são belas e boas para o uso a que se destinam. Feias e más para usos a que não convenham.

8 Da mesma forma, quando Sócrates dizia que a beleza de um edifício consiste em sua utilidade, parecia-me ensinar o melhor princípio de construção. Eis como raciocinava:

— Quando se quer construir uma casa — dizia — não se engenham meios de fazê-la o mais agradável e cô-
9 moda possível? — Uma vez admitido esse princípio: — Não é de desejar seja fresca no verão e quente no inverno? — Acordado este segundo ponto: — Pois bem, quando as casas olham para o meio-dia, o sol não penetra, no inverno, sob as galerias exteriores, e passando, no verão, por cima de nossas cabeças e dos tetos, não nos deixa na sombra? Portanto, para receberem sol no inverno não hão mister mais altos os tetos das galerias voltadas para o meio-dia e mais baixos os dos aposentos voltados para o setentrião, a fim de ficarem menos expostos aos ventos frios? Em uma palavra, o pré- 10
dio que em qualquer estação proporcionar o mais aprazível retiro e o depósito mais seguro para o que se possua, não pode deixar de ser o melhor e o mais belo: pinturas e outros ornamentos mais desprazem que aprazem. Dizia ainda ser um sítio descoberto e completamente insulado o melhor local para os templos e altares. Que grato, ao orar, é não ter a vista atrancada e aproximar-se dos altares sem sujar-se.

Capítulo IX

1 Perguntaram-lhe um dia se a coragem é qualidade adquirida ou natural:

— Creio — disse — que assim como há corpos que melhor que outros resistem à fadiga, almas há de natureza mais enérgica que outras em face das dificuldades: pois vejo homens crescidos sob as mesmas leis e costumes muito diferirem entre si pela coragem.
2 Sou de opinião, todavia, poder desenvolver-se o valor natural pela instrução e o exercício. Certo, não se afoitariam os citas e trácios, com a lança e o escudo, a acometer os lacedemônios, nem tentariam os lacedemônios, com o escudo ligeiro e o venábulo, resistir aos trácios ou, armados de flechas, fazer
3 cara aos citas. Observo que em tudo naturalmente se diferenciam os homens uns dos outros, que em tudo progridem por via do exercício. Evidente, pois, é deverem, assim os homens mais *maltratados* que os melhores dotados da natureza, quando em alguma coisa quiserem exceler, tomar lições e exercitar-se.

4 Segundo ele, a sabedoria imprescinde da temperança. Sábio e reportado considerava aquele que, conhecendo o bem e o belo, os pratica e, conhecedor do mal, dele sabe guardar-se. Perguntando-se-lhe se tinha na conta de sábio e reportados os que sabem o que deve fazer-se e, não obstante, fazem o contrário: — Reputo-os — respondeu — não menos desprovidos de sabedoria que de temperança. Porque me parece que entre todos os partidos possíveis não há homem que não escolha o mais vantajoso. Nem sábios nem prudentes, pois, acho os que não se hão com direiteza.

Na sabedoria dizia cifrar-se a justi- 5
ça e todas as outras virtudes: que a um tempo belas e boas são todas as ações justas e virtuosas. Os que as conhecem nada podem preferir-lhes. Os que não as conhecem não somente não podem praticá-las como, se o tentam, só cometem erros. Assim praticam os sábios atos belos e bons enquanto os que não o são só podem descambar em faltas. E se nada se faz justo, belo e bom que não pela virtude, claro é que na sabedoria se resumem a justiça e todas as mais virtudes.

Reputava a loucura contrária à 6
sabedoria. Mas não considerava a ignorância como loucura, dissesse embora vizinhar a demência o não conhecer-se a si mesmo e acreditar se saiba o que se ignore. Aditava não olhar a multidão como insensatos os que se equivocam em matérias inconhecidas da maior parte dos homens, ao passo que trata de doidos os que se enganam em coisas de toda gente conhecidas. Exemplo: Creia-se um homem assaz 7

grande para não poder passar sem abaixar-se sob as portas de uma muralha, assaz forte para querer carregar casas ou empreender coisas cuja impossibilidade todos reconhecem, chamam-lhe louco varrido. Se só comete faltas ligeiras, não o trata de louco a multidão. E como não se dá o nome de amor senão a intensa afeição, assim não se chama loucura senão a demência.

8 Examinando qual a natureza da inveja, não a dizia esse sentimento doloroso causado pelas desgraças de nossos amigos ou pela prosperidade de nossos inimigos, só apelidando invejosos os que se afligem com a felicidade dos amigos. Estranhando algumas pessoas que se pudesse ter amizade a alguém e padecesse de sua felicidade, observava-lhes muita gente existir incapaz de abandonar os amigos na desgraça e que os socorre no infortúnio, porém se aflige de sua prosperidade. Acrescentava, todavia, que esse sentimento jamais encontra guarida no coração do sábio, hóspede ordinário que é dos espíritos néscios.

9 Refletindo sobre a ociosidade, dizia ver a maioria dos homens sempre ocupados em alguma coisa. Que, ao cabo de contas, até os jogadores de dados e os bufões se ocupam de algo. Tachava-os, porém, de ociosos, pois poderiam fazer coisa melhor. Quando se faz o melhor, não há lazer para o pior e digno de censura é quem aquele deixa por este, pois só o faz quem não tem o que fazer.

10 Reis e chefes — diria — não são os que carregam cetro, elegeu a multidão ou favoreceu a sorte, nem os que pela violência ou fraude usurparam o poder, mas os que sabem mandar.
11 Posto seja o dever do chefe ordenar e o do súdito, obedecer, dizia que, se tiver num navio um homem experimentado no comando, piloto e todos os outros marinheiros lhe obedecerão. Que assim é na agricultura para os que possuem campos. Na doença, para os doentes. Na ginástica, para os que exercitam o corpo. Que, enfim, em tudo o que exige indústria, se se sabe como haver-se, muito bem, mãos à obra. Senão, recorre-se e obedece-se aos que sabem. Que na arte de fiar as próprias mulheres dirigem os homens, pois a conhecem, e disso os homens nada entendem.

12 Se lhe objetavam ser um tirano senhor de não seguir os bons avisos que lhe dêem:

— Como! — retorquia — se o castigo nunca falha? Que em faltas incorre quem a bom conselho faz ouvidos moucos, e faltas querem punição.

13 Se lhe diziam estar nas mãos do tirano matar o conselheiro sábio:

— Pensais — respondia — que em dando morte a seus mais valiosos esteios não seria punido e duramente punido? Não vedes que, longe de trazer-lhe segurança, tal procedimento só faria apressar-lhe a própria ruína?

14 Perguntou-lhe alguém qual era, a seu ver, a mais bela ocupação do homem:

— Bem fazer — respondeu.

Ajuntou-se:

— Haverá processo para bem fazer as coisas?

— Não — disse. — Acho que fortuna e ação são coisas opostas. Tropeçar com o fortúnio sem procurá-lo, eis o que chamo ter sorte. Alcançar o sucesso pelo próprio mérito e diligência, eis o que chamo haver-se às direitas, e vitoriosos me parecem os que assim procedem. 15 Estimáveis e caros aos deuses dizia os lavradores que bem trabalham a terra, os médicos que bem exercem a medicina, os homens de Estado que bem dirigem a política. E inúteis aos homens e malqueridos dos deuses os que nada fazem bem.

CAPÍTULO X

1 Útil era também seu trato aos artistas que vivem do próprio trabalho. Entrando certo dia em casa do pintor Parrásio, com ele entreteve a seguinte prática:

— Dize-me, Parrásio, não é a pintura representação dos objetos visíveis? Não imitais, com cores, os entrantes e salientes, o claro e o escuro, a dureza e a moleza, a rudeza e o lustre, o vigor da idade e a decrepitude?

2 — Assim é!

— Se quiserdes representar formas de beleza perfeita, como não é fácil encontrar homem isento de toda imperfeição, não reunireis vários modelos e de cada um tomareis o que de mais formoso possuir, compondo destarte um todo de perfeita beleza?

— É o que fazemos.

3 — E aquilo que mais atrai, enleva e, seduz a expressão moral da alma, não o imitais? Ou será inimitável?

— Como imitá-lo, Sócrates, se não tem proporção nem cor nem nenhum dos atributos que individuaste? Se, em uma palavra, é invisível?

4 — Quê! não se nota nos olhos ora afeição, ora ódio?

— Nota-se.

— Portanto, não há mister retratar estas expressões dos olhos?

— Há!

— Será a mesma fisionomia de quem se interessa e a de quem não se interessa na felicidade ou desgraça dos amigos?

— Não, está claro. Na felicidade dos amigos brilha a alegria no olhar, na desgraça mareia-o a tristeza.

— Quer dizer que podem representar-se também estes sentimentos?

— Certamente.

— Pela fisionomia e gestos dos 5 homens, parados ou em movimento, é que se exteriorizam altaneria e independência, humildade e baixeza, temperança e razão, insolência e grosseria.

— Dizes verdade.

— Porque conseguiste não é preciso reproduzi-los?

— De acordo.

— E a quem achar agradável de ver, o indivíduo cujo exterior espelha sentimentos elevados, honestos, simpáticos ou o que só deixa ver inclinações nefandas, perversas e odiosas?

— Por Júpiter! Sócrates, nem há compará-los.

Foi um dia à casa de Clíton, o esta- 6 tuário, e conversando com ele:

— Vejo e sei, Clíton — disse-lhe — que modelas na pedra o atleta na carreira, o lutador, o pugilista, o pancratiasta. Mas o que mais encanta 7 os olhos, a chama da vida, como a transmites a tuas estátuas?

E como Clíton, embaraçado, hesitasse em responder:

— Não é modelando tuas obras por seres vivos — disse Sócrates — que fazes tuas estátuas parecerem animadas?

— Exatamente.

— Já que as diferentes posturas nos fazem elevar ou baixar certos músculos do corpo, contraí-los ou distendê-los, fazê-los tensos e lassos, não é exprimindo tais efeitos que dás a tuas obras mais verossimilitude e naturalidade?

— Precisamente.

8 — Não proporciona esta imitação mesma da ação corporal certo prazer aos espectadores?

— Assim penso.

— Não importa, pois, pintas a ameaça nos olhos dos combatentes, a alegria na visagem dos vencedores?

— Sem dúvida.

— Ao estatuário, portanto, cumpre exprimir por formas todas as impressões da alma.

9 Outra ocasião foi Sócrates à oficina do armeiro Pistias, que lhe mostrou couraças muito bem feitas.

— Por Juno! — exclamou — eis um magnífico invento! Esta couraça protege as partes que necessitam defesa e não obsta ao movimento dos bra-
10 ços. Mas dize-me, Pistias, por que motivo, não sendo tuas couraças nem mais sólidas nem mais custosas a ti que as dos outros fabricantes, as vendes muito mais caras?

— Porque, Sócrates, as minhas são mais bem proporcionadas.

— Mas essa proporção será conforme a medida ou a balança que fazes pagá-la mais caro? Porque penso não poderes fazê-las todas absolutamente iguais nem de todo ponto semelhantes, se quiseres que assentem bem.

— Por Júpiter! é com o tento nisso que as faço. Do contrário não serviriam.

— Como fazes para que uma cou- 11
raça bem proporcionada assente a corpo que não o seja?

— Trato de fazê-la assentar. Desde que assente está bem proporcionada.

— Pareces-me — observou Sócra- 12
tes — não entender o termo "proporcionado" em senso absoluto, mas relativo ao uso do objeto. Como se dissesses que um escudo é bem proporcionado desde que convenha a quem dele se sirva. O mesmo poderias 13
dizer de uma clâmide ou de outro objeto qualquer. Mas talvez haja nesta conformidade outra vantagem nada desprezível.

— Ensina-ma então, Sócrates, se é que sabes alguma.

— Entre duas armaduras do mesmo peso, a que assentar fatigará menos que a que não assentar. Está, seja por pesar exclusivamente sobre os ombros, seja por comprimir fortemente alguma outra parte do corpo, será incômoda e difícil de carregar. A outra, distribuindo o peso pelas clavículas, espalda, peito, dorso e estômago, não será, por assim dizer, um fardo, mas parte do próprio corpo.

— Acabas de dizer justamente por 14
que vendo tão caras minhas obras. Sei, contudo, muita gente haver que prefere comprar couraças cinzeladas ou douradas.

— Se compram couraças que não 15
lhes vão com o corpo, parece-me comprarem uma incomodidade cinzelada ou dourada. Mas de vez que o corpo não permanece sempre imóvel, ora se inclina, ora se apruma, como poderão assentar couraças demasiadamente justas?

— Não é possível.

— Dizes, pois, que as couraças vão bem não quando são justas, mas quando não incomodam?

— É o que digo, Sócrates, e compreendeste-me muito bem.

CAPÍTULO XI

1 Havia nesse tempo, em Atenas, uma mulher de rara formosura, chamada Teódota, que não fazia cerimônias em seguir quem quer que soubesse reqüestá-la. Certo dia alguém falava dela e dizia não existirem palavras capazes de exprimir a beleza dessa mulher, que os pintores iam visitá-la a fim de tomá-la por modelo e ela não fazia mistério de seus encantos.

— Caramba! só vendo! — exclamou Sócrates. — Não será ouvindo que se há de ter idéia do que não exprime a palavra.

— Não percamos tempo: acompanha-me, — disse o narrador.

2 Dirigiram-se à casa de Teódota e, encontrando-a com um pintor que lhe estudava as formas, puseram-se a observá-la. Quando o pintor terminou:

— Amigos meus — disse Sócrates — agradeceremos nós a Teódota o haver-nos deixado admirar sua beleza, ou deverá agradecer-nos ela o termo-la contemplado? Se mais prazer teve ela exibindo-se, agradeça-nos ela. Se mais gozamos nós admirando-a, agradeçamos-lhe nós.

3 Tendo-lhe alguém dado razão:

— Convenho — disse — que de nós não ganha ela senão elogios. Mas como os publicaremos à boca grande, ser-lhe-ão utilíssimos. Quanto a nós, presas do desejo de tocar o que contemplamos, ir-nos-emos mordidos no coração, tomados de arrependimento. Depende, sermos nós escravos e ela soberana.

— Por Júpiter! — disse Teódota — se é assim, cumpre-me agradecer-vos por vos ter oferecido o espetáculo.

4 A este ponto, vendo-a Sócrates soberbamente paramentada e, perto, sua mãe, vestida de maneira pouco comum, depois um sem-conta de graciosas e ataviadas escravas, por fim uma casa abundantemente provida de todo o necessário:

— Uma coisa, Teódota — disse-lhe —, possuis terras?

— Nenhuma.

— Então tens alguma casa que te forneça rendas?

— Também não.

— Possuirás escravos?

— Nenhum.

— De que diabo, então, vives?

— Do que me dão os amigos.

5 — Por Juno! cara Teódota, um amigo é uma aquisição e tanto, e mais vale uma penca de amigos que um rebanho de ovelhas, bois e cabras! Mas largas-te à fortuna, esperando que os amigos apareçam como as moscas, ou empregas alguns artifícios?

6 — Como queres que empregue artifício?

— Muito mais facilmente que as

aranhas. Sabes como elas caçam a presa: tecem uma teia sutil e tudo o que nela cai lhes serve de alimento.

7 — Aconselhas-me, pois, a também tecer uma teia?

— Não penses que sem arte possam caçar-se amigos, a mais preciosa das presas. Não vês quanta astúcia empregam os caçadores para caçar as lebres, presa muito menos prestante?

8 Como as lebres pastem de noite, apercebem-se eles de cães que enxerguem no escuro e põem-se na pista da caça. De dia as lebres põem sebo nas canelas, e então se munem eles de outros cães que, ao se recolherem elas do pasto para as tocas, as farejam e desemboscam. Tão boas pernas têm as lebres, que mal as acompanha a vista: arranjam-se cães, assaz ligeiros para alcançá-las na carreira. Contudo algumas há que escapam: armam-se laços nas sendas por onde fogem para que neles caiam e sejam colhidas.

9 — Mas que meio usarei para caçar amigos?

— Em vez de cão é preciso ter alguém que rasteie os ricaços apreciadores da beleza e, uma vez encontrados, engenhe meios de os atrair a teus laços.

— Que laços tenho eu?

10 — Um único, é verdade, mas o mais inextrincável de todos: teu corpo, e nesse corpo uma alma que te inspira o feitiço do olhar, a sedução da palavra, te ensina a receber quem te reqüesta, repelir quem te desdenha, visitar solícita um amigo doente, felicitar com calor quem bem se haja portado, reconhecer de toda a alma as homenagens que te rendem. Sei que um amante te demonstra tanta ternura quanto benevolência. E se tens amantes ilustres, menos não os encantam tuas ações que tuas palavras.

— Juro-te — exclamou Teódota — que não lanço mão de nenhum desses meios.

11 — Entanto, não é indiferente saber tratar cada um consoante seu caráter, pois não é pela força que se careia ou conserva um amigo: benevolência e prazer são o visgo que apresa e retém essa caça.

— Dizes a verdade.

12 — A uma, não peças aos que te solicitam mais do que poderiam dar. A outra, paga-os na mesma moeda. Assim te amarão mais, permanecereis unidos por mais tempo e far-te-ão maiores larguezas. 13 Para comprazê-los, nada melhor que conceder-lhes apenas o que desejam ardentemente. Vês que, servidos a quem não tenha apetite, nenhum sabor apresentam os mais delicados manjares e inspiram desgosto a convivas fartos enquanto deliciosos sabem os alimentos mais simples a quem tem fome.

14 — Como excitar o apetite dos que me visitam?

— Nada mais lhes oferecendo quando estiverem saciados, não os chamando segunda vez ao repasto antes que, terminada a digestão, se haja reacendido a necessidade. Depois, reavivado o desejo, dando-lhes a entender ser tua cativante familiaridade e teu assentimento um favor todo voluntário e por vezes até fugindo-os para a necessidade tocar o extremo. Muito perdem os favores de preço quando precedem o desejo.

15 — Pois bem, Sócrates — disse Teódota — por que não me auxilias a caçar amigos?

— Por Júpiter! Com todo o prazer, se a tanto me decidires.

— Decidir-te de que jeito?

— Busca-o tu mesma, e se necessitas de mim o encontrarás.

— Vem, pois, ver-me a miúdo.

16 — Não será fácil achar tempo — respondeu Sócrates, zombando a pro-

pósito de seus quefazeres — meus numerosos negócios particulares e públicos não me deixam vagares. Depois, tenho amantes que, graças aos filtros e feitiços que lhes ensinei, não me permitem deixá-las nem de dia nem de noite.

17 — Quê! Sócrates, sabes confeccionar filtros?

— Por que, pensas, Apolodoro e Antístenes não me largam um instante? Como julgas que Cebes e Símias abalam de Tebas para ver-me? Fica sabendo que isso não se consegue sem filtros, encantamentos, "pastorinhas".

— Empresta-me então uma "pastorinha" para conquistar-te. 18

— Essa é boa! Não quero ser conquistado: prefiro conquistar-te.

— Então irei ter contigo, mas hás de receber-me.

— Receber-te-ia se não tivesses em casa alguém a quem amo mais que a ti.

CAPÍTULO XII

1 Reparando que Epígenes, um de seus jovens discípulos, era de má compleição:

— Quão plebeu és de físico, Epígenes! — disse-lhe.

— Sei, também não sou mais que um plebeu! — trocadilhou o outro.

— Não o são menos os que combatem nos jogos olímpicos. Então não será nada o combate cujo prêmio é a vida, caso venham a propô-lo os
2 atenienses? Quantos os homens que, por causa de má constituição física, morrem nos campos de batalha, quando não compram a vida ao preço da desonra! Pelo mesmo motivo muitos são feitos prisioneiros e passam o resto de seus dias na mais dura escravidão. Ou, pagando resgate superior a suas fortunas, vêem-se reduzidos às mais tristes necessidades e arrastam o resto da existência na dor e na miséria. Outros enfim adquirem má reputação por sua fraqueza física, passando por co-
3 vardes. Desdenhas destes castigos reservados à fraqueza? Serias capaz de sofrê-los facilmente? Por mim acho muito mais suaves as fadigas a que deve submeter-se quem se propõe fortalecer o corpo. Ou reputas a fraqueza para todos os efeitos mais vantajosa
4 que a robustez? Entretanto as coisas correm muito diferentes para os que possuam bom ou mau físico. Saúde e vigor é o galardão dos bem constituídos de corpo. Muitos por fortes, salvam-se com honra dos azares da guerra, sobrelevam todos os perigos, socorrem os amigos, prestam serviços à pátria e por esses feitos tornam-se dignos de reconhecimento, ganham fama, alcançam as primeiras honras e passam o resto da vida ditosos e considerados, herdando aos filhos preciosos meios de existência. Não ordene o Es- 5
tado praticar publicamente os exercícios militares, isso não é razão para os descurarem os particulares, que a eles não devem aplicar-se com menor assiduidade. Convence-te que, empenhe-te no que te empenhares, faças o que fizeres, nunca te arrependerás de haver exercitado o corpo. Em todos os atos tem o corpo sua utilidade; e no que quer que o empreguemos, essencial é que seja bem constituído. Mais: até nas 6
funções em que o julgas de somenos importância, quero dizer as da inteligência, quem não sabe cometer o cérebro erros freqüentes, em virtude da má constituição física? Falta de memória, morosidade de espírito, preguiça, a própria loucura, não raro, são conseqüências de disposição viciosa dos órgãos, a qual ataca a inteligência a ponto de fazer-nos esquecer o que sabemos. Ao contrário, são o corpo, o 7

homem está seguro de todos esses males, e frutos de todo opostos, certo, produzirá sua compleição vigorosa. Que não fará um homem de bom senso para evitar tamanhos males e alcançar
8 tamanhos bens? Ademais, ignominioso é envelhecer nessa indolência, sem saber o quanto não se poderia acrescentar à própria força e beleza. Ora, isto só se consegue mediante o exercício, que tais presentes não nos caem do céu.

CAPÍTULO XIII

1 Encolerizando-se alguém certo dia, por haver saudado uma pessoa que não lhe retribuiu o cumprimento, disse-lhe Sócrates:

— Simplesmente risível é não incomodar-te o encontro com um doente e tanto te agastares de topar com um grosseiro.

2 Outro queixava-se de comer sem vontade:

— Ensina Asmeno — disse-lhe — bom remédio para isso.

— Qual é?

— Comer menos. Diz que com esta abstinência ganham o paladar, a bolsa e a saúde.

3 Terceiro dizia só ter em casa, para beber, água quente.

— Não precisarás aquecê-la quando quiseres banhar-te — respondeu.

— É muito fria para o banho.

— Queixam-se teus criados de bebê-la e com ela banhar-se?

— Não, por Júpiter! nem me admira que o façam com prazer.

— Qual a água mais quente, a tua ou a do templo de Esculápio?

— A de Esculápio.

— Qual a mais fria, a tua ou a do templo de Anfiarau?

— A de Anfiarau.

— Vês, pois, seres mais difícil contentar que os criados e os enfermos.

4 Um amo maltratara rudemente seu servidor. Perguntou-lhe Sócrates a razão:

— É o sujeito mais comilão e madraço que já vi. Só quer saber de dinheiro e de vadiar.

— Já examinaste quem merece mais ser castigado, se tu, se teu escravo?

5 Assombrando-se alguém de ter de viajar a Olímpia:

— Por que — inquiriu Sócrates — te assombra essa viagem? Não passas quase o dia inteiro trançando de um lado para outro em tua casa? Viajando passearás, depois almoçarás. Passearás outra vez, jantarás e repousarás. Não sabes que somando-se os passeios que deres em cinco ou seis dias facilmente irás de Atenas a Olímpia? E melhor farás partindo um dia antes que em deferindo a viagem. Que molesto é ter-se de fazer jornadas muito longas e agradável levar um dia de vantagem sobre os próprios planos. Antes apressar a partida que depois ter de dar tratos às canelas.

6 Outro dizia-se fatigado de longa caminhada que acabara de fazer. Indagou-lhe Sócrates se carregava algum peso:

— Não é verdade, nada trazia além do manto.

— Viajavas só ou acompanhado de algum servidor?

— Tinha um servidor.

— Vinha ele de mãos abanando ou trazia alguma coisa?

— Carregava minha roupa e o resto da bagagem.

— E como foi de viagem?

— Melhor que eu, suponho.

— Se tivesses de carregar o fardo que carregava teu criado, como te arranjarias?

— Nem sei. Talvez não o pudesse.

— Como! achas digno de homem livre e exercitado na ginástica suportar a fadiga menos que um escravo?

Capítulo XIV

1 Quando seus amigos iam cear em sua casa e uns levavam pouco, outros muito, Sócrates mandava o criado pôr em comum o prato mais pequeno ou reparti-lo fraternalmente entre os convivas. Os que levavam mais teriam vergonha de não servir-se do que era posto em comum e em comum pôr também o próprio prato, sendo assim constrangidos a fazê-lo. E como nada tinham que lucrar mais que os que levavam menos, deixaram de levar pratos custosos.

2 Tendo notado que um dos convivas não comia pão e só se servia de carne, e encaminhando-se casualmente a conversa para a propriedade dos termos, a que gênero de ações deve aplicar-se cada epíteto:

— Poderíamos examinar, amigos meus — propôs Sócrates — por que sói chamarem-se certos homens de carnívoros? Toda gente come carne com pão, desde que a tenha. Mas parece-me não ser este o motivo por que se chamam certas pessoas de carnívoras.

3 — Claro que não — disse um dos comensais.

— E quem come carne sem pão, não por necessidade, como os atletas, mas por prazer, será carnívoro, sim ou não?

— Quem mais havia de sê-lo?

— E quem com pouco pão come muita carne? — perguntou outro.

— Acho — opinou Sócrates — que também deve chamar-se carnívoro. E quando os outros pedirem aos deuses abundância de frutos, ele deverá pedir abundância de carne.

Enquanto assim falava Sócrates, o 4 jovem, percebendo-se o alvo da conversação, começou a servir-se de pão, mas sem deixar de atafulhar a boca de carne. Advertindo-o, disse Sócrates:

— Atentai nesse jovem, vós que estais perto dele; serve-se de pão para comer carne ou de carne para comer pão?

Notou, outra feita, que a cada boca- 5 do de pão um dos convivas debicava diversos pratos.

— Haverá — perguntou Sócrates — cozinha mais dispendiosa e prejudicial aos alimentos que a de homem que coma não sei quantas iguarias e use não sei quantos molhos ao mesmo tempo? Misturando assim mais alimentos do que fazem os cozinheiros, não só gasta mais, como, encambulhando ao reverso do uso, muitas substâncias que não se casam e razão têm os cozinheiros de não mesclar, vai de encontro à arte culinária. Não é ridí- 6 culo procurar os mais hábeis cozinheiros e, não entendendo patavina do ofício, pôr a perder o que fizeram? Outra inconveniência acarretada pelo

vezo de comer muitas viandas juntas é supor-se a gente na miséria quando menor é o número de pratos e lamentar-se o cardápio costumado. Ao contrário, estando-se habituado a um único prato, faltando os outros não se lastimará de só ter um.

7 Observava expressarem os atenienses o ato de comer por termo que significa "bem comer", acrescentando que o vocábulo "bem" junto a "comer" indica que o alimento não deve ser nocente ao corpo nem ao espírito, nem de difícil obtenção. Em uma palavra, por "bem comer", entendia "viver com moderação".

LIVRO IV

CAPÍTULO I

1 Tão útil era Sócrates em todas as ocasiões e de todas as maneiras, que até as inteligências medíocres facilmente compreendiam nada haver mais vantajoso que seu comércio e freqüentação. À sua ausência, bastava a sua só lembrança para muito edificar seus discípulos habituais e aqueles que inda hoje o têm por mestre. Não instruía menos pelos brincos que pelas lições
2 sérias. Dizia de cotio amar a todos, mas bem era de ver que, longe de aterse à beleza do corpo, só se prendia às almas virtuosas. Considerava índice de natural bondoso a prontidão no aprender e reter, o amor de todas as ciências que ensinam a bem administrar uma casa ou uma cidade, em suma, a tirar provento dos homens e das coisas. Assim formado, dizia, o homem não só é feliz, capaz de gerir sabiamente sua casa, como felizes pode tornar outros
3 homens e cidades. Não tratava todos do mesmo modo. Aos que, acreditando-se favorecidos da natureza, desprezavam o estudo, ensinava que mais ainda que os outros hão mister cultivados os caracteres aparentemente mais felizes. Em abono do quê, dizia que os potros mais generosos, vivazes e fogosos dão as melhores cavalgaduras quando domados desde novos, mas que, se se descuida de amestrá-los, tornam-se respingões e imprestáveis. Semelhantemente os cães da melhor raça, infatigáveis e ardentes na perseguição dos animais, se adestrados a preceito, tornam-se os melhores caçadores, porém, se mal ensinados, tornam-se estúpidos, furiosos e obstinados. Da 4
mesma forma, se recebem educação adequada e aprendem o que devem fazer, os melhor dotados dos homens, os mais bem temperados e enérgicos de ânimo em tudo que empreendem, tornam-se excelentes, utilíssimos e realizam grandes coisas. Porém, se não recebem educação nem instrução, tornam-se malíssimos e perigosíssimos. Incapazes de discernir o que devem fazer, vezes muitas tentam empresas criminosas e fazem-se altaneiros e violentos, recalcitrantes e bravios, causando assim os maiores males. Quanto 5
aos que, orgulhosos de suas riquezas, nenhuma necessidade pensavam ter de instrução e imaginavam bastar-lhes serem ricos para realizar todos os seus desígnios e fazer-se honrar dos homens, chamava-os à razão dizendo-lhes ser estupidez acreditar que sem estudo se possa distinguir o útil do nocivo. Estupidez, quando não se departe o útil do prejudicial, crer-se capaz de alguma coisa útil por ter-se dinheiro para comprar o que quiser. Estupidez, quando nada sabemos fazer, julgamos poder ser felizes e viver honestamente. Estupidez, nada sabendo, presumirmos que a riqueza nos faça passar por sábios ou que, inúteis, nos granjeie estima.

CAPÍTULO II

1 Contarei agora como Sócrates atacava os que presumiam ter recebido ótima educação e se vangloriavam de sua sabença. Sabia haver o belo Eutidemo reunido copiosa coleção de obras dos mais afamados poetas e filósofos e que só por isso se jactava de campear em sabedoria aos de sua idade, a todos esperando exceler em eloqüência e feitos. Sem embargo, muito jovem ainda para ter mão no congresso, quando se interessava em alguma questão, sentava-se na tenda de um freieiro, vizinha à praça. Para lá se dirigiu Sócrates com alguns amigos.
2 Vai daí lhe perguntou um deles se era ao comércio de algum sábio ou à natureza só por só que devia Temístocles tal superioridade a seus concidadãos, que sempre que necessitava de um homem de mérito para ele volvia os olhos a República. Sócrates, que queria picar Eutidemo, respondeu que necedade é acreditar impossível tornar-se hábil nas artes mais vulgares sem as lições de bom mestre, e crer brotar espontaneamente no espírito a mais importante de todas as ciências, a do governo.

Outra vez, advertindo Sócrates que,
3 receoso de passar por admirador de sua sabedoria, Eutidemo evitava sentar-se perto dele, disse:

— Quando tiver idade e propuser à República alguma deliberação, certamente Eutidemo não deixará de dar sua opinião. E já que não quer parecer nada ter aprendido de ninguém, decerto tem pronto algum magnífico exórdio para seus discursos. Eis, sem dúvida, como principiará: "Jamais, atenienses, 4
nada aprendi de ninguém. Jamais, quando ouvi falar de homens eloqüentes e versados nos negócios, lhes procurei a sociedade. Jamais me dei ao trabalho de tomar professor entre os cidadãos esclarecidos. Ao contrário, tive sempre o maior cuidado em evitar não só receber lições como parecer que as recebia. Não obstante, dar-vos-ei o conselho que me sugeriram as moscas". Exórdio desta laia conviria igual- 5
mente muito bem a quem desejasse obter o emprego de médico público. Começaria assim: "Ninguém, atenienses, me ensinou a medicina. Nunca procurei as lições de nenhum de nossos médicos e não só me guardei de com eles aprender o que quer que fosse, como ainda não quis parecer haver estudado esta profissão. Não vacileis, todavia, em confiar-me o emprego de médico. Diligenciarei instruir-me fazendo experimentos em vós".

Todos os assistentes desandaram a rir do exórdio. Então Eutidemo entrou a prestar atenção às palavras de Sócra- 6
tes. Mas se abstinha de falar, ciente de

que seu silêncio passaria por modéstia. Desejando curá-lo desta idéia, disse Sócrates:

— É simplesmente de espantar que os que desejam tocar cítara ou flauta, montar a cavalo ou adquirir outra habilidade qualquer busquem a tanto tornar-se aptos mediante contínuo exercício, tomando por juízes não a si próprios, mas os melhores mestres, tudo façam e sofram que lhes imponham estes, enquanto os que pretendem ser bons oradores e bons políticos julgam poder consegui-lo por si mesmos e de momento para outro, sem
7 preparação e sem exercício. No entanto, tal escopo parece muito mais difícil de atingir que o primeiro, tanto que muitos a ele visam e pouquíssimos o alcançam. Evidente é, portanto, requerer a política muito maior aplicação que qualquer outra carreira.

8 Tais eram de começo, as falas que em presença de Eutidemo, simples ouvinte, proferia Sócrates. Mas logo que percebeu a boa disposição, e prazer com que o escutava o jovem, foi sozinho à oficina do seleiro, sentando-se Eutidemo a seu lado:

— Dize-me, Eutidemo — falou-lhe Sócrates —, é certo, como ouço dizer, haveres coligido grande cópia de obras de homens famigerados pelo saber?

— Sim, Sócrates. E continuarei a colecioná-las até reunir o maior número possível.

9 — Por Juno! Admiro-te por haveres preferido ao ouro e à prata os tesouros da sabedoria. Indubitavelmente sabes que a prata e o ouro não tornam os homens melhores, de passo que milionários de virtude fazem as sentenças dos sábios aqueles que as possuam.

Eutidemo regozijava-se com tais palavras, persuadido de que aos olhos de Sócrates estava no vero caminho da sabedoria. Advertindo-o sensível ao 10
elogio, prosseguiu Sócrates:

— Em que, pois, Eutidemo, pretendes abalizar-te reunindo tantas obras?

Como Eutidemo guardasse silêncio, à caça de resposta, sugeriu Sócrates:

— Não queres ser um grande médico? Há muitas obras escritas por médicos.

— Que esperança!

— Então queres ser arquiteto? A arquitetura também exige instrução.

— Tampouco.

— Não desejas ser bom geômetra, como Teodoro?

— Quê, geômetra o quê!

— Quererás ser astrólogo?

Tendo Eutidemo respondido que não:

— Ah! Já sei, queres ser rapsodo? Pois dizem teres todos os poemas de Homero.

— Menos ainda. Não ignoro que os rapsodos sabem os versos de memória, mas nem por isso são menos idiotas.

— Não almejas, Eutidemo — con- 11
tinuou Sócrates —, essa ciência que torna os homens aptos a governar as casas e o Estado, mandar, ser útil a si mesmos e aos demais?

— Sim — respondeu Eutidemo —, eis o mérito que ambiciono.

— Por Júpiter! — exclamou Sócrates — visas à maior e mais eminente das ciências. É a ciência dos reis, e por isso se chama ciência real. Mas examinaste se é possível, sem ser justo, nela brilhar?

— Sim, e creio impossível, sem jus- 12
tiça, ser bom cidadão.

— Como buscar ser justo?

— Em questão de justiça, Sócrates, penso que ninguém me leva as lampas.

— Terão os homens justos suas funções, como os artesãos?

— Claro.

— Assim como os artesãos expõem

suas obras, não podem os justos dizer quais são as suas?

— Como não! — disse Eutidemo. — Que mais fácil que enumerar as coisas justas? O mesmo poderia fazer com as injustas: haverá coisa mais comum?

13 — Queres, pois, escrevamos aqui um "J" e ali um "I"? Em seguida colocaremos de baixo do "J" o que nos parecer justo e o injusto de baixo do "I"

— Se o achas necessário...

14 Após escrever como dissera, prosseguiu Sócrates:

— Não existe, entre os homens a mentira?

— Sem dúvida.

— De que lado a colocaremos?

— Evidentemente do lado da injustiça.

— E o embuste, também não existe?

— Certamente.

— De que lado colocá-lo?

— Também do lado da injustiça.

— E os maus tratos?

— Igualmente.

— A escravidão?

— Sempre do lado da injustiça.

15 — Mas então nada poremos do lado da justiça, Eutidemo?

— Seria estranho.

— Como! se um homem eleito general escravizar uma cidade injusta e inimiga, di-lo-emos injusto?

— Não, por certo.

— Então procederá justamente?

— Sem dúvida.

— E se enganar os inimigos na guerra?

— Ainda será justiça.

— Se talar, pilhar os bens dos inimigos, não procederá ainda com justiça?

— Seguramente. Mas pensei que tuas palavras só se referissem aos amigos.

— Então não cumpre colocar igualmente do lado da justiça tudo o que pusermos do outro lado?

— É o que me parece.

— Queres que, colocando todas 16
estas ações do lado que designas, estabeleçamos por princípio serem justas contra inimigos, porém injustas contra amigos, e que em relação a estes devemos proceder com toda a direitura?

— Com todo o gosto — anuiu 17
Eutidemo.

— Pois bem — prosseguiu Sócrates —, se, vendo suas tropas desanimadas, anuncia-lhe falsamente um general que lhes chegam auxílios e destarte logra devolver-lhes a coragem, de que lado colocaremos esta peta?

— Do lado da justiça, creio.

— E se necessitando uma criança de remédio e não querendo tomá-lo, seus pais a enganam, impingindo-lhe o remédio de mistura com os alimentos, e assim a restituem à saúde, onde colocaremos este logro?

— Do mesmo lado.

— Enfim, se vejo um amigo presa do desespero e recear de que atente contra a vida, tomo-lhe a espada e todas as demais armas, de que lado colocas semelhante ato? 18

— Por Júpiter! do lado da justiça.

— Então dizes que devemos proceder com toda a retidão no que respeita aos amigos?

— Não, e, se me for permitido, retiro o que disse.

— Antes isso que perseverar no erro. Mas, para não deixar este ponto 19
sem exame, dos homens cujas mentiras prejudicam os amigos, qual o mais injusto, o que engana voluntariamente ou o que faz sem querer?

— Sócrates, já não tenho confiança em minhas respostas. Tudo o que examinamos parece-me agora inteiramente diverso do que o imaginava. Todavia, seja-me permitido dizer que

mais injusto que quem engana sem querer é quem o faz de propósito.

20 — Pensas haver uma ciência do justo como a há da escritura?

— Sim.

— Quem, a teu ver, melhor conhece as letras, o que escreve ou lê mal voluntariamente ou o que assim proceda involuntariamente?

— O primeiro, pois, desde que o queira poderá fazê-lo bem.

— Então, quem escreve mal voluntariamente sabe escrever, e quem o faz involuntariamente não?

— Como poderia ser de outra forma?

— Quem, pois, conhece a justiça: quem mente e engana por querer ou quem o faz sem querer?

— O primeiro, evidentemente.

— Então dizes o que sabe escrever mais letrado que o que não o sabe?

— Pois é.

— E o que conhece as regras da justiça mais justo que o que não as conhece?

— Penso que sim, mas nem eu mesmo já me entendo.

21 — Que dirias, Eutidemo, de alguém que quisesse dizer verdade e contudo jamais se explicasse da mesma forma sobre as mesmas coisas? Que, falando do mesmo caminho, ora dissesse que leva ao Oriente, ora ao Ocidente? Fazendo o mesmo cálculo, já obtivesse mais, já obtivesse menos?

— Evidentemente não saberia o que presumia saber.

— Conheces pessoas a que se chamam servis?

22 — Conheço.

— Será por causa de sua sabedoria ou de sua ignorância?

— Claro que por causa de sua ignorância.

— Chamá-las-ão assim por não saberem trabalhar os metais?

— Não.

— Por não saberem construir?

— Também não.

— Então porque não sabem talhar o couro?

— Não é por nada disso. Antes pelo contrário, porquanto a maioria dos que exercem tais misteres são pessoas servis.

— Dá-se este nome, pois, aos que ignoram o que seja o belo, o bom e o justo?

— Assim creio. 23

— Então cuidado! que não nos vão chamar servis.

— Ah! pelos deuses, Sócrates, julgava-me muito adiantado em filosofia e no verdadeiro caminho da virtude. Imagina qual não seja minha desilusão, depois de tanto trabalho, vendo-me engasgar com perguntas sobre o que mais importa saber e sem atinar como fazer-me melhor!

— Dize-me, Eutidemo, já estiveste 24 em Delfos?

— Duas vezes, por Júpiter!

— Então leste a inscrição gravada no templo: Conhece-te a ti mesmo?

— Li.

— Não deste importância ao conselho ou o aceitaste e diligenciaste saber quem és?

— Por Júpiter! então não havia de conhecer-me a mim mesmo?! Difícil me fora aprender outra coisa, se a mim próprio me ignorasse.

— Então pensas que conhecer-se a 25 si mesmo seja saber como se chama? Assim como não crêem os compradores de cavalos conhecer o animal que desejam comprar antes de verificarem se é dócil ou empacador, forte ou fraco, ligeiro ou lerdo, enfim, todas as boas ou más qualidades de uma cavalgadura, não deve pesar-se a própria capacidade para se saber quanto se vale?

— Efetivamente, parece-me que

não conhecer o próprio valor é igno-
26 rar-se a si mesmo.

— Não é evidente ser esse conhecimento de si mesmo fonte de infinidade de bens, enquanto milhares de males acarreta a visão zarolha das próprias possibilidades? Os que se conhecem a si mesmos sabem o que lhes é útil e distinguem o que podem do que não podem fazer. Realizando o que está em seu poder, obtêm o necessário e vivem felizes. Abstendo-se do que vai além de suas forças não resvalam no erro e esquivam o insucesso. Enfim, estando em melhores condições de julgar os homens, podem, empregando-os pro-
27 veitosamente, angariar grandes bens e poupar grandes males. Ao contrário, os que não se conhecem a si mesmos e ignoram o próprio valor não julgam melhor os homens que as coisas humanas. Não sabem nem o que lhes cumpre fazer, nem como o fazem. A respeito de tudo iludidos, deixam escapar
28 a felicidade e esbarrondam-se na ruína. Os que obram com conhecimento de causa atingem o fim colimado e granjeiam honra e consideração. Seus iguais comprazem-se de sua sociedade. Nos reveses procuram seus conselhos, entregam-se-lhes nas mãos, neles fundam suas esperanças de bom êxito e
29 por tudo isso os estimam mais que a ninguém. Já os que vivem às cegas metem-se a fazer o que não deviam, malogram em todos os empreendimentos e, sobre castigados pelo mau sucesso, tornam-se em objeto de desprezo e ridículo, vivendo escarnecidos e desconsiderados. Podes ver igualmente que dentre as cidades que, ignorando as próprias forças, movem guerras a Estados mais poderosos, umas são destruídas, outras trocam a liberdade pela escravidão.

30 — Estou plenamente de acordo, Sócrates — conveio Eutidemo — ser da máxima importância o conhecer-se a si próprio. Mas por onde começas o 31
exame? Serei todo ouvidos se quiseres ensinar-mo.

— Sabes — perguntou Sócrates — quais são os bens e quais são os males?

— Ora essa! se não soubesse isso estaria abaixo dos escravos.

— Pois bem, enumera-mos.

— Nada mais fácil. Primeiro, reputo a saúde um bem e a doença um mal. Depois, considerando as causas desses dois estados, creio as bebidas, os alimentos e as ocupações — bens quando trazem saúde, males quando trazem doença.

— Em conseqüência, saúde e doen- 32
ça serão elas próprias bens se vierem para bem, males se vierem para mal.

— Como poderia a saúde vir para mal e a doença para bem?

— Quantas não são as pessoas robustas que, tomando parte em sua expedição inglória, uma viagem funesta, embarcam para a cidade dos pés juntos ao passo que as fracas voltam sãs e salvas?

— É verdade, mas os fortes fazem-se úteis, enquanto os fracos ficam de banda.

— Por outra, o que já é útil, já inútil, não será antes bem que mal?

— Assim me parece, pelo menos de 33
acordo com este raciocínio. Mas não resta dúvida ser a ciência um bem: em que não se sairá o homem instruído melhor que o ignorante?

— Como! não ouviste contar que por causa de sua indústria Dédalo foi aprisionado por Minos, coagido a servi-lo e privado ao mesmo tempo da pátria e da liberdade? Que, tentando fugir com o filho, perdeu-o e não conseguiu salvar-se, indo dar com os costados em plagas de bárbaros que de novo o fizeram escravo?

— De fato é o que dizem.

— E Palamedes? Não ouviste falar

de suas desventuras? É voz geral que Ulisses, invejoso de sua sabedoria, fê-lo perecer.

— Assim dizem.

— E quantos outros homens, não é verdade?, notáveis pelos talentos, foram aprisionados pelo grande rei e convertidos em escravos?

34 — Pelo menos, Sócrates, não padece a menor dúvida que a felicidade é um bem.

— Sim, Eutidemo, a menos que a façam consistir em bens equívocos.

— Que pode haver de equívoco no que constitui a felicidade?

— Nada, contanto que não a ponham em beleza, força, riqueza, glória e o mais que segue.

— Por Júpiter! se é justamente nisso que a ciframos! Como ser feliz sem esses bens?

— Confundis a felicidade com vantagens não raro funestas. Quantos, por belos, não são corrompidos por infa-
35 mes sedutores da juventude! Quantos, por fortes, não empreendem coisas sobre-humanas e se tornam infelicíssimos! Quantos, vítimas da riqueza que os amolenta e expõe a ciladas onde encontram a ruína! Quantos, enfim, não alcançam a glória e o poder senão para padecer de forma atroz!

36 — Se me enganei louvando a felicidade, confesso já não saber o que pedir aos deuses.

— Talvez não refletiste nestas coisas por te julgares cansado de sabê-las. Mas já que pretendes governar um Estado democrático, decerto sabes o que seja democracia.

37 — Sem dúvida.

— Achas possível conhecer a democracia sem conhecer o povo?

— Não, por Júpiter!

— Que chamas o povo?

— Os cidadãos pobres.

— Sabes, então, quais são os cidadãos pobres?

— Como não havia de sabê-lo?

— Sabes também quais são os ricos?

— Tão bem quanto os pobres.

— A quem chamas pobres e a quem chamas ricos?

— Pobres chamo os que não têm com que pagar os impostos, ricos os que possuem mais do com que pagar os impostos.

— Já notaste que, embora com 38
pouco, indivíduos há que possuem o bastante e até fazem economias, ao passo que outros, com muito, sequer têm o necessário?

— Sim, e foi bom mo recordares, sei de soberanos a quem, como aos mais pobres cidadãos, a necessidade obriga a cometer injustiças.

— Se é assim, não fazemos bem em 39
arrolar os soberanos entre o povo e colocar na classe dos ricos os que têm pouco mas sabem economizar?

— Minha ignorância obriga-me a convir, e acho melhor calar-me. Do contrário correrei o risco de não saber absolutamente nada! Com isso Eutidemo retirou-se todo acabrunhado, cheio de desprezo de si próprio e já não se considerando senão como um escravo.

A maioria dos que Sócrates metia à 40
bulha fugiam-no, e com isso só lhe pareciam mais insensatos. Porém Eutidemo sentiu que, se quisesse ser gente, imprescindia do trato de Sócrates. Passou a freqüentá-lo assiduamente e até imitar-lhe certos hábitos. Sócrates, vendo-o com tais disposições, cessou de atormentá-lo e ministrou-lhe as noções mais simples e claras das coisas que julgava necessário saber e honroso praticar.

Capítulo III

1 Não se apressava em fazer seus discípulos hábeis no falar, haver-se e excogitar-se expedientes. Antes de tudo cria necessário tangê-los à trilha da sabedoria. Sem a sabedoria — dizia — os que possuem esses talentos só podem ser mais injustos, mais poderosos para o mal. Em primeiro lugar procurava incutir-lhes idéias sábias no concernente aos deuses. Outros já narraram as conversações que em sua presença teve a esse respeito.

3 Por mim assisti à palestra seguinte que entreteve com Eutidemo:

— Dize-me, Eutidemo, já refletiste com que carinho nos proporcionam os deuses o de que necessitamos?

— Não, confesso-te.

— Mas pelo menos sabes que antes de mais nada necessitamos da luz que nos fornecem?

— Por júpiter! Não a tivéssemos e seríamos como os cegos.

— Necessitamos, outrossim, de repouso, e os deuses dão-nos a noite, o mais doce dos lazeres.

4 — Também é presente digno de reconhecimento.

— Graças à luz do Sol, distinguimos as horas e os objetos. A noite, com sua obscuridade, tira-nos a visão das coisas: mas não é que acenderam os deuses em meio às trevas esses astros que nos dizem as horas da noite, permitindo-nos assim atendermos a certos quefazeres?

— É verdade.

— Acresce que a Lua não indica somente as partes da noite, mas também as do mês.

— De fato.

— Como temos precisão de alimentos, dão-nos frutos da terra. Para isto criaram as estações próprias que nos fornecem com abundância e variedade não só o necessário como ainda o agradável. 5

— Efetivamente é muita bondade da parte deles.

— Não nos deram a água, esse elemento precioso que ajuda a terra e as estações a fazerem nascer tudo o que nos é necessário ou útil, contribui para sustentar-nos e, misturada a todos os nossos alimentos, os torna mais fáceis de preparar, mais salutares e agradáveis? e como a necessitamos em abundância, não no-la concedem com profusão? 6

— Outra prova de sua providência.

— Não nos deram o fogo, que nos preserva de frio, alumia na obscuridade, coadjuva em todas as artes e trabalhos cujo fim é o nosso bem-estar? Para tudo dizer em uma palavra, sem o fogo nada fariam os homens de belo nem de útil. 7

— Novo testemunho de sua infinita bondade.

— E o ar espalhado em torno de nós com profusão sem limites, o ar que não somente nos entretém e medra a vida como nos auxilia a vencer os mares para ir buscar mil produtos diversos em mil regiões diferentes, não é um bem inestimável?

8 — Certamente.

— E o Sol! Ganho o solstício de inverno, arrepia caminho, amadurecendo certos produtos, dessecando outros já sazonados. Depois deste duplo benefício, em vez de aproximar-se demasiadamente, volta por detrás a fim de não prejudicar-nos com excessivo calor. De novo atingindo um ponto além do qual nos mataria de frio, retorna para nós, avizinha-se-nos e volta à região do céu onde mais nos pode benfazer.

— Por Júpiter! parece que todas essas maravilhas foram feitas especialmente para o homem.

9 — Demais, já que não poderíamos suportar o calor nem o frio, se viessem inopinadamente, não se aproxima o Sol manso e manso e a pouco e pouco se afasta, de sorte que insensivelmente passamos de um extremo a outro de temperatura?

— Estou a perguntar a meus botões — disse Eutidemo — se velar pelo homem não seria a única ocupação dos deuses. Mas uma coisa me atrapalha — quinhoarem todos os animais de seus favores.

10 — Ora essa! — retrucou Sócrates — não é manifesto que até esses animais nascem e são alimentados para o homem? Que outro animal tira tão grande proveito das cabras, ovelhas, cavalos, bois, asnos, etc., como o homem? Antolham-se-me até mais úteis que os vegetais. Não nos alimentamos e enriquecemos menos de uns que outros. Muitas raças humanas há que não se alimentam dos produtos da terra, mas do leite, queijo, carne que lhes fornecem os rebanhos. Todas domesticam, domam os animais úteis e neles encontram auxiliares para a guerra e muitos trabalhos.

— Convenho contigo, pois vejo que até os animais muito mais fortes que nós se nos submetem ao império e se prestam ao que deles exigimos.

— Outrossim, como infinita é a 11
variedade de formas que assumem o belo e o útil, não nos deram os deuses sentidos apropriados às diferentes percepções, mediante os quais fruímos todos os deleites? Não nos outorgaram a inteligência, que com o raciocínio e a memória nos permite apreciar as sensações, julgar da utilidade de cada objeto, inventar mil coisas, já para maior bem-estar nosso, já para nos preservarmos dos males? Não nos con- 12
cederam o dom da palavra por meio da qual trocamos benefícios instruindo-nos comum e reciprocamente, estabelecemos leis, fundamos Estados?

— Não há dúvida, Sócrates, que os deuses olham por nós com o maior desvelo.

— E quando não podemos prever o que nos será útil no porvir, ainda aqui não vêm em nossa ajuda, não revelam pela adivinhação os que os consultam o que sucederá de futuro e lhes ensinam como proceder?

— Quer parecer-me, Sócrates, que te foram mais generosos que ao resto dos mortais, se é verdade que sem os interrogares te indicam de antemão o que deves ou não fazer.

— Reconhecerás tu também a ver- 13
dade de minhas palavras, se não esperares que os deuses se te apresentem sob forma real, contentando-te em ver suas obras para orar-lhes e honrá-los. Pensa bem: é assim que os deuses se manifestam. As deidades menores, de quem recebemos as graças, não se nos

deparam aos olhos para semear seus benefícios. E aquele que dispõe e impera no universo — congregação de todas as bondades e bens — aquele que, por amor nosso, o mantém em eterna pujança e juventude eterna, o submete a obediência infalível e mais pronta que o pensamento, este deus se manifesta no cumprimento de suas obras mais sublimes, mas tudo o mais
14 rege invisível. Vê como o Sol, que todos os olhos ilumina, não permite aos homens o fitá-lo: a quem se põe a olhá-lo de fito, rouba-lhe a vista. Invisíveis são também os ministros dos deuses. O raio vem do alto, certo, e fulmina tudo o que encontra: porém não há vê-lo, nem quando cai, nem quando fere, nem quando desaparece. Invisíveis são os ventos, porém lhes vemos os efeitos, lhes sentimos a presença. Enfim, mais que tudo o humano, participa da divindade a alma humana. Reina em nós, é incontestável, mas não a vemos. Refletindo em tudo isso, não se devem desprezar as forças invisí-
15 veis, mas, por seus efeitos, reconhecer-lhes o poder e honrar a deidade.

— Jamais, Sócrates — respondeu Eutidemo — me permitirei o menor descaso para com ela, estou certo. Aflige-me, contudo, pensar que nunca homem nenhum poderá agradecer-lhe suficientemente tantos benefícios.

— Não seja por isso, Eutidemo. 16
Sabes responder o deus de Delfos a quem lhe pergunta o meio de ser grato aos deuses: "Segue a lei de teu país". Ora, em toda parte ordenam as leis que cada um honre os deuses consoante suas posses. Haverá culto mais sublime e piedoso que o que prescreve a própria divindade? Mas é preciso nada 17
omitir do que se possa fazer. Do contrário, seria manifesto pouco caso. Importa, pois, tudo fazer por preitear os deuses, segundo suas posses, ter neles confiança e deles esperar as maiores mercês. Loucura, com efeito, seria esperar mais de outro qualquer que daqueles que mais podem servir-nos. E como esperar ser atendido senão buscando comprazer-lhes? E como melhor comprazer-lhes que obe-
decendo-os sem reserva? Com tais 18
conselhos, tanto quanto pelo exemplo, fazia Sócrates mais pios e mais sábios os que com ele se versavam.

CAPÍTULO IV

1 Quanto à justiça, longe de rebuçar sua opinião, patenteava-a por atos: no particular de sua casa era todo eqüidade e benevolência; como cidadão, todo obediência aos magistrados em tudo o que manda a lei, quer na cidade, quer nos exércitos, onde o abalizava
2 seu espírito de disciplina. Presidindo, na qualidade de epistata, aos congressos populares, impediu o povo de votar contra as leis e, nelas arrimado, resistiu à fúria do populacho que nenhum outro teria coragem de enfrentar.
3 Quando os Trinta lhe davam ordens avessas às leis, não as acatava. Assim, quando lhe proibiram o palestrar com os jovens e o encarregaram, juntamente com outros cidadãos, de conduzir um homem que intentavam assassinar, só ele se recusou de obedecer,
4 porque tais ordens eram ilegais. Chamado por Meleto perante os tribunais, longe de seguir o costume dos acusados, que, malgrado o proibirem as leis, tomam da palavra para ganhar o favor dos juízes, adulá-los e dirigir-lhes súplicas, e assim muitas vezes se fazem absolver, não quis de tal guisa infringir as leis: posto facílimo lhe fora lograr a absolvição, preferiu morrer dentro da
5 lei a transgredi-la para viver. Foi o que mais de uma vez disse a muita gente, e acordo-me da conversa que sobre a justiça teve com Hípias de Eléia.

Regresso a Atenas após longa ausência, Hípias encontrou Sócrates palestrando com alguns discípulos. Exprimia Sócrates sua admiração de ver que, se se deseja fazer de alguém sapateiro, mação, ferreiro, estribeiro, é só enviá-lo a um bom mestre; diz-se até que em qualquer parte se encontram indivíduos habilitados para domar cavalos e bois; mas se alguém quer aprender a justiça ou fazê-la aprender a um filho ou criado, não sabe onde desencavar quem lha ensine. Hípias, 6
que escutava, disse-lhe escarninho:

— Como é isso, Sócrates, estás a repetir o que te ouvi dizer há tanto tempo?

— Sim — retorquiu Sócrates — e o mais estranho, Hípias, é que, não contente de repetir as mesmas palavras, repito-as sobre os mesmos assuntos. Ao passo que tu, sabichão como és, talvez nem sempre digas as mesmas palavras sobre as mesmas coisas.

— Claro, procuro dizer sempre coisas novas.

— Quer dizer que se te interrogam 7
a respeito de algo que saiba, sobre as letras, por exemplo, e te perguntam quantas tem o nome "Sócrates" e quais são, procuras responder, ora de uma maneira, ora de outra? Se, a propósito de aritmética, te perguntam se duas

vezes cinco são dez, não respondes hoje como respondeste outrora?

— Nessas questões, Sócrates, faço como tu, respondo sempre o mesmo. Porém, sobre a justiça creio poder dizer neste momento coisas a que nem tu nem ninguém nada podereis objetar.

8 — Por Juno! falas de grande descoberta. Só assim os juízes cessarão de dividir seus sufrágios, os cidadãos de contestar por amor de seus direitos, de processar-se uns aos outros, de promover sedições: as próprias nações já não terão querelas a propósito de seus direitos nem se guerrearão. Não, não te deixarei enquanto não me desembuchares tão admirável intento.

9 — Por Júpiter! nada saberás antes de me dizeres o que pensas tu próprio da justiça. Há muito que zombas dos outros, interrogando e refutando sempre, sem jamais querer prestar contas a ninguém nem sobre nada expor tua opinião.

10 — Como! Hípias, não vês que não cesso de mostrar o que penso ser o justo?

— Mas afinal como defines a justiça?

— Se não por palavras defino-a por atos. E não achas a ação mais convincente que a palavra?

— Muito mais, por Júpiter! Muita gente diz coisas justas e comete injustiças, ao passo que, arrimado na justiça, não há possibilidade de ser injusto.

11 — Pois bem: já ouviste dizer que eu haja prestado falso testemunho, caluniado, semeado cizânia entre amigos ou concidadãos ou cometido outra injustiça qualquer?

— Não, nunca.

— Não achas que abster-se da injustiça é ser justo?

— Pareces-me, Sócrates, evitar dizer o que opinas da justiça. Pois não do que fazem os justos mas do que não fazem é que te ouço falar.

— Pois olha, supunha que não que- 12
rer ser injusto fosse prova suficiente de justiça. Se não és do mesmo parecer, vê se isto te satisfaz: digo que justo é o que é legal.

— Queres dizer, Sócrates, que legal e justo sejam uma só e mesma coisa?

— Sim.

— Então não sei o que entendes 13
por legal e justo.

— Conheces as leis do Estado?

— Conheço-as.

— Que são elas?

— O que de comum acordo decretam os cidadãos estatuindo o que deve e o que não deve fazer-se.

— Portanto, legal é o que se conforma com esses regulamentos políticos, ilegal o que os transgride.

— Muito bem.

— Ser justo é obedecer-lhes, injusto desobedecer-lhes.

— Sem dúvida.

— Conseqüentemente, justo não é quem procede justamente, injusto quem procede injustamente?

— Poderia ser de outra forma?

— Logo, justo é quem vive dentro da lei, injusto quem da lei aberra.

— Mas como, Sócrates, emprestar 14
valor ou crer que se deva obedecer às leis, quando muitas vezes aqueles mesmos que as elaboraram as condenam e derrogam?

— A miúdo também as cidades entram em guerra e depois firmam a paz.

— É verdade.

— Censurar os que obedecem às leis porque podem ser revogadas não é o mesmo que condenar os soldados que bem se portam na guerra porque pode concluir-se a paz? Desgabas os cidadãos que, nas guerras, defendem corajosamente a pátria?

— Não, por Júpiter!

— Não achas que se não houvesse 15
inspirado a Esparta o mais fundo respeito às leis, não a teria o lacedemônio

Licurgo tornado diferente das outras cidades? Não sabes que dentre os magistrados de uma cidade, em todos os termos melhores são aqueles que mais inspiram aos cidadãos a obediência às leis? Que o Estado onde os cidadãos são mais submissos às leis é também o mais venturoso na paz e
16 invencível na guerra? A concórdia é para as cidades o maior dos bens. Diariamente a recomendam aos cidadãos os senadores e homens mais eminentes da República. Lei existe em toda a Grécia que manda os cidadãos jurarem viver em harmonia, e em toda parte prestam este juramento. Não creio que tal se faça para que os cidadãos comunguem no mesmo juízo sobre os coros, aplaudam os mesmos tocadores de flauta, elejam os mesmos poetas, tenham os mesmos gostos, mas sim para que obedeçam às leis: que enquanto se lhes mantiverem fiéis as cidades serão poderosíssimas e felicíssimas. Sem concórdia não há cidade bem governada nem casa bem admi-
17 nistrada. Na vida privada, qual o meio mais seguro de não incorrer castigos públicos, qual o caminho mais curto para as honras do que a obediência às leis? Qual o meio mais certo de não ser vencido nos tribunais e ganhar os processos? A quem se confiará com mais gosto fortuna, filhos, filhas? Quem a todos preferirá a confiança do próprio Estado, senão aquele que respeita as leis? De quem esperarão mais eqüidade nossos pais, parentes, servidores, amigos, concidadãos e os estrangeiros? Com quem preferirão os inimigos negociar uma suspensão de armas, uma trégua, condições de paz? Quem granjeará mais aliados? A quem mandarão com mais gosto esses mesmos aliados seus oficiais e suas tropas? De quem esperará um benfeitor mais gratidão do que daquele que respeita as leis? A quem obsequiaremos de melhor grado que àquele que, estamos certos, saberá agradecer-nos? De quem mais amaríamos ser amigo e menos ser inimigo? Qual o homem a que mais temeríamos atacar que aquele de que mais amaríamos ser amigo e menos ser inimigo, cuja amizade fosse de todos reqüestada e cujo ódio e inimizade ninguém quisesse incorrer? Eis-te prova- 18
do, Hípias, ser o legal e o justo uma única e mesma coisa. Se não estás de acordo, dize-mo.

— Por Júpiter! Sócrates, como poderia eu discrepar do que acabas de dizer da justiça?

— Conheces, Hípias, leis não-es- 19
critas?

— Sim, aquelas que em toda parte vogam e têm o mesmo objeto.

— Di-las-ás estabelecidas pelos homens?

— Como, se nem todos os povos vizinham nem falam a mesma língua?

— Quem imaginas, então, formulou tais leis?

— Acho que foram os deuses que as inspiraram aos homens. Porque entre todos os povos a primeira lei é respeitar os deuses.

—. O respeito aos pais não é tam- 20
bém lei universal?

— Sem dúvida.

— Não proíbem as mesmas leis a promiscuidade de pais com filhos e de filhos com pais?

— Quanto a essa lei, Sócrates, não a creio emanada de um deus.

— Por quê?

— Porque povos há que a transgridem.

— Transgridem-se muitas outras. 21
Mas os que violam as leis estabelecidas pelos deuses são fatalmente punidos, enquanto os que pisam aos pés as leis humanas às vezes esquivam a pena, seja foragindo-se, seja usando de violência.

— Qual, pois, o castigo que não 22

podem iludir os pais que vivem de promiscuidade com os filhos, os filhos que vivem com os pais?

— O maior de todos, por Júpiter! Pois que haverá mais triste que dar ao mundo filhos doentes?

— Por que serão seus filhos doentes? Nada impede, se forem sadios, que os filhos também o sejam.

23 — É que não basta o par gerador ser são, é preciso estar no vigor da idade. Pensas que o licor prolífico seja o mesmo nos que se acham na força da idade e nos que ainda não atingiram ou já passaram a mocidade?

— Está visto que não pode ser o mesmo.

— Qual, pois, a idade mais propícia?

— Evidentemente a do pleno vigor.

— Não estarão em condição desfavorável, pois, os que não se acharem nessa idade?

— Claro.

— E não será bom que não cogitem de procriar?

— Certamente.

— Se o fizerem, não irão de encontro à natureza?

— Assim penso.

— A que chamaremos filhos doentes, pois, senão aos frutos dessas uniões defesas?

— Ainda aqui estou de acordo contigo.

— Dize-me, em toda parte não quer 24
a lei que se testemunhe reconhecimento aos benfeitores?

— Sim, porém a transgridem.

— Os que a transgridem não são punidos, abandonados que se vêem de bons amigos e obrigados a recorrer a quem os detesta? Pois não são bons amigos os que beneficiam quem os procura? Se não se retribuem os serviços que deles se receberam, esta ingratidão não provoca seu ódio? E não faz o grande interesse que se tem de freqüentá-los que se cesse de persegui-los?

— Por Júpiter! Sócrates, tudo isso me parece vir dos deuses. Obra de legislador superior aos homens se me afiguram estas leis que trazem consigo a punição dos que as infringem.

— Crês, pois, Hípias, que os deuses 25
estatuem leis justas ou que possam instituí-las contrárias à justiça?

— Não estabelecessem os deuses leis justas e ninguém as estabeleceria.

— Logo, Hípias, os próprios deuses querem que o justo seja o mesmo que o legal.

Assim é que, por palavras e atos, fazia Sócrates mais justos aqueles que o tratavam.

Capítulo V

1 Direi agora como Sócrates induzia seus discípulos à prática do bem. Persuadido de que quem deseje fazer o bem imprescinde da temperança, sobre fazê-la assunto constante de suas palestras, mostrava-se ele próprio modelo
2 acabado de sobriedade. Tinha sempre presente no espírito os caminhos que conduzem à virtude e não se cansava de lembrá-los a quantos o freqüentavam.

Sei que teve um dia com Eutidemo esta prática sobre a temperança:

— Dize-me, Eutidemo, não reputas a liberdade bem inestimável e honroso tanto para o particular como para o Estado?

— É o mais precioso dos bens.

3 — Terás por livre o homem que se deixe dominar pelos prazeres do corpo e assim se veja na impossibilidade de praticar o bem?

— De forma alguma.

— Não chamas liberdade ao poder de praticar o bem, servidão à impossibilidade de praticá-lo?

— Justamente.

— Quer dizer que a teus olhos os intemperantes não passam de escravos?

4 — Sim, e com razão.

— Crês que os intemperantes sejam somente impedidos de fazer o melhor ou que sejam também forçados a fazer o pior?

— Creio-os de todo ponto impelidos para o mal e desviados do bem.

— Que pensas então desses senhores que impedem de fazer o bem e obrigam a fazer o mal? 5

— Por Júpiter! é a pior raça.

— E qual a pior das servidões?

— Em minha opinião, a que nos sujeita aos piores senhores.

— Então os intemperantes padecem a pior das servidões?

— Assim acho.

— A intemperança não afasta os 6
homens da sabedoria, o maior dos bens para precipitá-los nos piores males? achas que, arrastando-os para os prazeres, os impede de se aplicarem ao estudo dos conhecimentos úteis e, não raro, discirnam embora o bem do mal, os obriga a preferirem o pior ao melhor?

— É verdade. 7

— Quem menos prudente que o intemperante? Pois nada tão avesso aos atos da prudência quanto os da intemperança.

— De fato.

— Que nos apartará mais de nossos deveres que a intemperança?

— Nada.

— Quando um vício nos faz prefe- 8
rir o prejudicial ao útil, procurar um e negligenciar o outro e em tudo nos haver-mos ao reverso dos sábios, não é de todos o mais funesto?

— Seguramente.

— Natural não é produzir a temperança efeitos contrários aos da intemperança?

— Sem dúvida.

— Igualmente claro não é ser excelente a causa desses efeitos contrários?

— Certamente.

— Então força é crer, Eutidemo, ser a temperança o mais valioso dos bens.

— Não ná duvidá-lo, Sócrates.

9 — Já observaste uma coisa, Eutidemo?

— Quê?

— Que, pareça embora poder conduzir-nos exclusivamente ao agradável, de tanto é incapaz a intemperança, ao passo que a temperança nos proporciona os mais vivos prazeres.

— Como assim?

— Porque a intemperança, não nos permitindo suportar a fome, a sede, os desejos amorosos, a insônia, necessidades que só elas nos fazem experimentar, deleite em comer, beber, amar, repousar, dormir e que com a espera e a privação não fazem senão aumentar o prazer, a intemperança, digo, impede-nos de sentir verdadeira doçura no satisfazer estes apetites necessários e contínuos. A temperança, ao contrário, única capaz de fazer-nos suportar as privações, é também a única que nos permite gozar até pela memória dos prazeres de que falei.

— Nada do que dizes admite dúvi- 10
das.

— Demais, aprender a conhecer o belo e o bem, a governar o próprio corpo, a bem dirigir sua casa, a ser prestadio aos amigos e à pátria e a vencer os inimigos, todas qualidades que não somente são úteis como proporcionam os maiores prazeres: tais as vantagens práticas que colhem os homens temperantes e de que os intemperantes são excluídos. De feito, quem menos digno delas que aquele que, consagrado aos prazeres fáceis, nenhuns sacrifícios fez à virtude?

— Parece-me, Sócrates, conside- 11
rares o homem dominado por prazeres dos sentidos incapaz de qualquer virtude.

— Qual a diferença, Eutidemo, entre o homem intemperante e a besta mais estúpida? Em que difere dos brutos quem jamais toma o bem por norte e só vive para o prazer? Só os temperantes podem examinar o que há de melhor em todas as coisas, distribuí-las por gênero na prática e em teoria, joeirar o bem e refugar o mal.

Este — dizia Sócrates — o meio de tornar os homens melhores, mais felizes e mais hábeis na dialética. Ajuntava vir o nome de "dialético" do hábito de dialogar em comum e distribuir os objetos por gêneros; que mister havia, pois, dar-se com afinco a este exercício, de vez que tal estudo forma os melhores homens, os mais hábeis políticos e os mais fortes dialéticos.

Capítulo VI

1 Farei também por contar como Sócrates formava seus discípulos na dialética. Achava que, quando se conhece bem o que seja cada coisa em particular, pode-se explicá-la aos outros; mas que, se se ignora, não admira que se engane a si mesmo e consigo aos outros. Também não cessava de investigar com seus discípulos o que é cada coisa em particular. Trabalhosa empresa seria reproduzir todas as suas definições: contentar-me-ei de referir as que, a meu ver, melhor caracterizam seus sistemas.

2 Primeiramente vejamos como encarava a piedade:

— Dize-me, Eutidemo, que achas da piedade?

— Por Júpiter! é a mais formosa das virtudes.

— Poderias dizer-me qual o homem piedoso?

— Aquele, penso, que honra os deuses.

— Pode cada um honrar os deuses à sua fantasia?

— Não, há leis que regulam o culto.

3 — Saberá quem essas leis conheça como adorar os deuses?

— Penso que sim.

— Julgará quem saiba honrar os deuses dever honrá-los de outro modo?

— Não, certamente.

— Honraríamos os deuses diferentemente do que cremos de mister?

— Não o creio.

— Portanto, não cultuará os deuses 4
legitimamente quem conhecer as leis do culto?

— Sim.

— Quem cultuar os deuses legitimamente não os honrará como deve?

— Seguramente.

— Quem honrar os deuses como deve não será piedoso?

— Sem dúvida.

— Então não podemos definir o piedoso como aquele que conhece o culto legítimo?

— De pleno acordo.

— Passemos aos homens. Poderá 5
cada qual tratar seus semelhantes a seu bel-prazer?

— Não. Só procederá legitimamente com respeito a seus semelhantes quem conhecer as leis reguladoras das relações entre os homens.

— Então os que se tratarem reciprocamente segundo essas leis tratar-se-ão como de dever?

— Sim.

— Não se tratarão bem os que se tratarem como de dever?

— Claro.

— Quem tratar bem seu semelhante não cumprirá seu dever de homem?

— Sim.

— Por conseguinte não procederão consoante a justiça, os que obedecerem às leis?

6 — É evidente.

— E a justiça, sabes o que é a justiça?

— O que ordenam as leis.

— Portanto não procederão conforme a justiça e o dever os que fizerem o que mandam as leis?

— Poderia ser de outro modo?

— Não serão justos os que se pautam pela justiça?

— Serão.

— Crês que se possa obedecer às leis sem saber o que ordenam?

— Não.

— E, sabendo-se o que se deva fazer, julgar-se-á não precisar fazê-lo?

— Não creio.

— Conheces homens que se hajam diferentemente do que creiam de mister?

— Não.

— Portanto não serão justos os que conhecerem as leis prescritas relativamente aos homens?

— Entra pelos olhos.

— Então serão justos os que se pautarem pela justiça?

— Poderia deixar de ser assim?

— Logo, não podemos definir o justo como aquele que conhece as leis prescritas relativamente aos homens?

— É o que penso.

7 — E a sabedoria, como a definiremos? Dize-me, serão os sábios somente sábios no que sabem ou também no que não sabem?

— Claro que a gente é sábio no que sabe. Como sê-lo no que não se sabe?

— Será pela ciência que os sábios são sábios?

— Como ser sábio senão pela ciência?!

— Então não achas que os sábios possam ser sábios por outra coisa que não a ciência?

— Não.

— Logo, a ciência é a sabedoria?

— Assim me parece.

— Julgas que o homem possa tudo saber?

— De maneira alguma: penso que só pode saber muito pouco.

— Então um homem não pode ser sábio em tudo?

— Está claro que não.

— Mas naquilo que sabe, cada um é realmente sábio?

— De acordo.

— Queres, Eutidemo, que analisemos do mesmo modo a natureza do bem? 8

— Como?

— Crês que a mesma coisa seja útil a todos?

— Não.

— O que é útil a um, por vezes é prejudicial a outro?

— Decerto.

— Julgas o bem distinto do útil?

— Não.

— Logo, uma coisa só será um bem para quem for útil?

— Sim.

— O mesmo não se dá com o belo? 9 Quando falas da beleza de um corpo, de um vaso ou outro objeto qualquer, julgas que tal objeto seja belo para todos os usos?

— Não, certo.

— Quer dizer que cada objeto só é belo para o uso a que deve servir?

— Exatamente.

— Pode um objeto belo ser belo sob outro aspecto que não o do uso que dele possa fazer-se?

— Não.

— Então uma coisa só será bela para quem for útil?

— Assim penso.

— Colocas a coragem, Eutidemo, 10 entre as coisas belas?

— Entre as que mais o são.

— Quer dizer que não a consideras útil somente para as pequenas coisas?

— Considero-a útil para o que há grande.

— Achas vantajoso, estando-se em presença de perigos terríveis, não ter-se noção da ventura que se corre?

— De forma alguma.

— Então não são corajosos os que sem o saber arrastam perigos?

— Não, claro; do contrário haveria passar atestado de valor a muitos loucos e covardes.

— E os que temem até o que nada tem de terrível?

— São piores que aqueles.

— Chamas corajosos, pois, aos que não têm medo nos perigos iminentes, e covardes aos que o têm?

— Precisamente.

11 — Chamarás corajosos a outros que não aqueles que se portam com valor em face dos perigos?

— Não.

— E covardes, aos que se portam mal?

— A quem mais dar esse nome?

— Entretanto, cada um deles não se porta como julga dever fazê-lo?

— Necessariamente.

— Saberão os que se portam mal como deveriam portar-se?

— Não.

— Poderão portar-se como devem os que o souberem?

— Sim, e eles somente.

— Portar-se-ão mal em face dos perigos os que souberem como devem haver-se?

— Não o creio.

— Logo, os que se portam mal não sabem como deveriam haver-se?

— É evidente.

— Por conseqüência, corajosos não são os que sabem como é mister haver-se nos perigos iminentes e covardes os que não o sabem?

— De acordo.

12 Considerava a realeza e a tirania duas autoridades, com esta diferença: realeza chamava um poder aceito pelos homens e conforme as leis do Estado; tirania, um poder imposto e sem outras leis que os caprichos do chefe. Aristocracia chamava a república dirigida por cidadãos amigos das leis. Plutocracia, aquela onde dominam os ricos. Democracia, aquela onde todo o povo é soberano.

Se o contradiziam sem apresentar 13
provas terminantes, se afirmavam, sem demonstrá-lo, ser tal cidadão mais sábio, mais hábil político, mais corajoso, etc., que aquele de que falava, reportava-se ao fulcro da questão:

— Dizes ser o homem que louvas 14
melhor cidadão que o que elogio?

— Sim.

— Por que não começarmos, então, por examinar qual o próprio do bom cidadão?

— Façamo-lo.

— Na administração das riquezas, não ganha por mão o que enriquece a pátria?

— Sem dúvida.

— Em tempo de guerra, não leva a palma quem a avantaja dos adversários?

— Certamente.

— Numa embaixada, não excele quem de inimigos faz amigos?

— Não o nego.

— No congresso do povo, não leva as lampas quem apazigua as sedições e instaura a concórdia?

— Assim o creio.

Deste modo, resumindo a questão, tornava a verdade sensível aos contra-
ditores. Quando discorria sobre um 15
assunto, procedia pelos princípios mais geralmente reconhecidos, tendo por infalível este método de raciocínio. Também não conheci quem o sobrepujasse no fazer competir sua opinião aos que o ouviam. Dizia que Homero chama Ulisses de orador seguro da própria causa porque sabia deduzir suas razões das idéias que todos admitem.

CAPÍTULO VII

1 Tenho para mim que do que hei dito transluz claramente a simplicidade com que Sócrates expunha suas opiniões a seus ouvintes. Ora direi como se aplicava a tornar seus discípulos capazes de bastar-se a si mesmos em suas respectivas funções. De quantos homens tenho conhecido, nenhum como ele se daria ao trabalho de conhecer as qualidades de seus amigos. Tudo o que sabia convir ao homem perfeito e que ele próprio conhecesse, apressava-se a ensinar-lhes, e, para fazê-los aprender o que ignorava, re-
2 metia-os a mestres competentes. Ensinava-lhes também até que ponto deve o homem bem educado versar-se em cada ciência. Assim, dizia dever aprender-se de geometria o necessário para, em caso de precisão, medir-se exatamente um terreno que se queira comprar, vender, dividir ou lavrar. O que é tão fácil — acrescentava — que por pouco que se dedique à agrimensura pode conhecer-se a grandeza da terra e
3 a maneira de medi-la. Mas que se levasse o estudo da geometria aos problemas mais difíceis, eis o que desaprovava: dizia não ver a utilidade disso. Não que os ignorasse, mas achava que a perquisição de tais problemas pode consumir a vida de um homem e desviá-lo de um sem número de outros
4 estudos úteis. Recomendava aprender-se de astrologia o bastante para, viajando-se por terra, por mar ou, estando-se de guarda, reconhecer as divisões da noite, mês e ano e ter pontos de referência para tudo o que se faça na noite, no mês ou no ano. Acrescentava ser fácil aprender estes pontos com os caçadores noturnos, pilotos e todos aqueles que têm interesse em sabê-los. Quanto à astrono- 5
mia e às indagações tangentes aos globos que não consoam com a rotação do nosso céu, a saber, os astros errabundos e sem regra, sua distância da Terra, revoluções e origem, reprovava-as energicamente, dizendo nenhuma utilidade ver em tais especulações. Não era estranho a esses conhecimentos, mas repetia que podem consumir a vida de um homem e apartá-lo de um sem número de estudos úteis. Em 6
geral interdizia o preocupar-se excessivamente dos corpos celestes e das leis segundo as quais os dirige a divindade. Havia esses segredos por impenetráveis aos homens e considerava ofensa aos deuses sondar os mistérios que não lhes aprouve revelar-nos. Aditava que, enfronhando-se em tais especulações, corria-se o risco de perder a razão, como a perdera Anaxágoras com suas cerebrações para explicar os mecanismos divinos. De feito, quando 7
pretendia que o Sol não passa de fogo

se esquecia Anaxágoras que os homens olham facilmente o fogo, enquanto não podem olhar o Sol de frente, além de os raios do Sol escurecerem a pele, o que não faz o fogo. Esquecia-se ser o calor do Sol necessário à vida e ao crescimento das produções da terra, ao passo que o do fogo as mata. Quando dizia ser o Sol uma pedra inflamada ignorava que a pedra, exposta ao fogo, não produz chama nem lhe resiste muito tempo, de passo que o Sol é de todos os tempos o mais brilhante dos
8 corpos. Aconselhava o estudo dos números. Mas, como para as outras ciências, recomendava não perder-se em indagações vãs e examinava e discutia com seus discípulos até que ponto todos os conhecimentos podem ser úteis. Instava-os vivamente a não des- 9
cuidarem da saúde, consultarem os entendidos sobre o regime que deviam seguir, estudarem eles próprios durante todo o curso da vida quais os alimentos, bebidas e exercícios que melhor lhes convinham e como usá-los para gozar de perfeita saúde. Afirmava que difícil seria a homem avezado a estudar-se assim encontrar médico que melhor que ele discernisse o que lhe convinha à saúde. Se alguém queria 10
elevar-se acima dos conhecimentos humanos, aconselhava-lhe vacar à adivinhação, assegurando que, quando se sabe por que sinais dão os deuses a conhecer ao homem sua vontade, jamais se carece de suas advertências.

CAPÍTULO VIII

1 Se se acreditar que a asserção de Sócrates relativa ao demônio que o advertia do que devia ou não fazer cai diante da condenação capital pronunciada por seus juízes e o convence de embuste no que respeita esse gênio familiar, que se reflita nisto: a uma, Sócrates ia assaz avançado em anos para não ter mais que pouquíssimo tempo de vida; a outra, não perdeu senão o trato mais penoso da existência, o do ocaso do espírito. A ele renunciando demonstrou todo o vigor de sua alma, cobrindo-se de glória tanto pela verdade, despejo e justiça de sua defesa quanto pela doçura e coragem com que recebeu a sentença de
2 morte. É opinião unânime que, ao que haja memória, homem nenhum enfrentou a morte com mais valor que ele. Foi obrigado a viver ainda trinta dias após o julgamento, porque precisamente nesse mês se realizavam as festas de Delos e proíbe a lei executar qualquer condenado antes do regresso
3 da teoria délia[14]. Como até então vivera, durante todo esse tempo viveu sob os olhos dos amigos. Já granjeara admiração pouco comum pela calma e serenidade de sua vida. E qual a morte mais bela que a sua? Haverá morte mais bela que a do homem que melhor saiba morrer? Haverá morte mais feliz que a mais bela? Haverá morte mais grata aos deuses que a mais feliz?

4 Vou referir o que ouvi da boca de Hermógenes, filho de Hipônico. Já Meleto fizera sua acusação. Vendo Sócrates discorrer sobre tudo menos sobre o processo, disse-lhe Hermógenes que devia pensar em sua apologia.

Respondeu-lhe Sócrates:

— Não te parece que lhe consagrei toda a minha vida?

Perguntando-lhe Hermógenes de que maneira, disse-lhe Sócrates que, vivendo sempre a considerar o que seja justo ou injusto, praticando a justiça e evitando a iniqüidade, cria haver preparado a mais bela apologia.

Tornou Hermógenes:

5 — Não vês, Sócrates, que, chocados com a defesa, fizeram os juízes de Atenas morrer muitos inocentes, assim como absolveram muitos culpados?

— Tentei, Hermógenes, preparar uma apologia para apresentar a meus juízes, porém a tanto se opôs meu demônio.

6 — Espanta-me o que dizes.

— Por que, se julgam os deuses mais vantajoso para mim deixar a vida desde já? Não sabes que, até o presente, humano algum viveu melhor e mais ditosamente que eu? Parece-me não

[14] Teoria délia: era a delegação das cidades gregas às festas solenes no templo de Apolo de Delos. (N. do E.)

poder viver-se melhor que diligenciando fazer-se melhor; nem mais ditosamente que sentindo tornar-se realmente melhor. Este efeito tenho-o até aqui experimentado em mim mesmo, vivendo entre os outros homens e a
7 eles comparando-me. Nunca tive de mim próprio outra opinião, e esta opinião perfilham meus amigos, não por gostarem de mim (se assim fosse todos diriam o mesmo daqueles que estimam), mas por verem que em me freqüentando se tornavam melhores.
8 Se vivesse mais, seria forçosamente obrigado a pagar meu tributo à velhice. Veria e ouviria menos, a inteligência se me turbaria, mais custoso ser-me-ia aprender, mais fácil esquecer e assistiria ao definhamento de todas as minhas prerrogativas. Se não tivesse o sentimento de todas essas perdas, viver já não seria viver. Se o tivesse, como não se me tornaria a vida triste e
9 desgraçada? Morrendo injustamente, a vergonha cairá sobre os que injustamente me mataram: se a injustiça é vergonhosa, como não seria vergonhoso um ato injusto? A mim, qual o opróbrio que me pesará de não me terem reconhecido nem feito justiça?
10 Vejo que a reputação dos que me precederam passa à posteridade muito diferente, segundo tenham sido autores ou vítimas da injustiça. Estou certo que, morrendo hoje, os sentimentos que inspirarei aos homens não serão os mesmos que inspirarão os que me matam. Render-me-ão, tenho certeza, o testemunho de que nunca fiz mal a ninguém, e, longe de corromper meus amigos, sempre forcejei por torná-los melhores.

11 Eis o teor das palestras de Sócrates com Hermógenes e outros. Dentre quantos o conheceram, todos os que amam a virtude não cessam de lamentá-lo qual o melhor auxiliar à prática do bem. Quanto a mim, que o vi tal qual o pintei: piedoso, de nada fazer sem o assentimento dos deuses; justo, de nunca por nunca fazer o menor mal a ninguém, ao contrário prestar os maiores serviços aos que o freqüentavam; morigerado, de jamais preferir o agradável ao honesto; prudente, de nunca enganar-se na apreciação do bem e do mal, capaz de penetrar todas estas noções, explicá-las e defini-las, hábil no julgar os homens, apontar-lhes suas faltas, encaminhá-los à virtude e ao bem — figurava-se-me fadado a ser o melhor e o mais ditoso dos humanos. Se alguém houver que comigo não concorde, compare o que foi Sócrates com o que são os outros homens e julgue!

XENOFONTE

APOLOGIA DE SÓCRATES

Tradução de LÍBERO RANGEL

I

1 Dentre os fatos concernentes a Sócrates, um há que me pareceu digno de transmitir-se à memória: sua determinação, quando submetido a julgamento, no tangente a sua apologia e sua morte. Outros, é verdade, trataram do assunto e disseram da nobre altivez de sua linguagem, de sorte que não há questionar este ponto. Mas por que Sócrates preferiu a morte, eis o que não fizeram ver claramente, parecendo haver certa desrazão na altura de suas
2 palavras. Porém Hermógenes, filho de Hipônico e amigo de Sócrates, deu a seu respeito pormenores que mostram que a altura de sua linguagem se acordava plenamente com a de suas idéias. Contava que, vendo-o discorrer sobre assuntos completamente alheios a seu processo, lhe dissera:

3 — Não deverias, Sócrates, pensar em tua apologia?

Ao que lhe respondeu Sócrates:

— Não te parece que lhe consagrei toda a minha vida?

Perguntando-lhe Hermógenes de que maneira:

— Vivendo sem cometer a menor injustiça, o que é, a meu ver, o melhor meio de preparar uma defesa.

Tornara Hermógenes:

4 — Não vês que, chocados com a defesa, fizeram os juízes de Atenas morrer muitos inocentes e absolveram muitos culpados cuja linguagem lhes despertara a piedade ou lhes lisonjeara os ouvidos?

— Por duas vezes — dissera Sócrates — tentei preparar uma apologia, porém, a tanto se opôs meu demônio.

Estranhando-lhe Hermógenes a linguagem, respondera Sócrates:

— Por que te espantas, se julgam 5
os deuses mais vantajoso para mim deixar a vida desde já? Não sabes que, até o presente, humano algum viveu melhor que eu? É-me agradável ter vivido toda a minha vida na piedade e na justiça. E, experimentando viva admiração de mim próprio, verifiquei que os mesmos sentimentos nutriam para comigo todos os meus amigos. Mas já agora, se 6
for além, sei que terei forçosamente de pagar meu tributo à velhice. A vista se me enfraquecerá, ouvirei menos, minha inteligência se turbará e esquecerei mais depressa o que aprender. Se perceber a perda de minhas faculdades e sentir-me mal comigo mesmo, como aprazer-me da vida? Talvez seja por 7
benevolência que me concede a deidade, como dom especial, terminar a vida não só na época mais conveniente como do modo menos penoso. Porque, sendo condenado hoje, certo ser-me-á permitido firmar pelo gênero de morte que os homens que se ocuparam desta questão consideram a mais suave, a que menos faz padecer tanto o morituro, como os seus amigos. Verdadeiramente digno de inveja não é morrer sem deixar nenhuma impressão penosa

e desagradável no espírito dos assistentes, são de corpo, alma em paz?
8 Razão, pois, tiveram os deuses dissuadindo-me de preparar minha defesa, quando todos vós acháveis que deveria por todos os meios buscar subterfúgios. Fizesse-o eu, e teria refugido o morrer hoje para, sem nenhum consolo, vir a findar atormentado de doenças ou então de velhice, para a qual vergem todas as enfermidades. Por Júpiter! Hermógenes, sequer cogitarei 9
disso. E se, expondo sem refolhos todas as vantagens que creio haver dos deuses e dos homens, bem como a opinião que faço de mim mesmo, tiver pesar aos juízes, preferirei morrer a mendigar servilmente a vida e fazer-me outorgar uma existência mil vezes pior que a morte.

II

10 Assim resolvido, atesta Hermógenes, quando seus inimigos o acusaram de não reconhecer os deuses do Estado, introduzir extravagâncias demoníacas e corromper os jovens, Sócrates adiantou-se e disse:

11 — O que mais me surpreende no acusatório de Meleto, cidadãos, é afirmar ele que eu não reconheça os deuses do Estado, quando todos vós, Meleto convosco, se o quis, tivestes ocasião de ver-me sacrificar nas festas
12 solenes e altares públicos. E como pretender que eu introduza extravagâncias demoníacas, quando digo advertir-me a voz de um deus do que deva fazer? Não se guiam por vozes os que tiram presságios do canto das aves e das palavras dos homens? Ninguém negará seja voz o trovão, e até o maior dos augúrios. Pela voz não manifesta a sacerdotisa de Pito, na trípode, a von-
13 tade do deus? Que esse deus possui o conhecimento do futuro e o revela a quem lhe apraz, eis o que digo e comigo dizem e pensam todos. Somente que a isso chamam augúrios, vozes, símbolos, presságios, eu lhe chamo demônio. Com esta denominação creio usar de linguagem mais veraz e mais piedosa que os que atribuem às aves o poder dos deuses. A prova de que não minto contra a divindade, ei-la: jamais, ao anunciar a bom número de amigos os desígnios do deus, fui apanhado em delito de impostura.

Em ouvindo tais palavras os juízes 14
murmuraram, uns de incrédulo, outros de invejoso das preferências que lhe concediam os deuses. Continuou Sócrates:

— Ouvi mais isto, a fim de que os que o desejam tenham mais um motivo para não crer no favor com que me honraram as divindades. Um dia em que, em presença de numerosa assistência, Querefonte interrogava a meu respeito o oráculo de Delfos, respondeu Apolo inexistir homem mais sensato, independente, justo e sábio que eu. Como era de esperar, a estas pala- 15
vras os juízes fizeram ouvir murmúrio maior ainda.

Prosseguiu Sócrates: — Entretanto, cidadãos, em termos mais magníficos ainda se expressou o deus em relação a Licurgo, o legislador dos lacedemônios. É fama que, no momento em que

Licurgo entrava no templo, disse-lhe a divindade: "Chamar-te-ei homem ou deus?" A mim não me comparou a deus, mas disse que em muito sobrepujo os outros homens. Não creiais levianamente o que disse a deidade: pesai bem cada uma de suas palavras.
16 Sabeis de homem menos escravo dos apetites do corpo que eu? Mais independente que eu, que de ninguém recebo presentes nem salário? Quem podereis, em boa fé, considerar mais justo que um homem tão acomodado com o que tenha que jamais precise do alheio? Quanto à sabedoria, como por outro acima de mim, que desde que comecei a compreender a língua jamais cessei de inquirir e aprender tudo
17 o que podia de bem? A prova de que meu labor não foi estéril, não a vedes na preferência que a meu trato dão numerosos concidadãos e estrangeiros amigos da virtude? Por que motivo tanta gente, saiba-me embora demasiadamente pobre para retribuir, faz timbre de enviar-me presentes? Ninguém poderá dizer que lhe haja pedido um serviço: entanto qual o motivo de tanta
18 gente declarar dever-me gratidão? Por que, durante o sítio da cidade, jeremiavam meus concidadãos sua miséria, enquanto eu não padecia mais privações que nos dias de maior prosperidade da República? Por que, quando os outros compram a altos preços, no mercado, fruo gratuitamente os deleites do espírito, mais puros que os seus? Se nada podeis negar do que acabo de dizer, como não ter eu direitos legítimos ao beneplácito dos deuses e dos
19 homens? Entretanto dizes, Meleto, que assim procedendo corrompo a juventude? Sabemos, sem dúvida, em que consiste a corrupção. Ora, dize-me, conheces um único jovem tornado ímpio; de moderado, violento; de poupado, pródigo; de sóbrio, dado ao vinho; de trabalhador, preguiçoso ou escravo de outra qualquer má paixão?

— Sim, por Júpiter! — disse Meleto — conheço a quem seduziste a 20 ponto de depositarem mais confiança em ti que nos próprios pais!

— Concordo — respondeu Sócrates — no que respeita à instrução, porque sabem que meditei profundamente essa matéria. Quando se trata da saúde, os homens têm mais confiança nos médicos que em seus pais. Nos congressos, prefere a generalidade dos atenienses ater-se aos que falam com mais sabedoria àqueles a que se acham unidos pelos laços do sangue. Com efeito, não escolheis para estrategos de preferência a vossos pais e irmãos e, por Júpiter! de preferência a vós mesmos, aqueles que sabem mais experimentados na arte da guerra?

— É o uso, Sócrates — replicou 21 Meleto — e esse uso tem sua utilidade.

— Pois bem — ripostou Sócrates — não te parece estranho que em tudo os melhores sejam considerados não somente iguais como superiores aos outros, enquanto a mim por causa da superioridade que me concedem alguns no tocante ao maior dos bens humanos, a instrução, me carregues com uma acusação capital?

É de crer que tanto Sócrates como 22 aqueles de seus amigos que falaram em sua defesa dissessem ainda muitas outras coisas. Mas não me propus desfiar todos os pormenores do processo; basta-me ter feito ver que Sócrates tomara por ponto demonstrar que jamais fora ímpio para com os deuses nem injusto para com os homens, mas que longe 23 dele pensar rebaixar-se a súplicas para escapar à morte: ao contrário, desde logo se persuadira haver chegado a hora de morrer. Estes sentimentos melhor se patentearam ao pronunciar-se a condenação. Primeiro convidado a

fixar a taxa da multa, declinou-o e não o permitiu aos amigos, dizendo-lhes que tal fazer seria confessar-se culpado. Depois, querendo seus amigos subtraí-lo à morte, recusou-o e, chasqueando, perguntou-lhes se conheciam fora da Ática algum lugar inacessível à morte.

24 Enfim, proferida a sentença, disse:

— Cidadãos! Tanto aqueles dentre vós que induzistes as testemunhas a perjurarem, levantando falso testemunho contra mim, quanto os que vos deixastes subornar, deveis, de força, sentir-vos culpados de grande impiedade e injustiça. Mas eu, por que haveria de crer-me empequenecido se nada se comprovou do que me acoimam? Jamais ofereci sacrifícios a outras divindades que não Júpiter, Juno e os
25 demais deuses. Nunca jurei senão por eles. Jamais nomeei outras deidades. Quanto aos jovens, seria corrompê-los, habituá-los à paciência e à frugalidade? Atos contra os quais a lei pronuncia a morte, como a profanação dos templos, o roubo com efração, a venda de homens livres, a traição à pátria, meus próprios acusadores não ousam dizer que os haja cometido. Surpreso, pois, pergunto a mim mesmo qual o crime por que me condenais à morte. Nem por morrer injustamente 26
devo ter-me em menor estima: não sobre mim, mas sobre os que me condenam cairá a ignomínia. Demais, consolo-me com Palamedes que findou quase como eu. Até hoje ainda lhe cantam hinos mais magníficos que a Ulisses, que o fez perecer injustamente. Estou certo que tanto quanto o passado, me renderá o porvir o testemunho de que nunca fiz mal a ninguém, jamais tornei ninguém mais vicioso, mas servia os que comigo privavam ensinando-lhes sem retribuição tudo o que podia de bem.

Após assim falar retirou-se sem que 27
nada lhe desmentisse a linguagem: olhos, atitude, andar conservavam a mesma serenidade.

III

Reparando que os que o acompanhavam se desfaziam em lágrimas, disse-lhes:

— Que é isto! Agora é que achais de chorar? Não sabeis há muito que no instante mesmo de meu nascimento pronunciara a natureza a sentença de minha morte? Se morresse antes da idade, rodeado de todos os gozos, certo seria o caso de nos afligirmos tanto eu como os que me prezam. Mas se chego ao termo da carreira, quando nada senão males posso esperar, minha morte deve ser motivo de alegria para todos vós.

Acompanhava-o *certo Apolodoro*, 28
alma simples e extremamente afeiçoada a Sócrates, que lhe disse:

— Não posso suportar, Sócrates, ver-te morrer injustamente.

Então se diz que, passando-lhe de leve a mão pela cabeça, Sócrates respondeu:

— Como! Meu caro Apolodoro

então preferias ver-me morrer justamente?

E ao mesmo tempo sorria.

29 É voz ainda que, vendo passar Ânito, disse:

— Vejam só como vai ufano aquele homem: crê ter realizado bela façanha em me matando, por haver-lhe eu dito certo dia que, uma vez que fora levado às primeiras dignidades da República, não ficava bem elevar o filho ao mister de tanoeiro. Miserável! Parece ignorar que, de nós dois, verdadeiro vencedor é aquele que durante toda a vida não cessou de praticar ações úteis e honestas. 30 E já que Homero atribui a alguns de seus heróis, à hora da morte, o conhecimento antecipado do futuro, quero fazer também uma predição. Faz tempo, encontrei-me alguns momentos com o filho de Ânito, e pareceu-me não carecer de energia de caráter. Pois predigo que não permanecerá na condição servil em que o colocou o pai. Mas, por falta de guia esclarecido, será presa de alguma paixão vergonhosa e se esbarrocará na perversidade.

E assim falando Sócrates não se 31 enganou. Avezando-se ao vinho, o rapaz não parava de beber dia e noite e acabou incapacitado de fazer o que quer que fosse de útil à pátria, aos amigos e a si mesmo. Quanto a Ânito, a má educação que dera ao filho e sua própria ignorância tornaram, até hoje que já não vive, odiosa sua lembrança.

IV

32 À verdade, falando de si mesmo com tamanha sobranceria perante o tribunal, Sócrates ateou o ciúme e contiçou a disposição em que se achavam os juízes a condená-lo. Mas estou que, com afortunado destino, o amercearam os deuses. Deixou da vida a parte mais penosa e morreu a morte menos dolo-
33 rosa. Ademais, pôs plenamente de manifesto seu vigor de ânimo. Reconhecendo ser-lhe mais vantajoso morrer que viver, assim como jamais recuara diante dos outros bens, assim não fraquejou à barba da morte e serenamente a recebeu e sofreu. Quando 34 reflito na sabedoria e grandeza de alma deste homem, não posso deixar de acordar-lhe a memória e a esta lembrança juntar meus elogios. E se dentre os enamorados da virtude alguém houver que haja privado com homem mais prestante que Sócrates, reputo-o o mais venturoso dos mortais.

ARISTÓFANES

AS NUVENS

Tradução e notas de GILDA MARIA REALE STARZYNSKI

PERSONAGENS

ESTREPSÍADES

FIDÍPIDES

ESCRAVO de Estrepsíades

DISCÍPULO de Sócrates

SÓCRATES

CORO das Nuvens

Raciocínio JUSTO

Raciocínio INJUSTO

CREDOR I

CREDOR II

DOIS DISCÍPULOS de Sócrates

Cenário — *É noite. Uma praça; no centro uma estátua de Hermes. Duas casas; uma, paupérrima, de porta fechada, é a de Sócrates. Na outra, de portas abertas, vêem-se duas camas. Numa, o velho Estrepsíades se agita; na outra, um rapaz dorme profundamente, coberto até as orelhas. Armários, bancos, lamparinas, vasos, etc. A um canto dois escravos roncam. Ouve-se o canto do galo.*

ESTREPSÍADES
(Senta-se no leito e começa a resmungar.)[1]

Ai, ai! Ó Zeus soberano! Como são compridas as noites! Uma coisa interminável!... Nunca mais será dia? E, no entanto, já faz muito tempo que ouvi o canto do galo... Os escravos roncam... Mas não roncariam nos tempos de outrora... Maldiçoada guerra, e por muitas razões, pois não posso nem castigar os meus escravos...[2] *(Apontando para o filho.)* E nem esse "belo" rapaz que aí está não acorda durante a noite, mas fica peidando, encolhido debaixo de cinco mantas... *(Volta-se para os espectadores.)* Com sua licença, vamos roncar bem cobertos... *(Deita-se. Pausa. De repente, salta do leito, jogando longe os cobertores.)* Pobre de mim, não posso dormir, mordido pela despesa, pela estrebaria e pelas dívidas! Tudo por causa desse filho aí; e ele usa cabelos compridos, cavalga, guia uma parelha e sonha com cavalos... Eu, eu morro, vendo que a Lua vai carregando o dia vinte; pois os juros correm...[3] *(Desperta um escravo.)* Escravo, acenda a lamparina e traga-me o livro de contas para eu ver a quantas pessoas estou devendo e calcular os juros. *(O escravo traz um livro, que Estrepsíades consulta com cuidado.)* Vamos ver o que é que devo? Doze minas a Pásias. Mas por que doze minas a Pásias? Para que as usei? *(Pausa.)* Foi quando comprei o cavalo de raça...[4] Ai de mim, antes tivesse

[1] Prólogo, vv. 1-274.

[2] No início da Guerra do Peloponeso (431 a.C.), na perspectiva da invasão da Ática pelas tropas lacedemônias, muitos proprietários deixaram suas terras, refugiando-se dentro dos Grandes Muros. Os trabalhos nos campos foram abandonados e os escravos, que deviam acordar com o canto do galo, podiam dormir sossegados. Os senhores abstinham-se de castigá-los e de enviá-los a trabalhar fora da cidade, temendo que desertassem. Apesar disso, as deserções eram freqüentes. *Cav.*, vv. 20 ss.; Tuc. II, 2, 27.

[3] O mês era lunar, dividido em três décadas. O velho teme os dias após o dia vinte, início da terceira década, porque no fim do mês se faziam os acertos de juros ou se saldavam as dívidas. Cf. vv. 1134-1222.

[4] Lit. o "koppatias", isto é, o cavalo marcado com a letra "koppa". Era hábito marcar os cavalos de raça com letras do alfabeto, ou para indicar-lhes o preço ou para assinalar vitórias. Assim também havia o cavalo marcado com a letra "san". Cf. v. 122. Estrepsíades que não entende nada de equitação emprega a esmo as palavras que ouve nas conversas do filho. Cf. vv. 120 ss.

25 roçado o olho com uma pedra. . . [5]

FIDÍPIDES
(Mexe-se no leito e sonha em voz alta.)

Filão, você está trapaceando! Siga a sua raia. . .

ESTREPSÍADES
É esse, é esse mesmo o mal que acaba comigo! Até quando dorme, ele sonha com cavalos. . .

FIDÍPIDES
Quantas carreiras correm os carros
30 de guerra? . . . [6]

ESTREPSÍADES
A mim, o seu pai, é que você faz correr por muitas carreiras. . . Mas então, que dívida me espera depois de Pásias? Três minas a Amínias por uma boleiazinha e um par de rodas. . .

FIDÍPIDES
Leve o cavalo para a cocheira, depois de fazê-lo espojar-se. . . [7]

ESTREPSÍADES
Mas, meu caro, a mim pelo menos você já me despojou dos meus bens! . . . Já fui condenado a pagar as dívidas, e outros credores afirmam que
35 vão processar-me por causa dos juros!

FIDÍPIDES
(Acorda, impaciente.)

Verdadeiramente, meu pai, por que você se aborrece e se mexe a noite inteira?

ESTREPSÍADES
Morde-me um meirinho[8], saído das cobertas. . .

FIDÍPIDES
Homem, deixe-me dormir um pouco!

ESTREPSÍADES
(Acena para o filho, monologando.)

Então durma, mas quanto a essas dívidas, fique sabendo que se voltarão 40
todas contra a sua cabeça. . .

Irra! Antes tivesse morrido desgraçadamente a casamenteira que me deu fumos de casar com a mãe dele! Eu levava uma vida rústica, agradabilíssima, embolorado, sujo e à vontade, regurgitando de abelhas, de rebanhos e de bagaços de azeitona. . . [9] Depois, 45
casei-me com uma sobrinha de Mégacles, filho de Mégacles[10]; eu um camponês, ela, da cidade, orgulhosa, delambida, uma perfeita "grã-fina"[11]. No dia do casamento, quando me deitei ao seu lado, eu cheirava a vinho 50
novo, cirandas de figos, lã, fartura; ela, por sua vez, rescendia a perfume, açafrão, beijos de língua, despesas, gulodi-

[5] Um dos recursos cômicos de Aristófanes são os trocadilhos, que procuramos adaptar na medida do possível. Assim aqui "raça/roçar" e adiante "espojar-se/despojar". Vv. 33-34.

[6] Carros que concorriam nos jogos públicos, armados como para a guerra.

[7] Depois da corrida, levavam-se os cavalos para secar o suor, fazendo-os espojarem-se na areia, antes de recolhê-los. Cf. Xen., *Econ.*, XI, 18.

[8] Lit. O "demarco", a quem competia convocar as assembléias, zelar pelo patrimônio do demo, conservar os livros de registros e cadastros e, além disso, citar os devedores que não liquidavam as dívidas no prazo estipulado.

[9] Estrepsíades lembra-se com saudades da vida dos campos, sem peias e farta. Aristófanes gostava de idealizar a vida simples do meio rural, em contraste com os gastos e defeitos das cidades, mas, apesar disso, os seus camponeses são retratados como indivíduos broncos, sujos e desleixados, o que corresponde bem aos sentimentos dos atenienses do século V a. C. Cf. *Acar.*, vv. 32 ss.; *Cav.*, vv. 805 ss.

[10] Não se trata de nenhum personagem histórico. O poeta procura fazer graça, citando um nome comum na importante família dos Alcmeônidas, a que pertencia o próprio Péricles pelo lado materno. Foram célebres o Mégacles que chefiou a expedição contra a revolta de Cilão (612 a. C.) e o filho do legislador Clístenes, várias vezes vencedor em jogos atléticos. Cf. v. 70; Pind., *Pit.*, VII.

[11] Lit. "toda encesirada" — referência a Cesira, mulher muito conhecida da família dos Alcmeônidas, considerada o protótipo da grande dama, rica, elegante e pretensiosa. Cf. v. 800; *Acar.*, v. 614.

ces e outras luxúrias de Afrodite. . .[12] Por certo não direi que era preguiçosa, mas esbanjava. . . *(Com a mão debaixo do manto faz um gesto obsceno.)* E eu, mostrava-lhe este manto aqui, e, a propósito, costumava dizer-lhe: "Mulher, você desperdiça muita lã. . ."

ESCRAVO

(Trazendo a lamparina quase apagada.)

Não temos mais óleo na lamparina. . .

ESTREPSÍADES

Ai! Por que você me acendeu essa lamparina bebedora?[13] Vamos, venha cá apanhar. . .

ESCRAVO

(Lamentando-se.)

Mas por que vou apanhar?

ESTREPSÍADES

Porque pôs na lamparina um desses pavios muito grossos. . .

(O escravo sai. Estrepsíades continua o monólogo.)

Depois disso, quando nós dois tivemos esse filho aí *(aponta o filho)*, eu e minha boa mulher, desde logo brigávamos por causa do nome. . .[14] Ela lhe ajuntava um "hipo": Xantipo, Caripo, ou Calípides. Eu escolhia o nome do avô, Fidônides. E discutíamos sem cessar! Depois, com o tempo, fizemos as pazes e, de comum acordo, escolhemos Fidípides. Com o filho ao colo, ela o acalentava: "Ah, quando você for grande e conduzir um carro até a cidade, como Mégacles, com a túnica de vencedor!". . . E eu dizia: "Não! Ah, quando você conduzir as cabras, vindo do monte Feleu[15], como o seu pai, coberto com uma pele!". . . Mas ele nem sequer deu atenção às minhas palavras e derramou uma "cavalite" sobre os meus bens. . . Pois agora, pensando a noite inteira sobre um caminho, achei uma única vereda, diabolicamente excelente. Se eu persuadir esse daí a segui-la, estarei salvo! Mas antes quero acordá-lo. Então, como é que poderia acordá-lo de maneira mais suave? *(Vai para junto do filho.)* Fidípides!? Fidipidesinho?!

FIDÍPIDES

(Meio acordado.)

Que é, meu pai?

ESTREPSÍADES

Beije-me e dê-me a sua mão direita.

FIDÍPIDES

Ei-la. Que há?

ESTREPSÍADES

Diga-me, você gosta de mim?

FIDÍPIDES

Sim, por este Posidão, o deus hípico[16].

[12] Lit. "Colíada e Genetílide", dois epítetos de Afrodite que lembram o membro viril e a união sexual, sugerindo, portanto, excessos de sensualidade, o que explica o gesto do velho e a exclamação "Mulher, você desperdiça muita lã", v. 55.

[13] Durante a Guerra do Peloponeso o preço do óleo subira muito, pois muitas oliveiras haviam sido cortadas pelos invasores. Além disso, era impossível a colheita da azeitona em regiões circunvizinhas. Por economia, evitavam-se as lamparinas de pavio grosso, que consumiam muito óleo.

[14] Em geral, o filho mais velho recebia o nome do avô paterno. As famílias nobres gostavam de dar aos filhos nomes compostos. Eram comuns os compostos em que intervinha o elemento "hippos", ou para celebrar alguma vitória dos antepassados ou para expressar esperanças no futuro da criança, tanto mais que havia, logicamente, uma associação de idéias entre "hippos" (cavalo) e "hippeis" (cavaleiros), os nobres que lutavam na Cavalaria. O nome do pai de Estrepsíades sugere poupança, economia, em contraste com o luxo e as grandezas dos Alomeônidas. Quando o casal chega a um acordo escolhe um nome cômico: Fidípides, "o poupa-cavalos".

[15] Região da Ática, cheia de pedras. Com o tempo, o nome se tornou comum, passando a designar qualquer terreno escarpado, onde se apascentavam cabras.

[16] A "jeunesse dorée" de Atenas *costumava jurar* por Posidão (Netuno), deus inventor e protetor da equitação. Já no *Hino Homérico* Posidão aparece com a ampla atribuição de domar cavalos e salvar navios.

ESTREPSÍADES

Não, de modo algum, nem me fale
85 nesse hípico! Esse deus é o causador
das minhas desgraças! Mas, se por
acaso você gosta de mim de verdade,
do fundo do coração, meu filho,
obedeça!

FIDÍPIDES

Mas precisamente em que devo
obedecer-lhe?

ESTREPSÍADES

Mude logo os seus hábitos e vá
aprender o que eu aconselhar.

FIDÍPIDES

Então fale, que ordena?

ESTREPSÍADES

90 E você obedecerá um pouquinho?

FIDÍPEDES

Sim, por Dioniso[17], obedecerei.

ESTREPSÍADES

Olhe ali *(aponta a casa de Sócrates)*.
Você está vendo aquela portinha e
aquele casebre?[18]

FIDÍPIDES

Estou vendo. Papai, de fato o que é
aquilo?

ESTREPSÍADES
(Declamando.)

De almas sábias é aquilo um
95 "pensatório"...[19] Lá moram homens
que, quando falam do céu, querem
convencer de que é um abafador[20],
que está ao nosso redor, e nós...
somos os carvões![21] Se a gente lhes
der algum dinheiro, eles ensinam a
vencer com discursos nas causas justas
e injustas[22].

FIDÍPIDES

Mas quem são eles?

ESTREPSÍADES

Não sei ao certo seu nome[23]. 100
(Solenemente.) São pensadores medita-
bundos, gente de bem!

FIDÍPIDES

Ah! Já sei, uns coitados! Você está
falando desses charlatães[24], pálidos e
descalços[25], entre os quais o funesto
Sócrates e Querefonte...[26]

[17] Atendendo aos protestos do pai, o rapaz invoca o deus Dioniso, muito estimado pelo povo.

[18] Aristófanes ridiculariza a pobreza e a insignificância da casa de Sócrates. O próprio Sócrates avaliava toda a sua fortuna, inclusive a casa, em cinco minas (500 dracmas). Cf. Xen., *Econ.*, 11, 3.

[19] É evidente a intenção de parodiar o linguajar solene e complicado dos sofistas. A palavra "psyché" (alma) sugere a idéia de "fantasmas e almas do outro mundo" e é uma alusão à linguagem socrática. Cf. Plat., *Rep.*, I, 353 E. De outro lado, "phrontisterion", que traduzimos por "pensatório", é palavra cômica, talvez forjada por Aristófanes. Depois, o termo perdeu o sentido ridículo e foi empregado por Ésquines para designar a escola de *retórica de Rodes*.

[20] Comparação ora atribuída ao filósofo Hipão, cf. Cratino, *Onividentes* (Panoptai), ora ao matemático Metão, Aves, v. 1001, ora a outros. Provável lugar-comum na crítica da comédia antiga aos que se preocupavam com assuntos de astronomia.

[21] Se o céu envolve a terra como um abafador de brasas, nós, os homens, somos os carvões!... A confusão se justifica, porque filósofos havia, como Xenófanes, que julgavam que os astros brilhavam como carvões. Cf. Aécio, II, 13, 14; (Diels-Kranz I, 124,30).

[22] Era notória a venalidade dos sofistas, principalmente de Protágoras, que se tornou famoso pelas importâncias recebidas de Evatlo. Cf. Plat., *Prot.*, 328-B, 348-E; *Apol.*, 19-E. Todavia, Sócrates não aceitava nenhum pagamento e censurava os que o faziam.

[23] Tanto o pai como o filho e o público sabem perfeitamente de quem se trata, todavia o autor quer criar um ambiente de expectativa cômica, enquanto o velho procura captar as simpatias do filho, citando os "kaloi kagathoi", isto é, os nobres, "gente de bem". Aliás, muitos amigos de Sócrates pertenciam à aristocracia.

[24] Os sofistas eram ridicularizados porque se propunham a discorrer sobre qualquer assunto, inclusive sobre as coisas que desconheciam. Eup., *fr.* 159. Aliás, a crítica da comédia coincidia com a constante advertência de Sócrates contra os "que aparentam saber o que não sabem".

[25] Sócrates costumava andar descalço, adotando um costume espartano. Plat., Banq., 220-B; Xen., *Mem.*, 1, 6, 2.

[26] Amigo de infância de Sócrates que trouxe de Delfos o célebre oráculo que afirmava que Sócrates era o mais sábio dos homens. Vítima constante dos poetas cômicos que lhe ridicularizavam a palidez, chamando-o "morcego", "filho da noite". *Vesp.*, vv. 1408-1412; *Aves*, v. 1554. Eup., *fr.* 155, Crat., *fr.* 201.

ESTREPSÍADES

105 Eh! silêncio! Não diga tolices! Mas se você se preocupa um pouco com o pão de seu pai, por favor, renuncie à equitação e torne-se um deles.

FIDÍPIDES

Não, por Dioniso, não poderia, nem que você me desse os faisões de Leógoras[27].

ESTREPSÍADES

110 Vá, eu imploro! Você, a mais querida das criaturas, vá aprender!

FIDÍPIDES

E que irei aprender para o seu bem?

ESTREPSÍADES

Dizem que no meio deles os raciocínios são dois: o forte, seja ele qual for, e o fraco[28]. Eles afirmam que o segundo raciocínio, isto é, o fraco, discur-
115 sando, vence nas causas mais injustas... Ora, se você me aprender esse raciocínio injusto, do dinheiro que agora estou devendo por sua culpa, dessas dívidas eu não pagaria nem um óbolo a ninguém...

FIDÍPIDES

Não poderia obedecer-lhe. Pois não
120 suportaria olhar para os Cavaleiros, com as minhas cores raspadas...

ESTREPSÍADES

Ah, é assim? Por Deméter, então você não há de comer dos meus bens, nem você, nem o cavalo de trela, nem o puro sangue...[29] Vou expulsá-lo para fora desta casa... para o inferno!

FIDÍPIDES

Mas meu tio Mégacles não há de deixar-me... sem cavalos...[30] Ora, 125
vou entrar! Você pouco me importa... *(Fidípides entra. O velho sozinho encaminha-se para a casa de Sócrates.)*

ESTREPSÍADES

Bem, mas não é por ter caído que ficarei no chão...[31] Vou invocar os deuses e instruir-me eu mesmo, freqüentando o "pensatório". *(Pára.)* Então como é que eu, um velho esque-
cido e bronco aprenderei as sutilezas 130
das palavras precisas? *(Põe-se a andar.)* Devo ir. Por que razão todas essas delongas, e não bato à porta? *(Afinal, decide-se.)* Filho, filhinho!

DISCÍPULO

(Fala de dentro da casa.)

Vá para o inferno! Quem bateu à porta?

ESTREPSÍADES

(Solene e apavorado.)

O filho de Fidão, Estrepsíades de Cicina![32]

DISCÍPULO

(Abre-se o "pensatório" e sai um discípulo, pálido e irritado, deixando a porta entreaberta.)

Por Zeus, só pode ser um ignorante, 135
você que deu um pontapé na porta, assim tão estupidamente, e fez abortar um pensamento já encontrado...[33]

[27] Pai do orador Andócides, amigo do luxo e da boa mesa.

[28] Estrepsíades, como grande parte do povo, entende mal o princípio retórico segundo o qual há sempre, em qualquer causa, duas teses contraditórias, uma fraca e outra forte, e acredita que os sofistas possam dispor de dois raciocínios, um forte, que tem valor por si mesmo, e o outro fraco, que se deve à habilidade e é reservado às causas injustas. Cf., Plat. *Fedro*, 272-D; *Apol.*, 19-A; Cic., *Brut.*, VIII, 30.

[29] O cavalo de raça, marcado com a letra "san", veja nota, v. 23.

[30] Chiste; esperava-se "sem casa".

[31] Expressão da linguagem da palestra. O lutador tentava sempre levantar-se ao ser derrubado, pois se fosse atirado três vezes ao chão seria eliminado. Cf. Esq., *Eum.*, v. 589.

[32] A sucessão de nomes próprios é cômica, pois só nos tribunais se nomeavam os indivíduos citando os nomes do pai e do demo. Cf. Dem., *Cor.*, 54.

ESTREPSÍADES

Desculpe-me, eu moro longe, nos campos. Mas fale-me desse negócio que está abortado...

DISCÍPULO

140. Não é lícito dizê-lo, só aos discípulos[34]

ESTREPSIÁDES

Então fale, coragem! Pois eu aqui vim ao "pensatório" para ser um discípulo...

DISCÍPULO

Vou dizê-lo. Mas deve-se considerá-lo um mistério... Há pouco, Sócrates interrogava Querefonte sobre uma pulga. Indagava quantas vezes ela
145 pode saltar o tamanho dos seus próprios pés, porque ela mordeu a sobrancelha de Querefonte e pulou para a cabeça de Sócrates...

ESTREPSÍADES

Então, como foi que ele mediu?

DISCÍPULO

Com a maior habilidade. Dissolveu
150 cera; depois, tomou a pulga e mergulhou os seus pés na cera. A seguir, quando a pulga esfriou, ficou com umas botinhas à moda pérsica; ele descalçou-as e mediu a distância[35].

ESTREPSÍADES

Ó Zeus soberano, que sutileza de pensamento!

DISCÍPULO

De fato, que diria você se soubesse de um outro raciocínio de Sócrates?

ESTREPSÍADES

Qual? Conte-me, eu suplico...[36] 155

DISCÍPULO

Querefonte de Esfétio perguntou-lhe qual a sua opinião, se os mosquitos cantam pela boca ou pela rabadilha.

ESTREPSÍADES

E que foi que ele disse a respeito do mosquito?

DISCÍPULO

Ele dizia que o intestino do mos- 160
quito é estreito; como é apertado, o ar passa por ele com violência e se encaminha diretamente para a rabadilha. Ora, como é oco e ligado a esse lugar estreito, o buraco ressoa por causa da violência do sopro.[37]

ESTREPSÍADES

Ah, então o rabisteco do mosquito é 165
uma trombeta! Seja ele três vezes bem-aventurado, só por essa "intestigação"...[38] De fato, numa defesa, facilmente seria absolvido quem conhece a fundo o intestino dos mosquitos...

DISCÍPULO

Sim, mas há pouco ele foi despojado de um grande pensamento por uma lagartixa...

ESTREPSÍADES

De que maneira? Conte-me. 170

DISCÍPULO

Ele investigava os caminhos da Lua

[33] O susto provoca um aborto mental, como pode fazê-lo fisicamente... Pilhéria que visa diretamente à pessoa de Sócrates, filho da parteira Fenarete, de quem se dizia herdeiro na arte de assistir ao nascimento de novas idéias (maiêutica). Cf. Plat., *Teet.*, 149-A.

[34] A solenidade da linguagem contrasta com a puerilidade dos pensamentos e indagações em curso no "pensatório".

[35] A pulga é considerada um ser humano, com dois pés, em que é possível calçar e descalçar botas. É provável que haja um chiste com o preceito de Protágoras "O homem é a medida de todas as coisas".

[36] Essas questões deviam ser objeto de discussões dos filósofos desse tempo. O próprio Aristóteles preocupava-se com a explicação do canto dos insetos. Ar. *Hist. An.*, 1 V. 9 ss.

[37] Note-se o tom dogmático de explicação socrática, com suas etapas bem precisas e bem imaginadas.

[38] Palavra cômica que lembra "investigação".

e suas evoluções[39]. Então, como estava de boca aberta, de noite, olhando para cima, uma lagartixa cagou lá do alto do teto. . . [40]

ESTREPSÍADES

Gozado que uma lagartixa tivesse cagado em Sócrates! . . .

DISCÍPULO

175 Ontem mesmo, à tarde, não tínhamos o que cear. . .

ESTREPSÍADES

Puxa! Então que é que ele manobrou para conseguir comida?

DISCÍPULO

Espargiu sobre a mesa uma cinza fina, dobrou o espeto e, depois, usando-o como um compasso. . . surripiou o manto da palestra. . . [41]

ESTREPSÍADES

180 Por que então admiramos aquele famoso Tales? [42] Depressa, abra, abra o "pensatório", e mostre-me logo esse Sócrates, pois tenho vontade de aprender! Mas, abra a porta! *(Abre-se a porta. Vêem-se os discípulos de Sócrates, em atitudes estranhas, olhando para o chão. No fundo, um leito estreito e uma mesa com mapas, esquadros, réguas, etc. . . Do alto do teto um cesto dependurado.)* Por Héracles, de onde vieram esses bichos?

DISCÍPULO

Por que você se espanta? Em sua 185
opinião, com que se parecem?

ESTREPSÍADES

Com os lacedemônios capturados em Pilos[43]. Mas por que razão esses fulanos olham para a terra? [44]

DISCÍPULO

Procuram o que está debaixo da terra.

ESTREPSÍADES

Ah, com toda certeza estão procurando cebolas. . . Então, não procurem mais isso, pois eu sei onde as há grandes e bonitas. . . Pois esses ou- 190
tros, que estão fazendo, tão inclinados?

DISCÍPULO

Esses sondam o Érebo, até debaixo do Tártaro [45].

ESTREPSÍADES

Por que é que o rabo está olhando para o céu?

DISCÍPULO

Está aprendendo astronomia por sua própria conta. . . [46] *(Aos discí-*

[39] Referência à tradição segundo a qual o sábio Tales de Mileto caíra num poço, enquanto observava os astros.

[40] Lit. lagarto malhado, tradicionalmente considerado um animalzinho malicioso. Cf. lat. *Stelio*.

[41] A passagem não é bem clara. Várias hipóteses procuram explicá-la: a) Sócrates teria comparecido à palestra e, enquanto distraía os que o rodeavam, surripiara a vítima que se sacrificava a Hermes; b) enquanto explicava questões científicas, habilmente conseguira roubar alguma peça de vestuário; c) teria distraído a atenção e a fome dos discípulos discorrendo sobre questões geométricas. Parece-nos a explicação mais razoável.

[42] Tales de Mileto, um dos Sete Sábios, considerado o fundador da filosofia, o primeiro a preocupar-se com assuntos matemáticos e astronômicos (século VII).

[43] Nobres espartanos que, depois de resistirem a um demorado assédio, foram obrigados a entregar-se na ilha de Esfactéria, 425 a.C. Os discípulos, pálidos, macilentos e de cabeça baixa, lembram o estado lastimável e a vergonha daqueles infelizes prisioneiros.

[44] Platão relembra que os poetas cômicos foram os primeiros a caluniar Sócrates, acusando-o de pesquisar as coisas subterrâneas e celestes, *Apol.*, 19-B. No entanto, o mesmo Platão nos apresenta Sócrates indagando a respeito da localização e natureza do Hades, *Fed.*, 113-F.

[45] Aristófanes ridiculariza as pesquisas profundas que penetravam até o Érebo, debaixo do Tártaro, onde não devia existir absolutamente nada.

[46] Conforme o testemunho de Xenofonte, Sócrates condenava as investigações abstratas sobre os fenômenos naturais e só admitia os estudos de geometria e astronomia tendo em vista objetivos práticos. Cf. *Mem.*, I, 1, 11; IV, 7, 2, 6. Plat., *Apol.* 19-D. Todavia, ao fazer sua biografia intelectual, o próprio Sócrates afirma que até atingir a maturidade se entregara a "esse gênero de saber a que se dá o nome de conhecimento da natureza". Plat., *Fed.*, 96-A, 99-D.

pulos que se aproximaram da porta.)
195 Vamos, entrem, para que "ele" não encontre vocês.

ESTREPSÍADES
Não, ainda não! Fiquem, para eu conversar com eles sobre um meu negocinho...

DISCÍPULO
Mas, eles não podem ficar por muito tempo ao ar livre...

(Entram todos. Estrepsíades aproxima-se da mesa e aponta.)

ESTREPSÍADES
200 Pelos deuses, que é isso? Diga-me.

DISCÍPULO
Isto é astronomia.

ESTREPSÍADES
E isto?

DISCÍPULO
Geometria.

ESTREPSÍADES
(Toma uma régua.)
E isto então para que serve?

DISCÍPULO
Para medir a Terra...

ESTREPSÍADES
Será por acaso a terra loteada?...[47]

DISCÍPULO
Não, toda ela!

ESTREPSÍADES
205 Você diz uma coisa inteligente. Com efeito, a idéia é democrática e útil...

DISCÍPULO
(Tomando um mapa.)
Este é o círculo da Terra[48]. Está vendo? Eis aqui Atenas.

ESTREPSÍADES
Que diz? Não acredito, pois não vejo os juízes sentados no tribunal...[49]

DISCÍPULO
Afirmo que este é verdadeiramente o território da Ática.

ESTREPSÍADES
E onde estão os Cicinotas, meus 210
companheiros de bairro?

DISCÍPULO
Ei-los aqui. Esta é a Eubéia[50], como você vê, estendendo-se ao longo, comprida, bem a distância.

ESTREPSÍADES
Sei, pois foi bem esticada por nós e por Péricles... E a Lacedemônia, onde está?

DISCÍPULO
Onde está? Ei-la aqui!

ESTREPSÍADES
Como está perto de nós! Pensem 215
bem nisso: afastá-la para bem longe...

DISCÍPULO
Mas não é possível!...

ESTREPSÍADES
Por Zeus, vocês se arrependerão... *(Estrepsíades olha para cima e vê o cesto dependurado.)* Ora vejam só!

[47] No governo de Péricles as terras dos Estados vencidos foram medidas com a colaboração de dez geômetras e distribuídas aos pobres, reservando-se um décimo para os deuses, Tuc., III, 50. Estrepsíades entende que se pretende medir a terra para distribui-la ao povo, daí a alusão do v. 205.

[48] Os mapas-múndi e cartas geográficas já deviam ser comuns em Atenas.

[49] Crítica à mania judiciária dos atenienses. Aliás, logo depois das *Nuvens*, Aristófanes dedicou uma comédia a esse assunto: *As Vespas*.

[50] Eubéia, a maior ilha do mar Egeu. Depois das guerras pérsicas ingressou na Confederação de Delos, da qual pretendeu afastar-se em 446, numa rebelião esmagada por Péricles. Cf. Tuc., I, 114.

Quem é esse homem dependurado num cesto, lá em cima?

DISCÍPULO

"Ele", em pessoa! [51]

ESTREPSÍADES

"Ele" quem?

DISCÍPULO

Sócrates.

ESTREPSÍADES

220 Sócrates!? — Vá chamá-lo para mim, e bem alto.

DISCÍPULO

Não, chame-o você; eu não tenho tempo. *(O discípulo desaparece.)*

ESTREPSÍADES

Sócrates! Socratesinho!

SÓCRATES

(Do alto.)

Por que me chama, ó efêmero [52]

ESTREPSÍADES

Em primeiro lugar, eu lhe peço, explique-me o que está fazendo.

SÓCRATES

225 Ando pelos ares e de cima olho o Sol [53].

ESTREPSÍADES

Ah, então você olha os deuses aí de cima, do alto de uma peneira [54] e não *daqui da terra*, se é que se pode...

SÓCRATES

Pois nunca teria encontrado, de modo exato, as coisas celestes se não tivesse suspendido a inteligência e não tivesse misturado o pensamento sutil 230 com o ar, o seu semelhante [55]. Se, estando no chão, observasse de baixo o que está em cima, jamais o encontraria. Pois de fato a terra, com violência atrai para si a seiva do pensamento [56]. Padece desse mesmo mal até o agrião... [57]

ESTREPSÍADES

(Muito espantado.)

Que diz? O pensamento puxa a 235 seiva para o agrião? Então venha, meu Socratesinho, desça aqui para ensinar-me aquilo que vim procurar...

SÓCRATES

(Descendo.)

Mas a que veio você?

ESTREPSÍADES

Porque desejo aprender a falar. Com efeito, estou sendo saqueado, pilhado e 240 penhorado nos meus bens, por credores e juros muito cacetes...

SÓCRATES

E como você não percebeu que se endividava?

ESTREPSÍADES

Foi uma doença de cavalos que me

[51] Aristófanes associa o filósofo aos pitagóricos, daí a expressão "ele em pessoa", isto é, o "Mestre".

[52] Sócrates aparece lá do alto como um "deus ex machina" e por isso pode usar de linguagem apropriada a uma divindade em seu trato com seres humanos.

[53] O filósofo afirma que está meditando sobre o Sol e Estrepsíades, que entende tudo às avessas, pensa tratar-se do deus Hélio (Febo Apolo) e interpreta as palavras de Sócrates como uma ofensa, desprezo à divindade e, por conseguinte, prova de ateísmo.

[54] Na verdade, "ciranda, caniçada"; traduzimos "peneira", vocábulo mais conhecido, mais cômico.

[55] Referência aos filósofos, como Anaxímenes, Anaximandro e Diógenes de Apolônia, que identificavam a alma com o ar, um sopro.

[56] Assim como o vapor de água é novamente atraído pela terra voltando sob a forma de chuva (Diog. Apol., Diels-Kranz II, 54, 28), a terra teria o poder de atrair para si a seiva do pensamento, perturbando a reflexão. A propósito do efeito que essas teorias irão produzir no espírito de Estrepsíades, veja vv. 1279 ss.

[57] Aristófanes critica o método socrático de ir buscar comparações em fatos corriqueiros da vida diária: a associação de idéias com o agrião surge naturalmente, por tratar-se de uma planta rasteira e aquática, que vive em meio úmido e sofre bem de perto a influência dessa atração para baixo, ainda não definida.

arruinou, terrível, devoradora... Mas ensine-me o outro dos seus dois raciocínios, aquele que não devolve nada. Pelos deuses, juro pagar-lhe qualquer salário[58] que você cobrar!...

SÓCRATES
(Em terra.)

Por quais deuses você pretende jurar? Para começar, em nosso meio os deuses são moeda fora de circulação...[59]

ESTREPSÍADES

Como é que vocês juram? Acaso será por peças de ferro, como em Bizâncio?[60]

SÓCRATES

Você quer conhecer claramente as coisas divinas e exatamente o que elas são?

ESTREPSÍADES

Sim, por Zeus, se é possível...

SÓCRATES

E travar relações com as Nuvens, as nossas divindades[61], para conversar com elas?

ESTREPSÍADES

Sim, demais!

SÓCRATES

Então sente-se no leito sagrado.

ESTREPSÍADES

Pronto; estou sentado.

SÓCRATES
(Com uma coroa nas mãos.)

Pois tome aqui esta coroa...[62]

ESTREPSÍADES

Para que uma coroa? Ai de mim, Sócrates, contanto que vocês não me sacrifiquem como ao pobre Atamante![63]

SÓCRATES

Não, mas fazemos tudo isso aos que se vão iniciar.

ESTREPSÍADES

O que é que ganho eu com isso?

SÓCRATES

Tornar-se-á escovado na fala, charlatão, uma flor de farinha! *(Sócrates, enquanto fala, esfrega as costas de Estrepsíades e esparge farinha sobre a sua cabeça.)* Mas, fique quieto!

ESTREPSÍADES

Por Zeus, você não me vai enganar: de fato, polvilhado, serei uma flor de farinha...

SÓCRATES

É preciso que o velho fique calado e preste atenção à prece! *(Solenemente.)* Senhor soberano[64], Ar incomensurável, que sustentas a Terra suspensa

[58] Contradição hilariante, pois o velho matreiro quer justamente um meio de *não pagar nada.*

[59] Alusão ao ateísmo e impiedade de muitos filósofos, como Hipão, cognominado "o ateu". Anaxágoras sofreu processo por crime de impiedade e Protágoras afirmava que "nada sei acerca dos deuses, se existem ou se não existem" (Diels-Kranz I, 317-318).

[60] Mencionando as moedas de Bizâncio, de baixo teor metálico, Aristófanes lembra a falsidade dessa colônia e suas tentativas de defecção.

[61] A atribuição de divindade às Nuvens é invenção de *Aristófanes.*

[62] Paródia das cerimônias de iniciação dos rituais órficos-pitagóricos ou eleusinos. A partir de certa época, essas cerimônias tornaram-se comuns em Atenas, associadas com elementos oriundos de cultos estrangeiros, frígios e egípcios. Era habitual a coroação dos neófitos; como as vítimas dos sacrifícios também eram coroadas, Estrepsíades fica apavorado.

[63] Rei da Beócia, salvo graças à intervenção de Hércules, no momento em que ia ser sacrificado por instigação de sua primeira esposa, a deusa Nefele. Muitas tragédias inspiraram-se nessa lenda, inclusive o *Atamante Coroado* de Sófocles. Observe-se a mudança de tom nesta cena preparatória do párodo (vv. 263-274).

[64] Sócrates invoca três divindades próximas umas das outras: Ar, Éter e Nuvens. Era comum associar três divindades, tanto nas preces como nos juramentos. A divindade do Ar foi sustentada, entre outros, por Orfeu (Diels-Kranz I, 5, 6), Diógenes de Apolônia (Diels-Kranz II, 61, 7) e Demócrito *fr.* 6. Os órficos-pitagóricos consideravam o Éter um deus e muitas vezes o identificavam com Zeus. Cf. Orfeu: "O Éter é tudo" (Diels-Kranz I, 46, 18) e também Eur. *fr.* 869.

no espaço![65] Éter brilhante e veneráveis deusas, Nuvens, portadoras do
265 trovão e do raio![66] Levantai-vos, Senhoras, mostrai-vos ao pensador, suspensas no ar!

ESTREPSÍADES

Não, ainda não! *(Procura cobrir a cabeça com uma ponta do manto.)* Antes vou cobrir-me com isto, para não me encharcar...[67] Desgraçado de mim... Sair de casa sem nenhum bonezinho!...

SÓCRATES

Então vinde, Nuvens augustíssimas, para mostrar-vos a este homem[68].
270 Quer vos assenteis nas sagradas cumeeiras do Olimpo[69], batidas pelas neves, ou estejais nos jardins do vosso pai Oceano[70], compondo um coro sagrado para as Ninfas; quer por acaso, nas cabeceiras do Nilo, despejeis de suas águas com jarros de ouro, ou habiteis o lago Meótis[71] ou o rochedo nevoso do Mimante[72]. Recebei o sacrifício, atendei à prece, contentes com as cerimônias sagradas.

(Ouve-se ao longe o Coro das Nuvens. Troam trovões.)

CORO

(Estrofe)[73] *Nuvens inesgotáveis*[74], 275
levantemo-nos, visíveis em nossa natureza orvalhada e brilhante! Longe do pai, o ribombante Oceano[75], *vamos aos cimos nas altas montanhas, encabelados de árvores. Contemplemos a* 280
distância os picos longínquos, as searas, a Terra sacrossanta e irrigada, veneráveis, fragorosos rios, e o mar que geme com surdos ruídos. Incansável brilha o olho do Éter[76] *em* 285
esplêndidos raios!... Eia, dissipemos a chuvosa névoa de nossa forma imortal e, com um olho que de longe vê, 290
contemplemos a Terra.

SÓCRATES

Nuvens muito veneráveis, é evidente que me ouvistes a chamar-vos! *(A Estrepsíades.)* Você percebeu a sua voz junto com os gemidos do trovão, respeitável como um deus?

ESTREPSÍADES

Sim, eu vos venero, ó augustíssimas, tanto que desejo responder com peidos aos vossos trovões... Como tremelico diante delas e tenho medo! E quer seja lícito, quer não seja lícito[77], tenho 295
vontade de aliviar-me agora mesmo...

[65] Segundo o testemunho de Plutarco, *Mor.*, 869, Anaxímenes fora o primeiro a afirmar que a Terra estava suspensa e era amparada pelo Ar. Posteriormente essa teoria se tornou muito comum.

[66] Epíteto das Nuvens, forjado por Aristófanes com a inversão da ordem dos elementos de um epíteto muito conhecido de Zeus. Essa delegação de qualificativos corresponde, poeticamente, às novas teorias de explicação física dos fenômenos naturais, antes atribuídos aos poderes de Zeus. Cf. vv. 375-411.

[67] Estrepsíades logo associa a idéia de Nuvens com a de chuva e procura proteger-se.

[68] Sócrates menciona os quatro cantos do globo: o Olimpo representa o norte; Oceano, o oeste; as cabeceiras do Nilo simbolizam o sul e o lago Meótis e o Mimante, o leste.

[69] Olimpo da Tessália, ponto culminante da península grega: o seu pico, sempre coberto de neve, era considerado a morada dos deuses.

[70] Da deificação das Nuvens resulta a necessidade de dar-lhes uma ascendência divina: são invocadas como filhas de Oceano, personificação das águas que envolvem o mundo. Oceano estendia-se de leste a oeste e do norte ao sul da Terra. No extremo oeste, situavam-se os seus jardins, muitas vezes identificados com os Jardins das Hespérides, as ninfas do poente.

[71] Lago da Jônia, nos limites da Europa e Ásia, hoje mar de Azov.

[72] Promontório da Ásia Menor, nas proximidades de Esmirna.

[73] Inicia-se o *párodo* que se compõe de partes líricas, cantadas pelo coro (estrofe e antístrofe), e de partes dialogadas, com algumas intervenções do Corifeu (vv. 275-475).

[74] Epíteto adequado às Nuvens, mães das águas.

[75] Epíteto comum de Oceano, para representar os estrondos do mar.

[76] Expressão poética para designar o Sol. Cf. Eur., *If. Taur.*, v. 194; Esq. *fr.* 158.

[77] O efeito cômico deriva do contraste entre a solenidade das palavras e a grosseira e incontrolável necessidade de Estrepsíades.

SÓCRATES
(Impaciente.)

Chega de fazer graça e de agir como esses pobres poetas de borra![78] Mas fique quieto, pois um grande enxame de deusas se movimenta, cantando.

CORO

(Antístrofe)[79] *Virgens portadoras*
300 *da chuva, vamos ver a brilhante cidade*
de Palas[80]*, terra de heróis, de Cécro-*
pe[81]*, amável país! É lá que existe a*
veneração de inefáveis mistérios[82]*, e,*
nas cerimônias sagradas, um santuário
305 *aberto aos iniciados, com dádivas aos*
deuses do céu[83]*; altivos templos, está-*
tuas, sacratíssimas procissões aos
bem-aventurados, sacrifícios cheios de
coroas, festins em todas as estações[84]*,*
310 *e, ao chegar a primavera, a festa de*
Bromo[85]*, a exaltação melodiosa dos*
coros e o canto das flautas de surdos
ressôos.

ESTREPSÍADES

Por Zeus, Sócrates, eu lhe peço,
315 diga-me quem são essas que proferiram esse canto venerável? Serão por acaso alguma assombração?

SÓCRATES

De modo algum! São as Nuvens celestes, deusas grandiosas dos homens ociosos[86]. São elas que nos proporcionam pensamento, argumentação e entendimento, narrativas mirabolantes e circunlóquios e a arte de impressionar e de fascinar[87].

ESTREPSÍADES

Ah, então é por isso que, depois de ouvir o seu canto, minha alma esvoa- 320
ça, já procura falar com sutileza e divaga na fumaça esbarrando uma sentença numa sentencinha para refutar com outro argumento...[88] Nessas condições, se acaso é possível, agora quero vê-las claramente.

SÓCRATES

Então olhe para lá, para o Parnes[89]. Já vejo que elas vêm descendo calmamente...

ESTREPSÍADES

Deixe ver, onde? Mostre-me!

SÓCRATES

São essas que avançam em grande 325
número pelas cavernas e bosques, ali, de lado...

ESTREPSÍADES

Que negócio é esse, que não vejo...

SÓCRATES

Ao lado da entrada...[90]

[78] Trocadilho. Aristófanes refere-se aos poetas cômicos, que ainda conservavam vestígios dos tempos em que se cobria o rosto de borra de vinho para atirar invectivas contra os participantes e assistentes do "komos". Traduzimos "poetas de borra", expressão que na linguagem popular portuguesa tem sentido depreciativo: "poetas sem nenhum valor, ordinários".

[79] Os elementos do coro já aparecem a distância, mas Estrepsíades só irá vê-los no v. 326.

[80] Atenas, cuja protetora era a deusa Palas Atena.

[81] Personagem mítico, primeiro rei de Atenas.

[82] Santuários de Deméter e Core, em Elêusis, que atraíam peregrinos de toda a Grécia e onde se celebravam, anualmente, os Grandes e Pequenos Mistérios.

[83] Antítese às deusas subterrâneas, cujo culto acaba de ser mencionado.

[84] Os atenienses vangloriavam-se de sua piedade; durante o ano todos celebravam os deuses com festas, em que as procissões eram um capítulo muito importante. Cf. Sof., *E. C.*, 250; Isocr., *Paneg.*, 45.

[85] As Antestérias, festas dionisíacas da primavera. Dioniso era invocado com o epíteto de Brômio, "o que estrondeia".

[86] Referência àqueles que podem dispor de tempo para as especulações do espírito, i.e., os filósofos e poetas.

[87] Note-se que o próprio Sócrates fala irônicamente acerca da habilidade de seus pretensos colegas (os sofistas), que apelavam a todos os recursos para impressionar e enganar.

[88] Estrepsíades já está contagiado pelos sofistas... Nos *Acarnianos*, Aristófanes usa de frases semelhantes, para ridicularizar Eurípides. Cf. vv. 444 ss.

[89] Monte de Atenas, geralmente nublado. Sócrates devia apontar para uma direção qualquer, já que o Parnes, oculto por um canto da Acrópole, não podia ser visto do teatro.

[90] A entrada da orquestra, por onde devia penetrar o coro. Cf. *Av.*, v. 296.

ESTREPSÍADES

Até que enfim! E assim mesmo com dificuldade...

(Entram as Nuvens, mulheres com vestes esvoaçantes e grandes narizes.)

SÓCRATES

Agora pelo menos você está vendo, a não ser que tenha umas remelas do tamanho de abóboras![91]

ESTREPSÍADES

Sim, por Zeus, eu vejo, ó augustíssimas, pois já ocupam todo o espaço...

SÓCRATES

E, no entanto, você não sabia que são deusas, não acreditava nelas?

ESTREPSÍADES

330 Não, por Zeus, mas pensava que fossem vapor, orvalho e fumaça...

SÓCRATES

Por Zeus, nada disso![92] É que você não sabia que elas sustentam a maior parte dos sofistas[93], adivinhos de Túrio[94], artistas da medicina[95], "vadios de longos cabelos que só tratam de anéis e unhas"[96], torneadores de coros cíclicos[97], homens charlatães de coisas celestes[98]. Sustentam esses vadios que não fazem nada, porque eles costumam cantá-las em suas obras.

ESTREPSÍADES

(Declamando.)

Ah, então é por isso que cantavam[99] 335
"de úmidas Nuvens de redemoinhos de luz a hostil arremetida",
"as tranças de Tifeu[100] de cem cabeças",
"dos furacões o violento sopro"
e ainda "aéreos úmidos",
"aduncos que nadam nos ares" e
"aquosas chuvas de orvalhadas Nuvens".
E ainda, em troca de tudo isso, engoliam
"fatias de bons e grandes murgens e carnes voláteis de tordos"[101].

SÓCRATES

Sim, é por causa delas. E não é justo?

ESTREPSÍADES

Diga-me, então, se realmente são 340
nuvens, que lhes sucedeu, por que parecem mulheres? *(Aponta para o céu.)* Aquelas lá pelo menos não são assim...[102]

[91] Expressão proverbial.

[92] Note-se que Sócrates invoca um deus cuja existência daqui a pouco vai negar. Essas invocações haviam perdido toda consistência, reduzidas a simples exclamações.

[93] De modo genérico são designados os vários grupos que constituem a classe dos sofistas, Platão também faz Protágoras chamar de "sofistas" todos os poetas, músicos, ginastas etc... Cf. *Prot.*, 316-D.

[94] Referência a Lampão, amigo de Péricles, colaborador na fundação e colonização de Túrio (443 a.C.), considerada durante muito tempo a Eldorado dos atenienses.

[95] Particularmente Hipócrates de Cós (469-399), contemporâneo de Sócrates, que visitava Atenas com freqüência e que, em suas obras, admitia as influências dos ventos e das Nuvens sobre a saúde e também as relações da astronomia com a arte de curar.

[96] Aristófanes forja uma longa palavra cômica, ou para criticar a vaidade do sofista Hípias de Élis (veja Plat., *Hip. Men.*, 368-D), ou então para ridicularizar o luxo e os atavios dos citaredos.

[97] Censura aos novos hábitos musicais e rítmicos dos poetas líricos, principalmente nos coros cíclicos. Cf. vv. 970 ss (Frinis); *Tesmof.*, v. 53 (Agatão); *Rãs*, v. 153 (Cinésias).

[98] Anaxágoras, Metão, Hípias de Élis, Diógenes de Apolônia e muitos outros.

[99] Paródia do estilo mirabolante da poesia lírica do século V.

[100] Monstro de cem cabeças de dragão, filho da Terra e do Tártaro, derrotado pelos Titãs. Cf. Hes., *Teog.*, 820 ss.

[101] Alusão às grandes despesas da "coregia", contribuição voluntária que consistia no preparo duma representação dramática. Aristófanes cita duas iguarias caras e apreciadas para lembrar que ao "corego" competia sustentar os coreutas, os músicos, e até o próprio poeta.

[102] Examinando o coro, Estrepsíades observa que as Nuvens são representadas por mulheres bem narigudas e aponta para o céu, onde vê as verdadeiras nuvens (cirros) que se parecem com flocos de lã.

SÓCRATES

Vamos ver, como são?

ESTREPSÍADES

Não sei bem, mas é certo que têm aparência de flocos de lã desenrolada e não de mulheres. Não, por Zeus, nem um pouquinho!... Estas aqui têm narizes...

SÓCRATES

Então responda ao que eu perguntar[103].

ESTREPSÍADES

345 Pois diga logo o que quer.

SÓCRATES

Alguma vez, olhando para o céu, você já não viu uma nuvem semelhante a um centauro, a um leopardo, a um lobo ou a um touro?

ESTREPSÍADES

Sim, por Zeus, já vi. E que quer dizer isso?

SÓCRATES

Elas se transformam em tudo o que desejam[104]. Se vêem um fulano de longa cabeleira, um desses selvagens peludos, como o filho de Xenofan-
350 to[105], para ridicularizar a "mania" dele, tomam forma de centauros.

ESTREPSÍADES

Pois se vêem lá de cima um ladrão dos bens públicos, como Simão[106], o que é que elas fazem?

SÓCRATES

Para representar a natureza dele, logo viram lobos...

ESTREPSÍADES

Ah, então foi por isso que ontem, quando viram Cleônimo[107], aquele covarde que jogou fora o escudo, quando viram esse superpoltrão, logo se tornaram veados...

SÓCRATES

E agora, você está vendo, viram Clístenes[108] e por causa disso muda- 355
ram-se em mulheres...

ESTREPSÍADES

Então viva, minhas senhoras! E, agora, se alguma vez já o fizestes a algum outro, soltai a mim também essa voz que cobre os céus, ó todo-soberanas!

CORO

Salve, velho dos antigos tempos, admirador de palavras queridas das Musas. *(Voltando-se para Sócrates.)* E você, sacerdote de tolices sutilíssimas, conte-nos o de que está precisando, pois não atenderíamos a nenhum outro dos atuais sofistas de coisas celestes, com exceção de Pródico[109]. A este 360
por causa da ciência e saber e a você porque se pavoneia pelas estradas, lança os olhos de lado, anda descalço, suporta muitos males, e, por nossa causa, finge importância...[110]

ESTREPSÍADES

Ó Terra, que voz! Como é sagrada, solene e formidável!

[103] Sócrates inicia a prática das perguntas e respostas, levando o interlocutor às suas próprias conclusões.

[104] Cúmulos, nuvens acinzentadas que tomam formas variadas, conforme a nossa imaginação.

[105] Hierônimo, poeta ditirâmbico, acusado de pederastia. É comparado aos centauros que tinham a parte inferior de um animal (cavalo), eram peludos e lascivos. Cf. Sof., *Traquínias*.

[106] Desconhecido historicamente. Todavia é criticado também por Eúpolis. *fr.* 220.

[107] Vítima constante de Aristófanes. Cf. *Acar.*, 844, *Paz*, 446, 1295, *Vesp.*, 19-20 etc. O veado é o símbolo da covardia. Cf. Hom., *Il.*, I, 225.

[108] Pederasta, devasso, freqüentemente criticado — *Acar.*, 118; *Lís.*, 122; *Av.*, 831; *Cav.*, 1374; *Vesp.*, 1187, etc. Não é absolutamente necessário que estivesse assistindo à representação, embora se tratasse, como em outras passagens, de pessoa bastante conhecida que o público podia apontar com o dedo.

[109] Pródico de Céos, célebre sofista, contemporâneo de Sócrates.

[110] No *Banquete* (221-B), Platão rememora esta passagem, interpretando-a de maneira favorável a Sócrates, que viveria atento a tudo o que se passava ao seu redor. Cf. *Fed.*, 117-B.

SÓCRATES

365 Pois de fato só elas é que são deusas, todo o resto são lorotas!

ESTREPSÍADES
(Assustado.)

Epa! E Zeus, em nome da Terra! Para vocês o Olímpio não é um deus?

SÓCRATES

Que Zeus? Não diga tolices! Nem sequer existe um Zeus!

ESTREPSÍADES

Que diz? Mas quem é que chove?[111] Explique-me isto antes de mais nada.

SÓCRATES

Elas, é claro![112] Mas eu vou
370 demonstrá-lo com sólidas provas. Vejamos, pois onde, alguma vez, você já viu Zeus chover sem Nuvens? E, no entanto, ele deveria chover num céu límpido, sem a presença das Nuvens[113]...

ESTREPSÍADES
(Confuso.)

Sim, por Apolo, de fato você o comprovou muito bem com esse raciocínio. E, no entanto, antes eu acreditava verdadeiramente que era Zeus que urinava através de um crivo... Mas, diga-me, quem é que troveja, coisa que me faz estremecer?

SÓCRATES

Elas é que trovejam, quando são roladas...

ESTREPSÍADES
(Muito espantado.)

De que jeito, homem de todas as 375
audácias...

SÓCRATES

Quando se enchem de muita água e são obrigadas a mover-se, cheias de chuva, forçosamente, ficam dependuradas para baixo, e, a seguir, pesadas, caem umas sobre as outras, arrebentam e estrondeiam.

ESTREPSÍADES

Mas quem é que as obriga a mover-se; por acaso não é Zeus?

SÓCRATES

Absolutamente. É o turbilhão etéreo[114]

ESTREPSÍADES
(Estupefato.)

Turbilhão? Isso me tinha escapado... Zeus não existe, e no lugar dele 380
agora reina o Turbilhão!... Mas você ainda não me ensinou nada a respeito do estrondo e do trovão...

SÓCRATES

Então você não me ouviu dizer que as Nuvens, cheias de água, quando caem umas sobre as outras, estrondeiam por causa da densidade?

[111] O nome de Zeus estava intimamente relacionado com os fenômenos da natureza, tais como o vento, as chuvas, os raios e os trovões. Zeus era invocado nas secas, como o reunidor das nuvens e protetor das chuvas. Assim se explicam a expressão "Zeus chove" e a correspondente invocação dos atenienses: "Chove, chove, ó caro Zeus".

[112] Vários físicos já haviam procurado explicação racional da chuva. Cf. Anaxágoras (Diels-Kranz, *fr.* 19, II, 41, 11); Hipócrates, *Ar.* 533; e principalmente Anaxímenes (Diels-Kranz I, 94, 8); Plut., *Mor.*, 894-A: "Quando o ar se torna muito espesso, formam-se as nuvens, e quando ainda mais se condensa, arrebentam as chuvas."

[113] Veja Lucrécio VI, v. 400: "Pois então, por que Zeus nunca atira o raio sobre a terra com um céu límpido?"

[114] Aristófanes cria uma situação cômica, a partir de um qüiproquó com a palavra "turbilhão" *(dinos)*, que tanto podia significar o movimento que dera origem ao universo (cf. Plat., *Fed.*, 99-B; Aristóteles, *Do Céu*, II, 13, 295-A), como o movimento da rotação do céu ao redor da Terra ou ainda "vórtice, voragem". Eurípides popularizou o termo, aplicando-o ao movimento das nuvens, e é êsse o sentido das palavras de Sócrates. Como a mesma palavra grega, *dinos*, também pode significar qualquer objeto torneado, um vaso, surge um mal entendido que terá seqüência no fim da peça, vv. 1471 ss.

ESTREPSÍADES

Está bem, mas como acreditar nisso?

SÓCRATES

385 Vou explicar-lhe partindo de você mesmo. Nas Panatenéias[115], quando você se encheu de caldo, depois nunca ficou com o ventre desarranjado? E, de repente, um reboliço não o fez crepitar?

ESTREPSÍADES

Sim, por Apolo, e logo ele me faz um alvoroço terrível e se desarranja... O caldinho estrondeia como um 390 trovão e berra terrivelmente. Primeiro devagar, "pa-pa, pa-pa", depois continuando, "pa-pa-pa, pa-pa-pa", e, quando eu me desaperto, ele troveja de uma vez, "pa-pa-pa-pa-pa", assim como as Nuvens.

SÓCRATES

Bem, pense bem como você peidou por causa desse ventrezinho tão pequenino... E este ar, incomensurável, não é razoável que troveje intensamente?

ESTREPSIÁDES

Ah! Então é por isso que até os nomes são parecidos, trovão e peidão...[116] Mas, ensine-me isto, de 395 onde provém o raio relampeando fogo, ele que, quando nos fere, fulmina alguns e por outros passa de raspão, deixando-os viver? Pois esse raio, por certo é Zeus quem o atira contra os perjuros...[117]

SÓCRATES

Mas como, insensato, velho tonto, cheirando a mofo[118], seu arcaico![119] Se atira nos perjuros, como é que não fulminou nem Simão nem Cleônimo[120] nem Teoro? E, no entanto, bem que são perjuros... Mas Zeus atira 400 sobre o seu próprio templo, sobre o "Sunio[121], promontório de Atenas", e sobre os altos carvalhos! Por quê? Pois de fato um carvalho não pode jurar falso...

ESTREPSÍADES

(Hesitante.)

Não sei, mas apesar de tudo você parece ter razão... Pois, afinal, que é o raio?

SÓCRATES

Quando um vento seco, alçado nos ares, fica preso nas Nuvens, lá de den- 405 tro fá-las inchar como uma bexiga, e depois, arrebenta-as à força e se precipita para fora, cheio de ímpeto por causa da densidade. Em vista do ruído e da velocidade, ele se incendeia por própria conta[122].

ESTREPSÍADES

Sim, por Zeus, sem saber eu mesmo já padeci desse mal, certa vez, nas Diásias. Ao assar um bucho para minha família, distraído não lhe fiz uma fenda; então ele inchou, depois, de repente, estourou, emporcalhando-me 410

[115] Um dos mais importantes festivais de Atenas. Realizado anualmente no dia 28 do Hecatombeu (julho-agosto) e de quatro em quatro anos com maior pompa (Grandes Panatenéias). Dedicada a Atena, a festa comportava procissão, sacrifícios e jogos. A carne das vítimas era distribuída ao povo que se regalava com esse alimento, caro e pouco acessível.

[116] Trocadilho forçado, talvez uma pilhéria com os gramáticos (Rima).

[117] Zeus também era invocado como "protetor dos juramentos"; por conseguinte, Sócrates está despindo a divindade de mais uma das suas atribuições.

[118] Entenda-se "velho tonto que cheira aos tempos de Crono". O antigo deus Crono muitas vezes é símbolo de "velho, bobo, gagá".

[119] Aristófanes emprega uma palavra intraduzível, mais ou menos equivalente ao nosso "antediluviano".

[120] Criticado em muitas passagens, ora como impostor, ora como ímpio ou adulador. Cf. *Acar.*, 134 ss., 1608; *Vesp.*, 42, 47, 418, 519 etc...

[121] Cf. Hom., *Od.*, 278. Promontório no extremo sul da Ática, onde havia as ruínas de um templo jônico de Atena e um templo de Posidão.

[122] Paródia de alguma explicação dos físicos. Cf. Anaxágoras (Diels-Kranz II, 25, 21): "Quando o quente cai no frio, com o ruído, produz o trovão, e, com o pêso e grandeza da luz, o raio."

até os olhos e queimando-me o rosto...

CORIFEU
(A Estrepsíades.)

Ó homem que deseja em nosso convívio a grande sabedoria! Como você será feliz em Atenas e na Grécia, se tem memória, sabe pensar, tem a desgraça na alma e não se cansa, nem de pé, nem parado! Se não se irrita excessivamente com o frio, não deseja almoçar e se abstém de vinho, de exercícios e de outras bobagens[123], e se pensa que o melhor, como convém a um homem correto, é vencer, agindo, deliberando e combatendo com a língua![124]

ESTREPSÍADES

Mas se se trata de uma alma dura, de uma preocupação de tirar o sono e de um estômago parco, acostumado às privações e que só janta manjericão[125] não vos preocupeis, porque, se é por isso, corajosamente poderia oferecer-me como bigorna...

SÓCRATES

Não é verdade que você, agora, não aceitará nenhum outro deus a não ser os nossos, o Caos, as Nuvens e a Língua[126], só estes três?

ESTREPSÍADES

Realmente, nem sequer conversaria com os outros, ainda que os encontrasse... Nem faria sacrifícios, libações, ou ofertaria incenso!

CORIFEU

Então, coragem! Diga-nos o que lhe devemos fazer, pois você não há de falhar, se nos honrar e admirar e procurar ser correto.

ESTREPSÍADES

Bem, minhas senhoras, eu vos peço esta coisinha bem pequenina; que eu seja, no meio dos gregos, o mais hábil no falar, com cem milhas de vantagem![127]

CORIFEU

Mas vai consegui-lo de nós! Tanto assim que, daqui em diante, nas decisões da Assembléia ninguém terá mais vitórias do que você...

ESTREPSÍADES

Não, não me faleis de decisões importantes; pois não as ambiciono, mas só quanto me baste para virar a justiça para o meu lado e escapar dos credores!...

CORIFEU

Então encontrará o que almeja, pois não quer grandes coisas. Coragem, entregue-se aos nossos ministros![128]

ESTREPSÍADES

Vou fazê-lo, porque confio em vós; pois a necessidade me aperta, por causa dos cavalos de raça e desse casamento que me arruinou. *(Declamando enfático.)*[129]

[123] Exigia-se dos iniciados, notadamente entre os órficos e pitagóricos, a renúncia ao conforto físico como condição do aperfeiçoamento do espírito. Sobre Sócrates, cf. Xen., *Mem., II, 1, e IV, 1, 2.*

[124] A essência do ensinamento sofístico, isto é, a capacidade de falar diante do povo, nas assembléias, nos tribunais.

[125] Lit. Segurelha *(Satureia hortensis)*, que pelo sabor acre serve como condimento. Trata-se pois de um jantar muito pobre, feito só de ervas amargas.

[126] Quanto à invocação de três divindades, veja nota v. 264. Caos segundo Hes., *Teog.*, 116, é o espaço vácuo que tudo pode conter e que a tudo precedeu. A divinização da Língua corresponde bem ao preceito sofístico: procurar sempre vencer com palavras. Cf. v. 419.

[127] Estrepsíades considera a eloqüência uma coisa concreta, avaliando-a com medida itinerária. Cf. *Rãs*, 91. A mesma pilhéria aparece em Eúpolis. *Fr.* 94, referindo-se a Péricles. Lit. "cem estádios". O estádio media 600 pés gregos, i. e., 177,6 metros.

[128] Os sacerdotes que servem às deusas Nuvens, aqui evidentemente identificados com Sócrates e seus discípulos.

[129] Inicia-se o *"pnigos"*, trecho que devia ser pronunciado num só fôlego. Estrepsíades, constrangido pela necessidade, entrega-se de mãos atadas ao destino. Tudo fará, contanto que não seja obrigado a pagar as dívidas (vv. 439-456).

Agora então façam
exatamente o que desejam.
440 Este corpo que é meu
eu lhes entrego,
para apanhar, sofrer fome ou sede,
ficar sujo,
enregelado ou esfolado,
se é verdade
que vou escapar das dívidas
e, diante do mundo,
parecer atrevido,
445 linguarudo, ousado, resoluto,
velhaco, colàdor de mentiras,
paroleiro,
superescovado nos tribunais,
tábua de leis[130],
charlatão, raposa,
afiado em chicanas, macio na fala,
dissimulador, viscoso e fanfarrão,
digno do chicote,
450 canalha, retorcido,
chato e fila-bóia.
Se me chamam assim
os que se encontram comigo,
façam exatamente
o que lhes apraz
e, se querem,
sim, por Deméter,
ofereçam-me aos pensadores,
455 como um prato de tripas. . .[131]

CORIFEU

A resolução deste homem não é sem audácia, mas audaciosa. Fique sabendo, quando você aprender comigo, terá entre os mortais uma glória que se eleva aos céus!

ESTREPSÍADES

Que será de mim?[132] 460

CORIFEU

Eternamente em minha companhia, você passará a mais invejável das vidas humanas.

ESTREPSÍADES

Então, acaso verei isso um dia? 465

CORIFEU

Muita gente sempre se assentará à sua porta, querendo fazer-lhe confidências, 470 conversar sobre processos e defesas de grande valor, para pedir conselho sobre assuntos à altura do seu 475 intelecto. . .

(A Sócrates)

Mãos à obra, trate de praticar o que vai ensinar ao velho em primeiro lugar. Movimente-lhe o intelecto e experimente o seu pensamento.

SÓCRATES

Vamos, revele-me o seu caráter, para que eu saiba como ele é, e, além 480 disso, já faça avançar contra você novos "engenhos"[133].

ESTREPSÍADES

(Espantado.)

Quê?! Pelos deuses, você pretende tomar-me de assalto?

SÓCRATES

Não, mas quero fazer-lhe umas perguntinhas. Por acaso você tem boa memória?

[130] As leis de Sólon foram originalmente inscritas em placas móveis de madeira, que desapareceram durante a invasão dos persas. Preservaram-se as cópias gravadas em lajes de pedra, que permaneciam expostas na Acrópole, embora incompletas e mutiladas.

[131] As enumerações são um recurso cômico que já aparece em Epicarmo, *frs.* 42, 94. Aristófanes compraz-se em citar todos os nomes que poderiam caracterizar os amantes de chicanas e processos.

[132] Esta cena sugere uma paródia de tragédia ou de rituais de iniciação em mistérios religiosos. Tomada a resolução, vêm as dúvidas, o pavor do desconhecido (vv. 461-471).

[133] Cena de transição. Exame inicial do novo candidato ao "pensatório" (vv. 478-509). Note-se o qüiproquó. Sócrates fala dos novos expedientes da educação sofística e o velho pensa em máquinas de guerra.

ESTREPSÍADES

Sim, por Zeus, de dois jeitos. Quando me devem alguma coisa, tenho muito boa memória, mas, ai de mim, quando devo, sou completamente des-
485 memoriado. . .

SÓCRATES

Bem, você tem aptidões naturais para falar?

ESTREPSÍADES

Para falar, não, mas para fa. . . lhar sim. . .

SÓCRATES

Então como será capaz de aprender?

ESTREPSÍADES

Sossegue, muito bem!

SÓCRATES

Bem, quando eu lhe propuser algu-
490 ma questão erudita sobre as coisas celestes, trate de surripiá-la bem depressa. . .

ESTREPSÍADES

Quê? Vou comer sabedoria, como um cachorro?

SÓCRATES

Esse daí é um homem ignorante, um bárbaro! Eu temo, meu velho, que você precise dumas pancadas. . . Ora vejamos, que faz quando alguém lhe bate?

ESTREPSÍADES

495 Apanho. Depois espero um pouco e chamo testemunhas; depois, deixo passar ainda mais um momentinho e vou aos tribunais[134].

SÓCRATES

Está bem. Então, tire o manto![135]

ESTREPSÍADES

Fiz algum crime?

SÓCRATES

Não, mas a lei é que se entre sem manto.

ESTREPSÍADES

Mas não vou entrar para procurar coisas roubadas. . .

SÓCRATES

Tire! Por que tagarela?

ESTREPSÍADES

(Obedecendo.)

Então pelo menos diga-me o seguin- 500
te: se eu for diligente e aprender com vontade, com que discípulo ficarei parecido?

SÓCRATES

No aspecto, você será igualzinho a Querefonte. . .

ESTREPSÍADES

Ai, infeliz de mim! Ficarei meio morto!

SÓCRATES

Chega de tagarelices! Mas trate de 505
seguir-me. Vamos, logo, depressa, por aqui. . .

ESTREPSÍADES

Então antes dê-me aqui nas mãos ao menos um bolinho de mel. . . Como tenho medo, descendo aí dentro. . . É

[134] Alusão à mania judiciária dos atenienses. Com esse argumento, Estrepsíades acaba convencendo Sócrates a aceitá-lo como discípulo.

[135] Prática habitual nas cerimônias de iniciação. Como a vítima de um roubo, para procurar objetos roubados nas casas dos suspeitos, devia apresentar-se "sem manto", nasce novo mal-entendido.

como se fosse à caverna de Trofônio. . .[136]

SÓCRATES

Vamos, ande. Por que você fica perdendo tempo ao redor da porta?

(Entram ambos no "pensatório".)

CORO

510 Então[137] vá, seja bem sucedido por sua coragem! Boa sorte a este homem, que já bem avançado nos limites da 515 idade, pinta a própria natureza com ações juvenis e cultiva a sabedoria!

CORIFEU

(Ao público.)[138]

Espectadores, vou dizer-vos a verdade sem rebuços. Sim, em nome de 520 Dioniso[139], o que me criou. Tomara eu possa vencer e ser considerado um bom poeta, assim como é verdade que vos julguei espectadores sagazes e esta a mais engenhosa de minhas comédias e achei conveniente fazer-vos prová-la em primeiro lugar, esta peça que me deu o maior dos trabalhos[140]. Mas, depois, bati em retirada, vencido por 525 homens grosseiros, eu que não o merecia[141]. É isso que vos censuro, a vós que sois inteligentes, em cuja homenagem tanto me esforcei. Mas nem mesmo assim, espontaneamente, nunca hei de trair os espertos. Desde que, neste mesmo lugar o Virtuoso e o Pervertido[142] receberam os maiores elogios de homens aos quais é até doce falar, e eu — por ser ainda virgem e não ter o direito de parir — expus a 530 minha criança, que uma outra donzela recolheu e adotou[143] e vós generosamente nutristes e educastes; desde esse tempo, tenho penhores sinceros da vossa opinião. Agora então, como aquela famosa Electra[144], esta comé- 535 dia veio ver se poderá encontrar em algum lugar espectadores tão inteligentes. De fato, quando vir, há de reconhecer os cachos do seu irmão. . . Observai como esta comédia é naturalmente sensata; pela primeira vez não se apresentou depois de costurar diante de si um penduricalho de couro grosso e de ponta vermelha[145] para provocar o

[136] Filho de Ergino, rei de Orcômeno. Segundo a lenda, foi tragado por uma fenda do solo e, de sua morada subterrânea, em Leobadéia da Beócia, passou a proferir oráculos. O consulente, vestindo apenas uma túnica, após vários ritos de purificação, penetrava na caverna e descia por uma abertura afunilada por onde só podia passar um corpo humano, levando em cada mão um bolinho de mel a fim de apaziguar as serpentes e outros animais selvagens.

[137] Inicia-se a *Parábase*, o *intermezzo* não dramático em que o poeta fala diretamente aos espectadores. A parábase tinha uma estrutura mais ou menos rígida e o seu primeiro movimento eram esses poucos versos que serviam de elemento de ligação com a cena anterior (vv. 510-517).

[138] Parábase propriamente dita.

[139] É perfeitamente natural a invocação a Dioniso, deus protetor da arte dramática, e, portanto, dos poetas cômicos.

[140] Referência ao insucesso das *Nuvens* em sua primeira representação, quando Aristófanes só logrou obter o terceiro lugar. O poeta não pôde ocultar o desapontamento, pois esperava melhor acolhida em vista dos novos recursos cômicos que havia criado: originalidade do assunto, citações e pastichos de doutrinas filosóficas, etc.

[141] Os rivais premiados: Amípsias *(Conos)* e Cratino *(Garrafa)*.

[142] Alusão à sua primeira comédia *Convivas*, representada em 427 a.C., com a segunda classificação. Nessa peça já era abordado o problema da educação contemporânea, de suas afinidades com as *Nuvens (cf. vv. 534-535)*.

[143] Muito jovem, Aristófanes não quis desde logo enfrentar rivais mais velhos e de grande fama; por isso produziu a peça com o nome de Calístrato ou de Fidônides. A tradição de uma lei que exigia a idade mínima de trinta anos para o poeta cômico parece-nos sem consistência. Embora a exposição de crianças fosse condenada pelo povo como uma ofensa a Zeus, protetor das famílias, não era proibida por lei e era comum em Atenas, tendo-se tornado ainda mais freqüente no IV século a.C., conforme se pode verificar na Comédia Nova.

[144] Reminiscência das *Coéforas* de Ésquilo (vv. 168 ss.) em que Electra reconhece o irmão por uma mecha de cabelos. Eurípedes na *Electra* faz uma crítica dessa passagem esquiliana (vv. 590 ss.)

[145] Os atores de comédia apresentavam simulacros de falos dependurados debaixo da túnica curta. O próprio Aristófanes não aboliu esse hábito, mas provavelmente limitou a um ou dois os atores que usavam o falo. Cf. v. 734 e também *Acar.*, pp. 158, 592; *Vesp.*, 1343; *Lis.*, 991, 1077.

540 riso das crianças. Não ridiculariza os carecas[146] e não dança o "kórdax"[147]; nem se trata de um velho que recita os versos e bate com o bastão no parceiro, disfarçando gracejos indecentes[148] nem se precipita em cena carregando tochas, nem grita uh!, uh!...[149] Mas veio confiada em si
545 mesma e nos seus versos. E eu, sendo um poeta dessa categoria, não me envaideço nem procuro enganar-vos representando duas ou três vezes os mesmos assuntos, mas sempre me adestro com habilidade, introduzindo novos recursos, totalmente diversos uns dos outros e todos engenhosos. Eu, quando Cleão[150] era poderoso, golpeei-o no ventre, mas não tive a audá-
550 cia de pisoteá-lo de novo, quando se achava prostrado no chão... Mas os outros, porque Hipérbolo[151] uma vez recebeu um golpe, sempre espezinham o coitado e a sua mãe... Primeiro Êupolis, o perverso, puxou para cena o seu *Maricas*[152] depois de estropiar os meus *Cavaleiros*, acrescentando uma velha bêbada por causa do "kórdax", 555 aquela que Frínico[153] tinha apresentado outrora, aquela que a baleia ia comer... Depois Hermipo[154] fez novamente uma peça contra Hipérbolo e já todos se encarniçam contra Hipérbolo, imitando as minhas imagens das enguias...[155] Nessas condições, quem ri desses gracejos que continue 560 não se divertindo com os meus. Mas se achais alguma graça em mim e nas minhas invenções, para o futuro haveis de parecer homens de bom senso[156].

PRIMEIRO SEMICORO

(Estrofe)[157] *Zeus, senhor dos céus, poderoso, soberano dos deuses, neste* 565 *coro eu invoco em primeiro lugar; e o possante guardião do tridente*[158], *selvagem sacudidor da Terra e do mar salgado; e o nosso pai famosíssimo, venerando Éter*[159], *nutridor de tudo; e* 570 *o condutor de cavalos*[160], *que, com raios multiluminosos, envolve a planície da Terra, poderosa divindade entre deuses e mortais.*

146 Era hábito zombar da calvície; além disso, o próprio Aristófanes era calvo (cf. *Paz*, 767).

147 Dança provavelmente originária do Peloponeso, impregnada de elementos licenciosos e burlescos. O próprio Aristófanes faz Filocleão dançar o "kórdax", nas *Vespas*, vv. 1516 ss.

148 Provável alusão ao ator Hermão.

149 Crítica das grosserias da farsa megariana. Nota-se que Aristófanes apelou para esse recurso nesta mesma peça: cf. cena final do incêndio da casa de Sócrates (vv. 1485 ss.).

150 Demagogo que sucedera a Péricles e adquirira grande prestígio após a captura de Esfactéria (cf. nota v. 186) — Cf. Tuc. II e III, *passim*. Aristófanes atacara-o violentamente já nos *Babilônios* e depois nos *Cavaleiros* (424 a.C.).

151 Demagogo ateniense que começou a vida como fabricante de lâmpadas, tendo conquistado grandes posições entre os populistas. É criticado nos *Cavaleiros* (vv. 734 e 1315) e condenado em termos violentos por Tucídides, VIII, 13. O próprio Aristófanes ridiculariza a mãe de Hipérbolo, tida como usurária. Cf. *Tesmof.*, vv. 842 ss.

152 Êupolis, um dos três grandes da comédia, satirizou Hipérbolo, chamando-o "Maricas", assim como Aristófanes atacara Cleão como "Paflagônio". É possível que houvesse grandes semelhanças entre as duas peças. Todavia, nos *Baptas*, Êupolis refuta essa acusação, afirmando que havia colaborado na composição dos *Cavaleiros*.

153 Poeta cômico que estreou em 429 a.C.

154 Poeta cômico que teve a primeira vitória em 435. Na peça *Vendedoras de Pão*, atacou diretamente Hipérbolo e sua mãe.

155 Cf. *Cav.*, vv. 864 ss.

156 Na parábase eram comuns os elogios aos espectadores (cf. vv. 520 ss.) e as promessas de felicidade (cf. vv. 1115 ss.).

157 *Ode*, cantada pelo primeiro semicoro: versos líricos (vv. 563-574). Observe-se que tanto na ode como na antode são as próprias Nuvens que invocam os deuses olímpicos. Como a parábase emitia a opinião pessoal do poeta, este se julga na obrigação de retratar-se de uma possível acusação de impiedade após as censuras dirigidas aos deuses, muitas das quais haviam ficado sem resposta.

158 Posidão (Netuno), deus dos terremotos e das águas.

159 Identificado com o Ar. É a única divindade sofística invocada pelo coro.

160 Hélio, personificação da divindade do Sol, venerado também como o condutor da carruagem que diariamente percorria o céu, de leste a oeste, portadora da luz. Às vezes identificado com Apolo (cf. vv. 225 ss.).

CORIFEU[161]

575 Espectadores sapientíssimos, volvei a atenção para cá. Injustiçadas, nós vos censuramos, aqui em vossa presença. Pois embora prestemos à cidade mais serviços do que todos os outros deuses, só a nós, dentre as divindades, nem ofereceis sacrifícios nem fazeis libações, nós que velamos por vós. De fato se houver alguma expedição total-
580 mente sem juízo, logo, ou trovejamos ou chuviscamos[162]. No momento em que elegíeis estratego o curtidor Paflagônio, odioso aos deuses, nós franzíamos as sobrancelhas e protestávamos: "o trovão irrompeu em meio aos relâmpagos"[163], a Lua abandonou os seus caminhos, o Sol logo puxou
585 para si a sua centelha e dizia que não se mostraria diante de vós, se Cleão fosse estratego[164]. E, apesar disso, vós o elegestes. Dizem que as más resoluções são próprias desta cidade[165], e que, no entanto, os deuses convertem no melhor todas essas bobagens que
590 fazeis... Facilmente demonstraremos como mais este erro vos poderá ser útil. Se condenardes Cleão, o gavião, por roubo e corrupção e amordaçardes o pescoço dele com o afogador[166], novamente, como de costume, embora cometêsseis um erro, o negócio há de reverter no melhor para a cidade!

[161] *Epirrema:* — o coro dirige-se novamente aos espectadores. Agora fala em nome das Nuvens (vv. 575-594).

[162] Referência à superstição de que trovoadas e chuvas eram sinal do desagrado de Zeus, determinando o adiamento das reuniões da Assembléia. Cf. *Acar.*, v. 171.

[163] Paródia de versos do *Teucro* de Sófocles.

[164] Houve um eclipse da Lua em 425 (outubro) e um do Sol em 424 (março), por conseguinte durante o governo de Cleão.

[165] Era proverbial a insensatez ateniense, todavia sempre favorecida pela boa vontade dos deuses. Cf. *Cav.*, 1055, *Ass.*, 473.

[166] Referência ao hábito de prender o pescoço dos ladrões com o afogador ou golilha, para impedir que engolissem objetos de valor. Aristófanes insiste nas críticas dos *Cavaleiros*, em que acusava Cleão de peculato e concussão. Cf. *Cav.*, v. 956, *passim*.

SEGUNDO SEMICORO

(Antístrofe) *E tu também ao meu* 595
lado, Senhor Délio[167], *que habitas a*
Cíntia, rochedo de altos cornos; e tu,
bem-aventurada, que moras em
Éfeso[168] *numa casa toda feita de ouro,*
onde as donzelas da Lídia te veneram 600
com grandeza; e a nossa deusa nacio-
nal, regente da égide[169], *Atena prote-*
tora da cidade; e o senhor da rocha do
Parnaso[170], *reluzente com as suas*
tochas, notável entre as Bacantes de 605
Delfos[171], *amigo do komos*[172], *Dio-*
niso.

CORIFEU

Quando estávamos prontas para vir para cá, a Lua encontrou-se conosco e pediu-nos que vos disséssemos, inicialmente, que saída os atenienses e os seus aliados[173]. Depois, disse-nos que está irritada, pois sofreu tratamentos 610
indignos, embora vos auxilie a todos, não com palavras, mas de modo claro. Em primeiro lugar, porque vos faz economizar todos os meses não menos de uma dracma de tochas, tanto que todos dizem, quando saem à noite: "Escravo, não compre a tocha[174], pois é bela a luz do luar". Ela diz ainda que vos faz

[167] Apolo, que possuía na planície de Delos, lugar de seu nascimento, um templo famoso, ao pé do monte Cinto.

[168] Ártemis, a quem fora consagrado um grande templo em Éfeso, região da Ásia Menor, às vezes confundida com a Lídia.

[169] Epíteto de Atena usado só nesta passagem.

[170] Ponto extremo da cadeia de montanhas que se situa ao norte de Delfos. Era consagrado a Apolo e também a Dioniso, desde tempos muito antigos.

[171] As mênades, mulheres acompanhantes do séquito de Dioniso.

[172] Lembramos que os "komoi" eram as festas agrárias que deram origem à comédia.

[173] Crítica à saudação usada por Cleão em seus documentos oficiais, e, especialmente, na carta em que comunicava a vitória de Esfactéria — cf. Escol., v. 612 — Eup., *fr.* 322. A saudação é extensiva aos aliados que normalmente assistiam às Grandes Dionisíacas (mas não às Lenéias. Cf. *Acar.*, vv. 505 ss.).

[174] Tochas resinosas, utensílio indispensável nas viagens e saídas noturnas para alumiar os caminhos.

615 outros benefícios, e vós contais os dias de modo totalmente errado e fazeis uma atrapalhada de alto a baixo. Nessas condições, ela afirma que os deuses a ameaçam, quando são esquecidos num banquete, e voltam para casa sem ter encontrado a sua festa, de acordo 620 com o cálculo dos dias[175]. Assim, quando deveis fazer sacrifícios, torturais e julgais[176]. Muitas vezes, quando nós, os deuses, jejuamos[177], lamentando Memnão ou Sarpedão[178], vós fazeis libações e dais risadas; e foi por isso que Hipérbolo, sorteado para ser deputado em Delfos[179], depois foi des- 625 pojado de sua coroa por nós, os deuses, pois assim saberá melhor que é preciso contar os dias da vida de acordo com a Lua[180].

SÓCRATES
(Saindo do "pensatório".)

Não, pela Respiração! Não, não, pelo Caos e pelo Ar![181] Nunca vi um homem tão bronco, cheio de embaraços, desajeitado e esquecido! Um indivíduo que, quando estuda algumas 630 bagatelas escolhidas, já se esquece delas ainda antes de aprendê-las. Não importa, vou chamá-lo aqui para a luz do dia, para fora da porta. Onde está Estrepsíades? Trate de sair com o leito sagrado![182]

ESTREPSÍADES
(Vem carregando um banquinho.)

Mas os percevejos não me deixam levá-lo para fora!

SÓCRATES

Rápido, ponha isso no chão e preste atenção.

ESTREPSÍADES

Sim. 635

SÓCRATES

Então vamos, o que é que você deseja aprender agora mesmo, em primeiro lugar, daquelas coisas que nunca lhe ensinaram?[183] Diga-me, serão por acaso as medidas, os versos ou os ritmos?[184]

ESTREPSÍADES

As medidas, eu sim! Pois há pouco fui tapeado por um mercador de fari- 640 nha numa medida dupla...

SÓCRATES

Não é isso que lhe pergunto, mas que medida você julga mais bela, o trímetro ou o tetrâmetro?

[175] Crítica à confusão em que redundou a reforma do calendário, baseada em estudos do matemático Metão, que procurava adaptar os meses lunares ao ano solar. Essa reforma começou a ser adotada a partir do verão de 432 a.C.

[176] Em dias santificados não havia sessões no tribunal. Referência ao hábito de submeter os escravos à tortura a fim de obter testemunhos.

[177] Parece que o jejum era de praxe entre os participantes de certas festividades religiosas. Nas Tesmofórias havia um dia de *Nestéia*.

[178] Heróis que colaboraram com Príamo na defesa de Tróia. Memnão era o rei mítico da Etiópia, morto por Aquiles e imortalizado por Zeus, *Od.*, IV, 188. Sarpedão, comandante dos lícios, morto por Pátroclo e pranteado por Zeus, foi levado a Lícia, onde Sono e Morte o sepultaram, II, XVI, 426 ss.; 677 ss.

[179] "Hieromnémon", um dos magistrados religiosos que constituíam as deputações das cidades à Anfictiônia de Delfos, federação jurídico-religiosa que reunia vários Estados gregos. Não há confirmação histórica das relações de Hipérbolo com esse organismo.

[180] Segundo o testemunho de Diógenes Laércio, Sólon recomendara aos atenienses que contassem os dias de acordo com a Lua.

[181] Sócrates invoca uma nova trindade divina, aliás, os seus deuses variam sempre... Cf. vv. 264-5; 242; 773 e 814.

[182] Após a parábase, sucedem-se as cenas cômicas, alternadas com estrofes líricas. Prosseguimento e fim da educação de Estrepsíades (vv. 627-888).

[183] Note-se o tom pedante de Sócrates, coincidindo com a arrogância de Protágoras em relação aos seus discípulos. Cf. Plat., *Prot.*, 318-D.E.

[184] Provável referência a Protágoras (cf. Plat., *Prot.*, 391), já que Sócrates não tratava desses assuntos. O mestre fala das medidas rítmicas dos versos, e Estrepsíades entende mal, pensando em medidas de capacidade.

ESTREPSÍADES

Nada me parece superior ao quartilho...

SÓCRATES

Você diz tolices!

ESTREPSÍADES

645 Então aposte comigo que o quartilho não tem quatro medidas...

SÓCRATES

Vá pro inferno! Como você é bronco e totalmente ignorante! Hum, talvez possa aprender os ritmos mais depressa!...

ESTREPSÍADES

De que me servirão os ritmos para o pão de cada dia?

SÓCRATES

Antes de tudo, para ser um homem
650 de espírito na sociedade, alguém que é capaz de perceber dentre os ritmos qual o enóplio[185] e, ao contrário, qual o dátilo.

ESTREPSÍADES

O dátilo? Por Zeus, mas eu sei!

SÓCRATES

Então diga... *(apontando o indicador.)* Qual é o outro "dátilo" além deste dedo aqui?[186]

ESTREPSÍADES

(Erguendo o dedo médio.)

Outrora, quando criança, eu usava este aqui...[187]

SÓCRATES

Você é um imbecil, um desajeitado!...

ESTREPSÍADES

Coitado! Pois não é nada disso que 655
desejo aprender...

SÓCRATES

O quê?

ESTREPSÍADES

Aquilo, aquilo, o discurso mais injusto...[188]

SÓCRATES

Mas antes disso você deve aprender outras coisas. Quais são exatamente os quadrúpedes machos?

ESTREPSÍADES

Mas eu conheço perfeitamente os 660
machos, se é que não estou louco... Carneiro, bode, touro, pássaro...[189]

SÓCRATES

Vê o que lhe está acontecendo? Você chama a fêmea de "pássaro", com o mesmo nome do macho.

ESTREPSÍADES

Como então? Diga-me!

SÓCRATES

Como? "Pássaro" e "pássaro"...

ESTREPSÍADES

Sim, por Posidão! E agora como 665
devo chamá-los?

SÓCRATES

"Pássara" e o outro "passarão".

ESTREPSÍADES

"Pássara". Está bem; pelo Ar!...[190] Nessas condições, só por

[185] Ritmo adequado às danças guerreiras.

[186] Trocadilho, pois dátilo tanto é dedo como "pé" (medida rítmica —◡◡).

[187] O gesto de erguer o dedo médio, apontando-o a alguém, significava que se considerava essa pessoa como um devasso, habituado a práticas contra a natureza.

[188] Note-se a impaciência de Estrepsíades, que só quer aprender uma coisa, o Discurso Injusto.

[189] Crítica às teorias de Protágoras, principalmente sobre a "Ortoépia". Cf. Arist., *Ret.*, III, 5, 1407; Plat., *Crat.*, 391-B. Sócrates, preocupado com as sutilezas gramaticais, não percebe que Estrepsíades incluiu uma ave entre os quadrúpedes. Fomos obrigados a alterar o original a fim de manter o jogo de cena e de palavras, o que seria impossível com as palavras "galo e galinha". Cf. vv. 874 ss.

[190] Observem-se os progressos de Estrepsíades, que já invoca uma divindade sofística. Cf. v. 814.

este único ensinamento eu vou encher de farinha toda a sua gamelão[191].

SÓCRATES

670 Vê? De novo ainda mais essa! Você diz "gamelão", masculino, quando é feminina.

ESTREPSÍADES

Como? Eu chamo o "gamelão" de macho?

SÓCRATES

Perfeitamente, como se dissesse Cleônimo.

ESTREPSÍADES

675 Mas de que jeito? Explique-me!

SÓCRATES

Para você, meu caro, "gamelão" vale a mesma coisa que Cleônimo...[192]

ESTREPSÍADES

Mas, meu bem, Cleônimo não tinha "gamelão"; ele costumava amassar num pilãozinho redondo...[193] E daqui por diante como devo dizer?

SÓCRATES

Como? "A gamela", como você diz "a Sóstrata".

ESTREPSÍADES

"A gamela"? Feminina?

SÓCRATES

Está certo.

ESTREPSÍADES

680 Mas isso seria, a gamela, a Cleônima...

SÓCRATES

Você ainda deve aprender mais sobre os nomes próprios; quais são os masculinos e quais os femininos?

ESTREPSÍADES

Mas bem que eu sei quais são os femininos...

SÓCRATES

Então diga.

ESTREPSÍADES

Luzila, Filina, Clitágora, Demétria.

SÓCRATES

Quais são os nomes masculinos?

ESTREPSÍADES

Milhares... Filóxeno, Milésias, 685
Amínia...[194]

SÓCRATES

Coitado! Mas esses não são masculinos!

ESTREPSÍADES

Para vocês não são masculinos?

SÓCRATES

De modo algum! Encontrando-se com Amínia como você lhe chamaria?[195]

ESTREPSÍADES

Como? Assim: "Aqui, aqui, Amínia"! 690

SÓCRATES

Vê? Você chama Amínia de mulher!

ESTREPSÍADES

Pois não é justo, se ela não faz o serviço militar!?... *(Impaciente.)* Mas por que aprendo o que todos nós sabemos?

[191] A pilhéria desenvolve-se em torno do uso de uma palavra feminina da 2.ª declinação que, por conseguinte, tem a desinência *o* que, teoricamente, é própria de masculinos.

[192] (Vv. 674-680). Sócrates refere-se ao gênero gramatical; Estrepsíades pensa no sexo e nos modos efeminados de Cleônimo e provavelmente também de um Sóstrato qualquer.

[193] Alusão à pobreza ou à devassidão de Cleônimo.

[194] Indivíduos efeminados: Filóxeno é mencionado também nas *Vespas*, 84.

[195] Maliciosamente Sócrates pede o vocativo que nos masculinos da 1.ª declinação termina em *a*, como nos femininos.

SÓCRATES

Por Zeus, não é isso. *(Aponta o leito.)* Mas deite-se aqui e...

ESTREPSÍADES

Que vou fazer?

SÓCRATES

695 ...Imagine algum expediente a respeito dos seus negócios.

ESTREPSÍADES

Não, lá não, eu lhe imploro! Mas se é preciso, deixe-me pensar nessas coisas deitado no chão...[196]

SÓCRATES

Não é possível de outra maneira.

ESTREPSÍADES

Ai, desgraçado de mim! Que pena hoje vou pagar aos percevejos!

CORO

700 (Estrofe)[197] *Pense, examine, concentre-se, revirando-se de todas as maneiras! Rápido, se cair num embaraço*[198], *salte para outro pensamento*
705 *do seu intelecto... Que o doce sono dos seus olhos se afaste!*

(Pausa. Estrepsíades geme e revira-se no leito.)

ESTREPSÍADES

Ai, ai![199]

CORO

Que você está padecendo? Por que se consome?

ESTREPSÍADES

(Em tom patético.)

Eu morro, infeliz de mim! Saídos do leito sagrado mordem-me os 710
per...sianos![200] Dilaceram-me o peito, devoram-me a alma, arrancam-me os testículos, perfuram-me o rabo e 715
acabam comigo!...

CORIFEU

Ora vamos, não se desespere tanto...

ESTREPSÍADES

E como não? Se meus bens sumiram, sumiu o meu corpo, sumiu a minha alma, sumiram os sapatos... E 720
além disso, além desses males, cantando de sentinela[201] quase que eu sumo também!

SÓCRATES

Eh, você aí! Que faz, não está pensando?

ESTREPSÍADES

Eu, sim, por Posidão!

SÓCRATES

E, então, em que pensou?

ESTREPSÍADES

Se alguma coisa minha vai escapar 725
dos percevejos...

SÓCRATES

Você vai perecer miseravelmente! *(Sai, impaciente.)*

ESTREPSÍADES

Mas, meu bem, eu já estou morto!

CORIFEU

Não se deve afrouxar e sim proteger-se[202]. Pois é preciso achar mente espoliadora e meios de enganar.

[196] Note-se a comicidade da cena. A princípio tem-se a impressão de que Estrepsíades não quer pensar nos seus negócios, mas depois percebe-se que as lamentações resultam da sujeira da casa de Sócrates, cheia de insetos importunos (cf. v. 699).

[197] Ode — O coro movimenta a ação; Estrepsíades deve pensar e pôr em prática os seus conhecimentos.

[198] Referência ao método socrático de procurar repentinamente um novo rumo de investigações, ao deparar com alguma dificuldade grave ou insucesso. Cf. v. 743.

[199] Inicia-se um diálogo lírico de tonalidade patético-cômica que sugere uma paródia de cena trágica, possivelmente de Eurípides. Cf. *Hécuba*, vv. 160-161. São as dores do parto intelectual de Estrepsíades.

[200] Pilhéria, pois devia esperar-se o nome de um inseto como percevejos.

[201] Nas vigílias, as sentinelas costumavam cantar para afastar o sono. Cf. Esq., *Agam.*, vv. 15-16.

[202] Para subtrair a mente das influências e impressões do exterior, cf. v. 740. Cf. Plat., *Fedro*, 237-A.

ESTREPSÍADES
(À parte.)

Ai de mim, quem é que poderia arranjar-me uma idéia espoliativa,
730 feita de peles de carneiro?

SÓCRATES
(De volta.)

Vejamos, em primeiro lugar, vou observar o que faz esse fulano... Eh, você está dormindo?

ESTREPSÍADES
Não, por Apolo, eu não!

SÓCRATES
Tem alguma coisa?

ESTREPSÍADES
Não, por Zeus, eu é que não!

SÓCRATES
Nada mesmo?

ESTREPSÍADES
(Erguendo a mão debaixo do manto.)

Nada, exceto este "pau" na mão direita...[203]

SÓCRATES
735 Você não vai cobrir-se e pensar depressa nalguma coisa?

ESTREPSÍADES
No quê? Ó Sócrates, diga-me!

SÓCRATES
Trate primeiro de achar o que deseja e diga-me.

ESTREPSÍADES
Você já ouviu milhares de vezes o que eu quero, é acerca dos juros... Como não pagar a ninguém...

SÓCRATES
740 Então cubra-se, relaxe aos poucos o pensamento sutil e reflita sobre os seus negócios, distinguindo bem e observando.

ESTREPSÍADES
Ai de mim! *(Salta do leito.)*

SÓCRATES
Fique quieto! E se tiver alguma dificuldade nos seus raciocínios, deixe-a e passe adiante. Depois, movimente-a de 745
novo com o pensamento e pondere[204].

ESTREPSÍADES
Ó Socratesinho querido!

SÓCRATES
Que é, velho?

ESTREPSÍADES
Tenho um pensamento espoliador de juros!

SÓCRATES
Mostre-o.

ESTREPSÍADES
Diga-me agora...

SÓCRATES
Quê?

ESTREPSÍADES
E se eu comprasse uma mulher feiticeira da Tessália[205], e, de noite, 750
puxasse a Lua para baixo, e, a seguir, a fechasse num cofrezinho redondo, como se fosse um espelho, e depois a conservasse bem guardada?

SÓCRATES
Mas então de que isso lhe serviria?

ESTREPSÍADES
Para quê? Se a Lua nunca mais apa-

[203] Veja nota v. 538.

[204] Nova alusão aos métodos do raciocínio socrático. Cf. v. 700 ss.

[205] Os tessálios apregoavam que Medéia havia perdido a caixa de drogas em seu território, cujas ervas, desde então, se tornaram dotadas de poderes mágicos. As mulheres da Tessália tinham fama de espertas em artes de bruxarias, gabando-se até da habilidade de puxar a Lua para baixo do céu. Cf. Plat., *Górg.*, 513-A, Verg., *Buc.* VIII, 6.

recesse em parte alguma, eu não pagaria os juros. . .

SÓCRATES

755 E por que motivo?

ESTREPSÍADES

Porque o dinheiro se empresta ao mês. . .[206]

SÓCRATES

Está bem. Mas agora vou propor-lhe uma outra engenhosa questão. Se alguém processasse você numa causa de cinco talentos[207], diga-me, como poderia anulá-la?

ESTREPSÍADES

760 Como, como? Não sei, mas devo procurá-lo.

SÓCRATES

Então não enrole sempre o pensamento à sua volta[208]. Solte a inteligência para o ar, como um besouro amarrado pelo pé[209].

ESTREPSÍADES

Já encontrei uma anulação muito engenhosa para esse processo, tanto que você mesmo há de concordar comigo.

SÓCRATES

765 Qual é?

ESTREPSÍADES

Você já viu nas lojas dos droguistas[210] aquela pedra, bonita, transparente, com a qual se acende o fogo?

SÓCRATES

Está falando do cristal?[211]

ESTREPSÍADES

Sim. Ora, que aconteceria se eu a tomasse no momento em que o escrivão estivesse anotando a queixa, de longe, assim, parado diante do Sol, e fizesse derreter os documentos[212] do meu processo? 770

SÓCRATES

Você fala com sabedoria. Sim, pelas Graças![213]

ESTREPSÍADES

(Exultante.)

Ih, como estou contente! Consegui anular um processo de cinco talentos. . .

SÓCRATES

Vamos depressa, então, agarre isto. . .[214]

ESTREPSÍADES

Quê? 775

SÓCRATES

Como você escaparia, se durante a defesa de um processo estivesse na iminência de ser condenado por falta de testemunhas?

ESTREPSÍADES

De modo muito fácil e simples.

SÓCRATES

Então diga.

ESTREPSÍADES

Pois já digo. Quando não houvesse mais do que um único processo antes 780

[206] Veja nota v. 17.
[207] Quantia que, segundo Aristófanes, Cleão havia recebido das cidades aliadas de Atenas. Cf. *Babilônios, Acar.*, v. 6, *Paz*, v. 171.
[208] Sócrates incita Estrepsíades a não ficar preso a um único método, sem refletir sobre outras possibilidades.
[209] O besouro dourado *(Melolontha vulgaris)*, inseto muito comum nas regiões temperadas do sul da Europa. As crianças costumavam usá-lo como brinquedo.
[210] Os remédios eram preparados e vendidos pelos próprios médicos. Geralmente os droguistas vendiam poções e toda sorte de amuletos e quinquilharias que os curandeiros e charlatães recomendavam.
[211] Vidro ou espelho ustório, muito raro, e considerado uma preciosidade.
[212] As tabuinhas cobertas de cera em que se registravam as queixas.
[213] Divindades que personificavam o encanto, a graça e a beleza.
[214] Cf. v. 490 ss.

de chamarem o meu[215], eu iria correndo enforcar-me...

SÓCRATES

Você diz tolices!

ESTREPSÍADES

Não, pelos deuses, eu não! Pois ninguém apresentará uma queixa contra mim, se eu estiver morto...

SÓCRATES
(Impaciente.)

Você está sonhando. Vá-se embora, não poderia ensiná-lo mais!

ESTREPSÍADES
(Desesperado.)

Por quê? Não, Sócrates, pelos deuses!

SÓCRATES

785 Mas logo você se esquece até das menores coisinhas que aprendeu em primeiro lugar![216]

ESTREPSÍADES

Vou ver... *(Hesitando.)* Qual foi a primeira coisa? Qual foi a primeira? Que era, aquela em que costumamos amassar os alimentos?[217] Ai de mim, o que era mesmo?

SÓCRATES

Você não vai sumir e arrebentar no
790 inferno? Velhote mais esquecido e imbecil!

ESTREPSÍADES

Ai, desgraçado de mim! Então que será de mim? Pois vou morrer, porque não aprendi a virar a língua![218] Ó Nuvens, aconselhai-me alguma coisa de útil!

CORIFEU

Velho, nós lhe damos um conselho; se você tem um filho já criado, man- 795
de-o aprender no seu lugar.

ESTREPSÍADES

Mas, sim, eu tenho um filho, pessoa de bem. Mas não quer aprender... Que será de mim?

CORIFEU

E você consente?

ESTREPSÍADES

Pois é bem feito de corpo, cheio de vida, e nasceu duma dessas mulheres 800
de alto vôo, uma grã-fina[219]. Pois sim, irei procurá-lo. Se não quiser, de qualquer forma hei de expulsá-lo para fora de casa. *(A Sócrates.)* Entre e espere- 803
me um pouco[220]. *(Sai.)*

CORO
(A Sócrates.)[221]

(Antístrofe) *Percebe quantos benefícios vai receber de nós, só de nós dentre os deuses? Ele está disposto a fazer tudo que você ordena! E agora que o homem está bobo e visivelmente agita- 810
do, sabendo-o, você vai engoli-lo tanto quanto puder! Depressa, essas coisas costumam virar...*

(Sócrates sai. Aparece Estrepsíades arrastando o filho pelo braço.)[222]

ESTREPSÍADES

Não, pelo Vapor![223] Você não fica- 815

[215] A ordem do dia nos tribunais era fixa e preparada de antemão. O arauto chamava sucessivamente as várias partes interessadas. Cf. *Vesp.*, v. 1441.

[216] Cf. vv. 640 ss.

[217] Estrepsíades só consegue lembrar-se de que se tratava de um nome feminino e, vagamente, de um utensílio.

[218] Alusão às sutilezas da linguagem sofística.

[219] Veja com. v. 48

[220] Verso em correspondência com v. 843.

[221] A correspondência com a Ode (700-705) não é perfeita, na Antode há dois versos a mais (vv. 811-812). Novamente o coro movimenta a ação. Terminada a educação de Estrepsíades prepara-se ambiente para a educação de Fidípides.

[222] Cena cômica de transição (vv. 814-889). Apresentação do novo aluno.

[223] Estrepsíades jura pelo Vapor, recusando as divindades tradicionais.

rá mais aqui. Vá comer as colunas de Mégacles![224]

FIDÍPIDES

Ó Senhor, que é que você tem, meu pai? Sim, você perdeu o juízo, por Zeus Olímpio!

ESTREPSÍADES

Está aí, tá aí! Zeus Olímpio...[225] Que bobagem! Esse daí, com essa idade, acreditar em Zeus!

FIDÍPIDES

Mas afinal por que você achou graça nisso?

ESTREPSÍADES

820 Porque percebi que você é uma criancinha e pensa de modo antiquado. Mas aproxime-se para saber mais. *(Sussurrando.)* E eu direi uma coisa que se você aprender, será um homem! Mas cuidado para não ensiná-la a ninguém!...

FIDÍPIDES

Sim. Que é?

ESTREPSÍADES

825 Agora mesmo você jurou por Zeus...

FIDÍPIDES

Sim.

ESTREPSÍADES
(Com ênfase.)

Então você vê como é belo aprender? Fidípides, Zeus não existe![226]

FIDÍPIDES

Mas quem?!...

ESTREPSÍADES

Quem reina é o Turbilhão, depois de ter expulsado Zeus!

FIDÍPIDES

Puxa, por que você diz tolices?

ESTREPSÍADES

Fique sabendo que é isso mesmo.

FIDÍPIDES

Quem é que o afirma?

ESTREPSÍADES

Sócrates de Melos[227] e Querefonte[228], que conhece as pegadas das 830
pulgas.

FIDÍPIDES

Mas você chegou a tal loucura que acredita em homens malucos?

ESTREPSÍADES

Cuidado! Não diga nenhuma insensatez contra homens direitos, e de juízo. No meio deles, por economia, 835
ninguém corta o cabelo, nem se unta com óleos ou vai ao balneário para lavar-se. E você "deslava" a minha vida, como se eu estivesse morto![229] Vá bem depressa e aprenda em meu lugar.

FIDÍPIDES

Mas, afinal, que coisa útil se poderia 840
aprender, no meio desses indivíduos?

ESTREPSÍADES

Ora, sim senhor! Toda a sabedoria que os homens têm. Você se conhecerá a si mesmo[230], aprenderá como é

[224] Fidípides provavelmente ameaçara de novo ir para casa do tio Mégacles (cf. v. 124). O velho ridiculariza a prosápia da família da esposa e lembra que na casa dos parentes só se podiam comer as colunas do palácio, restos do antigo fausto.

[225] É a tradicional oposição entre as idéias antigas e as novas. Todavia é interessante que seja o pai o adepto das novidades, aprendidas dos sofistas. Cf. vv. 367-380 ss.

[226] É a confidência essencial o princípio de tudo, "Zeus não existe!" Cf. vv. 367 ss., 380 ss.

[227] Pilhéria, pois Sócrates era ateniense. Alusão a Diágoras de Melos, processado por impiedade e expulso de Atenas.

[228] Veja nota vv. 144 ss.

[229] Era hábito lavar os cadáveres antes de colocá-los na mortalha.

[230] Alusão à máxima de Delfos, "Conhece-te a ti mesmo" — "Gnothi Sautón".

ignorante e grosseiro. Mas, fique aqui e espere-me um pouco... *(Estrepsíades entra.)*

FIDÍPIDES
(Sozinho.)

Puxa! Que hei de fazer, se meu pai
845 enlouqueceu? Devo agarrá-lo e levá-lo aos tribunais por demência, ou declarar a sua loucura aos fabricantes de caixões de defuntos?...

ESTREPSÍADES
(Reaparece com uma ave em cada mão.)

Vejamos como é que você chama este aqui? Diga-me!

FIDÍPIDES

Pássaro.

ESTREPSÍADES

E esta aqui?

FIDÍPIDES

Pássaro.

ESTREPSÍADES
(Triunfante.)

850 Ambos do mesmo jeito? Como você é ridículo! Daqui por diante não faça mais isso, mas chame esta aqui de "pássara" e este de "passarão".

FIDÍPIDES

"Pássara"? Foram estas as habilidades que você aprendeu lá dentro, na companhia daqueles terrígenos?[231]

ESTREPSÍADES

E muitas outras... Mas cada vez
855 que aprendia alguma coisa logo me esquecia dela, por causa da longa idade...[232]

FIDÍPIDES

Então é por isso que você perdeu até o manto?

ESTREPSÍADES

Não, não perdi, dispenseio-o...

FIDÍPIDES

Insensato, e os sapatos, para onde você os desviou?

ESTREPSÍADES

Como Péricles, "despendi no que era necessário"[233]. *(Empurrando o filho.)* Eia, ande, vamos! Então erre, 860
mas obedeça ao seu pai! Eu também outrora lhe obedeci, bem me lembro, quando você tinha seis anos e ainda balbuciava...

Nas Diásias,[234] com o primeiro óbolo de heliasta[235] que recebi, com esse dinheiro comprei um carrinho para você...

FIDÍPIDES
(De má vontade.)

De acordo. Mas com o tempo você 865
se arrependerá de tudo isso.

ESTREPSÍADES

Ainda bem que você me obedeceu! *(Chamando.)* Aqui, aqui, ó Sócrates! Saia! Trago-lhe este meu filho, depois de convencê-lo, embora contra a vontade dele...

[231] Os gigantes e titãs, em oposição aos Olímpios. Aqui é usado ironicamente, como se equivalesse a "átheoi", referindo-se à impiedade dos filósofos.
[232] Cf. vv. 530 ss., 785 ss.

[233] Pilhéria com a resposta de Péricles, quando interrogado sobre o destino dado aos dez talentos com os quais teria comprado o general Cleandridas, comandante das tropas espartanas que haviam invadido a Ática (446 a.C.).
[234] Nas Diásias era hábito presentear as crianças com brinquedos e doces. Veja nota v. 408.
[235] Todo cidadão de mais de trinta anos tinha direito de participar das sessões do tribunal da Heliéia. Os heliastas eram simples jurados e por isso não necessitavam de conhecimentos especiais; de início, recebiam um óbolo (sexta parte da dracma) por sessão, depois, receberam dois, e a partir de 425, graças a Cleão, três, o famoso "trióbolo" tão criticado por Aristófanes. Cf. *Cav.*, vv. 50 ss.

SÓCRATES

Mas é quase uma criança, ainda não "escovado" nos nossos cestos dependurados...

FIDÍPIDES

870 Você também seria escovado se o enforcassem...[236]

ESTREPSÍADES

Vá pro inferno! Você ousa rogar pragas no seu mestre?

SÓCRATES

(Com desprezo.)

Vejam só! Se o enforcassem![237] Como ele pronunciou de modo estúpido, com a boca escancarada... Como é que esse moço poderia aprender a
875 escapar duma condenação, fazer uma citação ou adoçar a voz de modo persuasivo? E, no entanto, Hipérbolo[238] aprendeu-o por um talento...

ESTREPSÍADES

Não se preocupe. Ensine-o. É um rapaz esperto por natureza. Desde criancinha, quando era deste tamanhinho, modelava casas, esculpia navios,
880 fabricava carrinhos de tiras de couro e fazia sapos de miolo de pão. Que lhe parece? Contanto que ele aprenda aqueles dois raciocínios, o forte, seja ele qual for, e o fraco, aquele que com palavras faz virar o que é injusto no mais forte. E se não, pelo menos que
885 aprenda o raciocínio injusto, a todo custo.

SÓCRATES

Ele mesmo há de aprender com os dois raciocínios em pessoa. Eu vou-me embora *(Sai.)*

ESTREPSÍADES

(A Sócrates.)

Então lembre-se disto, ele deverá falar contra tudo o que é justo.

CORO[239]

. . . . . .

(Da casa de Sócrates saem em duas gaiolas, como dois galos de briga[240], o Raciocínio Justo e o Raciocínio Injusto. Ambos ameaçam atracar-se[241].)

JUSTO

Venha cá, mostre-se aos espectadores, você que é um atrevido!

INJUSTO 890

Vá para onde quiser![242] Pois muito mais facilmente, falando diante do povo, acabarei com você![243]

JUSTO

Acabará comigo? E quem é você?

INJUSTO

Um raciocínio...

JUSTO

O fraco...

INJUSTO

Mas eu vou vencê-lo a você que afirma que é mais forte do que eu...

JUSTO

Com que habilidades?

INJUSTO 895

Encontrando idéias novas[244]

JUSTO

Sim, isso floresce, por causa desses

[236] As palavras de Sócrates referem-se a todas as cenas anteriores, desde o verso 218. Ignorando o que se havia passado, Fidípides supõe tratar-se de instrumento de tortura, o que explica a resposta do v. 870.

[237] Ignora-se qual o defeito de pronúncia que provoca as críticas de Sócrates.

[238] Veja nota v. 551.

[239] Segundo a indicação de vários manuscritos falta um trecho coral.

[240] Sugestão do Escolista.

[241] Cena preparatória do agon. É o pro-agon (vv. 889-948). É caso único nas comédias de Aristófanes, explicável, talvez, pela "mise-en-scène", já que se introduzem duas novas personagens, o *Justo e o Injusto*.

[242] Paródia de Eurípides, *Télefo, fr.* 721.

[243] É possível que o Raciocínio Injusto usasse a máscara de um sofista conhecido, talvez Protágoras. De fato, se Anaxágoras era conhecido como "A Mente" (Nous) e Demócrito "A Sabedoria" (Sophia), Protágoras era chamado "Raciocínio" (Logos). Cf. Diels-Kranz II, 8, 4; II, 85, 3.

[244] É a grande censura: achar idéias novas.

insensatos que andam por aí. . .[245]

INJUSTO

Insensatos não, sábios.

JUSTO

Acabarei com você, miseravelmente.

INJUSTO

Fazendo o quê, diga-me?

JUSTO

Dizendo o que é justo.

INJUSTO

900 Mas vou responder e virar tudo de pernas para o ar. . . Pois afirmo que nem sequer existe justiça.

JUSTO

Afirma que não existe?

INJUSTO

Pois bem, e onde está ela?[246]

JUSTO

Com os deuses!

INJUSTO

Pois então, se existe justiça, como é que Zeus não pereceu, depois de ter acorrentado o seu próprio pai?[247]

JUSTO

905 Fu! Eis a maldade em marcha!. . . Dêem-me uma bacia. . .

INJUSTO

Você é um velho tonto, um desequilibrado. . .

JUSTO

E você um fresco, um sem-vergonha. . .

INJUSTO

Você me diz rosas!

JUSTO

. . . palhaço. . .

INJUSTO 910

Coroa-me de lírios. . .

JUSTO

. . . parricida. ...

INJUSTO

Você não percebe que me polvilha de ouro?

JUSTO

Não, antes não era com ouro, era com chumbo. . .

INJUSTO

Mas agora isso me servirá de enfeite. . .

JUSTO

Que grande atrevido!

INJUSTO 915

E você, um antiquado!

JUSTO

Por sua culpa nenhum rapaz quer ira à escola. E os atenienses hão de saber um dia o que você ensina a esses insensatos. . .

INJUSTO

Você fenece vergonhosamente!

JUSTO

E você é bem sucedido. E, no entanto, antes mendigava, afirmava que era Télefo da Mísia[248] e roía uma idéias 920

[245] Os espectadores, os atenienses, que se deixam enganar pelos sofistas.

[246] O Injusto nega a existência da Justiça e, com habilidade, faz o Justo falar de uma abstração personificada: "Dike", a filha de Zeus e Têmis. Cf. Hes., *Teog.*, vv. 900 ss.

[247] Referência à revolta de Zeus e seus irmãos contra o pai Crono, que, expulso do céu, foi acorrentado no Tártaro. Esse gênero de críticas já aparece em Xenófanes — *fr.* I, vv. 21 ss. (Diels), e em Eurípides. Aristófanes, um tradicionalista, retoma as mesmas censuras para mostrar os erros da nova geração. Cf. também Plat., *Eutifrão,* 5; *Rep.*, II, 378-B; Esq., *Eum.* v. 641.

[248] Muitas eram as lendas que envolviam o nome de Télefo, filho de Hércules e Augé e rei da Mísia. Ferido por Aquiles, quando os gregos invadiram seu país a caminho de Tróia, foi informado pelo oráculo de Delfos de que só o próprio autor do ferimento poderia curá-lo. Na versão euripidiana, Télefo dirigia-se a Micenas disfarçado de mendigo, e, em suas arengas, revelava-se um perfeito sofista. Aristófanes critica bastante essa tragédia de Eurípides. Cf. *Acar.*, 430 ss.; *Rãs,* 855, 864. Outrora, por conseguinte, o raciocínio sofístico não tinha sucesso e agora, vitorioso, usava de suas argúcias na defesa das causas injustas.

de Pandeleteu[249], tiradas duma sacolinha...

INJUSTO

Ah! Que sabedoria...

JUSTO

925 Ah! Que loucura...

INJUSTO

...de que você se lembrou.

JUSTO

...a sua, e a cidade que o sustenta, enquanto você corrompe a juventude!

INJUSTO

Você não há de instruir esse rapaz, por mais que seja um velho Crono![250]

JUSTO

930 Hei sim, se é verdade que se deve salvá-lo, e não exercitá-lo apenas em tagarelices!

INJUSTO

(A Fidípides.)

Venha cá, deixe-o com as suas loucuras...

JUSTO

Você há de arrepender-se, se lhe puser a mão![251]

CORIFEU

Chega de luta e de insultos! *(Ao Justo.)* Mas demonstre o que ensinava
935 aos antigos, *(Ao Injusto)* e você, a nova educação, para que ele ouça a ambos em suas controvérsias, faça a escolha e freqüente a escola.

JUSTO

Quero fazê-lo.

INJUSTO

E eu também quero.

CORIFEU

Então, vamos! Qual dos dois falará 940 primeiro?

INJUSTO

Dou-lhe a palavra! Depois, tomando como base tudo que ele disser, vou dardejá-lo com palavrinhas novas e raciocínios[252]. E, afinal, se emitir um grunhido, com os dois olhos e o rosto 945 inteirinho inchado, como se estivesse picado de vespas, perecerá sob o efeito de minhas sentenças.

CORO

(Estrofe.)[253] *Agora ambos vão demonstrar, confiados em raciocínios habilíssimos, pensamentos e reflexões sentenciosas, qual dos dois parece o melhor orador... Aqui se arrisca toda a sorte da sabedoria, pela qual os meus dois amigos*[254] *travam o combate* 955 *supremo.*

CORIFEU

(Voltando-se para o Justo.)

Mas você que coroou os antigos com tantos costumes honrados, diga as palavras que lhe agradam e fale sobre a sua natureza[255]. 960

JUSTO

Então vou contar como era a educação antiga[256], quando eu florescia dizendo o que é justo, e a prudência era considerada. Em primeiro lugar, não se devia ouvir um menino cochi-

[249] Sofista, citado também por Cratino, *fr.* 242, como sicofanta e amigo de processos judiciários.

[250] Veja nota v. 398.

[251] Intervém o coro pondo fim ao conflito.

[252] Referindo-se a Eurípides, Aristófanes usa de expressões semelhantes. Cf. *Acar.*, 444 ss.; *Paz*, 534.

[253] Inicia-se o *agon* que apresenta a seguinte subdivisão: Ode (vv. 949-958); Epirrema (vv. 959-1008); Pnigos (vv. 1009-1023); Antode (vv. 1024-1033); Antepirrema (vv. 1034-1084); Antipnigos (vv. 1085-1104). A primeira parte, em que fala o Justo, compõe-se de versos solenes (vv. 959-1008); já a segunda parte, com o discurso do Injusto, brejeiro e despudorado, compõe-se de versos mais cheios de vivacidade (vv. 1034-1084).

[254] Note-se que o coro se refere ao Justo e ao Injusto chamando-os "amigos".

[255] O coro incita o Justo e movimenta a ação.

[256] A propósito dos ideais da antiga educação veja H. Marrou, *Histoire de l'Education dans l'Antiquité*, Paris, Du Seuil, 1955, Cap. IV; cf. K. Freeman, *Schools of Hellas*, London, Macmillan, 1908, pp. 72 ss.

char nem um "a"[257]; depois, os moradores de um mesmo bairro andavam pelas ruas, bem disciplinados[258] indo à casa do professor de cítara[259], sem mantos e em fila, ainda que nevasse neve farinhenta. O professor, por sua
965 vez, começava ensinando-os a cantar, com as coxas bem apartadas, ou[260]

"Palas terrível, destruidora de cidades"[261]

ou

"um som longífero"[262],

sustentando os acordes[263] transmitidos pelos pais. E, se algum deles se fazia de bobo ou modulava uma modulação de voz, como essas de hoje, à
970 moda de Frínis[264], tão difíceis de modular, era moído de muitas pancadas, como se estivesse prejudicando as Musas. Na casa do professor de ginástica, os meninos[265] deviam sentar-se com as pernas esticadas para a frente, para não mostrar nenhuma indecência aos estranhos; de outro lado ainda, quem se levantava, devia aplainar a areia, tomando a precaução de não 975
deixar aos amantes nenhum vestígio de sua mocidade[266]. Naquele tempo, nenhum menino costumava untar-se debaixo do umbigo, e, assim, sobre os genitais florescia uma penugem orvalhada, como num fruto, e ninguém molhava e amolecia a voz para aproximar-se do amante, prostituindo-se a si mesmo com os olhos[267]. Nos jantares, 980
não era permitido servir-se da cabeça do rabanete, nem roubar a erva-doce ou selino dos velhos[268], nem se devia comer gulodices, dar gargalhadas ou ficar de pernas cruzadas. . .

INJUSTO

Xi! São velharias do tempo das Dipolias, coisas cheias de cigarras, de Cecides e de Bufônias. . .[269]

[257] Cf. Xenof., *Banq.*, III, 12 ss.; Luc., *Amor.*, 44.

[258] Certamente vigiados pelo pedagogo. Segundo o testemunho de Aléxis, *fr.* 262, andar pelas ruas ordenadamente era próprio dos homens livres.

[259] A educação dos jovens atenienses comportava três partes: a) primeiras letras, a cargo do "gramatista"; b) poesia e música, com o "citarista"; c) exercícios físicos. Aristófanes só se refere aos estudos dos adolescentes, e por isso ignora o ensino das primeiras letras que, obviamente, pouco devia ressentir-se da influência dos sofistas.

[260] A respeito da preocupação com o aspecto moral na educação ateniense. Cf. Plat., *Prot.*, 325; H. Marrou, *op. cit.*, p. 77; K. Freeman, *op. cit.*, pp. 71 ss.

[261] Verso inicial de um canto muito conhecido, provavelmente da autoria de Lâmprocles, poeta ditirâmbico, que floresceu em Atenas em 500 a.C.

[262] Verso atribuído ao poeta ditirâmbico Cidides de Hermíone.

[263] O "modo" dórico, considerado o mais viril. Havia também os modos jônio, eólio e frígio, cada qual com o "ethos" particular da tribo originária. Essas diversas harmonias eram obtidas pela combinação de escalas e notas da lira. Cf. K. Freeman, *op. cit.*, pp. 240 ss. Quanto à importância que os gregos emprestavam à ação moralizadora da música, veja Plat., *Prot.*, 326 A-B; *Rep.*, III, 399-A; *Leis*, II, 673-A.

[264] Citareda de Mitilene, que revolucionou o acompanhamento musical com suas inovações. Veja nota v. 333.

[265] Entenda-se como "menino" o jovem púbere, já sexualmente maduro.

[266] Durante os exercícios físicos, os jovens apresentavam-se completamente nus; a presença de estranhos era proibida por uma lei de Sólon, mas no século V tornaram-se comum os abusos (cf. Esquin., *Tim.*, 12) e as palestras e ginásios foram considerados ambientes de corrupção. Veja K. Freeman, *op. cit.*, pp. 68 ss.; R. Flacelière, *l'Amour en Grèce*, Paris, Hachette, 1960, pp. 62 ss.

[267] Sobre a prostituição masculina veja R. Flacelière, *op cit.*, pp. 78 ss.; Hans Licht, *Sexual Life in Ancient Greece*, London, Routledge, 1932, pp. 411 ss.; Aristófanes sempre se revela adversário convicto do amor homossexual, não perdendo ocasião de ridicularizar qualquer inversão ou efeminação. Cf. vv. 355, 673 ss.; 1095, *Tesmof.*, vv. 130, ss. etc. . .

[268] O rabanete era apreciado pelas virtudes afrodisíacas, sendo a cabeça a porção preferida. O aneto ou funcho, além de usado em poções medicinais era comido cru ou cozido (cf. ital. *finocchi* — "erva-doce"). Quanto ao selino, acreditava-se que tinha o poder de reanimar os mortos, e, é claro, que devia ser muito apreciado pelos velhos.

[269] Coisas arcaicas, fora de moda. As Dipolias eram festas muito antigas celebradas em honra de Zeus, protetor da cidade. Em meio a rituais estranhos e arcaicos, havia o episódio das Bufônias, ou sacrifícios dos bois. Nestas ocasiões, os atenienses, amigos de tradições, apresentavam-se com as famosas cigarras de ouro nos cabelos, costume que vinha da época das guerras médicas, cf. Tuc., I, 6. Cecides, um antigo poeta ditirâmbico, citado por Cratino nos *Onividentes*.

JUSTO

985 Mas, na realidade, foi com essas coisas que a minha educação criou os homens guerreiros de Maratona[270]. Mas você, desde logo, ensina as crianças de hoje a se embrulharem em mantos, e eu sufoco de raiva quando alguém, precisando dançar nas Panatenéias, segura o escudo diante do sexo, sem respeitar a Tritogenéia[271]. *(Voltando-se para*
990 *Fidípides.)* Em vista disso, coragem meu rapaz! Escolha-me a mim, o raciocínio forte. E você aprenderá a detestar a ágora[272], a abster-se dos balneários[273], a ter vergonha do que é vergonhoso e a pegar fogo se alguém o insultar. Aprenderá também a erguer-se da cadeira, quando se aproximam os velhos, a não ser estúpido com os seus
995 pais e a não fazer nenhuma outra ação vergonhosa, porque procura realizar a imagem do pudor[274]. E não irá correndo à casa de uma dançarina, ficando de boca aberta diante do espetáculo, para receber uma maçã[275] de alguma rameirinha e ter a sua boa reputação despedaçada... Também não retrucará ao seu pai, chamando-o de velho Jápeto[276] e censurando-o pela sua velhice, graças à qual você foi criado como um filhotinho...

INJUSTO

(A Fidípides.)

Meu rapaz, se você lhe obedecer 1000
nisso, sim, por Dioniso, parecerá aqueles porcos-filhos de Hipócrates[277] e vão chamá-lo de "filhinho da mamãe"...

JUSTO

Mas então, esplêndido como uma flor, você passará o tempo nos ginásios; não ficará parolando pela ágora a respeito de argúcias espinhosas, como a mocidade de hoje, arrastado aos tribunais por um negocinho cheio de chi-
canas e contradições capciosas. Des- 1005
cendo à Academia[278], apostará corrida, debaixo das oliveiras sagradas, com um rapaz ajuizado e da mesma idade, coroado com uma verde cana[279], rescendendo a hera, serenidade e choupo branco[280] no cair das borbulhas, alegre na estação primaveril quando o plátano troca doces murmúrios com o olmo...[281]

Se fizer o que eu digo[282] 1010
e atentar nesses conselhos,
terá sempre peito robusto,
cores brilhantes,

[270] Vencedores das tropas de Dario, comandadas por Dátis em Maratona.

[271] Nas Panatenéias os meninos dançavam a pírrica, armados e completamente nus, em honra de Atenas Tritogenéia. A etimologia desse epíteto de Atena tem sido bastante discutida, podendo interpretar-se: "nascida do mar" ou "nascida ao lado do Triton" (lago ou riacho). Cf. Lis., *Da acusação de suborno,* 1 e 4.

[272] Cf. Isocr., *Areop.,* 149 C.D.

[273] O hábito de freqüentar os balneários e o uso de banhos quentes em certa época foram considerados um luxo, causa de efeminação. Cf. 1044, Plat., *Leis,* VI, 761.

[274] Exemplo dessa imagem do pudor é o jovem Autólico, Xenof., *Banquete,* III. Cf. também Xenof., *Memor.,* II, 3, 16.

[275] A maçã, fruto de Afrodite, era considerada o símbolo do amor. Cf. Escol., v. 997; Cat. LXV, 19; Verg., *Buc.,* III, 64.

[276] Titã, irmão de Crono e pai de Prometeu.

[277] Sobrinho de Péricles, cujos filhos Telesipo, Demofão e Péricles eram ridicularizados pela pouca inteligência. Cf. *Tesm.,* 273; Eupol., *fr.* 127. Trocadilho: os porcos eram símbolo da estupidez. Cf. Aten., II, 96-E.

[278] Os jardins de Academo, nas cercanias de Atenas, onde havia um ginásio e pistas de corrida. Entre as suas numerosas árvores, eram célebres as doze oliveiras, que, segundo se acreditava, provinham dos rebentos daquelas que Atena fizera brotar na Acrópole, quando de sua disputa com Posidão.

[279] Guirlandas, usadas pelos *jovens durante as* competições atléticas, em homenagem aos Dióscuros (Castor e Pólux).

[280] Hércules tomara um ramo de choupo branco e com ele se havia coroado, antes de atravessar o Aqueronte. Esta árvore lhe era consagrada e servia de adorno nas competições atléticas.

[281] A contradição é apenas aparente, pois o choupo branco, como a nogueira, tem borbulhas precoces e perde-as antes da folhadura, por conseguinte bem antes do outono.

[282] *Pnigos* — Falando num só fôlego, o Justo apregoa as vantagens da educação antiga.

ombros largos, língua curta,
quadris grandes
1015 e membro pequeno[283].
Mas se praticar os hábitos de hoje,
logo terá pele pálida[284],
ombros estreitos, peito acanhado,
língua grande, quadris pequenos,
membro comprido
e longos decretos...[285]
E ele persuadirá você
a pensar que tudo
1020 que é vergonhoso é belo
e o belo, vergonhoso.
E além disso, vai sujá-lo
com a devassidão de Antímaco...[286]

1025 CORO[287]

(Antístrofe.) *Cultor*
da gloriosa sabedoria de altivas torres[288]*, que doce e prudente flor repousa em suas palavras! Felizes, sim, os*
1030 *que viviam nos tempos de outrora! Em resposta, você que possui uma arte de fina elegância, algo de novo deve dizer, pois o homem se saiu muito bem!*

CORIFEU
(Ao Injusto.)

Parece que contra ele você precisa
1035 de resoluções terríveis, se pretende vencer o rival sem expor-se ao ridículo.

INJUSTO[289]

E, no entanto, há bem tempo eu é que sufocava até as entranhas[290] e desejava revirar tudo isso com argumentos contrários... Pois, no meio dos pensadores, chamaram-me "o raciocínio fraco", por isso mesmo, por- 1040
que fui o primeiro a pensar em contradizer as leis e a justiça. Eis aí o que vale muito dinheiro[291]: escolher os raciocínios fracos e, apesar disso, vencer! *(A Fidípides)* Observe como vou refutar essa educação em que ele acredita, ele que afirma em primeiro lugar que você não terá licença de tomar banho quente...[292] *(Volta-se para o Justo.)* Mas, com que funda- 1045
mento você censura os banhos quentes?

JUSTO

Porque são uma coisa péssima e tornam o homem covarde!

INJUSTO

Páre! Pois já o agarrei pela cintura e não o deixo escapar...[293] Diga-me, dentre os filhos de Zeus, qual é o homem que você julga de alma mais valorosa? Diga-me, quem suportou as maiores fadigas?

JUSTO

Não julgo nenhum homem superior 1050
a Hércules.

INJUSTO

Pois então, você já viu alguma vez banhos de Hércules, que sejam frios?[294] Ora, quem era mais corajoso?

[283] Sinal de sensatez, segundo o Escoliasta.
[284] Em decorrência da falta de exercícios.
[285] Não há perfeita correspondência na antítese. Segundo a opinião de Meineke antes do v. 1015 deve faltar algum verso, representando a oposição aos "longos decretos", numa crítica aos oradores, eternos donos de decretos à disposição de cada freguês.
[286] Personagem desconhecida, acusado de práticas homossexuais.
[287] Antode — Terminada a preleção do Justo, o coro precede à apresentação do novo contendor (vv. 1024-1033).
[288] Comumente usado como epíteto de cidades. Eur., *Bac.*, 1202; *Supl.*, 618.
[289] Antipirrema — Num diálogo malicioso, o Injusto refuta, com habilidade, as vantagens da educação antiga (vv. 1036-1084).
[290] Em correspondência com vv. 988 ss.
[291] Lit. "mais do que dez mil estateros": moeda de prata que, em Atenas, valia aproximadamente 4 dracmas; o estatero de ouro valia 20 dracmas.
[292] Veja nota v. 991.
[293] Metáfora extraída da linguagem da palestra: o lutador agarrado pela cintura era virtualmente considerado fora de combate.
[294] Fontes termominerais. Segundo a lenda, a própria deusa Atena fizera brotar, nas Termópilas, fontes sulforosas para que Hércules recuperasse as energias, depois de banhar-se em suas tépidas águas.

JUSTO

É isso, é isso mesmo que enche os balneários de jovens que tagarelam sem cessar o dia inteiro, enquanto as palestras ficam vazias...

INJUSTO

1055 E, depois, você censura a discussão na ágora, e eu a elogio. Se houvesse algum mal, Homero nunca teria feito de Nestor um "discurseiro"[295], nem de todos os sábios[296]. Daí então passo para a língua: esse fulano diz que os jovens não devem exercitá-la, e eu digo que sim. De outro lado, ele diz que se 1060 deve ser modesto[297]. Dois grandes males! Você já viu alguém ganhar alguma coisa com a modéstia? Fale, refute-me com palavras!

JUSTO

Muita gente... Pois não foi por isso que Peleu recebeu o seu cutelo?[298]

INJUSTO

Cutelo?! Grande lucro teve o des- 1065 graçado!... Hipérbolo, aquele das lamparinas[299], ganhou com a sua falta de vergonha mais do que muitos talentos... e não um cutelo, por Zeus!

JUSTO

E Peleu, graças à sua modéstia, desposou Tétis.

INJUSTO

E logo ela passou-o para trás e foi-se embora, pois ele não era nem fogoso e nem agradável para festejar as noites, debaixo das cobertas...[300] E uma 1070 mulher gosta de sofrer violências... Você é um velho sendeiro... *(A Fidípides.)* Meu rapaz, observe tudo o que existe na modéstia e de quantos prazeres você deve privar-se: meninos, mulheres, jogos de cótabo[301], alimentos, bebidas, gargalhadas... Ora, de que lhe valerá a vida se for privado de tudo isso? Bem, passarei às necessidades 1075 naturais. Você agiu mal, ficou apaixonado e praticou um adultério[302], mas foi apanhado. Você está perdido, pois não é capaz de falar... Conviva comigo e goze a vida, salte, ria e não ache nada vergonhoso... Pois se acaso for apanhado em flagrante adultério, você dirá ao marido o seguinte: que não tem culpa nenhuma. Depois 1080 trate de jogar a culpa em Zeus, porque ele também é mais fraco do que o amor e que as mulheres...[303] Ora, como é que você, um mortal, poderia ser mais forte do que um deus?...[304]

[295] Em toda esta passagem observe-se a argumentação sofística. Nestor, rei de Pilos, aparece na *Ilíada* e na *Odisséia* como um velho prudente, ainda corajoso no campo de batalha, mas amigo de longos discursos. Lit. "agoreta", i. e., falador na ágora.

[296] Odisseus, Calcas e outros.

[297] No texto grego "sophronein", palavra rica de sentido moral e que encerrava as idéias de modéstia, prudência, sensatez, castidade e comedimento.

[298] Não desejando corresponder aos anseios amorosos de Hipólita (ou Astidamia) esposa de Acasto, Peleu quase perdeu a vida, após as intrigas da rainha. Como recompensa, recebeu dos deuses um cutelo para defender-se e, mais tarde, a mão da ninfa Tétis.

[299] Hipérbolo é acusado de misturar chumbo no bronze com o qual fabricava lâmpadas.

[300] O Raciocínio Injusto falseia a lenda para justificar-se. Tétis, segundo uma predição, daria à luz um filho mais poderoso que o próprio pai. Nessas condições, os deuses obrigaram-na a desposar Peleu, um mortal. O casamento não foi feliz, e a ninfa passava a maior parte do tempo nas profundezas do mar, nos palácios de seu pai Nereu. Cf. Hom., *Il.*, XVIII, 432 ss.

[301] Jogo muito popular, principalmente após o jantar. Numa de suas variedades, o participante, deitado sobre o braço esquerdo, devia tomar a taça com a mão direita e derramar suas últimas gotas em outra taça, que flutuava numa bacia.

[302] Embora as mulheres vivessem mais ou menos reclusas, o adultério não era raro. Cf. Lis., *Sobre a Morte de Eratóstenes;* H. Licht, *op. cit.*, p. 63.

[303] Alusão às muitas aventuras amorosas de Zeus. Depois de certa época, tornou-se hábito procurar desculpas nos mitos. Cf. Xen., *Cir.*, VI, 1; Plat., *Rep.*, 377 etc., K. Freeman, *op. cit.*, pp. 203 ss.

[304] Cf. Ter., *Eun.*, III, 5, 40 "deum sese in hominem convortisse at quem deum quia templa caeli summa sonitu concutit./ Ego Homuncio hoc non facerem?"

JUSTO

Quê?! E se por ter acreditado em você lhe enfiarem um rabanete no rabo e o esfolarem com cinza?[305] Ele terá algum argumento para afirmar que não é um esculhambado?[306]

INJUSTO[307]

1085 E se for um esculhambado, que haverá de mal?

JUSTO

Pois que desgraça ainda maior do que essa ele poderia sofrer um dia?

INJUSTO

E então que dirá você se for derrotado por mim nesse particular?

JUSTO

Calarei a boca! Que mais?

INJUSTO

Então diga-me, vamos, os advogados públicos[308], onde é que vamos buscá-los?

JUSTO

1090 Nos esculhambados...

INJUSTO

Acredito! E os trágicos[309], onde?

JUSTO

Nos esculhambados...

INJUSTO

Tem razão. E os oradores?

JUSTO

Nos esculhambados...

INJUSTO

Está aí, então não reconhece que diz 1095
tolices? Observe no meio dos espectadores, qual é a maioria?

JUSTO

Sim, estou observando...

INJUSTO

E então, que vê?

JUSTO

Pelos deuses, os esculhambados são mais numerosos. *(Mostrando ao acaso.)* Eis ali um, bem o conheço, e
aquele ali, e aquele cabeludo que lá 1100
está...[310]

INJUSTO

E então, que diz você?

JUSTO

(Resignado.)

Fomos vencidos. Ó prostituídos! Pelos deuses, recebam o meu manto[311], que eu passo para o seu lado. *(Entra no "pensatório".)*

INJUSTO

(A Estrepsíades.)[312]

E então, você prefere apanhar o seu 1105
filho e levá-lo de volta, ou vou ensiná-lo a falar em seu benefício?[313]

[305] O marido ofendido, segundo uma lei de Sólon, podia vingar-se do adúltero como bem lhe aprouvesse. Além de processos legais, cobranças de indenizações, podia infligir esse castigo físico.

[306] Aristófanes associa duas idéias diferentes: a conseqüência do castigo brutal recém-mencionado e a perversão sexual, usando de um adjetivo expressivo, mas que traduzido literalmente seria de uma vulgaridade intolerável. Procuramos adaptá-lo, empregando uma palavra que traduzisse as idéias de afronta física, falta de pudor e de vergonha.

[307] *Antipnigos* — Numa rápida troca de palavras, o Injusto ratifica a sua vitória definitiva apelando para mais um argumento sofístico: o costume, a força da maioria, vv. 1085-1104. É bem cruel o juízo do poeta a respeito da sociedade ateniense.

[308] Os advogados e oradores eram muito satirizados. Cf. *Cav.*, 880.

[309] Provável alusão a Eurípides e principalmente a Agatão. Cf. *Tesmof.*, 200; R. Flacelière, *op. cit.*, cap. III.

[310] Eis a triste realidade: todos os indivíduos à testa de cargos públicos e a maioria dos próprios espectadores são prostituídos. É a derrota total dos antigos ideais.

[311] Atira fora o manto para correr com mais facilidade. Cf. Xen., *Anab.*, I, 10.

[312] Provavelmente alusão ao cerimonial que precedera o ingresso de Estrepsíades na escola de Sócrates. Cf. v. 497.

[313] Pausa, correspondendo a um trecho coral. Inicia-se depois uma rápida cena cômica de transição. Consumada a escolha, Fidípides será discípulo do Injusto (vv. 1105-1113).

ESTREPSÍADES

Ensine-o, castigue-o e lembre-se de que me deve afiá-lo bem; de um lado, para os pequenos processos e de outro lado, afie os seus maxilares para as
1110 causas mais importantes. . .

INJUSTO

Não se preocupe. Você há de achá-lo um hábil sofista.

FIDÍPIDES

A meu ver ficarei pálido e infeliz. . .[314]

CORIFEU[315]

Então saiam. *(A Estrepsíades.)* Penso que você há de arrepender-se disso.

(Ao público.)

O lucro que os juízes hão de obter,
1115 se prestarem algum serviço a este coro, conforme o que é justo[316], eis o que desejamos expor. Em primeiro lugar, se desejarem arar os campos na estação adequada, choveremos primeiro para eles, depois para os outros. Além disso, protegeremos as searas e as
1120 videiras, de modo que não as molestem nem as secas nem as chuvas excessivas. . . Mas se alguém, sendo mortal, ofender-nos a nós que somos deusas, preste bem atenção aos males que padecerá por nossa causa, não colhendo nem vinho nem qualquer outro produto de sua propriedade. De fato, assim que florescerem, as oliveiras e as videiras serão cortadas, pois haverem-
1125 mos de atirar pedras enormes. Se o virmos fabricar tijolos, choveremos e arrebentaremos as telhas do seu telhado com granizos redondos. E, se algum dia se casar ou ele próprio ou um parente ou amigo, choveremos a noite inteira[317] e, provavelmente, há de pre- 1130
ferir estar até no Egito a ter feito um julgamento errado. . .

ESTREPSÍADES[318]

(Sai de casa contando os dedos.)

Quinto, quarto, terceiro, depois desse, o segundo[319]. E depois, o dia que mais temo de todos, que me põe a tremer e que abomino; logo depois dele vem o dia da lua velha e nova. . .[320] 1135
Pois cada sujeito, a quem por acaso estou devendo, jura e afirma que depositará a caução[321] para arruinar-me, destruir-me, embora eu peça coisas justas e moderadas. . . "Ó homem, não receba esse dinheiro agora, dê-me mais um prazo, deixe passar". . . E dizem que assim nunca receberão o 1140
dinheiro, e insultam-me, que eu sou culpado, que pretendem processar-me. Pois, então, processem agora!. . . Pouco me importa!. . . Se é verdade que Fidípides aprendeu a falar bem. . . Mas vou sabê-lo agora mesmo, baten-

[314] Em correspondência com o v. 504.

[315] *Segunda Parábase* (vv. 1115-1130).

[316] O Corifeu fala aos espectadores. A mesma advertência aparece também em outras comédias, prometendo aos juízes recompensas ou castigos. Cf. *Av.*, 1101 ss.; *Ass.*, 1154. O povo podia aplaudir, vaiar ou pedir bis, todavia a decisão final cabia aos juízes. Note-se que Aristófanes se dirige à parte do público que corresponde aos agricultores, diretamente interessados nessas questões de chuvas, secas, etc.

[317] As chuvas estragariam toda a festa de bodas, com o cortejo luminoso que, ao anoitecer, saía da casa da noiva, e se dirigia à casa do noivo.

[318] Cenas cômicas, episódicas, vv. 1131-1302, com *intermezzos* líricos, vv. 1154-1169 e 1206-1213. Conseqüências boas e más da decisão de Estrepsíades.

[319] Os meses eram divididos em três décadas: Os 9 ou 10 dias da última década eram contados às avessas, ou também a partir do vigésimo.

[320] O 1.º dia de cada mês, dia da lua nova, não coincidia com a conjunção do Sol e da Lua, a lua nova astronômica. Havia, pois, um intervalo de tempo entre a conjunção e o começo da lua nova: era o "dia da lua velha e nova", quando se saldavam as dívidas ou se pagavam os juros. Cf. Diog. Laer., *Sólon*, 58; Plut., *Sol.*, XXV, 3.

[321] Ao iniciar uma causa de dívidas, as partes interessadas deviam depositar uma caução cujo montante variava, correspondendo mais ou menos a 10% da quantia reclamada. Essas cauções, pagas a título de custas, eram reembolsadas aos vencedores pelas partes vencidas.

do à porta do "pensatório". *(Bate à porta.)* Ó moço, digo, moço, moço!

SÓCRATES
(Saindo.)

1145 Saúdo Estrepsíades[322].

ESTREPSÍADES

E eu saúdo você. Mas antes receba isto aqui[323]. *(Oferece-lhe algo.)* Pois é preciso retribuir ao mestre com alguma coisa. E o meu filho, o rapaz que há pouco você levou lá para dentro, diga-me, ele aprendeu aquele tal raciocínio?

SÓCRATES

Aprendeu!

ESTREPSÍADES

1150 Muito bem! Viva a Fraude, rainha do mundo!

SÓCRATES

Tanto que você poderia livrar-se de qualquer processo que desejar...

ESTREPSÍADES

Embora houvesse testemunhas quando tomei o dinheiro emprestado?

SÓCRATES

Tanto melhor. Ainda que sejam mil!

ESTREPSÍADES
(Declamando.)[324]

1155 Clamarei então o altíssimo[325] clamor! Ai, ai, usurários do óbolo[326], então chorem, vocês, seus capitais e os juros dos juros! Dano algum já poderão fazer-me...

Tal é o filho que eu tenho 1160
nestes palácios,
reluzente com sua língua de dois gumes,
meu baluarte, salvador do lar, ruína dos inimigos,
solvente dos grandes males paternos!

(A Sócrates.)

Vá correndo lá dentro chamá-lo para junto de mim. Meu filho, meu pequeno, saia de casa, ouça o seu 1165 pai![327]

SÓCRATES
(Saindo com Fidípides.)

Eis o nosso homem.

ESTREPSÍADES
(Abraçando o filho.)

Meu querido! Querido!

SÓCRATES

Vá-se embora e leve-o com você.

ESTREPSÍADES

Oh, meu filho! Viva o meu 1170 filho![328] *(Observando Fidípides.)* Como estou contente, primeiro por ver a cor de sua pele... Agora sim, logo à primeira vista, você é um negaceiro e contraditor! Com toda a certeza floresce em você aquela nossa pergunta nacional: "que diz?",[329] para parecer ofendido quando é você quem ofende e 1175 age mal, bem o sei... E no seu rosto mora o tal "olhar da Ática"...[330] Contanto que agora você me salve, depois que me arruinou!...

FIDÍPIDES

Mas o que é que você teme?

[322] Crítica à nova maneira de saudar, que, provavelmente, vinha substituindo a tradicional, considerada antiquada pelas classes abastadas. Cf. *Pl.*, vv. 322 ss.; *Av.*, v. 1377; V. Ehrenberg, *The People of Aristophanes*, 2.ª ed., Oxford, Blackwell, 1955, p. 209.

[323] Dinheiro ou um saco de farinha. Cf. v. 669.

[324] *Intermezzo* lírico; paródia do estilo trágico.

[325] Paródia de Eur., *Peleu, fr.* 1. Aliás esses versos já haviam sido imitados por Frínico.

[326] Usurários que emprestavam pequenas quantias a juros altíssimos. Era comum a taxa de um óbolo diário por mina, o que correspondia a juros de 60% ao ano!

[327] Paródia de Eur., *Hec.*, vv. 172 ss. e v. 181.

[328] Volta ao diálogo habitual, vv. 1171-1205.

[329] Alusão ao hábito das perguntas à queima-roupa, para intimidar o contendor.

[330] Eram notórias a impudência e sem-vergonhice dos atenienses.

ESTREPSÍADES
O dia da "lua velha e nova".

FIDÍPIDES
Pois há um dia da "lua velha e nova"?

ESTREPSÍADES
Sim, aquele em que dizem que vão
1180 depositar uma caução contra mim.

FIDÍPIDES
Então os depositantes vão perdê-la[331] pois não seria possível que um só dia fossem dois. . .

SÓCRATES
Não seria possível?

FIDÍPIDES
De que jeito? A não ser que uma mesma mulher fosse ao mesmo tempo velha e jovem.

SÓCRATES
E, no entanto, é a lei.

FIDÍPIDES
Pois em minha opinião eles não
1185 sabem ao certo o que significa a lei[332].

ESTREPSÍADES
E que significa?

FIDÍPIDES
(Exclamando.)
Bem que o velho Sólon era amigo do povo! . . .[333]

ESTREPSÍADES
Mas isso nada tem que ver com a "lua velha e nova". . .

FIDÍPIDES
Pois bem, ele estabeleceu a citação em dois dias, o da lua velha e o da 1190
nova, para que as cauções fossem depositadas na lua nova[334].

ESTREPSÍADES
Para que então acrescentou a lua velha?

FIDÍPIDES
Meu caro, para que os acusados, apresentando-se um dia antes pudessem livrar-se espontaneamente[335]; caso contrário, que tivessem aborrecimentos com o raiar da lua nova. 1195

ESTREPSÍADES
Mas então como é que as autoridades não recebem as cauções no dia da lua nova, e sim no da "lua velha e nova"?

FIDÍPIDES
Acho que fazem a mesma coisa que os provadores oficiais[336]: para surripiar as cauções bem depressa, provam 1200
com um dia de antecedência.

ESTREPSÍADES
Muito bem! *(Ao público.)* Ó infelizes, por que vocês ficam sentados, seus bobos? O lucro é nosso, dos sábios; vocês são umas pedras, um número, uns carneiros inúteis, um monte de ânforas![337] Assim, a mim e a este meu filho devo entoar um canto de

[331] Vão perder a causa, pois não conseguirão provar que um dia possam ser dois. É evidente que Fidípides sabe muito bem do que se trata, mas finge ignorá-lo para encaminhar o raciocínio sofístico.
[332] Processo normal de refutação, a partir do "espírito da lei".
[333] Sólon era apreciado pelos sentimentos democráticos e freqüentemente citado pelos oradores. Cf. Esquin., *Tim.*, 6; Isocr., *Areop.*, 16; Dem., *Cor.*, 6.
[334] O legislador designara o dia da lua nova para o depósito das cauções, tendo em vista o caráter incerto desse dia da "lua velha e nova". Todavia, suas boas intenções foram prejudicadas pelas autoridades que costumavam receber as cauções com um dia de antecedência. Cf. v. 1109 ss. A propósito convém lembrar que esse dinheiro *servia para pagar* os magistrados, os quais, por conseguinte, teriam maior pressa de arrecadá-lo.
[335] Saldando as dívidas ou pagando os juros.
[336] Comissão apontada por lei e encarregada de provar de antemão a carne dos sacrifícios antes de distribuí-la ao povo. Provavelmente alusão ao jantar celebrado no primeiro dia das Apatúrias, em que a referida comissão comemorava a data um dia antes do resto da população.
[337] Expressões comuns para designar seres inertes, mudos como pedras, coisas sem valor, amontoadas em depósitos.

1205 triunfo em honra de nossa prosperidade! Bem-aventurado Estrepsíades[338],
Você já nasceu sábio,
e que filho está criando...

(Ao Filho.)

1210 Eis o que dirão os amigos e companheiros de bairro, cheios de inveja, quando você vencer os processos com os seus discursos! Mas vou levá-lo para casa, quero oferecer-lhe um banquete. *(Entram pai e filho.)*

(Chega um credor com uma testemunha.)

CREDOR I

Então, um homem deve desistir do
1215 que é seu?[339] Não, nunca! Mas teria sido melhor perder a vergonha desde logo naquela ocasião, do que ter essas preocupações... *(À testemunha.)* Agora, por causa do meu próprio dinheiro, eu arrasto você para servir de testemunha, e, ainda, além disso, vou tornar-me inimigo de um homem do
1220 meu bairro. Mas, enquanto viver, jamais envergonharei a minha pátria![340] Vou citá-lo[341] em voz alta: *(Gritando.)* Estrepsíades...

ESTREPSÍADES

(Saindo de casa).

Quem é esse?

CREDOR I

...para a "lua velha e nova"...

ESTREPSÍADES

(À testemunha.)

Você é testemunha de que ele se referiu a dois dias. Por que dinheiro?

CREDOR I

Pelas doze minas, que você tomou emprestadas para comprar o cavalo ruço...

ESTREPSÍADES

Cavalo? Vocês ouviram? Se todos 1225
sabem que eu detesto a equitação!...

CREDOR I

Por Zeus, você jurou pelos deuses que pagaria!

ESTREPSÍADES

Sim, por Zeus, mas naquela ocasião Fidípides ainda não me tinha aprendido o raciocínio irrefutável...

CREDOR I

Mas agora por esse motivo você pre- 1230
tende negar a dívida?

ESTREPSÍADES

Pois que outra vantagem poderia tirar desse conhecimento?

CREDOR I

Será que você pretende renegar o juramento, em nome dos deuses e no lugar em que eu mandar?

ESTREPSÍADES

(Com desprezo.)

Que deuses?

CREDOR I

Zeus, Hermes, Posidão![342]

ESTREPSÍADES

Sim, por Zeus, e até depositaria 1235
mais três óbolos para jurar...[343]

CREDOR I

Está bem, tomara você pereça! E

[338] *Intermezzo* lírico.

[339] Cena cômica: Estrepsíades e os seus credores: a) primeiro credor, vv. 1214-1258; b) segundo credor, vv. 1259-1302. O primeiro credor provavelmente é Pásias, citado nos vv. 21 ss.

[340] Alusão à mania judiciária dos atenienses.

[341] Antes de apresentar a queixa por escrito ao tribunal, depositando a respectiva caução, o demandante devia citar pessoalmente o demandado, em presença de testemunhas. Cf. *Av.*, v. 147, *Vesp.*, v. 1416.

[342] Era tradicional o juramento tríplice. Aqui os três deuses invocados correspondem muito bem à natureza da transação: Zeus é o deus dos juramentos; Hermes, o protetor dos lucros; e Posidão, o deus dos cavalos.

[343] Estrepsíades acrescentaria à caução mais três óbolos, em sinal de desprezo pelo juramento feito.

ainda mais pela sua—impudência!

ESTREPSÍADES

Enxaguado em salmoura este fulano serviria para alguma coisa...[344]

CREDOR I

Como você caçoa de mim!

ESTREPSÍADES

Nele caberão seis medidas..

CREDOR I

Não, por Zeus poderoso e pelos deuses, você há de pagar-me!

ESTREPSÍADES

1240 Você me diverte admiravelmente, com os seus deuses!... Para os entendidos, o Zeus dos seus juramentos é ridículo![345]

CREDOR I

Sim, está bem, com o tempo você há de ser castigado por ele... Mas vai ou não vai pagar o meu dinheiro? Responda-me e deixe-me ir.

ESTREPSÍADES

1245 Então fique tranqüilo, pois já lhe responderei de maneira clara. *(Sai.)*

CREDOR I

(À testemunha.)

Que pensa você que ele vai fazer? Acha que vai pagar?...

ESTREPSÍADES

(Volta com uma gamela.)

Onde está esse homem que me reclama o dinheiro? *(Ao credor.)* Diga, que é isto?

CREDOR I

Que é isso? "Um gamelão".

ESTREPSÍADES

E ainda reclama dinheiro, sendo desse jeito? Eu não pagaria nem um 1250
óbolo a ninguém que chame "a gamela" de "gamelão"![346]

CREDOR I

Mas então você não vai pagar?

ESTREPSÍADES

Que eu saiba, não! Então, depressa, vá dando o fora de minha porta!

CREDOR I

Vou-me embora, e você fique sabendo que depositarei minha caução, ou 1255
não seria mais um homem vivo...

ESTREPSÍADES

Está bem; vai jogar fora mais esse dinheiro, além das doze minas... E, no entanto, não quero que você sofra esse prejuízo, só porque disse "o gamelão" de maneira errada...

(Sai o primeiro credor, aproxima-se um segundo.)[347]

CREDOR II

Ai, ai! Ai de mim!

ESTREPSÍADES

Epa! Quem será esse chorão, não 1260
seria talvez alguma divindade de Carcino[348] que falou?

CREDOR II

Quê? Você quer saber quem sou eu? Um desgraçado!

ESTREPSÍADES

Então siga o seu caminho...

[344] Pásias, provavelmente gordo e narigudo, é comparado com um odre de vinho. Os odres de pele eram enxaguados com água salgada para maior elasticidade e também para preservá-los do apodrecimento.

[345] Os iniciados nas sutilezas da sofística em comparação com os demais, os ignorantes. Cf. Plat., *Banq.*, 199. Estrepsíades sente-se bem escudado na habilidade retórica do filho, e por isso age com impudência.

[346] Veja vv. 670 ss. Eis a nova sabedoria em marcha...

[347] O segundo credor, possivelmente Amínias (cf. v. 31), aproxima-se com lamentos, para despertar compaixão e conseguir receber o dinheiro.

[348] Carcino, poeta trágico, e seus filhos Xénocles, Xenótimo e Xenarco, freqüentemente criticados pela poesia cômica. Cf. *Vesp.*, vv. 1501 ss.; *Paz.*, v. 782; *Rãs*, v. 86.

CREDOR II

Ó divindade cruel! Ó fortuna quebradora[349] dos carros dos meus cavalos!

1265 Ó Palas, tu me arruinaste!

ESTREPSÍADES

Afinal... que mal lhe fez o Tlepólemo?

CREDOR II

Não me censure, meu caro, mas ordene ao seu filho que me pague o dinheiro que recebeu, tanto mais que estou mesmo sem sorte!

ESTREPSÍADES

Que dinheiro é este?

CREDOR II

1270 O que tomou emprestado.

ESTREPSÍADES

Então você anda mesmo azarado, ao que me parece.

CREDOR II

Sim, pelos deuses, caí quando guiava meus cavalos!

ESTREPSÍADES

Por que então tagarela como se tivesse caído de um burro?[350]

CREDOR II

Tagarelo? Se quero receber o meu dinheiro?

ESTREPSÍADES

Não é possível que você esteja são...

CREDOR II

1275 Quê?

ESTREPSÍADES

Acho que você ficou com o cérebro abalado...

CREDOR II

E você, por Hermes, será processado por mim, se não me devolver o dinheiro.

ESTREPSÍADES

Então diga-me a sua opinião! Zeus faz chover sempre uma água nova ou o 1280 Sol puxa novamente de baixo para cima sempre a mesma água?[351]

CREDOR II

Não sei como é, nem me interessa!

ESTREPSÍADES

Como então tem o direito de receber o dinheiro se não sabe nada sobre as coisas celestes?

CREDOR II

Mas se você está sem recursos, 1285 pague-me os juros do dinheiro...

ESTREPSÍADES

Juros? Que bicho é esse?

CREDOR II

Que mais há de ser senão isto, que cada mês e cada dia o dinheiro sempre aumenta mais e mais, com o correr do tempo?

ESTREPSÍADES

Está bem, você julga por acaso que 1290 o mar é maior do que era antes?[352]

CREDOR II

Não, por Zeus, é o mesmo. Pois não é natural que se torne maior...[353]

[349] Paródia de Xénocles, *Licínio;* nessa tragédia, narrava-se a morte de Licínio, irmão de Alcmena, que caíra sob um golpe de Tlepólemo, filho de Héracles; daí a alusão do v. 1266. É evidente que o credor quer dizer que seus cavalos dispararam, quebrando o carro.

[350] Expressão proverbial, significando "insânia, perda de juízo". Plat., *Leis,* III, 701-C.

[351] Problema bastante discutido nessa época. Cf. Anaxágoras (Diels-Kranz, A, I, 32); Hipocr., *Ar.,* VIII; Aristot., *Meteor.,* II, 2, 10; *Ibid.,* 11.

[352] Cf. Lucr., VI, 608: "principio mare mirantur non reddere maius/ naturam, quo sit tantus decursus aquarum,/ omnia quo veniant ex omni flumina parte".

[353] Cf. Heráclito (Diels-Kranz, B, 31-12).

ESTREPSÍADES

E, então, se é assim, infeliz, se ele absolutamente não aumenta, embora afluam os rios, você pretende aumentar o seu dinheiro? Não vai perseguir o seu caminho para longe da minha casa? *(Chama um escravo.)* Dê-me a vara![354]

CREDOR II

Eu tomo testemunhas disso...

ESTREPSÍADES

(Cutucando-o com a vara.)

Vá-se embora. Que espera? Ó cavalo de raça, você não anda?[355]

CREDOR II

Isso não é de fato uma violência?

ESTREPSÍADES

Você não vai correr? Eu me encarrego, cutucando-o nas nádegas, seu cavalo de tirante...[356] Foge? Bem que estava para pô-lo em marcha junto com as suas rodas e as parelhas! *(Vai-se o credor. Estrepsíades entra.)*[357]

CORO

(Estrofe I)[358] *Quanto vale amar as más ações! Este velho apaixonado quer negar-se a pagar o dinheiro que tomou emprestado... É impossível que ainda hoje não aconteça algo, que talvez faça este sofista, de repente, sofrer uma desgraça, em troca de suas velhacagens!*

(Estrofe II) *Creio eu, logo ele há de encontrar o que há tempos procurava: um filho hábil em sustentar argumentos contrários à justiça, vencendo a todos com quem negociar, ainda que diga coisas abomináveis... Mas talvez, talvez, há de preferir até que o filho seja mudo!*

(Estrepsíades sai de casa, chorando; atrás vem Fidípides.)[359]

ESTREPSÍADES

Ai, ai! Vizinhos, parentes e companheiros de bairro! Ajudem-me de qualquer maneira, eu apanho! Ai, infeliz de mim. Ai, a minha cabeça, o meu queixo! Ó canalha, você bate no seu pai?[360]

FIDÍPIDES

Sim, meu pai.

ESTREPSÍADES

Vocês vêem? Ele concorda que me bate!

FIDÍPIDES

Por certo!

ESTREPSÍADES

Canalha, parricida, bandido!

FIDÍPIDES

Diga-me de novo essas mesmas coisas e muitas outras... Sabe que até me divirto bastante ouvindo tantos insultos?[361]

ESTREPSÍADES

Imundo!

FIDÍPIDES

Você me polvilha com muitas rosas![362]

[354] Aguilhada, vara comprida com um ferro agudo na ponta, usada para instigar bois ou cavalos.
[355] Veja com., v. 122.
[356] O cavalo atrelado por uma correia ao lado de dois cavalos de lança. Cf. lat. *funalis equus*.
[357] Estrepsíades entra a fim de continuar a festejar a volta do filho. Cf. v. 1213.
[358] *"Choricon"*, vv. 1303-1320; canto coral lírico (ode e antode). O coro começa a esclarecer sua verdadeira posição. A pausa coral dá tempo a que a ação se desenvolva numa nova etapa: o castigo de Estrepsíades.
[359] *Segundo "Agon"* — Após uma cena introdutória, o *"Pro-Agon"* (vv. 1321-1344), desenvolve-se o *"Agon"* propriamente dito, que apresenta a seguinte subdivisão: Ode (vv. 1345-1350); Epirrema (vv. 1351-1385); Pnigos (vv. 1386-1390); Antode (vv. 1391-1396); Antipirrema (vv. 1397-1444); Antipnigos (vv. 1445-1451).
[360] Crime abominável, passível de "atimia". Cf. Andoc.. *Mist.*. 74; Xenof., *Mem.*, I, 2, 49; Esquim., *Têm.*, 28.
[361] Cf. vv. 906 ss.; 1330.
[362] Em correspondência com os vv. 910-912.

ESTREPSÍADES
Você bate no seu pai?

FIDÍPIDES
Por Zeus, vou demonstrar até que lhe bati justamente. . .

ESTREPSÍADES
Canalhíssima! E como poderia ser justo bater no pai?

FIDÍPIDES
Pois vou provar e vencê-lo com argumentos.

ESTREPSÍADES
Vencerá nesse assunto?

FIDÍPIDES
1335 Inteiramente e com facilidade! Escolha com qual dos dois raciocínios quer falar[363].

ESTREPSÍADES
Que raciocínios?

FIDÍPIDES
O forte ou o fraco?

ESTREPSÍADES
Sim, por Zeus, ó infeliz, será que eu mandei ensiná-lo a contradizer o que é justo, se você quer convencer de que é
1340 belo e justo que um pai apanhe de seus filhos?!. . .[364]

FIDÍPIDES
E, no entanto, vou convencê-lo e até você mesmo, depois de ouvir, não retrucará nada.

ESTREPSÍADES
De fato, quero ouvir o que você vai dizer. . .

CORO
1345 (Estrofe)[365] *Velho, a sua tarefa é pensar em como sobrepujá-lo. Se em algo ele não confiasse, tão atrevido* 1350 *não haveria de ser. Mas existe algo que lhe dá coragem. Bem visível é a sua audácia. . .*

CORIFEU
Mas por que começou a discussão? É preciso dizê-lo diante do coro. E você vai fazê-lo de qualquer maneira.

ESTREPSÍADES
Bem, vou contar por que começamos a discutir[366]. Pois enquanto banqueteávamos, como vocês sabem, primeiro mandei-o apanhar a lira para 1355 cantar[367] uma poesia de Simônides[368], sobre Crio e como foi tosquiado. Ele disse-me que era antiquado tocar cítara e cantar, na hora de bebida, como uma mulher moendo cevada. . .[369]

FIDÍPIDES
Pois nessa hora você não merecia apanhar e ser pisado por mandar-me cantar como se tivesse convidado uma 1360 cigarra para jantar?[370]

[363] Alusão à indiferença dos sofistas a respeito das causas que deviam defender.
[364] Note-se a tardia amargura de Estrepsíades. Só agora o velho começa a compreender a que desgraças o arrastou a sua própria leviandade.
[365] *Ode* — O coro dirige-se a Estrepsíades, confirmando a ameaça já antecipada no *"Choricon"*.
[366] *Epirrema.* Com a palavra Estrepsíades, agora transformado em paladino dos ideais da educação antiga. Cf. o Discurso do Justo no I *Agon*.
[367] Era a parte mais agradável dos banquetes. Todo ateniense bem educado devia saber cantar poesias dos grandes líricos, trechos dos poemas épicos e cantos apropriados a essas reuniões, chamados "escólios". Cf. *Vesp.*, vv. 1222, 1239; *Rãs*, v. 1301. Os convidados revezavam-se nos cantos, passando um ao outro um ramo de mirto ou oliveira. Cf. v. 1354. Todavia, durante a Guerra do Peloponeso, esse costume passou a ser considerado fora de moda. Cf. Plat., *Prot.*, 347 C. E.; K. Freeman, *op. cit.*, p. 103.
[368] Simônides de Céos (556-468 a.C.), poeta lírico e elegíaco muito prestigiado graças às poesias que dedicou aos heróis das Guerras Médicas. Atribui-se-lhe um epinício contra Crio de Egina, comparado a um carneiro recém-tosquiado, em virtude de um trocadilho, entre o nome próprio Crio e a palavra grega para designar o "carneiro" (criós).
[369] Em todas as épocas e lugares, as mulheres sempre acompanharam os trabalhos manuais com cantos. Cf. Ath., *Banq. Sof.*, 618-C, Polux, *Onomasticon*, 53, Plut., *Sete Sábios*, 14.
[370] Os antigos acreditavam que as cigarras podiam cantar sem interrupções, contentando-se com uma simples gota de orvalho. Cf. Plat., *Fedro*, 259-C; *Anacreôntica*, 34; Edmonds, *Greek Elegy and Iambus, Anacreontea*, Loeb, Londres, Heinemann, 1927.

ESTREPSÍADES

Ah, eram essas mesmas as palavras que ele dizia lá dentro, afirmando que Simônides é mau poeta. Eu, embora a custo, apesar de tudo, a princípio contive-me. Depois, mandei-o apanhar ao menos um galho de mirto e recitar-
1365 me alguma coisa de Ésquilo. E ele logo disse: "Pois considero Ésquilo o maior poeta barulhento, incoerente, empolado, criador de palavras escarpadas..."[371] Pensem então como o meu coração palpitou de raiva! Todavia, depois de engolir a cólera, eu
1370 disse: "Bem, cante alguma coisa desses modernos, algumas dessas belezas..."[372] E ele logo cantou uma passagem de Eurípides — livre-nos Deus — sobre um irmão que violentou a própria irmã...[373] Não me contive mais, e logo acometi com muitas palavras más e injuriosas. Daí então, como
1375 era natural, opúnhamos palavra a palavra. Depois, ele dá um salto, fere-me, espanca-me, estrangula-me e acaba comigo!...

FIDÍPIDES

Então não é justo, já que você não elogia Eurípides, o mais sábio?

ESTREPSÍADES

O mais sábio! Ó... de que chamar você? Mas vou apanhar de novo...

FIDÍPIDES

Sim, por Zeus, e será justo.

ESTREPSÍADES

1380 Justo? E como? Sem vergonha, eu que o criei,[374] percebendo tudo que você queria dizer, quando balbuciava! Se você dizia "bru" eu entendia e lhe oferecia de beber. Quando pedia "mamá" aproximava-me para dar-lhe comida. Nem bem você dizia "caca"[375] eu levava-o para fora da 1385
porta e segurava-o diante de mim...

Mas você agora me estrangulava enquanto eu gritava e berrava que tinha vontade de aliviar-me! Canalha, nem pensou em levar-me para fora, e, sufocado, eu fiz a "caca" ali 1390
mesmo![376]

CORO

(Antístrofe)[377] *Creio eu, dão saltos os corações dos jovens, à espera do que ele vai dizer... E se ele, que praticou esses crimes, convencer o pai com suas tagarelices, em troca da pele dos* 1395
velhos, eu não daria nem um grão de bico...[378]

CORIFEU

(A Fidípides.)

Movimentador e sacudidor de palavras novas, a sua tarefa é procurar um meio de convencer de que parece dizer o que é justo[379].

FIDÍPIDES

Como é doce conviver com idéias novas e engenhosas, e poder desprezar 1400

[371] Alusão ao estilo grandiloqüente de Ésquilo. Cf. *Rãs*, vv. 836 ss.; vv. 924 ss. etc...

[372] Crítica ao apreço de que gozava Eurípides entre os representantes da nova educação.

[373] Cf. Eur., *Éolo*, referência a Macateu, filho de Éolo, que seduziu a própria irmã, Canace. O casamento de meios-irmãos era permitido em Atenas, nunca porém quando se tratava de filhos da mesma mãe. Cf. Escol., v. 1371; Andoc., *Alcibíades.*, 33; Aristóf., *Rãs*, vv. 849 ss.

[374] As crianças eram atendidas ou pela mãe ou pela ama. Como a esposa de Estrepsíades, vaidosa e cheia de luxos, pouco devia importar-se com as necessidades do filhinho, o próprio pai, provavelmente para poupar as despesas duma ama, tomava conta da criança. É visível o tom de paródia. Cf. Hom., *Il.*, IX, 486-492 (palavras de *Fênix* a Aquiles).

[375] Expressão técnica da linguagem das amas. Cf. Escol., v. 1384.

[376] *Pnigos* — Desespero e suprema humilhação de Estrepsíades.

[377] *Antode* — Confirmada a impudência de Fidípides, treme o coro na expectativa de novas injustiças (vv. 1391-1396).

[378] Expressão de sentido obsceno.

[379] Mais uma vez cabe ao coro movimentar a ação, dando a palavra a Fidípides.

as leis estabelecidas![380] Quando eu preocupava o meu espírito só com a equitação[381], não era capaz de dizer nem três palavras sem errar[382]. Mas, agora, depois que "ele em pessoa"[383] acabou com isso, eu convivo com há-
1405 beis sentenças, palavras e pensamentos, e creio que posso provar que é justo castigar o pai.

ESTREPSÍADES

Pois então, por Zeus, trate de andar a cavalo![384] Que para mim é melhor sustentar uma quadriga de cavalos do que apanhar e ser moído de pancadas...

FIDÍPIDES

Volto ao ponto em que você me cortou a palavra. E antes vou dizer-lhe o seguinte: quando eu era criança, você me batia?

ESTREPSÍADES

Sim, porque tinha boas intenções e cuidados por você.

FIDÍPIDES

1410 Então diga-me: não é justo que eu tenha boas intenções e, da mesma forma, lhe bata, já que "ter boas intenções" é "bater"? Pois como é que o seu corpo deve sair ileso dos golpes e o meu não? E, no entanto, bem que eu
1415 nasci livre... "As crianças choram e pensas que um pai não deve chorar?"[385] Mas você dirá que se considera esse ato como próprio das crianças, e eu responderei que os "Velhos são duas vezes crianças"[386] e que é natural que os velhos chorem mais do que os jovens, tanto quanto é menos razoável que cometam erros...

ESTREPSÍADES

Mas em lugar algum se admite que o 1420
pai sofra esse ultraje![387]

FIDÍPIDES

Acaso quem estabeleceu essa lei pela primeira vez não foi um homem como você e eu, que persuadiu aos antigos com suas palavras?[388] Então é menos razoável que eu, de meu lado, para o futuro estabeleça uma nova lei para os filhos: que, por sua vez, batam nos pais? Todas as pancadas que 1425
costumávamos receber antes de ser estabelecida esta lei, nós deixamos passar e lhes damos grátis para serem espancados... Mas observe como os galos e todos esses outros animais se vingam dos seus pais. Ora, em que diferem de nós, senão porque não redigem decretos?[389]

ESTREPSÍADES

Já que você imita os galos em tudo, 1430
por que também não come esterco e não dorme num poleiro?

FIDÍPIDES

Não é a mesma coisa, meu caro; nem Sócrates aceitaria isso...[390]

ESTREPSÍADES

Se é assim, não me bata. Senão, um dia, você também será castigado...

[380] *Antipirrema* — Fidípides, numa nova encarnação do espírito Injusto, revela seu total desprezo pelas leis tradicionais (vv. 1399-1445).
[381] Cf. vv. 14 ss; 25 ss.
[382] Cf. vv. 872 ss.
[383] Refere-se a Sócrates; provável alusão ao "ele disse" dos pitagóricos; veja nota v. 219.
[384] Já agora Estrepsíades está convicto dos erros que cometeu.
[385] Paródia de Eur., *Alc.*, v. 691. Cf. *Tesm.*, v. 194; Escol., v. 1415. Como se trata de paródia, mantivemos a 2.ª pessoa do singular na tradução.
[386] Expressão proverbial.
[387] Estrepsíades, representante da velha guarda, apóia-se no peso da tradição.
[388] Fidípides argumenta a partir da relatividade das leis e dos usos, estabelecidos convencionalmente, e apela para as leis naturais, de acordo com os ensinamentos dos sofistas. Cf. v. 1427 (alusão aos galos); cf. Ehrenberg, *op. cit.*, p. 358 (oposição entre "physis" e "nomos").
[389] Cf. v. 1018, *Cav.*, v. 1383.
[390] Fidípides, em última instância, apela para a autoridade do mestre.

FIDÍPIDES

Como?

ESTREPSÍADES

Porque tenho direito de castigá-lo e você ao seu filho, se o tiver.

FIDÍPIDES

1435 E se eu não tiver filhos? Terei chorado em vão, e você já estará morto, rindo diante do meu nariz!

ESTREPSÍADES

Homens de minha idade[391], penso que ele diz o que é justo! Creio que se deve concordar com os filhos no que é razoável... Pois é natural que também choremos, se não fazemos o que é justo.

FIDÍPIDES

Reflita ainda sobre um outro pensamento...

ESTREPSÍADES

1440 Não... Pois vou morrer...

FIDÍPIDES

E provavelmente você não ficará com raiva depois de ter padecido o que está padecendo agora...

ESTREPSÍADES

Como? Mostre-me qual o benefício que você poderá fazer-me...

FIDÍPIDES

Também vou bater na minha mãe, assim como lhe bati[392].

ESTREPSÍADES

Que diz? Que diz você? Esse crime ainda é maior!

FIDÍPIDES

Por quê? E se eu vencê-lo com palavras, sustentando o raciocínio fraco de 1445
que se deve bater na mãe?

ESTREPSÍADES[393]

Que mais há de acontecer, se você fizer isso? Nada poderá impedi-lo de 1450
precipitar-se no Báratro[394], com Sócrates e com esse tal raciocínio fraco! *(Ao Coro.)* Nuvens[395], eis o que estou sofrendo por vossa causa, porque vos confiei todos os meus problemas![396]

CORO

Você mesmo foi o causador desses males, quando se virou para a perversi- 1455
dade...

ESTREPSÍADES

Por que então naquele tempo vós não me dissestes isso, e virastes a cabeça de um homem velho e ignorante?

CORO

É assim que sempre fazemos, quando reconhecemos que alguém é amante das más ações, até que o atiramos na 1460
desgraça para que aprenda a temer os deuses[397].

ESTREPSÍADES

Ai de mim, é um castigo penoso mas justo! Pois eu não devia negar-me a pagar o dinheiro que tomei emprestado! *(Ao filho.)* Agora então, meu querido, contanto que você venha comigo para destruir aquele canalha do 1465
Querefonte e Sócrates, eles que me enganaram a mim e a você...

[391] Dirige-se aos espectadores.

[392] O filho esperava agradar ao pai; todavia não é bem sucedido, e a reação do velho é violenta. A mãe gozava de muito respeito, no seio das famílias, e Sócrates recomendava que se lhe devotasse afeição ainda que ela não o merecesse. Cf. Xen., *Mem.*, II, 2. Opiniões contrárias aparecem em Esq., *Eum.*, vv. 658 ss., e Eurip., *Or.*, vv. 552 ss. Veja V. Ehrenberg, *op. cit.*, p. 194.

[393] *Antipnigos:* reação de Estrepsíades (vv. 1445-1451).

[394] Abismo a noroeste da Colina das Ninfas, de onde se atiravam os condenados à morte. Cf. *Cav.*, v. 1362; *Rãs*, v. 574; Hdt., VII, 133.

[395] *Êxodo:* arrependimento e vingança de Estrepsíades.

[396] Cf. vv. 435-462.

[397] Cf. vv. 1303-1320.

FIDÍPIDES

Mas eu não poderia fazer mal aos meus mestres. . .[398]

ESTREPSÍADES

Sim, sim, respeite o Zeus paternal![399]

FIDÍPIDES

Vejam só, Zeus paternal! Como você é antiquado! Acaso existe um Zeus?[400]

ESTREPSÍADES

Existe.

FIDÍPIDES

1470 Não, não existe, quem reina é o Turbilhão, depois que destronou Zeus. . .[401]

ESTREPSÍADES

(Aproximando-se de um pote.)

Não destronou. Era eu que acreditava nisso, por causa deste pote. . :[402] Ai, desgraçado de mim, porque o julgava um deus, quando você é um vaso!. . .

FIDÍPIDES

1475 Fique aí delirando consigo mesmo e dizendo tolices. . . *(Sai.)*

ESTREPSÍADES

Ai, que falta de juízo! Como estava louco quando quis jogar fora os deuses por causa de Sócrates! *(Aproxima-se*
1480 *de um busto de Hermes*[403]*.)* Mas, meu caro Hermes, não fique com raiva de mim, não acabe comigo, tenha compaixão, porque enlouqueci com fanfarronices! Seja meu conselheiro, se devo processá-los depois de escrever uma queixa ou o que lhe parece. *(Finge ouvir o que diz a estátua.)* Dá-me um bom conselho, não me deixando remendar processos[404] mas dizendo-me que ponha fogo na casa dos fanfarrões[405], o mais depressa possível! *(Aos escravos.)* Aqui, aqui, Xântias! 1485 *(Xântias acorre.)* Saia, apanhe uma escada e traga uma tocha, e, depois se você estima o seu patrão suba ao "pensatório" e ponha o teto abaixo, até derrubar a casa em cima deles. *(A outro escravo.)* Você, traga-me uma 1490 tocha acesa e eu hoje vou fazer que algum deles me pague, por mais charlatães que sejam![406]

(Sobe ao telhado com a tocha.)

DISCÍPULO A

(De dentro.)

Ai, ai!

ESTREPSÍADES

Tocha, a sua tarefa é lançar grandes chamas!

DISCÍPULO B

(Saindo, espantado.)

Homem, que está fazendo?

ESTREPSÍADES

Que faço? Que mais há de ser senão 1495 trocar sutilezas com as traves da casa?

DISCÍPULO B

(De dentro.)

Ai, quem põe fogo em nossa casa?

398 Cf. v. 871.
399 Epíteto de Zeus, freqüente em outras cidades, mas pouco usado em Atenas. Cf. Plat., *Eutid.*, 302-C.D. Aqui invocado como protetor dos pais.
400 Cf. v. 818.
401 Cf. vv. 380 ss.; vv. 827 ss. Com amargura Estrepsíades ouve o filho repetir as suas próprias palavras.
402 Prosseguimento e explicação do mal-entendido que se iniciara nos vv. 380 ss.
403 Hermes "guardião das portas". Cf. *Plut.*, 1153. Passagem semelhante em *Paz*, v. 658.
404 Alusão à mania judiciária dos atenienses.
405 Epíteto usual com que eram criticados os filósofos. Cf. *fr.* 418; Eúpolis, *fr.* 311; Plat., *Fed.*, 70-C.
406 Cf. v. 102.

ESTREPSÍADES

Aquele fulano cujo manto vocês roubaram . . . [407]

DISCÍPULO B

Vai matar-nos, matar-nos.

ESTREPSÍADES

(Desmanchando o telhado.)

Pois é isso mesmo que eu quero, se a
1500 tocha não trair as minhas esperanças, ou se antes eu não cair e quebrar o pescoço . . .

SÓCRATES

(Aparecendo.)

Homem, que está fazendo? Você aí em cima do telhado?!

ESTREPSÍADES

"Ando pelos ares e olho o sol de cima" . . . [408]

SÓCRATES

Ai de mim, desgraçado, vou morrer 1505
sufocado!

DISCÍPULO A

Desgraçado de mim, vou morrer queimado!

ESTREPSÍADES

Pois, com que sabedoria, vocês insultam os deuses e investigam o "assento" da Lua? *(Ao escravo.)* Ataque, atire, bata, bata por muitas razões, e principalmente porque você sabe que eles ofendiam os deuses!

CORO

(Saindo.)

Conduzi-nos para fora. 1510
Hoje o nosso coro já dançou a sua medida . . .

[407] Cf. v. 497, v. 856.

[408] Verso idêntico a 225 (palavras de Sócrates, aqui repetidas ironicamente).

Este livro integra a coleção
OS PENSADORES — HISTÓRIA DAS GRANDES IDÉIAS DO MUNDO OCIDENTAL
Composto e impresso nas oficinas da
Abril S. A. Cultural e Industrial, caixa postal 2372, São Paulo